

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ - CEST-UEA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
CIÊNCIAS HUMANAS (PPGICH/UEA)
MESTRADO EM CIÊNCIAS HUMANAS**

**O VÍCIO DO SEU FINAL DE SEMANA:
uma etnografia do programa escolar de rádio Club Five em Tefé (AM)**

WELNER FERNANDES CAMPELO

**TEFÉ
2022**

WELNER FERNANDES CAMPELO

**O VÍCIO DO SEU FINAL DE SEMANA:
uma etnografia do programa escolar de rádio Club Five em Tefé (AM)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - Linha de Pesquisa: Capital imaterial: produção e circulação de saberes, do curso de Mestrado da Universidade do Estado do Amazonas, PPGICH/UEA, para obtenção do grau de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo

**TEFÉ
2022**

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM)"

Catálogo na fonte

Bibliotecária responsável: Sásghala Maciel CRBI 1/673-AM

C193v Campelo, Welner Fernandes

O vício do seu final de semana: uma etnografia do programa escolar de rádio Club Five em Tefé (AM) / Welner Fernandes Campelo; orientador Guilherme Gitahy de Figueiredo. -- Tefé, AM: [s.n.], 2022.

167fls.; il. col.: Publicação digital (.pdf)

Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas-PPGICH). Universidade do Estado do Amazonas. Escola Superior de Artes e Turismo, 2022.

Incluem referências.

Publicação digital disponível em: <https://pos.uea.edu.br/cienciashumanas/>

1. Dissertação - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH 2. Aprendizagem 3. Educomunicação 4. Comunicação de gênero I. Figueiredo, Guilherme Gitahy de II. O vício do seu final de semana.

CDU1997 – 374+659.3(811.3Tefé)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – www.uea.edu.br

Biblioteca Setorial de Artes e Turismo

Av. Leonardo Malcher, 1728 – Ed. Professor Samuel Benchimol

Centro – CEP 69010-170 – Manaus-AM.

**O VÍCIO DO SEU FINAL DE SEMANA:
uma etnografia do programa escolar de rádio Club Five em Tefé (AM)**

Welner Fernandes Campelo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas – PPGICH/UEA, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências Humanas.

Banca examinadora:

Presidente:
Prof. Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo (PPGICH/UEA)

Membro interno:
Prof.^a. Dra. Ana Claudeíse Silva do Nascimento (PPGICH/UEA)

Membro externo:
Prof.^a. Dra. Maria Inês Amarante (UNILA)

Suplentes:

Prof.^a. Dra. Antônia Costa da Silva (UFRR)

Prof.^a. Dra. Lúcia Marina Puga Ferreira (PPGICH/UEA)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditam na educação como instrumento de transformação
e a Karynne Viana, equipe “Megateen”, em memória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da vida, pois em tempos de tantas perdas devido à COVID-19, Ele me conservou a vida; ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) por possibilitar esta formação; à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo auxílio da bolsa; ao meu orientador Prof. Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo, pela orientação, paciência e companheirismo, nessa caminhada dialógica de descoberta de saberes; à atual coordenação do programa: Dra. Lúcia Marina Puga Ferreira (Coordenadora/Presidenta), Dra. Gimima Beatriz Melo da Silva (Vice-Cordenadora), Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo (Subcoordenador/Tefé), Shirlei Regina Vilar da Costa Piñeiro (membro técnico-administrativo e secretária) David Ramos de Almeida, atual secretário/Tefé (PPGICH/UEA); à coordenação anterior, de quando ingressei no programa: Dr. Otávio Rios Portela, ex-Cordenador/Presidente, Dra. Cristiane da Silveira, Ex-subcoordenadora/Tefé, à Me. Shirlei Regina Vilar da Costa Piñeiro, secretária/Manaus (PPGICH/UEA), Charles Barbosa Reis, ex-secretário/Tefé (PPGICH/UEA), que tanto se empenharam para que pudéssemos chegar até aqui e termos a melhor formação possível.

Agradeço a todos os professores do programa em especial àqueles que contribuíram diretamente na minha formação: Prof.^a Dra. Marília de Jesus da Silva e Sousa e Prof. Dr. Yomarley Lopes Yolanda, ambos da disciplina: Tópicos em Teorias da Cultura (MICH03)/2020.1; Prof.^a Dra. Cristiane da Silveira, das disciplinas: Epistemologia de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas (MICH02)/2020.1 e Seminário de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Ciências Humanas (MICH01)/2021.1; Prof.^a Dra. Verônica Prudente Costa e Prof.^a Dra. Cátia Monteiro Wankler, ambas da disciplina: Narrativa, Imaginário e Cultura (eletiva) (MICH06)/2020.1; Prof.^a Dra. Edilza Laray de Jesus e Prof.^a Dra. Eneila Almeida dos Santos, ambas da disciplina: Estágio e Docência no Ensino Superior I (MICH04)/2020/2; Prof. Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo da disciplina: Estudos Pós-Coloniais (eletiva) (MICH13) 2020/2.

Meus agradecimentos à minha Banca de Qualificação e Defesa que gentilmente aceitou o convite para analisar e avaliar meu trabalho e contribuiu com orientações e sugestões pertinentes à minha dissertação e formação no grau de mestre: Presidente, titular Prof. Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo (PPGICH/UEA)/orientador; Membro interno, titular: Prof.^a Dra. Ana Cláudia Silva do Nascimento (PPGICH/UEA); Membro externo, titular: Prof.^a Dra. Maria Inês Amarante (UNILA); Suplentes: Prof.^a Dra. Antônia Costa da Silva (UFRR); Prof.^a Dra. Lúcia Marina Puga Ferreira (PPGICH/UEA).

Agradeço, especialmente, às colaboradoras da pesquisa: Bruna Citrini Schmitt, Hanah Clara Farias Ribeiro, Ingrid da Costa Rodrigues, Luiza Maria Reis Queiroz e Maria Luiza Medeiros Rocha pela generosidade em contribuir com a pesquisa da qual também são sujeitas.

Aos meus familiares: meu amado pai, João de Souza Campelo (em memória); minha amada mãe, Dalvanete Olzon Fernandes para quem eu sempre continuarei tentando dar orgulho, buscando me qualificar cada vez mais; à minha amada filha Kimberly Marreira Campelo inspiração primeira para que eu sempre avance nos estudos, a quem devo muito pelos momentos em que precisei de me ausentar e era recarregado de motivação e cuidados com seu amor de filha; aos meus irmãos: Douglas Fernandes Campelo, Astério Fernandes Campelo, Alberto Fernandes de Souza, Angelita Fernandes de Souza, Alonso Fernandes de Souza, Carlos Augusto Fernandes de Souza, Maria Madalena Campelo do Nascimento, Sherley Mary Campelo Gomes, Eduardo Martins Campelo e Cleide Rosália da Silva Gualbano os quais sempre me deram força para avançar nos estudos e à minha atual esposa Adriane de Lima Gonçalves quem tanto me incentivou.

Agradeço aos meus amigos: Salatiel de Lima Barbosa, Hilkie Alves da Silva, Celiomar Machado Gonçalves, Raimundo Medeiros de Sousa, Germano Martins os quais me ajudaram na escolha do tema e na construção do anteprojeto auxiliando nas primeiras dúvidas e preparação para o processo seletivo.

Agradeço a Elcione Sousa da Silva Cordeiro, Joseani Reinheimer, e Raimundo Medeiros, pois quando eu mais precisei, não me faltaram em incentivo e apoio para que continuasse no curso. Agradeço aos amigos: Germano Martins e Roberto Castro da Silva que ajudaram com o abstract.

Às amigas: Betânia de Assis Reis Matta e Patrícia Torme de Oliveira pela amizade e parceria nos projetos e eventos construídos ao longo do curso cujos novos e contínuos frutos, desejo que sejam uma constante em nossa vivência científica.

Agradeço aos colegas e amigos de Manaus e Tefé antecessores no curso de mestrado do programa PPGICH/UEA, por terem consolidado o programa, garantindo a nós, turma de 2020, uma oportunidade para cursar o mestrado. Espero ter conseguido contribuir com esse legado para que outros, também, possam ter a mesma oportunidade.

Agradeço com muito carinho aos amigos e colegas de Tefé e Manaus da turma 2020 - de Tefé: André Souza de Oliveira, Grace Kelly Pereira de Lima, Joseani Reinheimer, Lorraine Sabrina Monteiro Lima, Marcilene Queiroz Cabral Santos, Willian Rodrigues Carvalho; de Manaus: Aline de Souza Rocha, Andreia Benchimol de Andrade, Bruna Beatriz de Oliveira Cruz, Calina Ramos de Brito Souto, Daniel Silva Brandão, Gheysa Daniele Pereira Moura, Jackeline Andrade Duarte de Souza, José Celso de Mello Sampaio, Mikael Santana Costa, Larissa da Silva Sicsú, Luana Pantoja Medeiros, Manoel Inácio de Oliveira, Nelma Catulino de Oliveira. Foram várias disciplinas e eventos juntos durante esta jornada que marcaram nossas vidas para sempre. E, apesar do curto período, mas intenso, agradeço aos colegas da turma 2021 de Manaus e Tefé pela parceria na disciplina Estudos Pós-Coloniais.

Nesse processo de aprendizagem, espero que nós tenhamos alcançado um aprendizado que nos possibilite sermos seres de existência, de modo que nossa autoafirmação nos conduza pela dialogicidade, tornando-nos cada vez mais humanos e descolonizados.

EPÍGRAFE

Tecendo a manhã.

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entreendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto

APRESENTAÇÃO

Figura 1 – Percurso historicossocial e acadêmico do pesquisador

Nascimento São Gotardo/MG	Ensino Fundamental (EJA)	Ensino Médio		Graduação Letras Língua Portuguesa UEA/AM		Professor SEDUC/AM	Aprovação no curso de mestrado PPGICH/UEA	Mestrado Ciências Humanas PPGICH/UEA		
1979	1997	1998	2000	2002	2005	2007	2012	2014	2019	2022
		Locutor Rádio Cidade Manacapuru/AM		Repórter 2002-2008 Rede Amazônica TV Tefé		Pós-graduação Ensino de Língua portuguesa Faculdade Tâhirih	Comunicar para a vida Projeto de comunicação no Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho			

Fonte: Próprio autor (arte adaptada de Pinheiro, 2013)

Escrevo esse memorial, ciente do muito que tenho para celebrar e agradecer pelas conquistas alcançadas, mas também do quanto poderia ter feito mais. No entanto, eu quero viver o tempo presente e esse registro é uma celebração.

Mineiro de São Gotardo, Minas Gerais, nasci em 09 de maio de 1979. Até aproximadamente dez anos de idade, vivi em circos. Minha mãe foi uma exímia contorcionista e de vários outros números circenses. Meus irmãos destacados artistas na acrobacia, trapézio, palhaço e malabarismo. Eu fui palhacinho e a ajudava com a venda de pipoca, algodão doce, maçã do amor, pirulitos, amendoins e outras guloseimas.

Dos dez aos treze anos de idade, minha história, mistura vivência escolar com o trabalho na lavoura, ajudando a meu padrasto ou trabalhando para outras pessoas com capina de roça, roçagem de pasto, plantação e colheita: de arroz, de feijão, de milho, de cana e de mandioca; corte de lenha e carvoaria. Tive minha carteira de trabalho assinada pela primeira vez aos treze anos.

Em junho de 1994, saí do seio familiar materno e fui para o estado de São Paulo, mais especificamente à cidade de Santa Bárbara do Oeste. Tive muita saudade e sensação de culpa por ter deixado minha mãe em Minas Gerais, mas a esperança de poder estudar e no futuro poder ajudá-la, era mais forte e impulsionava a decisão, entendida como certa para buscar formação educacional.

No entanto, como a qualquer migrante desprovido de recurso financeiro e estudo, logo a realidade se apresentou: a escola não veio, o curso de informática não veio, não veio a utopia... Conhecedor da força do trabalho, imediatamente, coloquei-me à disposição para trabalhar e sem titubear, fui ser ajudante de marceneiro; depois, servente de pedreiro; quebrador de pedra; tecelão, colhedor de laranja e café.

Eu sempre quis estudar, sempre tive boas notas, adorava estar à frente dos conteúdos. Sempre quis ser repórter de rádio e televisão. Nunca gostei de trabalhar na roça. Uma das mais significativas motivações para os estudos aparecem nesse período ao procurar emprego. Certo dia, em 1994, adentrei ao escritório de uma empresa onde estavam recebendo currículos. Era uma empresa que fabricava bancas de revista, eu tinha 15 anos, uma das atendentes me recebeu, pegou o meu currículo e ao perceber que eu só tinha a 4ª série, disse: “Aqui é lugar para gente, não é pra bicho não”. Voltei para casa e chorei, chorei muito. Mas prometi a mim mesmo que não seria “bicho” e iria ser “gente”, ou seja, um ser de existência.

No final daquele ano, 1994, voltei para Minas Gerais. No distrito de Antunes, no município de Igaratinga, no início de 1996, eu consolido o sonho de voltar a estudar. Matriculo-me na 5ª série, levei os documentos para minha mãe assinar. Sob os olhares desconfiados dos alunos, professores, diretora e supervisora, por ser um aluno fora da idade série, dediquei-me com afinco para mostrar que era um aluno de valor. Três momentos marcam esta passagem: o primeiro foi com professor de ciências, com a aula sobre erosão eólica, pluvial e fluvial, usando um torrão (pedaço) de terra, um ventilador e um regador - nunca me esquecerei - nos mostrou como ocorrem as erosões; a segundo foi o trabalho de geografia pintado à caneta por mim, em cartolina, sobre o sistema solar, o qual foi apresentado em todas as salas, de todas as séries pela professora; e o terceiro, foi o dia em que me apresentei à supervisora de ensino para qual estendi a mão para cumprimentá-la e ela olhou-me de cima a baixo, eu nunca soube o porquê, mas ela não me estendeu a mão de volta. Foi um duro golpe na minha autoestima, foi algo tão humilhante que faço questão de registrar neste exercício de memória para que eu nunca me esqueça de que nenhuma pessoa é melhor do que outra. Porém, existem pessoas que nos ajudam a superar os traumas e avançar, de maneira que possamos nos tornarmos seres de existência, uma delas foi minha professora de português da qual, até hoje, guardo uma carta me incentivando a continuar a estudar.

No final de 1996, vim para o Amazonas e em **1997**, fiz o curso de Educação de Jovens e Adultos – EJA, na modalidade Suplência de Educação Geral, fiz de 5ª a 8ª série em um ano. Em **1998**, tornei-me comunicador, minha primeira experiência profissional como locutor de rádio, na Rádio Cidade em Manacapuru no estado do Amazonas. No ano de **2000** concluí o Ensino Médio, cursado na modalidade regular de ensino na Escola Estadual Nossa Senhora de Nazaré em Manacapuru/AM. Concluído o Ensino Médio fui aprovado no vestibular da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, para o curso de Letras, em Tefé, turma dos pioneiros da Universidade.

Ao final de **2002**, fui convidado para fazer um teste para ser repórter de televisão na minigeradora local, TV Tefé, afiliada Rede Amazônica, afiliada Rede Globo. Passei. Ocupando as funções de repórter, promotor comercial, gerente, editor e apresentador, fiquei na emissora até 2008.

Em **2004**, Deus me brindou com o que há de mais importante, hoje, na minha vida! No dia 16 de maio, às 11h35min, nasceu a minha filha: Kimberly Marreira Campelo.

No ano **2005**, conclui o curso de graduação em Letras no Centro de Estudo Superiores de Tefé – CEST, pela Universidade Estadual do Amazonas – UEA.

Em **2007**, Pós-graduei-me pela Faculdade Táhiri.

Já **2008**, tive a primeira experiência como professor, no Ensino Fundamental II, na zona rural de Tefé, na comunidade Agrovila, e, em **2010**, atuei como professor no programa do governo estadual do Amazonas, chamado Jovem Cidadão.

No ano de **2011** consegui emprego de professor pela prefeitura de Tefé. Neste mesmo ano, prestei concurso para rede estadual de ensino e fui aprovado. Empossado em janeiro de **2012**, sou professor efetivo da rede estadual de ensino desde então.

Em **2019** consegui ser aprovado no processo de seleção para o curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA com acesso em 2020. O sonho de estudar continua vivo. Minha ascensão ao mestrado se deu pela vontade e necessidade de melhorar a qualificação profissional. Sou um “mineiro-amazonense”, pai, professor e contínuo estudante. Concluir o curso de mestrado em **2022** foi uma meta pessoal a ser alcançada em prol da minha qualificação profissional, em favor da minha filha, para o orgulho de minha mãe e uma realização dedicada a todos familiares e amigos.

RESUMO

Esta pesquisa teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, nela o rádio é entendido como plataforma de saberes e não apenas uma ferramenta didático-pedagógica para o desenvolvimento de habilidades específicas como ler, falar e escrever. O estudo objetivou analisar os efeitos dos processos de aprendizagem no desenvolvimento intelectual, social e profissional das cinco ex-integrantes do programa escolar de rádio “Club Five”, veiculado no período de 2015 a 2016 em Tefé, no Amazonas, à época as integrantes eram estudantes do ensino médio. Para tanto, primeiro buscou-se entender a relação entre rádio e educação, para em seguida identificar os processos de aprendizagem desenvolvidos no programa escolar de rádio "Club Five", e então avaliar quais efeitos esses processos têm no desenvolvimento intelectual, social e profissional de cada uma das ex-integrantes do programa. Como principais referências recorreremos a Amarante (2012); Assumpção (2008); Baltar (2009); Brandão (2013); Castells (2019); Chalmers (1993); Consani (2019); Cotrim (1982); Cruz (2020); DaMatta (2019); Freire (1977, 1987, 2013); Kaplún (2014); Malinowski (2018); Morin (2015); Orlandi (2020); Spivak (2010); Soares (2000, 2014); Tax (2019); Thompson (1992); Travancas (2011); Velho (2019) entre vários outros. De abordagem qualitativa e método etnográfico com base na antropologia da ação, os procedimentos desenvolvidos para coleta de dados foram o aprofundamento bibliográfico, a pesquisa de campo e a entrevista. A partir dos dados analisados, numa perspectiva da educomunicação foi possível perceber o rádio como uma plataforma de saberes e não apenas uma ferramenta didático-pedagógica, capaz de despertar identidades, desenvolver aprendizagens intelectuais para vivência prática em sociedade. Também concluiu-se que quanto à comunicação de gênero, há disparidade na participação da mulher nos meios de comunicação em relação ao homem e, que as escolas têm papel fundamental para despertar para essa realidade e são espaços propícios para mudar essa realidade. Os estudos confirmam que houve letramento teórico e prático sobre o rádio; as sujeitas da pesquisa perceberam-se comunicadoras de gênero; tornaram-se capazes e responsáveis; desenvolveram senso crítico sobre os meios de comunicação; se apropriaram da linguagem midiática do rádio; melhoraram suas capacidades expressivas e fortaleceram sua autoestima e autoconfiança; adquiriram maturidade e habilidades que contribuíram no desenvolvimento dos seus intelectos cujas aprendizagens são aplicadas em suas vivências sociais e profissionais; deixaram de ser mulheres subalternizadas para se transformarem em seres de existência, emergindo assim suas identidades.

Palavras-chave: rádio; aprendizagem; educomunicação; escola; comunicação de gênero.

ABSTRACT

This research had the support of the Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM in her the radio is understood as a platform of knowledge and not just a didactic-pedagogical tool for the development of specific skills such as reading, speaking and writing. The study aimed to analyze the effects of the learning processes on the intellectual, social and professional development of the five former members of the school radio program “Club Five”, broadcast from 2015 to 2016 in Tefé, Amazonas. At the time, the members were high school students. For this goal, it was first sought to understand the relationship between radio and education, and after that to identify the learning processes developed in the previous mentioned program. The next step was to assess what effects these processes have on the intellectual, social and professional development of each of the former members of the program. As main references, we turn to Amarante (2012); Assumpção (2008); Baltar (2009); Brandão (2013); Castells (2019); Chalmers (1993); Consani (2019); Cotrim (1982); Cruz (2020); DaMatta (2019); Freire (1977, 1987, 2013); Kaplún (2014); Malinowski (2018); Morin (2015); Orlandi (2020); Spivak (2010); Soares (2000, 2014); Tax (2019); Thompson (1992); Travancas (2011); Velho (2019) among many others. With a qualitative approach and an ethnographic method based on the anthropology of action, the procedures developed for data collection were bibliographic and field research as well as interviews. After the data was analyzed, from an educommunication perspective, it was possible to conceive the radio as a platform of knowledge and not just a didactic-pedagogical tool, capable of awakening identities, developing intellectual learning for practical experience in society. It was also concluded that in what regards to gender communication, there is a disparity in the participation of women in the media in relation to men, and that schools have a fundamental role in the awakening for this reality and they are suitable spaces to change this reality. The studies confirm that there was theoretical and practical literacy about radio; the research subjects perceived themselves as gender communicators; they became capable and responsible; they developed a critical sense of the media; they took hold of the radio media language; they improved their expressive abilities and strengthened their self-esteem and self-confidence; they acquired maturity and skills that contributed to their intellectual development the results of which are applied in their social and professional experiences; they stopped being subordinated women to become beings of existence, thus emerging their identities.

Keywords: radio; learning; educommunication; school; gender communication.

FIGURAS

Figura 1 – Meu percurso historicossocial e acadêmico	09
Figura 2 - Mapa limítrofe de Tefé	25
Figura 3 - Mapa, distância em linha reta Tefé – Manaus	26
Figura 4 - Perspectiva da cidade de Tefé	26
Figura 5- Perspectiva do colégio Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho.....	30
Figura 6 - Perspectiva da Rádio Educação Rural de Tefé	32
Figura 7 - Perspectiva da Rádio Alternativa FM, 91,7 estúdio auxiliar	33
Figura 8 – Logo do programa escolar de rádio “Club Five”.....	71
Figura 9 – Horas no ar e programas veiculados	93

FOTOS

Foto 1 – Apresentação do projeto Comunicar para Vida à escola	73
Foto 2 – 1ª formação do projeto Comunicar para Vida 2013	73
Foto 3 – Processo de seleção dos estudantes	74
Foto 4 – Processo de seleção dos estudantes	74
Foto 5 – Aula prática de rádio	76
Foto 6 – Aula prática de rádio	76
Foto 7 - Aula prática no pátio	77
Foto 8 - Aula prática no pátio	77
Foto 9 - Aula prática no auditório	77
Foto 10 - Visita ao estúdio da Rádio Mel FM	78
Foto 11 - Entrevista na Rádio Mel FM	78
Foto 12 - Alunos em conversa com o diretor	79
Foto 13 - Alunos em frente à rádio Alternativa FM	79
Foto 14 - (esquerda) - Alunos acompanham a apresentação do jornal: Notícias da Manhã ...	81
Foto 15 - (direita) - Alunos visitam o arquivo da discoteca da rádio	81
Foto 16 - “Club Five” em ensaio	83
Foto 17 - “Club Five” em ensaio	83
Foto 18, 19, 20 – Pré-estreia do programa “Club Five” auditório da escola	88
Foto 21 – Apresentação do programa “Club Five”, na Rádio Educação Rural de Tefé	88
Foto 22 - Estreia do programa “Club Five” na Rádio Alternativa FM	92
Foto 23 - Cartaz de divulgação do programa “Megateen”.....	94
Foto 24 – 1ª transmissão da rádio Xibé	98

TABELAS

Tabela 1 – O lugar de fala das sujeitas da pesquisa na atualidade.	104
Tabela 2 – As sujeitas da pesquisa à época do programa “Club Five”: contexto familiar....	106
Tabela 3 – A perspectiva de identidade antes do programa “Club Five.	108
Tabela 4 – Processos de aprendizagem desenvolvidos no programa escolar de rádio “Club Five”: uma perspectiva dialógica do fazer rádio a partir das ações práticas no programa. ..	112
Tabela 5 – Efeitos dos processos de aprendizagem na vivência em sociedade.	118
Tabela 6 – Efeitos de aprendizagem na vida profissional.	122
Tabela 7 – A relação intergrupar.	131
Tabela 8 – O programa escolar de rádio “Club Five” e seu vínculo com a escola.	138
Tabela 9 – Uma questão de gênero.	144

SIGLAS

MG – Minas Gerais
EJA – Educação de Jovens e Adultos
CEST – Centro de Estudos Superiores de Tefé
UEA – Universidade do Estado do Amazonas
PPGICH - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciência Humanas
SIS – Sistema de Ingresso Seriado
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Km – Quilômetro
DTCEA-TF - Destacamento de Controle do Espaço Aéreo de Tefé
EAD – Educação a Distância
UNIP - Universidade Paulista
IFAM - Instituto Federal do Amazonas
UNIASELVI – Universidade EaD.
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESC – Serviço Social do Comércio
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
CETAM - Centro de Educação Tecnológica do Amazonas
DSEI – Distrito Sanitário Especial Indígena
CASAI – Casa de Saúde Indígena
FUNAI – Fundação Nacional do Índio
CAMTEL - Companhia Amazonense de Telecomunicação
MEB - Movimento de Educação de Base
EMI - Ensino Médio Inovador
ANATEL - Agência Nacional de Telecomunicações
SEDUC - Secretaria de Estado de Educação
UFPA – Universidade Federal do Pará
IDSMM – Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá
CMI-Tefé – Centro de Mídia Independente - Tefé
PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

ANEXOS

Anexo A - TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

SUMÁRIO

1 A SIMBIOSE QUASE PERFEITA	18
1.1 Introdução	19
1.1.1 Justificativa	24
1.1.2 Objetivos	25
1.1.3 O lócus da pesquisa	25
1.2 Referencial Teórico	34
1.2.1 Entrelaçando conceitos: educação, comunicação e educomunicação	34
1.2.2 Educação	34
1.2.3 Comunicação	35
1.2.4 Educomunicação	37
1.3 A inter-relação entre rádio e educação	38
1.3.1 O rádio	38
1.3.2 A rádio educativa	39
1.3.3 A rádio escolar	40
1.3.4 A importância da mídia na escola	42
1.3.5 Aprendizagens por meio do rádio	44
1.4 Processos de aprendizagem	47
1.5 Efeitos	48
1.6 O tornar-se sujeito de existência	49
1.7 Uma questão de gênero	54
1.8 Procedimentos Metodológicos	57
2 UMA EXPERIÊNCIA EDUCOMUNICATIVA - “CLUB FIVE”: O VÍCIO DO SEU FINAL DE SEMANA	70
2.1 O projeto “Comunicar para a Vida”	72
2.2 O rádio como plataforma de saberes	81
2.3 “Club Five”: o vício do seu final de semana!	89
3 OS EFEITOS DOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM: IDENTIDADE, FORMAÇÃO E GÊNERO	102
3.1 Reconhecendo identidades	103
3.2 Os processos de aprendizagem por meio do rádio na perspectiva de quem os viveu	112
3.3. “Club Five” como comunicação de gênero	144

Considerações finais	154
Referências	157
Anexo A	163

1 A SIMBIOSE QUASE PERFEITA
(CAPÍTULO 1)

1.1 INTRODUÇÃO

Rádio e Educação têm uma simbiose quase perfeita. Sejam por iniciativas individuais de professores, ações coletivas nas escolas, seja com apoio da legislação ou programas governamentais voltados para o uso do rádio no sistema escolar, esse meio de comunicação se faz presente na sociedade e alcança efeitos significativos nos processos de aprendizagem.

O rádio é um dos principais meios de comunicação utilizado para o desenvolvimento de processos de aprendizagem (ASSUMPÇÃO, 2008), (BALTAR,2009), (SOARES 2000, 2014). É uma dos principais meios de comunicação (KANTAR IBOPE MEDIA, 2016), mesmo no contexto de multimídia na atualidade. Evoluiu, se adaptou e ajuda a desenvolver a processos de aprendizagem no sistema educacional escolar. Avaliar os efeitos desses processos a partir do programa escolar de rádio "Club Five" em Tefé (AM), traz novas contribuições ao contexto investigativo sobre o uso do rádio nos processos de aprendizagem. Mas qual é a relação entre rádio e educação?

De forma geral, o uso do rádio no processo de aprendizagem tem sido utilizado de modo transversal e apenas como ferramenta para desenvolvimento de habilidades específicas mesmo em ambientes escolares dotados de uma rádio. Desse modo, pensar o rádio não mais apenas como ferramenta a partir de um programa específico, no cenário da Amazônia, na região do Médio Solimões, auxilia no desenvolvimento de saberes sobre essa temática.

Mais que um instrumento cultural, o rádio é uma plataforma de saberes. Utilizado muitas vezes apenas como ferramenta para desenvolver habilidades específicas como ler, escrever, falar ou para letramento tecnológico, neste trabalho, o rádio é entendido como plataforma de saber, capaz de desenvolver processos de aprendizagem que podem influenciar no desenvolvimento intelectual, social e profissional de estudantes.

O objetivo deste estudo visa a analisar os efeitos que os processos de aprendizagem emergidos no programa escolar de rádio "Club Five", têm no desenvolvimento intelectual, social e profissional de cada uma das ex-integrantes do programa. Isso, porque a medida que se compreenda como esses processos afetam na vivência em sociedade, será possível ter o entendimento de como os processos de aprendizagem com o uso do rádio auxiliam no desenvolvimento da aprendizagem. Um dos passos realizados para alcançar o objetivo geral da pesquisa foi primeiro entender a relação entre rádio e educação. Depois identificar os processos de aprendizagem desenvolvidos na criação e execução do programa escolar de rádio "Club Five" e, por último, avaliar os efeitos que os processos de aprendizagem

desenvolvidos no programa escolar de rádio “Club Five”, têm no desenvolvimento intelectual, social e profissional de cada uma das ex-integrantes do programa.

Os estudos anteriores apresentam o uso do rádio a partir de temas transversais e/ou apenas como ferramenta didático-pedagógica. Nosso entendimento é de que o rádio, é uma plataforma de saberes de onde emergem aprendizagem significativas para o desenvolvimento intelectual, social e profissional. Ao analisar os processos de aprendizagem que emergem de um programa escolar de rádio, permite aprofundar o entendimento da relação entre rádio e educação escolar; elevando o entendimento do rádio não mais apenas como ferramenta, mas como uma plataforma, um rizoma, plasmado de conhecimentos que influenciam no desenvolvimento intelectual, social e profissional de quem participa desse tipo de processo e aprendizagem. Ademais, os resultados poderão servir de subsídios para novas iniciativas que envolvam processos de aprendizagem por meio do rádio.

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa de finalidade exploratória e explicativa, por meio do método etnográfico (MALINOWSKI, 2018) com base na antropologia da ação (TAX, 2019), tendo como procedimentos o aprofundamento bibliográfico (MORIN, 2015), a observação no estudo de campo (BAUD, 2014) e como principal técnica para coleta de dados a entrevista. As principais referências são: Amarante (2012); Assumpção (2008); Baltar (2009); Brandão (2013); Castells (2019); Chalmers (1993); Consani (2019); Cotrim (1982); Cruz (2020); Damatta (2019); Fairclough (2016); Figueiredo (2015); Freire (1977, 1987, 2013); Kaplún (2014); Malinowski (2018); Morin (2015); Orlandi (2020); Ricoeur (2019); Spivak (2010); Soares (2000, 2014); Sousa (2019); Tax (2019); Thompson (1992); Travancas (2011); Velho (2019) entre vários outros.

A partir das narrativas colhidas nas entrevistas, dá-se sentido social ao relatado nas diferentes perspectivas das sujeitas da pesquisa, nunca as entendendo como meio para o aprofundamento do conhecimento individual do pesquisador, mas como sujeitas no e do processo.

A pesquisa tem como “laboratório social” o programa escolar de rádio chamado “Club Five”, desenvolvido no período de 02 de maio de 2015 a 16 de novembro de 2016 por cinco estudantes femininas da escola estadual de ensino médio Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho, na região do Médio Solimões, no estado do Amazonas, na cidade de Tefé, a cerca de 525 Km de Manaus, na Amazônia brasileira. Não se trata de uma rádio escolar, mas sim, especificamente de um programa escolar de rádio. A escola em questão não possuía e não possui uma radioescola ou rádio escolar.

O programa “Club Five” foi criado e desenvolvido por cinco estudantes do Ensino Médio nos moldes da metodologia de rádio escolar¹, ia ao ar aos sábados, das 18h00min às 19h00min pela Rádio Educação Rural de Tefé, à época, ainda em modulação de Amplitude Modulada ou AM. A rádio fica no centro da cidade de Tefé ao lado da igreja católica matriz. Sete meses após sua estreia, o programa alcançou espaço também na Rádio Alternativa FM, indo ao ar, aos domingos das 12h00min às 14h00min.

A criação do programa foi possível a partir da implementação do programa Mais Cultura nas Escolas² - do Governo Federal - como implemento de incentivo ao desenvolvimento do Ensino Médio Inovador³, na escola estadual Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho onde as alunas estudavam.

As sujeitas da pesquisa são as cinco ex-integrantes do programa escolar de rádio “Club Five”. Atualmente, com idade de 22 anos, atuantes no mercado de trabalho, estudantes universitárias, graduadas e/ou em pós-graduação. Neste trabalho, as participantes da pesquisa têm suas identidades divulgadas conforme autorização estabelecida no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, uma maneira de garantir a elas o “lugar de fala”, ou seja, o direito de serem ouvidas, rompendo com a condição de objeto e garantindo-lhes a condição de sujeitas na e da pesquisa.

Ao decidir criar um programa de rádio e conseguirem ocupar espaço nas rádios profissionais locais, as estudantes (re)afirmaram o protagonismo estudantil, juvenil, feminino em um cenário radiofônico local dominado, naquele período, quase exclusivamente por homens. Numa atitude de (re)existência frente aos modelos econômico, social, político e cultural hegemônicos desenvolveram uma comunicação de gênero e se autoafirmaram enquanto gênero feminino na comunicação.

Essa decisão e atitude se transformaram em processos de aprendizagem e geraram novos processos, por meio ações práticas, reflexivas, conceituais e procedimentais que a partir de conhecimento prévios, as quais culminaram em aprendizagem (ZABALA, 2010). Mas quais aprendizagens foram adquiridas a partir do programa escolar de rádio “Club Five”?

¹ Entendimento de Rádio Escolar, a partir de Baltar [et al] Rádio Escolar: letramento e gêneros textuais. Caxias do Sul: Educs. 2009.

² Programa destinado às escolas públicas municipais e estaduais e do Distrito Federal com alunos matriculados no Ensino Fundamental e Médio e que tenham sido contempladas com os Programas Mais Educação e Ensino Médio Inovador (ProEMI)

³ O Programa Ensino Médio Inovador, foi instituído pelo Ministério da Educação por meio da portaria nº- 971, de 9 de outubro de 2009, com vistas a apoiar e fortalecer o desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas do ensino médio não profissional.

Ocorre aprendizagem quando em essência conseguimos transferir e aplicar aquilo que foi aprendido em determinado contexto a outro (CAREY, 2015). A aprendizagem pode ser superordenada ou subordinada (integradora) e ela pode se torna potencialmente significativa quando há predisposição em querer saber por parte do aprendiz (MOREIRA, 2011).

Mas como se realizam os processos de aprendizagem? Estes podem se dar por ações cognitivas de conceituação, procedimentos funcionais em exercícios práticos, metacognição entre outros (ZABALA, 2010, MOREIRA, 2011, CAREY, 2015). Desse modo, quais foram os processos de aprendizagem desenvolvidos no programa escolar de rádio “Club Five” e quais foram seus efeitos?

O efeito tem seu significado principal assinalado naquilo que se configura como consequência ou causa, pode ser um fenômeno, ou manifestação qualitativa ou quantitativa, pode ser uma impressão circunstancial, uma trajetória, performance, condições de variações de grandes impactos. Nesta pesquisa, tomo o conceito de “efeito” a partir da perspectiva de consequência dos processos de aprendizagem desenvolvidos no programa escolar de rádio “Club Five” (CONCEITO. DE 2012, acesso 15/02/2022).

Uma das consequências (efeitos) foi o despertar para questão de gênero. De acordo com Amarantes (2011), muitas meninas participam de projetos de comunicação, programas de rádio, rádios escolares, mas, muitas vezes, se quer são apresentadas às questões de gênero.

Iniciados na década de 1970 e intensificados na seguinte, os estudos sobre gênero demonstram que o termo “mulher” criticado em 70, avançou para categoria “mulheres”, até que se chegou ao consenso para o uso de “gênero”, perpassando à questão de “mulher-homem”, “mulheres-mulheres e homens-homens, até se chegar às demandas LGBTs. Neste sentido, a questão de gênero ultrapassa a objetivação biológica determinada pelo sexo condicionada pela genitália, e, se defini, a partir de um contexto historicossocial, num dimensionamento histórico, social e político da relações sociais (TAVARES, et al, 2021).

Nesta pesquisa, o efeito do despertar para questão de gênero, conduziu a uma das conclusões: a de que as sujeitas da pesquisa realizaram comunicação de gênero.

Algumas pessoas podem se perguntar, mas por que pesquisar os efeitos dos processos de aprendizagem com o rádio? E afirmar: “esta é uma mídia ultrapassada”. Ledo engano. O rádio é um dos principais meios de comunicação, no Brasil. Atualmente, 89% da população, em 13 regiões metropolitanas pesquisadas pela Kantar Ibope Media, são ouvintes de rádio, no Brasil. O consumo desta mídia é maior entre as mulheres com 52%, enquanto os homens 48%. Quanto a audiência do rádio por classes econômicas, 40% das classes AB ouvem rádio, o maior índice está na classe C com 45% de audiência e 15% nas classes D e E. O meio mais

utilizado para ouvir rádio ainda é o receptor comum com 58% da população, 15% pelo celular e 5% pelo computador (KANTAR IBOPE MEDIA, 2016).

A escolha do tema nasceu das minhas experiências profissionais, haja vista que atuei como locutor de rádio, repórter de televisão e professor coordenador do projeto de comunicação Comunicar para Vida.

O objeto da pesquisa é a análise dos efeitos que os processos de aprendizagem emergidos no programa escolar de rádio “Club Five”, têm no desenvolvimento intelectual, social e profissional de cada uma das ex-integrantes do programa “Club Five”, uma vez que de acordo com Paulo Freire (1977, p. 27, 28) “no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, como o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas”, para tanto, levantamos o seguinte problema de pesquisa: Quais efeitos têm os processos de aprendizagem, desenvolvidos no programa escolar de rádio “Club Five” no desenvolvimento intelectual, social e profissional das ex-integrantes do programa?

Na tentativa de responder ao problema de pesquisa, tomamos como pressuposto que as ex-integrantes do programa escolar de rádio “Club Five” desenvolveram senso crítico sobre os meios de comunicação, se apropriam da linguagem midiática ao criar e apresentar o próprio programa de rádio, melhoraram suas capacidades expressivas, fortaleceram a autoestima e a autoconfiança, fonte de motivação para novas iniciativas, ganharam maturidade e habilidades para além da experiência que tiveram na escola e nas rádios e, que isto trouxe contribuições na trajetória de suas vidas depois que se formaram no Ensino Médio.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No capítulo 1 – viso a entender a relação entre rádio e educação, primeiro objetivo da pesquisa. Para tanto, apresento a introdução, o problema, a justificativa, os objetivos, o lócus da pesquisa, bem como o referencial teórico. Neste último, busco estabelecer um entrelaçamento dos conceitos: educação, comunicação e educomunicação; em seguida traço um entendimento sobre a inter-relação entre rádio e educação apresentando de forma sintética um entendimento sobre rádio educativa; rádio escolar; a importância da mídia na escola; as aprendizagens por meio do rádio; processos de aprendizagem e efeitos; em seguida reflito sobre o tornar-se sujeito de existência e discuto a questão de gênero na comunicação. No capítulo 2, busco atender ao segundo objetivo específico da pesquisa, para isso, identifico os processos de aprendizagem desenvolvidos no programa escolar de rádio “Club Five”, apresentando a gênese do programa: o projeto “Comunicar para a Vida”; em seguida desenvolvo um entendimento sobre rádio como uma

plataforma de saberes e finalizo discorrendo a experiência educomunicativa base para esta pesquisa: a criação e veiculação do programa escolar de rádio “Club Five”. No capítulo 3, procuro alcançar o terceiro objetivo específico da pesquisa. Analiso e avalio os efeitos que os processos de aprendizagem desenvolvidos no programa escolar de rádio “Club Five”, têm no desenvolvimento intelectual, social e profissional de cada uma das ex-integrantes do programa. Para tanto, descrevo, em nove tabelas, os discursos de cada uma das ex-integrantes do programa e por meio da análise do discurso, traço minhas conclusões com base em três categorias de análise: identidade, formação e gênero.

1.1.1 Justificativa

Muitos trabalhos científicos demonstram que o rádio ou a linguagem radiofônica, quando utilizado no contexto escolar atual, tem sido tomado como tema transversal, ou ferramenta didático-pedagógica. Na maioria das vezes, aparece como ferramenta para aprimorar competências e habilidades específicas como a leitura, a escrita, a fala ou o letramento tecnológico.

Nesta pesquisa, o rádio é entendido em uma nova perspectiva, como plataforma de saberes de onde emergem processos de aprendizagem. Dessa maneira, analisar os efeitos que os processos de aprendizagem desenvolvidos no programa escolar de rádio “Club Five” têm no desenvolvimento intelectual, social e profissional de cada uma das ex-integrantes do programa “Club Five”, possibilitará o aprofundamento do entendimento da relação entre rádio e educação escolar; a identificação de contribuições do rádio nos processos de aprendizagem no contexto da radioescola e a compreensão dos efeitos que esses processos de aprendizagem têm no desenvolvimento intelectual, social e profissional de cada uma das ex-integrantes do programa. Podendo, assim, no futuro, servir de subsídio para novas iniciativas que envolvam processos de aprendizagem por meio do rádio.

Como resultado final; espera-se que no futuro, gestores, professores, alunos e pedagogos, com base nos resultados desta pesquisa, possam melhorar e ampliar suas ações didático-pedagógicas quanto aos processos de aprendizagem por meio do rádio, elevando o sujeito educando à condição de agente protagonista, capaz de observar, analisar, intervir e transformar a própria realidade pessoal e em sociedade.

1.1.2 Objetivos

Geral: Analisar os efeitos que os processos de aprendizagem desenvolvidos no programa escolar de rádio “Club Five”, têm no desenvolvimento intelectual, social e profissional de cada uma das ex-integrantes do programa.

Específicos:

- Entender a relação entre rádio e educação;
- Identificar processos de aprendizagem desenvolvidos na criação e execução do programa escolar de rádio “Club Five”;
- Avaliar os efeitos que os processos de aprendizagem desenvolvidos no programa escolar de rádio “Club Five”, têm no desenvolvimento intelectual, social e profissional de cada uma das ex-integrantes do programa.

1.1.3 O lócus da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada na área urbana do município de Tefé, interior do estado do Amazonas. O município nasceu do conflito entre colonizadores espanhóis e portugueses, atualmente, é o sexto maior município do estado do Amazonas com 61.453 habitantes de acordo com o último censo 2010, possui uma área territorial de 23.692,223 km², cuja densidade demográfica é de 2, 59 hab/km², e tem como municípios limítrofes: Alvarães, Carauari, Coari, Marã e Tapauá, segundo o IBGE (2020), conforme imagem abaixo.

Figura 2: Mapa limítrofe de Tefé

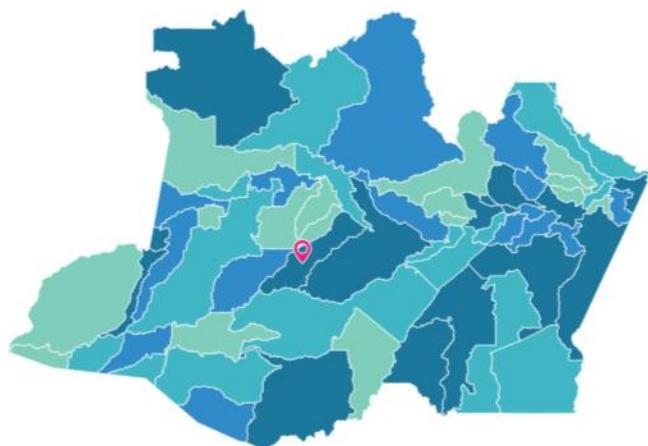
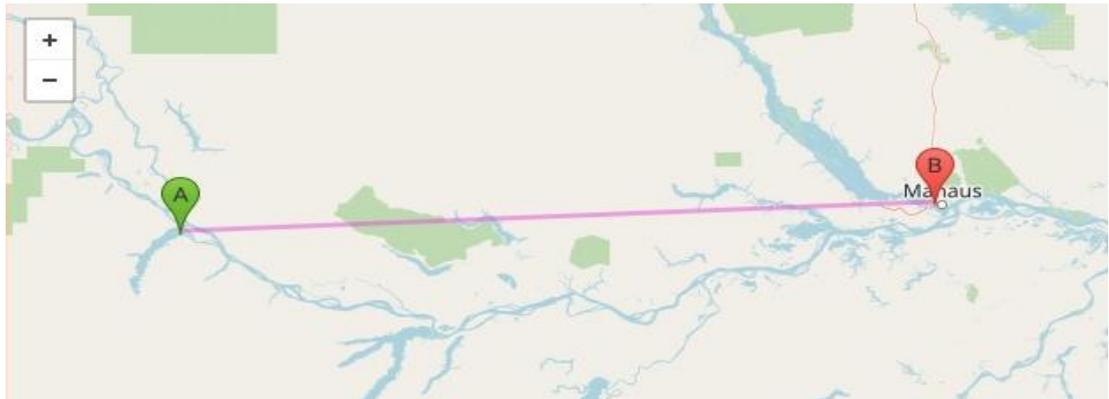


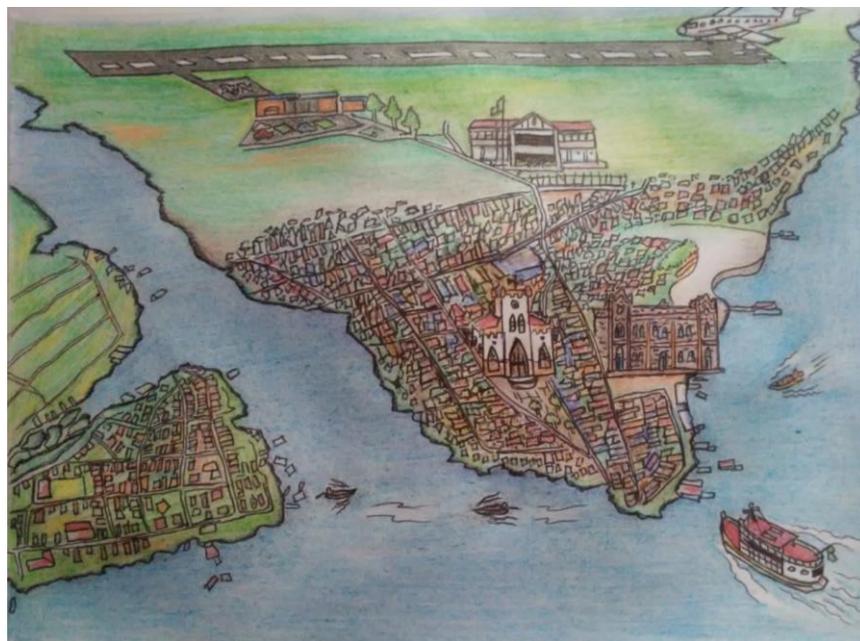
Figura 3 - Mapa, distância em linha reta Tefé - Manaus.



Fonte: Disponível em <http://www.distanciasentrecidades.com/distancia-tefe-a-manau>, acessado em 01/04/2021.

Tefé (A), conforme a imagem acima, está cerca de 522,03 Km, em linha reta, da Capital Manaus (B) de acordo com o site “Distancias entre cidades”. O acesso à cidade só é possível por via fluvial ou aérea. Por avião, o tempo de voo de Tefé até Manaus é de aproximadamente 45 (quarenta e cinco) minutos. Por barco cargueiro, ou barco “recreio” como é conhecido na região, o tempo de viagem é em torno de 36 (trinta e seis) horas. Um modo mais rápido é por lancha, com duração de até 12 horas de viagem. A cidade de Tefé é um importante entreposto da região. É um centro de comunicação com os municípios circunvizinhos. Situada à margem direita do lago Tefé, no rio de mesmo nome, “o topônimo Tefé é de origem nheengatu e significa profundo (IBGE, 2020)”.

Figura 4 - Perspectiva da cidade de Tefé.



Fonte: arte encomendada pelo autor, ao artista tefeense, Ailson Fernandez.

Nesta arte, encomendada ao artista tefeense, Ailson Fernandez, temos uma perspectiva da cidade de Tefé, na qual podemos observar como são possíveis os acessos à cidade. Margeada pela direita pelo lago de Tefé, conhecido como Lago dos espelhos⁴, e a esquerda pelo igarapé, Xidarini, a cidade recebe cargas e passageiros de diversas outras cidades da região. Outra forma de acesso à cidade é por via aérea, pelo aeroporto, que fica a 5 (cinco) quilômetros do centro da cidade.

Um século após a Carta Régia de 1755, a “Resolução nº 44 de 15 de junho de 1855” estabeleceu:

“Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia(sic) Legislativa Provincial decretou, e eu sanciono a Resolução seguinte: **Artigo único Fica a Vila de Ega elevada à categoria de Cidade com denominação de Cidade de Tefé, revogadas as disposições em contrário.** (PESSOA, 2005, p. 50 grifo do autor)”.

Quanto às atividades econômicas, no setor primário, a agricultura do município produz em destaque: abacaxi, mandioca, melancia, entre outros. Na cultura permanente, frutos como abacate, cacau, coco, laranja, limão, manga, castanha. A pecuária tem pouca representatividade, de modo que, o rebanho presente no município é voltado mais para o mercado de consumo local. Por outro lado, a atividade pesqueira tem posição de destaque no município. Sendo uma atividade colonizada, gera divisas para o município e faz de Tefé um dos principais entrepostos de comercialização pesqueira no estado, com destaque para Tambaqui, Jaraqui, Pacu, Matrinchã e em especial o Pirarucu manejado. Este último, uma importante fonte econômica do município. Podendo medir até 3 metros e chegar a 200 quilos, o pirarucu representa em algumas localidades 47% da renda advinda da pesca (QUEIROZ; SARDINHA, 1999 apud GONÇALVES, 2018).

O manejo que antes era por núcleo familiar, passou a ser em grupo e, a pesca no período da seca (setembro a novembro) viabiliza a captura e a venda. O manejo acompanhado e orientado pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, com maior controle e, em modalidade coletiva, possibilitou a comercialização do pirarucu por meio de “associações comunitárias, setoriais ou pelas colônias, associações e sindicatos de pescadores (idem p. 87)”.

Associando conhecimento tradicional (contagem dos pirarucus) e ciência, a prática de manejo, resultou exitosa. A porcentagem de captura é de 30% da contagem, de modo que os 70% restantes, asseguram a reprodução da espécie. Com o manejo, o estoque natural da

⁴ Para melhor esclarecimento sobre a lenda do Lago dos espelhos conferir: Sousa (1983, p. 27; 1996, p.88); Faulhaber (1998, p 151).

espécie aumentou em 427% em média, com aumento médio anual de 25% (GONÇALVES, 2018).

Dados comparados demonstram o êxito do projeto de manejo do pirarucu que saltou de 42 pescadores em 1999 para 1.590 em 2017 num total de 12 projetos de manejo, incluindo moradores de 43 comunidades, os associados de três colônias e uma associação de pescadores. De acordo com Gonçalves (2018):

Em 1999, o produto chegava aos mercados local e estadual, já em 2017, 20% da produção conquistou o mercado nacional. Entre 1999 e 2017, foram produzidas quase 5.000 toneladas do peixe, proporcionando um faturamento bruto de mais R\$22 milhões. Em 2017, a pesca do pirarucu gerou um faturamento médio bruto por pescador de R\$1.739,38, com valores individuais que alcançaram até R\$ 6.533,70, um retorno financeiro pela dedicação de, no máximo, 50 dias de trabalho nestas atividades de manejo. Isso representa 40% de toda a renda anual obtida com a produção pesqueira, e 15% da renda anual geral nas comunidades da região (GONÇALVES, 2018, p. 88).

Na avicultura, além das criações domésticas há estabelecimentos de cunho empresarial com destaque para a criação de galinhas e patos. Outro setor de destaque é o extrativismo vegetal com forte influência na economia do município destacando-se a extração de madeira, castanha e óleo de copaíba. No setor secundário, o município possui serrarias, olarias, fábricas de móveis, fábrica de beneficiamento de castanha, padarias, restaurantes, ateliês entre outros. No setor terciário, na área do comércio, o município possui sistema varejista e atacadista. No varejo, se destacam as lojas de roupas, drogarias, supermercados e papelaria. Na área de serviços, há várias agências bancárias, hotéis e supermercados (Pesquisa de campo em 23, 24, 25/03/2021 levantamento feito pelo próprio pesquisador).

Entre os eventos culturais se destacam: o carnaval, aniversário da cidade no mês de junho concomitante ao Festival Folclórico, Desfile Cívico em setembro e a Festa de Santa Teresa D'ávila em outubro (Pesquisa de campo em 26/03/2021 levantamento feito pelo próprio pesquisador junto à Secretaria Municipal de Turismo).

O município conta com a presença das três forças armadas: representadas nas seguintes instituições: Marinha do Brasil pela Agência Fluvial de Tefé; Força Aérea pelo Destacamento de Controle do Espaço Aéreo de Tefé (DTCEA-TF) o qual controla um sistema de radar para monitoramento, controle e defesa do tráfego aéreo nessa região amazônica e o Exército Brasileiro pela 16ª Brigada de Infantaria de Selva (Pesquisa de campo em 30/03/2021 levantamento feito pelo próprio pesquisador).

Dentre as instituições de ensino, o município contempla redes públicas e privadas. Nas redes públicas, de acordo com a Secretária Municipal de Educação; o município, conta com 18 (dezoito) escolas incluindo creche na zona urbana e 67 na zona rural. Na rede estadual de

ensino, são 16 (dezesesseis) escolas, sendo 14 (quatorze) na zona urbana e 2 (duas) na zona rural. Na rede privada, são quatro escolas de educação básica e três centros universitários, estes últimos com aulas presenciais e/ou por EAD. Além das escolas privadas e das redes estadual e municipal, na zona urbana; a cidade conta ainda com a presença dos campos: Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA); Universidade Paulista (UNIP); Instituto Federal do Amazonas (IFAM) e UNIASELVI, bem como de instituições como Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC; Serviço Social do Comércio – SESC; Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE; Centro de Educação Tecnológica do Amazonas – CETAM e o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - IDSM (Pesquisa de campo em 05/04/2021 levantamento feito pelo próprio pesquisador junto à Secretaria Municipal de Educação).

A cidade de Tefé sedia também órgãos de administração e proteção indigenista, o Distrito Sanitário Especial Indígena – DSEI; Casa de Saúde do Índio - CASAI e a Fundação Nacional do Índio - FUNAI. Conforme informações colhidas junto ao DISEI, em Tefé, atualmente o município possui sete etnias em seu território: Kaixana, Kambeba, KoKama, Maiuruna, Miranha, Tikuna e Mura (Pesquisa de campo em 30/03/2021 levantamento feito pelo próprio pesquisador).

Segundo Pessoa (2005, p. 80) em 1925, o município entrou na era da comunicação remota instantânea, deixando para trás o processo que levava dias para que os contatos fossem estabelecidos por correspondências através do Correio Marítimo. Foi neste ano que Tefé recebeu a instalação do Correio e Telégrafo; seu primeiro meio de comunicação instantânea direta interligando a cidade e o município à capital do estado e ao país.

O autor afirma que o telefone chegou ao município na área urbana pela primeira vez em 1963 por iniciativa de Dom Joaquim de Lange primeiro bispo da prelazia de Tefé que trouxe da Europa os primeiros aparelhos os quais foram “instalados no estúdio da Rádio Educação Rural, na Catedral de Santa Teresa, no Palácio Prelático e nos transmissores da emissora”. No entanto, somente a partir da criação, pelo governo do estado do Amazonas, da Companhia Amazonense de Telecomunicação (CAMTEL), com o ideal de expandir o uso do telefone para todo o interior do estado, é que, em 23 de março de 1970, o telefone foi inaugurado em Tefé.

Em relação aos meios de comunicação, atualmente, o município sedia três rádios FMs, mais um estúdio auxiliar de rádio, ou seja, são três emissoras de rádio instaladas no próprio município e um estúdio auxiliar cuja rádio e estúdio principal estão sediados no município de

Alvarães (AM); além de três retransmissoras de TV (Pesquisa de campo em 09/04/2021, levantamento feito pelo próprio pesquisador).

A era do rádio, no município de Tefé, começou em 13 de outubro de 1963 com a primeira transmissão experimental. Naquele mesmo ano, em 15 de dezembro de 1963, foi inaugurada a primeira emissora de rádio do Município: a Rádio Educação Rural de Tefé. A rádio atendia a dois propósitos: expandir os serviços de evangelização e à formação educacional tanto na zona urbana, quanto no interior. A partir de março de 1964, foram transmitidas as primeiras aulas sob coordenação do Movimento de Educação de Base (MEB). “Foram quarenta anos de bons serviços prestados à população ribeirinha esquecida, todos os dias, a presença das palavras dos professores eram ouvidas nos lares ribeirinhos, dando orientações e ensinando a todos (PESSOA, 2005, p. 122)”.

Como este trabalho desenvolve sua investigação com interesse quanto ao uso da linguagem radiofônica no processo de aprendizagem do ensino no sistema escolar, nossa investigação foca sua busca de dados em três instituições locais: primeiro no Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho onde foi desenvolvido o projeto “Comunicar para a Vida”, fonte de origem do programa escolar de rádio “Club Five”; segundo, na Rádio Educação Rural de Tefé, primeira emissora a veicular o programa “Club Five” e terceiro, na Rádio Alternativa FM, a primeira rádio FM a veicular o programa.

O primeiro local de pesquisa foi na instituição Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho. Ali foi possível coletar dados sobre a origem do programa, de onde ele surgiu o que veio antes para que o programa fosse produzido e veiculado nas rádios.

Figura 5 – Perspectiva do colégio Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho.



Fonte: arte encomendada pelo autor, ao artista tefeense, Ailson Fernandez.

O colégio Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho está localizado numa das principais avenidas da cidade, na Estrada do Aeroporto, bairro São Francisco, com ligação direta ao centro da cidade. O ato de criação do colégio, data do dia 15 de maio de 1987, porém suas atividades educativas iniciaram no dia 17/02/87.

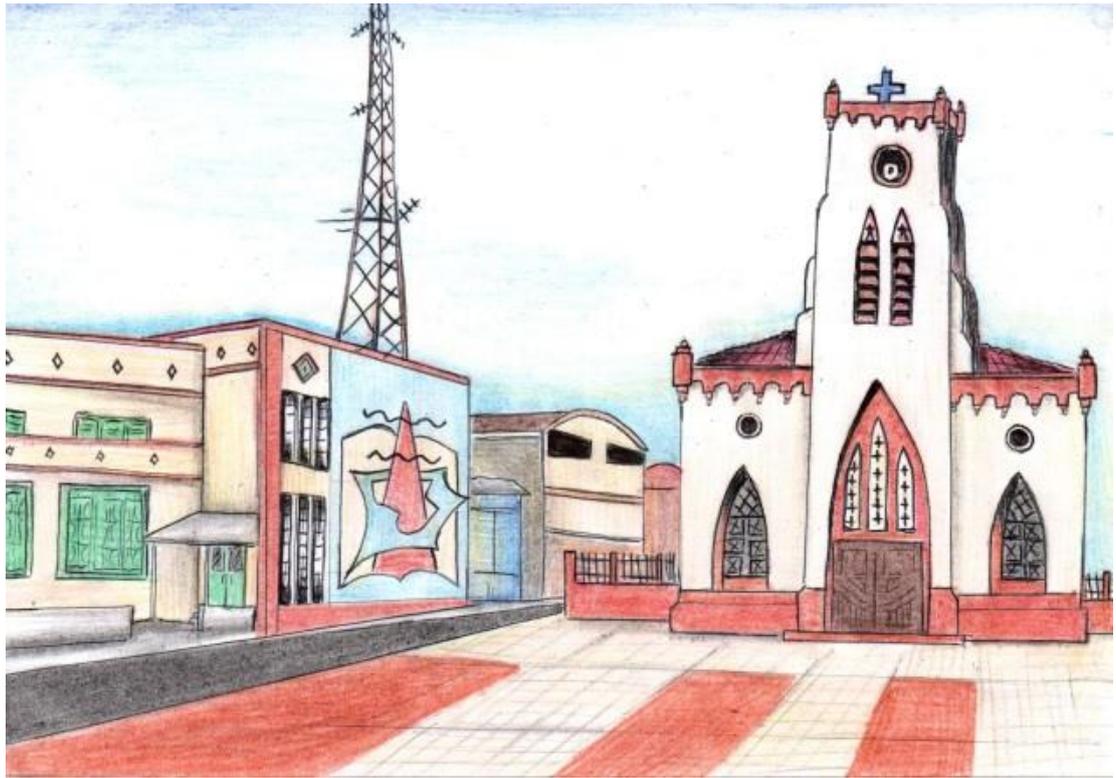
A partir de 2010, o Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho foi contemplado com o programa Ensino Médio Inovador (EMI), cujo objetivo era melhorar a qualidade do ensino médio no país, através da construção e prática de currículo diversificado, flexível e criativo. Com o slogan Inovação e Modernização no Ensino, a escola procurou inovar tanto do ponto de vista, metodológico quanto epistemológico, pois além de sua estrutura curricular ser organizada dentro dos conceitos de interdisciplinaridade e a contextualização, passou a oferecer somente o Ensino Médio para uma clientela formada por alunos na faixa etária de 15 a 17 anos e passou a funcionar apenas nos turnos matutino e vespertino.

A escola trabalha com contraturno, quando são desenvolvidas as atividades integradoras, projetos extracurriculares, reforço escolar, atendimento individual ao aluno entre outros. A atividade docente é trabalhada em regime de dedicação em tempo integral para a escola, pois todos os professores são lotados com 40 horas/aulas.

Atualmente, a escola possui 952 (novecentos e cinquenta e dois) alunos matriculados. Foi justamente no trabalho de contraturno que se desenvolveu o projeto “Comunicar para a Vida”, que culminou na criação, produção e veiculação do programa “Club Five” (PPP. C.E.G.G.M, 2012), (Levantamento feito pelo próprio pesquisador junta a gestão escolar em 12/04/2021).

O segundo local de pesquisa, foi na Rádio Educação Rural de Tefé, 93,9 FM, primeira rádio a veicular o programa “Club Five”, à época, ainda na modulação AM.

Figura 6 - Perspectiva da Rádio Educação Rural de Tefé

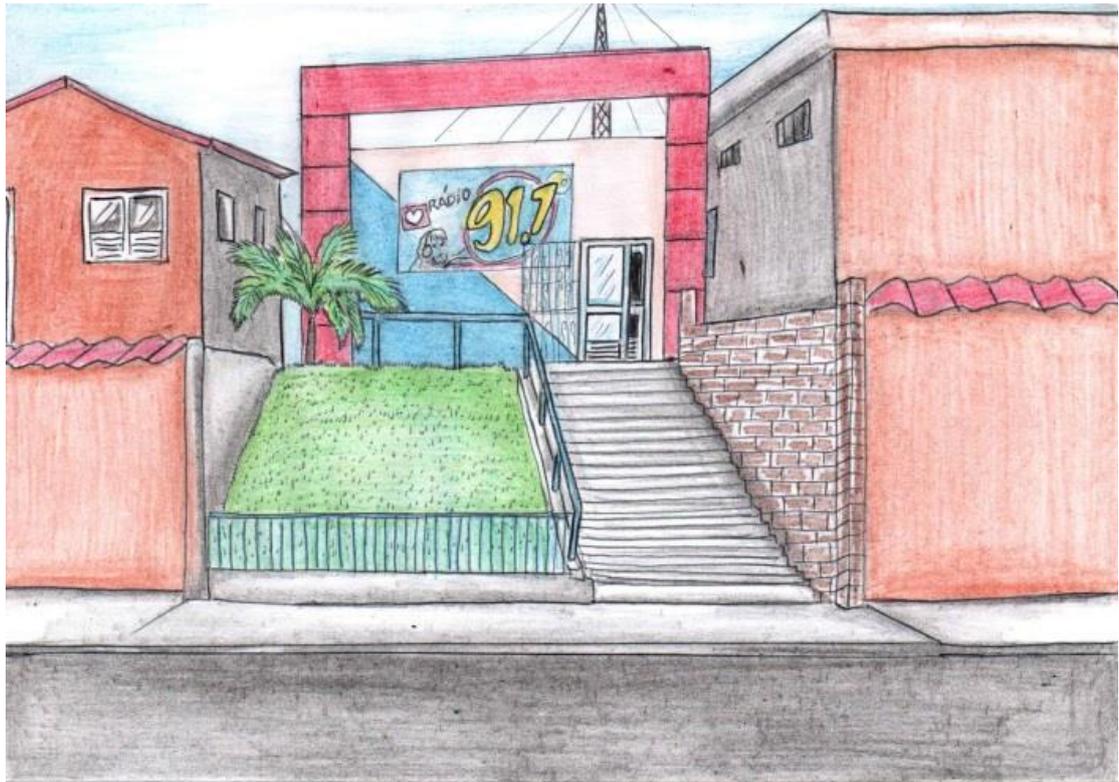


Fonte: arte encomendada pelo autor, ao artista tefeense, Ailson Fernandez.

Localizada, no centro da cidade ao lado da igreja matriz (católica), a Rádio Educação Rural de Tefé, iniciou suas transmissões radiofônicas no dia 13 de outubro de 1963. As primeiras transmissões ainda em caráter experimental foram a partir de estúdios provisórios, instalados no Seminário, prédio histórico, marco inicial da cidade. Neste mesmo ano, começaram as transmissões das aulas radiofônicas de alfabetização pelo Movimento de Educação de Base, MEB. O horário de transmissão ia das 19 às 21 horas. Três meses depois, a rádio foi oficializada pelo Governo Federal (SCHWAMBORN, 2013, p. 30,31). Dessa época e até 03 maio de 2017, a rádio funcionou em modulação AM. A partir dessa data, a frequência mudou e a rádio passou a operar na modulação FM 93,9 MHz (Levantamento feito pelo próprio pesquisador em 14/07/2021).

O terceiro local foi no estúdio auxiliar, da Rádio Alternativa FM, 91,7, instalado em Tefé/AM, a segunda rádio a veicular o programa “Club Five”.

Figura 7 - Perspectiva da Rádio Alternativa FM, 91,7 estúdio auxiliar.



Fonte: arte encomendada pelo autor, ao artista tefeense, Ailson Fernandez.

A Rádio Alternativa FM é uma emissora do Sistema de Comunicação Am Produção e Eventos Ltda, com o nome fantasia de Rádio Alternativa FM, 91,7. A autorização para funcionamento foi obtida junto ANATEL, em 6/11/2002. A estação da rádio está situada na Rua Getúlio Vargas, nº 404, centro, Alvarães/AM, cidade vizinha a Tefé, sendo lá o estúdio principal. A estação de transmissão está localizada na Estrada de Alvarães a Nogueira, s/n. A emissora possui um estúdio auxiliar localizado na Rua Recife, 190, São Francisco, Tefé-AM, inaugurado em agosto de 2006. Foi por esse estúdio auxiliar que se veiculou o programa escolar de rádio “Club Five” na rádio FM.

Sendo uma rádio comercial profissional, o perfil musical atende a todos os ritmos e estilos musicais: pop-rock; sertanejo; rock; pagode, internacional e religioso. Na grade de programação os programas são variados, indo do jornalístico ao religioso.

No período de 2015 a 2016, em que fora veiculado o programa escolar de rádio “Club Five”, a rádio apresentava um quadro de locutores sem nenhuma voz feminina em sua programação. O “Club Five” quebrou esse paradigma. Ocupou um espaço com cinco adolescentes que se afirmaram enquanto representantes femininas. O mais importante nesse processo não foi o garantir um lugar para falar, esse lugar de fala, conforme Spivak (2010) se traduziu e se fez, quando elas alcançaram a condição de serem ouvidas, ficando com o

programa no ar por aproximadamente um ano e sete meses. (Levantamento feito pelo próprio pesquisador em 14/07/2021)

1.2 Referencial teórico

1.2.1 Entrelaçando conceitos: educação, comunicação e educomunicação.

1.2.2 - Educação

Entender o que é Educação é complexo, quiçá passível de definição. A educação pode ser identificada como um ato, um processo, uma ação, que pode se realizar em diversas ambientações: física, financeira, escolástica, social, familiar, trabalhista, entre outros. Ela está presente conosco em quaisquer manifestações de contato, dependendo apenas da percepção que atribuímos aos atos por nós manifestos ou recebidos de outrem. Desde os tempos em que o homem vivia apenas da caça e coleta, há registros nas pinturas rupestres, das nossas ações educativas. Portanto, a convivência gera “momentos de circulação do saber”, essas relações de trocas “cria” pessoas, ultrapassando a condição natural, para um ser de cultura (BRANDÃO, 2012; COTRIM, 1982).

Para Cotrim (1982) educação:

pode ser entendida como o processo pelo qual o homem, através de sua capacidade para aprender, adquire experiências que atuam sobre a sua mente e o seu físico. Algumas destas experiências terão a capacidade de influenciar o seu comportamento em termos de idéias (sic) ou de ações, enquanto outras poderão ser rejeitadas ou não-assimiladas. Trata-se de uma seleção qualitativa das experiências aprendidas. (COTRIM, 1982, p. 14)

De acordo com o exposto o processo educativo atua na mente e no corpo cujas experiências atingem ideias e ações podendo também ser rejeitado ou deixado de se assimilar. John Dewey apud Cotrim (1982) considerava que “educação é um processo de contínua reconstrução da experiência, com o propósito de ampliar e aprofundar o seu conteúdo social, enquanto, ao mesmo tempo, o indivíduo ganha controle dos métodos envolvidos (COTRIM, 1982, p. 14)”, quer dizer, é pelo experienciar em diálogo com o conteúdo social que se amplia e se aprofunda as aprendizagens e cria domínio do educando ao conteúdo de acordo com os métodos envolvidos.

Freire (1987) entendia a educação em três concepções: bancária, problematizadora e dialógica. Para o autor a educação bancária se dá em um processo dicotômico separando homem e mundo, em que o homem simplesmente está no mundo e não com ele. Na concepção problematizadora o processo educativo revela-se por um “pensar autêntico” sem

doação ou “entrega de saber”, ou seja, educador e educando se identificam um com o outro e neste sentido orientam-se “no sentido da humanização de ambos, (FREIRE, 1987, p. 62)”. Na concepção dialógica, a educação é pronunciada pela linguagem do princípio do amor. “Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda (FREIRE, 1987, p. 79)” Somente por meio do amor é possível pronunciar o mundo, criá-lo e recriá-lo. Sendo esse o fundamento do diálogo, no processo educativo, essa concepção transforma o ato de educar em uma educação dialógica.

Brandão (2013) afirma que não “há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante (BRANDÃO, 2013, p. 9)”. De acordo com o autor a “educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali, sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz para fora, que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor (BRANDÃO, 2013, p. 12)”.

Desse modo, entendemos que educação é um processo que pode ser realizado de várias formas, com e para várias finalidades, é uma manifestação social de interatividade dos cidadãos sendo resultado cognitivo de ato e ações cognoscentes, podendo ser realizada de maneira humanista, problematizadora, e/ou dialógica e adquirida pela experiência de modo que atua na mente e no corpo, tornando-se uma contínua reconstrução experiencial, em modelo diversificado, transcendente ao contexto escolar, atingindo o imaginário e a(s) ideologia(s) da(s) sociedade(s).

No entanto, apenas o entendimento acerca de o que é Educação não basta para que possamos compreender melhor os efeitos dos processos de aprendizagem do programa escolar de rádio “Club Five”, objeto de estudo neste trabalho. Há de se buscar um entendimento também sobre comunicação uma vez que ela é fundamental no processo educativo.

1.2.3 Comunicação

Freire (1977) afirmava que “o mundo social e humano, não existiria como tal se não fosse um mundo de comunicabilidade fora do qual é impossível dar-se o conhecimento humano.” Afirmava ainda que é pela intersubjetividade que “se estabelece a comunicação entre os sujeitos a propósito do objeto (FREIRE, 1977, p. 65)”. De acordo com o autor, portanto, o conhecimento humano se realiza na e pela comunicabilidade intersubjetiva em torno do objeto de interesse entre sujeitos. O objeto de interesse entre os comunicantes não encerra a incidência do pensar, ele exerce o papel de “mediatizador da comunicação”. Para

Freire, um conteúdo de comunicação não pode ser comunicado de um sujeito para outro, pois comunicação implica em reciprocidade, assim, não existe sujeito passivo na ação comunicativa:

Os sujeitos co-intencionados ao objeto de seu pensar *se comunicam* seu conteúdo. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ele é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo (FREIRE, 1977, p. 66, 67 grifo do autor).

A citação demonstra que há comunicação, quando há relação intencional direta e interligada entre emissor e receptor é pelo diálogo, ação comunicativa por excelência que se define o que é comunicação.

Martín-Barbero (2014) fundamentado em Freire, diz: “há comunicação quando a linguagem dá forma à conflituosa experiência do conviver, quando se constitui em *horizonte de reciprocidade de cada homem com os outros no mundo* (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 29 grifo do autor)”, ou seja, o ato de falar não é um simples servir-se da língua (idioma), mas de “pôr um mundo em comum, fazê-lo lugar de encontro (idem p. 30)”. Afirma ainda que a “comunicação é ruptura e ponte: mediação. Entre dois sujeitos, por mais próximos que se sintam, está o mundo em sua dupla figura de natureza e história (idem p. 30)”. Logo é na experiência da convivência entre os homens e seus mundos, que a ação de comunicação se define. Não apenas pelo se servir do idioma comum, mas de estar em comunhão de mundo, fazendo-o dele ponto de encontro, seja para estabelecer ruptura, ponte, ou mediação, entre sujeitos. Assim, a comunicação se manifesta tanto na figura da natureza quanto da história dos sujeitos comunicantes.

Para Castells (2019) comunicação é “compartilhamento de significados” em que a troca de informações se dá num “processo” que se define pela tecnologia da comunicação, características e códigos culturais entre emissor e receptor, os protocolos e a “abrangência do processo comunicativo”. Para o autor a comunicação pode ser realizada de modo interpessoal e neste ela é interativa “de um para um” em processo de retroalimentação; já a comunicação social, comunicação de massa é direcionada, difundida para a sociedade como um todo. Pode ser interativa ou unidirecional como acontecia tradicionalmente. Com o advento da internet uma nova forma interativa foi possibilitada, se na comunicação interpessoal a relação é de um para um, com a multimídia a interação pode ser feita de “muitos para muitos, em tempo real, ou no tempo escolhido”, de maneira que as transmissões podem ser “especializadas, *narrowcasting*, ou para muitos receptores (*broadcasting*) dependendo do objetivo e das características da prática de comunicação intencionada (CASTELLS, 2019, p. 101 grifos do autor)”. Neste sentido, entendemos comunicação como ação de interesse entre sujeitos com

objeto e mundo em comum, fazendo ponte, ruptura ou mediação da intersubjetividade de sujeitos comunicando-se em diálogo criando e recriando contexto de interesse num processo de retroalimentação dos códigos culturais.

Nesse processo de retroalimentação, por meio da comunicação interativa, várias práticas educativas têm se utilizado das linguagens midiáticas para desenvolver processos de aprendizagem, alcançando resultados significativos junto aos educandos. Foi o que revelou uma pesquisa do NCE/ECA/USP cujos dados somados a ações de políticas públicas levaram à criação de um curso universitário e gerou uma lei no município de São Paulo, trata-se da Educomunicação.

1.2.4 Educomunicação

Pautado pela UNESCO, em 1980 como sinônimo para Media Education, o neologismo Educommunication passou a “designar todo esforço do campo educativo em relação aos efeitos dos meios de comunicação na formação de crianças e jovens (SOARES, 2011, p. 11, in nota)”. A partir de uma pesquisa realizada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP, com 176 especialistas de 12 países latino americanos, entre 1997 e 1999, identificou “a vigência de uma prática mais abrangente no seio da sociedade civil, que tomava a comunicação como eixo transversal das atividades de transformação social (SOARES, 2011, p. 11, in nota)”. O termo Educomunicação foi ressemantizado pelo NCE/USP passando a:

designar o conjunto destas ações que produzem o efeito de articular sujeitos sociais no espaço da interface comunicação/educação. No caso, à leitura crítica da mídia, à produção midiática por jovens soma-se o conceito de gestão da comunicação nos espaços educativos (SOARES, 2011, p. 11, in nota).

A articulação de sujeitos sociais no espaço da interface comunicação e educação levando-os à leitura crítica da mídia, produção e gestão midiática, conforme citado acima é um dos produtos resultantes, portanto, da formação por meio da educomunicação.

No Brasil, o termo Educomunicação apareceu pela primeira vez no ano 2.000 no artigo intitulado “Educomunicação: um campo de mediações” do autor Ismar de Oliveira Soares publicado pela revista Comunicação & Educação:

A hipótese central com a qual a pesquisa desenvolvida pelo NCE/ECA/USP trabalhou foi a de que efetivamente já se formou, conquistou autonomia e encontra-se em franco processo de consolidação um novo campo de intervenção social a que denominamos de inter-relação comunicação/educação. Tal inter-relação, ou simplesmente Educomunicação, não foi tomada tão somente como uma nova disciplina a ser acrescentada nos currículos escolares. Ao contrário, ela está inaugurando um novo paradigma discursivo transversal, constituído por conceitos transdisciplinares [...] (SOARES, 2000 p. 21 e 22).

Nascido nas práticas individuais de vários profissionais que usava a comunicação como instrumento para promoção dos processos de aprendizagem, este novo campo, segundo Soares (2011) pode ser entendido como um processo da inter-relação entre educação e comunicação, que se desenvolve de modo interativo, colaborativo e transdisciplinar por meio de ação reflexiva. Ainda, de acordo com o autor (2014), serve para desenvolver a cidadania, uma vez que promove a socialização, o trabalho em equipe, o exercício do respeito às diferenças, a capacidade expressiva e amplia a criticidade sobre si e o meio em que está inserido. Assim, ele pode ser instrumento de emancipação capaz de levar o sujeito social educando a pensar, analisar e criticar os eventos que acontecem a sua volta para transformar a sua própria realidade.

Para além do construto do campo de saber, a educomunicação também é considerada uma ação prática de intervenção, não no sentido de interditar, invadir, impor ou interromper, mas de mediação por meio de alternativas inovadoras. Essas alternativas procuram fornecer elementos para o “pensar diferente”, de maneira que se alcance uma “compreensão das dimensões sociais, políticas, ideológicas, culturais e econômicas (p.6)”. As intervenções educacionais visam ao desenvolvimento pessoal e ao bem-estar coletivo, estão voltadas principalmente “para escola, mídia e terceiro setor” (ALMEIDA, 2016).

1.3 A inter-relação entre rádio e educação.

1.3.1 O rádio

A invenção do rádio é um crédito científico questionado por vários estudos, livros e artigos. Dois cientistas são dados como os inventores do rádio: O cientista italiano Guglielmo Marconi e o cientista brasileiro (padre) Roberto Landell de Moura. Os dois cientistas obtiveram resultados diferentes em seus experimentos, enquanto Marconi conseguiu transmitir sinais telegráficos, sem fios, em código Morse o que ficou denominado de radiotelegrafia, Landell foi o primeiro a transmitir a voz humana, a distância sem a interferência de cabos (PADRO, 2012). De acordo com Almeida (2006, p. 69) Padre Landell obteve o registro de sua patente “em 9 de março de 1901”.

A primeira transmissão radiofônica no Brasil remonta ao dia 20 de abril de 1923 pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que tinha a frente Roquette Pinto, Edgard Sussekind de Mendonça, Álvaro Alberto, Henrique Morize entre outros (ALMEIDA, 2006). No início era um espaço de possibilidades: “*De repente se teve a possibilidade de dizer tudo a todos, mas, olhando bem, não se tinha nada para dizer* (BRECHT, 2005)”. Brecht, afirmava que o melhor que poderia acontecer com o rádio era transformá-lo de “aparelho de distribuição em aparelho

de comunicação (...) não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele (idem p. 42)”. E foi justamente essa ação de comunicação coletiva e horizontalizada que caracteriza a origem do rádio.

De acordo com Figueiredo (2015, tese) “a imagem do herói inventor” é questionada por teóricos e historiadores, uma vez que no início do século XX, grupos de adolescentes e jovens denominados de “hams”, ou seja, amadores, a partir de sucatas construíam aparelhos de rádio que eram transmissores e receptores ao mesmo tempo. Estes jovens “formavam clubes e associações para a educação, ajuda mútua e a autogestão local e regional do espectro (FIGUEIREDO, 2015, p. 378)”. Neste sentido o rádio nasce como meio de comunicação a partir da ação popular, coletiva, solidária e horizontalizada, com o mesmo espírito das rádios convencionais, entretanto, verdadeiramente pioneiro, a rádio como meio para o desenvolvimento e promoção da educação.

Era muito popular, nessa época, o cultivo da autonomia e da autogestão. Os *hams* montavam os seus aparelhos em galpões, sótãos e celeiros com qualquer tipo de material que estivesse disponível, desde latas de tomate até garrafas e suportes de porcelana, e formaram comunidades e redes de desenvolvedores externas ao Estado e às corporações (FIGUEIREDO, 2015, tese, p. 378).

Segundo Figueiredo (2015) o número de estações crescia exponencialmente. No espaço de uma década, o número de estações saltou de 150 em 1905, para 14 mil em 1914. Essa explosão de estações possibilitou o desenvolvimento da “subcultura popular voltada à experimentação e à interação”. Neste período, surgiram revistas, jornais no trato sobre o rádio e publicação de ficção científica. Num tempo em que a ciência amadora não era entendida como ciência menor, os “hams” tinham em si “como desbravadores que estavam levando a ciência e a sociedade ao seu limiar” (FIGUEIREDO, 2015, tese, p. 378, 379).

Atualmente, no Brasil, de acordo com o site: “tudoradio.com”, existem 3.209 emissoras FM e na modulação AM são 1.781 ondas médias; 66 ondas curtas e 74 ondas tropicais o que coloca o rádio como um dos principais meios de comunicação do país (TUDORADIO.COM, acesso em 18/02/2022).

1.3.2 A rádio educativa.

A primeira inter-relação entre o rádio e a educação, no Brasil, foi por meio das rádios educativas. Elas foram as primeiras a serem utilizadas para difusão do saber sistematizado no país. Os pioneiros do rádio, no Brasil, eram incentivadores do uso desta tecnologia como instrumento educativo. Via-se nela um potencial para difundir o sistema escolar e diminuir o analfabetismo no país.

As primeiras ações educativas promovidas pelo rádio, no país, tinham um caráter técnico e profissional. O rádio virou um meio de auxílio para o ensino público. Divulgava orientações sobre saúde, higiene, gosto artístico e buscava elevar o “espírito de paz e concórdia” entre os povos (ESPINHEIRA, 1934: 49 apud ASSUMPCÃO, 2008, p. 32). Em novembro de 1924, o presidente Arthur Bernardes assinou o Decreto nº 16.657, que passou a classificar “as emissoras de rádio destinadas à radiodifusão como de tipo experimental e também determinava que somente sociedades nacionais tivessem concessões e as transmissões deveriam ser feitas em língua portuguesa (MENEGUEL e OLIVEIRA, 2008, p. 7)”. O decreto passou a regulamentar as programações e estas “deveriam ter como finalidade a formação educativa, científica, artística e que trouxesse benefício ao povo, ficando proibidas notícias de caráter político sem que o governo autorizasse com antecedência (MENEGUEL e OLIVEIRA, 2008, p. 7)”.

Apesar da iniciativa dos pioneiros do rádio, em usar essa tecnologia para ações educativas, o rádio na verdade, no início, passou a representar o estilo de vida das elites uma vez que a programação era recheada por óperas, conferências e músicas clássicas, não atingindo assim as camadas populares. O rádio, à época, ganhou contorno de status sociais, pois para manter os equipamentos e ter um receptor em casa custava caro, assim, ele traduzia uma realidade das elites, inclusive no processo educativo (MENEGUEL e OLIVEIRA, 2008).

1.3.3 A rádio escolar

A relação do rádio com a educação ganha novo patamar a partir da década de 1930. Uma nova fase tem início a partir de 6 de janeiro de 1934 quando a Comissão de Rádio Educativa da Confederação Brasileira de Radiodifusão tendo à frente professor Roquette Pinto, lança a Rádio Escola Municipal do Distrito Federal do Rio de Janeiro, através do departamento de Educação Municipal daquele estado. Era o início das rádios escolares no país.

Com o avanço tecnológico e a melhora dos receptores o rádio inaugurava uma nova fase, pois naquele momento ele tinha alunos matriculados e distribuía apostilas com conteúdo das aulas radiofônicas aos alunos. Essa foi a primeira vez que se tentou uma ação interativa mesmo que indiretamente entre a rádio e os ouvintes estudantes. Os alunos acompanhavam as aulas, respondiam os exercícios e os devolviam pelo correio para a rádio. “Quando surgiam dúvidas sobre os exercícios, se comunicavam com a Rádio-Escola por telefone, cartas ou visita aos estúdios da emissora (Horta, 1972 apud Assumpção, 2008, p. 33)”.

Segundo Horta (1972) apud Assumpção (2008, p. 33), no ano de 1936 a Rádio Escola Municipal do Distrito Federal do Rio de Janeiro possuía 1.160 alunos-radiouvintes matriculados e recebeu 2.865 trabalhos. Entre outros e baixo quanto ao número de matrículas e trabalhos recebidos, em 1941 “a Rádio Escola registrou um recorde de 20. 437 trabalhos recebidos”. Atualmente, esse tipo de realização educacional entre mídia e educação à distância se dá das mais diversas formas atendendo alunos da zona urbana e rural em várias partes do país.

Com avanço tecnológico, esses processos de aprendizagem se realizam por diversos canais: via internet, por plataformas como “Youtube”, “Google Meet”; aplicativos como “Whatsapp” e por IPTV (internet por televisão) etc.

Um dos principais movimentos de educação a utilizar o rádio como instrumento didático e pedagógico para a educação foi o Movimento de Educação de Base (MEB), ele incorporou o potencial da comunicação do meio rádio e ressignificou a transmissão de vozes e sons e recontextualizando a ação educativa. Isto se deu, pela parceria iniciada na década de 1950 e que se consolidou em 1961 “por meio de um convênio entre a Presidência da República e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em março de 1961, no Governo de Jânio Quadros (FILHO, 2010, p. 20)”.

Em Tefé, Amazonas, as atividades do MEB são concomitantes a implantação da primeira rádio no município. Instalada na zona urbana, há uma inter-relação direta entre rádio e educação no município. O Movimento de Educação de Base estreou suas atividades juntamente com as primeiras transmissões de ondas sonoras radiofônicas em 13 de outubro de 1963. As transmissões eram de um estúdio improvisado, no Seminário e as primeiras aulas de alfabetização iam ao ar das 19 às 21 horas (SHWAMBORN, 2013).

Esta ação comunicacional educativa minimizou o isolamento e aproximou os povos ribeiras com a sede do município por meio do rádio. Os receptores eram rádios “cativos” importados da Holanda da marca Philips, com frequência fixa, ou seja, só pegava a rádio de Tefé. Eram rádios a pilha, distribuídos para comunidades onde se formavam os grupos de estudo (idem, 2013).

Uma pessoa era preparada como monitor e ela coordenava o grupo de estudo que toda noite se reunia para acompanhar as aulas que eram transmitidas metodicamente. Havia muitas dificuldades para realizar o processo educativo. A emissora era mal sintonizada (idem, 2013).

Para que uma escola pudesse ser implantada, primeiro se instalava uma antena de 10 a 20 metros em uma vara de 4 a 6 metros de altura, às vezes eram necessárias duas delas. Tomas Shwamborn, afirma que a “audiência era 100% na cidade e no interior”, mas não há

como ser diferente, pois só havia uma faixa de recepção no rádio e essa só sintoniza a rádio de Tefé. O ápice das atividades foi, segundo Shwamborn (2013), em 1965, quando o MEB alcançou 186 (cento e oitenta e seis) escolas.

De acordo com o diretor da Rádio Educação Rural de Tefé no total mais de 400 (quatrocentas) comunidades eram atendidas pela programação da rádio:

O que a rádio atingia em termos de comunidades, é... começando assim... pelos municípios de Tefé, Maraã, é... Alvarães e Uarini, Fonte Boa, Jutai e Carauari... Então, se você soma todas as comunidades, você tem mais de quatrocentas comunidades naquela época atendida pela Rádio Educação Rural de Tefé (Shawborn, diretor da Rádio Rural, em 16/04/2019).

As atividades do Movimento de Educação de Base se encerraram no município nos anos da década 1990.

1.3.4 A importância da mídia na escola

Em tempo de multimídia (internet) cujas variedades de interação e entretenimento digitais rivalizam com as práticas educacionais de sala de aula, vários estudos tem mostrado a importância de se trabalhar à mídia na escola. Kaplún (2014, p. 65) em referência a “imprensa na escola” afirma que “não existe expressão sem interlocutores”, ou seja, o autor nos explica que quando um estudante escreve no sistema tradicional para a correção do professor, não desenvolve sua expressão, pois se trata de “um dever” que, no final, é “censurado” pelo professor. No entanto, quando a criança escreve “para ser lida”, esta, se encontra em condição de comunicante.

Kaplún (2014), nos remete ao uso do Jornal como meio pedagógico. Para ele, quando a criança, ou seja, o estudante, entende e tem comprovada a utilidade de seu trabalho, liberta-se e sente necessidade de “agir, procurar e criar”. Ao perceber suas produções publicadas e lidas, deseja “pesquisar mais, conhecer mais”, assim, os educandos “procuram, experimentam, discutem, refletem”. Desse modo, são revigorados e renovados e os resultados de rendimento tanto quantitativa como qualitativamente são superiores.

Segundo Freire (2013) em “Educar com a mídia”, as “novas presenças”, referindo-se aos meios de comunicação de massa, não são para serem encaradas pela escola como algo divergente, pelo contrário, a escola enquanto instituição social e histórica não pode atuar da mesma forma como tem se portado ao longo do tempo e do espaço. De acordo com Freire, a dinamicidade dos meios de comunicação em comparação com a escola, nos faz percebê-la como se estivesse estática.

O autor chama atenção para que possamos pensar a escola enquanto espaço para experimentação, aberta à “criação do conhecimento novo”, ou seja, aberta à mudança. Para Freire, a escola experimenta novas exigências sociais e históricas e, de acordo com ele, a escola se renova com os meios de comunicação, quer dizer, apreender o conhecimento já produzido vai continuar, mas a escola se “obriga”, ante ao contexto social e histórico do avanço tecnológico, a mudar, a deixar de ser um espaço de memorização para se tornar um espaço comunicante e criativo. “E, para isso, então, ela não poderia jamais deixar de ter, como auxiliares extraordinários, todos os meios de comunicação” (FREIRE, 2013, p. 34, 36).

Assumpção (2008) afirma que o uso das tecnologias midiáticas atrai a atenção de crianças, adolescentes e jovens e, ao se trabalhar com alunos a leitura e produção de textos sonoros, imagéticos e hipertextos, pode-se alcançar uma leitura crítica da linguagem midiática, levando os alunos a compreensão e distinção do discurso simbólico de cada meio de comunicação.

Para Baltar (et al 2009) essa é uma condição *sine qua non* para que o aluno possa agir autonomamente em sociedade; uma vez que ao dominar a leitura dos discursos e das formações discursivas das diversas esferas sociais, o aluno avança na compreensão da complexidade da organização social contemporânea. Agindo assim, a escola promove a emancipação e inclusão na sociedade.

Amarante (2012) nos diz que, quando se tem a rádio na escola, mesmo que o limite de alcance dela seja restrito ao ambiente escolar, ela não está isolada do contexto da vida cultural do aluno. Ao promover a aproximação dele com a rádio, havendo circularidade no processo de comunicação, o jovem ganha espaço para si dar voz e expor seus anseios, sentimentos, expectativas em relação à vida política e social. Desse modo, ele se reorganiza coletivamente, constrói diálogos novos e se reinventa.

Consani (2019) afirma que ao se trabalhar com mídias nas escolas, quase sempre, é se pensado do ponto de vista da recepção, e isso não significa estar errado, porém, segundo o autor, é mais significativo, priorizar a produção da comunicação nos espaços educativos. Baseado na proposta de “um fazer que utiliza(sic) a linguagem radiofônica”, o autor afirma que as mídias e as mediações não são apenas recursos a mais, mas que detêm “a situação e o ambiente privilegiados para sustentar a tríade conteúdos-habilidades-attitudes (CONSANI, 2019, p. 13)”.

De acordo com Crus (2020, p. 57) “o domínio do conhecimento na utilização da mídia na educação” não é simplesmente saber diferenciar informação e saber. Ele conduz a

“aprender a pensar” e quando construído a partir de uma integração com currículo escolar possibilita uma pedagogia diferenciada.

Portanto, o uso da mídia na escola possibilita alcançar a expressividade a interação entre interlocutores, mas a escola sendo uma instituição historicossocial precisa vencer a inércia didático-pedagógica e acompanhar as mudanças sociais e tornar-se local de experiencição. A ação de experienciar gera novos conhecimentos quando a escola deixa de ser local onde o conhecimento é transmitido, “depositado” de um para outro, e passa se tonar ambiente de comunicação e criação. Um dos meios para isso é com o uso da mídia, em especial o rádio.

Os recursos midiáticos nos processos de aprendizagem são atrativos e possibilitam habilitar a leitura crítica dos discursos simbólicos evitando a manipulação pelo meio de comunicação. Dominar esses discursos, emancipa e inclui o cidadão, fazendo com que ele passe a atuar de maneira autônoma na sociedade. Nesse contexto, o rádio, enquanto meio midiático no processo de aprendizagem, possibilita uma percepção sociocultural garantindo ao estudante um “lugar de fala”, de expressão, de si expor, de atuar em coletividade, “constrói” o mundo e o “reconstrói”, transformando o educando através do diálogo.

Neste sentido, mais que perceber o que é, e como funciona a mídia, o meio tecnológico, é mais significativo que o estudante saiba criar a própria mídia, produzir conteúdo, possa e saiba comunicá-la. Não pela e para a simples transmissão da mensagem, mas que o processo comunicativo se dê de maneira interativa, gerando saber, desenvolvendo habilidade, promovendo atitudes. Desse modo se possibilitará “aprender a pensar” e se a ação estiver integrada ao currículo da escola as possibilidades de aprendizagem serão várias.

1.3.5 Aprendizagens por meio do rádio.

Ao contrário do que acontece com as rádios educativas, comerciais e comunitárias que possuem uma legislação que as definem, a rádio escolar segundo Baltar et al (2009, p. 31) “ainda está em um processo embrionário em nosso País (sic)”. Mesmo não havendo definição exata para o conceito nem a distinção entre “rádio escolar” e “radioescola”, nem legislação que as definam, são várias as ações em diversas partes do país e, acreditamos, no mundo, que utilizam o rádio na e pela escola, no contexto de “radioescola”, ou seja, com emprego da linguagem radiofônica em processos educativos dentro dos limites dos muros escolares. Seja por iniciativas individuais de alguns professores, liderança comunitária, seja por organizações não governamentais (ONG), as ações envolvendo o rádio nas práticas pedagógicas têm se

feito presentes em várias ações socioeducativas (Assumpção, 2008; Baltar, 2009; Cruz, 2020; Barros, 2020).

Marcos Baltar et al (2009) na obra: “Rádio Escolar: letramento e gêneros textuais”, nos mostra que o rádio é colocado como oportunidade para o desenvolvimento de habilidades, letramento, fala, escrita, administração e engajamento social. É item motivacional e significativo, pois é reconhecível pelo educando. O rádio funciona como reforço para aprendizagem com práticas variadas e significativas partindo da voz individualizada do sujeito educando, para resolução de problemas por cooperação, tirando o educando da condição de subordinado para sujeito autônomo na e para a sociedade.

Zeneida Alves de Assumpção (2008) em “A rádio no espaço escolar: para falar e escrever melhor”, revela que ao se trabalhar com a “radioescola” desenvolve-se o senso crítico do estudante quanto aos discursos subliminares das mensagens, fazendo com que os participantes tenham domínio do processo de comunicação radiofônica, e, na ação educativa promove-se a criatividade, a socialização, com o desenvolvimento de habilidades de fala e escrita, assim como desperta o gosto pela leitura, eleva a autoestima e o interesse pelos estudos em sala de aula.

Cruz (2020) nos lembra de que, hoje em dia, tanto rádio quanto a televisão estão presentes mesmo nos municípios mais longínquos, daí que a exclusão das mídias rádio e televisão, no ambiente escolar, não pode ser admitida uma vez que a “tecnologia, seja ela nova ou há muito entre nós, quando utilizada adequadamente, possibilita aos alunos e professores uma reconstrução e uma releitura da escola (CRUZ, 2020, p. 56)”.

Barros (2020) partindo da “opinião-matriz” tanto dos próprios alunos, quanto dos professores sobre o protagonismo dos estudantes na radioescola, afirma que “a radioescola consegue unir, ‘ligar a todos’”. Segundo a autora, por meio dos depoimentos, descritos em sua pesquisa, foi possível perceber que a partir da radioescola houve a melhora na relação de aluno com aluno, aluno com professores, alunos com a direção.

Dessa maneira, podemos entender que a aprendizagem por meio do rádio alcança resultados significativos. Mas, observamos que esses estudos têm o rádio como ferramenta, um complemento de temática transversal. Nesta pesquisa ampliamos esse conhecimento para um entendimento do rádio como plataforma de saber, de onde emergem conhecimentos com efeitos diretamente no intelectual, na vivência em sociedade e na vida profissional daqueles que se envolvem em processos de aprendizagem por meio do rádio.

No entanto, mesmo com todo potencial para o desenvolvimento educacional, a maioria das escolas e profissionais de educação desconhecem e/ou se quer fazem uso desta linguagem,

o rádio, em suas atividades pedagógicas; mesmo com o projeto do Senado Federal aprovado em 1996 (Soares 1997: 211 apud Amarante, 2012, p. 67) que tornou a leitura de jornais e revistas obrigatória no currículo escolar do ensino médio e fundamental. O rádio é uma plataforma de saber que pode muito bem complementar o conhecimento acerca destas mídias e da aprendizagem sobre a leitura crítica das mesmas.

Segundo Amarante (2012), há um descompasso entre esses dois campos educação e comunicação: “a leitura dos meios de comunicação é reduzida na instituição escolar”. Afirma ainda que a participação de populações marginalizadas em espaços midiáticos que também se tornam “ambiente educativo”, é mínima e por isso, é urgente promover debates que envolva solidariedade, afetividade e participação nesses meios midiáticos. Uma vez que “Mídia e educação fazendo parte do mesmo processo social”, não podem ficar dissociadas (AMARANTE, 2012, p. 67, 68).

Outro ponto observado pela pesquisadora é o de que o baixo poder aquisitivo de muitos alunos, muitas vezes restringe o acesso a bens culturais como “cinema, teatro, clubes”, e isso impõe aos jovens, acesso apenas “aos parques bens culturais, que lhes são oferecidos no próprio bairro, ou então ao que é proposto pela indústria cultural, como a escuta isolada de rádios FMs comerciais ou a audiência de programas de entretenimento na televisão (AMARANTE, 2012, p. 67)”. Diante desta realidade, a autora afirma que conseguir fazer uma leitura crítica da mídia sem um suporte escolar é quase impossível. Apesar de ser fundamental, falta mais participação no uso da mídia, nas escolas.

Sibilia, (2012) afirma que o desencontro entre aluno e escola, pode ser resumido em dois pontos: enquanto os alunos se fundem cada vez mais ao mundo digital, muitas escolas permanecem arraigadas na linguagem analógica. Dentre as discussões levantadas pela autora está uma reflexão sobre até que ponto a tecnologia se integra ao projeto pedagógico de modo realmente inovador, pois não basta mobiliar a escola com tecnologias se a postura da escola é anacrônica a elas e se mantem ainda no molde da prática tradicional de ensino, sem criar meios para que os processos de aprendizagem se tornem mais criativos e atraentes aos estudantes em tempos de multimídia. Neste sentido, muitos alunos estão em sala de aula, mas “desconectados” dos conteúdos escolares.

Para Soares (2011) o que falta na escola, o jovem busca noutro espaço, com destaque para internet. Segundo o autor é “uma juventude que se envolve com a comunicação, fora da escola [...] que deseja uma escola que responda a seus anseios (SORAES, 2011, p. 23 e 26)”, ou seja, os estudantes não estão deslocados dos meios de comunicação, mas sim a escola que não acompanha nem se insere no contexto social do estudante.

Cruz, (2020) afirma que “a escola faz pouco uso da TV e do rádio como instrumento de educação”, de acordo com a autora, isso expressa um atraso ante ao avanço científico e técnico e que obriga as escolas “a investir no processo de educação continuada se pretendem levar seus alunos a vivenciarem a sua época, a época da sociedade do conhecimento e das tecnologias de informação e comunicação (CRUZ, 2020, p. 91)”.

Portanto, diante destas subjetividades objetivadas por cada autor acreditamos que é possível um vivenciar da própria época sem ficar atrasado quanto aos avanços tecnológicos fazendo uso da tecnologia de comunicação e informação, é possível se manter conectado com o conteúdo escolar relacionado ao que se vivencia na sociedade, é possível realizar uma leitura crítica dos meios midiáticos e um dos caminhos possíveis é a utilização do rádio no processo de aprendizagem do sistema escolar.

1.4 Processos de aprendizagem:

Definir o conceito de aprendizagem é praticamente impossível. No entanto, há muitos estudos que nos possibilitam um entendimento acerca do assunto. Uma das definições afirma que:

Em essência, a aprendizagem se resume à transferência. É a capacidade de extrair a essência de uma habilidade ou de um problema de fórmula ou de enunciado e aplicá-la a outro contexto, a outro problema, que pode não parecer semelhante, pelo menos superficialmente. Se você domina mesmo uma habilidade, você “a carrega com você”, por assim dizer (CAREY, 2015, p. 134).

Conforme citado acima ocorre aprendizagem quando aquilo que conhecemos, apreendemos, torna-se uma habilidade tal, que somos capazes de readaptar o que foi aprendido e apreendido e aplicá-lo em outra realidade, seja na vivência comum em sociedade e/ou em uma ação profissional. De acordo com Carey (2015, p. 135) “uma forma de ver a questão é comparar a prática com o desempenho”; ou seja, para o autor, o aprendizado é aquilo que se dá de maneira combinada, nos possibilitando discriminar ativamente cada parte do todo cujo entendimento do geral nos prepara para o inesperado. Quer dizer, é na combinação de itens, habilidades e conceitos durante uma ação prática e de longo prazo que conseguimos perceber as diferenças dos elementos intrínsecos em nosso exercício prático. Quando alcançamos esse entendimento podemos dizer que houve aprendizagem. Totalmente contrária à condição de repetição e memorização behaviorista de estímulo e resposta sem qualquer senso crítico, mesmo que a memorização também possa gerar aprendizado, mas momentâneo e sem significação.

Aprendizagem é ato contínuo, um exercício prático a longo prazo o qual ajuda na identificação de diferenças de itens em um todo, o que possibilita uma compreensão individual dos elementos do construto. De modo que a prática continuada torna o entendimento mais abrangente, isso aciona a discriminação ativa de cada elemento, o que por consequência capacita para resolução de problemas, em especial os inesperados. (CAREY, 2015).

Zabala (2010, p. 96 grifos do autor) afirma que a “aprendizagem é produzida quando são estabelecidas **relações substanciais e não arbitrarias** entre o que já era parte da estrutura cognoscitiva do aluno e o novo conteúdo de aprendizagem”. Quer dizer, uma aprendizagem só é possível se ancorada em um saber anterior, cujo novo conteúdo tenha relação direta com o mesmo enquanto base para um avançar do conhecimento e que este avanço se dê de maneira voluntária, aceitável e não “bancária” conforme a concepção freiriana.

Neste sentido, de acordo com Zabala (2010, p. 97) “para que a aprendizagem seja produzida, é indispensável o papel ativo e protagonista do aluno”. Quando há pré-disposição do aluno para a aquisição de saber, e os meios para o desenvolvimento deste são adequados aos interesses dos estudantes existem possibilidades de se apropriar de habilidades e competências significativas para vivência social o que se traduz em aprendizagem. Mas como se dão esses processos?

Os processos de aprendizagem não correspondem ao simples ato procedimental. Ler, falar, escrever, são procedimentos, exercícios práticos, mas que sem uma diversificação, um contexto, sem uma reflexão do como, quando e por que, não passam de exercícios vazios, com ação mecânica que não desenvolve aprendizagem, mas apenas memorização mecânica do como se faz. Neste sentido, processo de aprendizagem requer variabilidade de contexto, de aplicação, de reflexão do porquê se faz aquilo que se faz. Assim, se “os exercícios são numerosos e realizados em contextos diferentes, as aprendizagens poderão ser transferidas mais facilmente em ocasiões futuras (ZABALA, 2010, p. 102)”.

1.5 Efeitos

Originário do termo em latim “effectus”, o termo “efeito” possui uma variedade de significados e acepções, inclusive com trato científico. “O significado principal assinala que um efeito é aquilo que se obtém em consequência de algo/de uma causa. A relação entre uma causa e o seu efeito é conhecida como causalidade” (CONCEITO. DE 2012, acesso 15/02/2022).

O efeito pode ser um fenômeno de acordo com a Física. Dada uma causa determinada ocorrem manifestações as quais podem se estabelecer de maneira qualitativa ou quantitativa. Efeito pode também ser entendido, portanto, como uma impressão diante de circunstâncias, o humor por exemplo. O efeito pode ser uma ação de trajetória desempenhada por um objeto lançado mecanicamente por uma máquina ou pela habilidade de um atleta. Efeito pode ser uma performance (idem, 2012, acesso 15/02/2022).

Existem os efeitos especiais, efeitos visuais na linguagem cinematográfica, etc.. Existe também ao que chamamos de efeito estufa, a retenção de energia emitida pelo solo aquecido por radiação solar por meio de gases como o dióxido de carbono e metano. E ainda existe ao que chamamos de efeito borboleta, cujas menores condições podem gerar variações de grandes impactos (idem, 2012, acesso 15/02/2022).

Neste trabalho, entendemos como “efeito” as consequências dos processos de aprendizagem desenvolvidos no programa escolar de rádio “Club Five” no exercício intelectual, na vivência em sociedade e na prática profissional das ex-integrantes do programa.

1.6 O tornar-se sujeito de existência.

Aprender a ser um sujeito de existência pelos processos de aprendizagem no sistema escolar atual, ainda não é fácil. Isso ocorre, posto que ao longo de nosso contexto historicossocial, o que se imperou em nossa sociedade brasileira, foi um processo de desumanização, mistificação e racismo tanto no convívio social quanto no sistema escolar (FREIRE, 1987, MEMMI, 2007, CÉSAIRE, 2020).

As consequências desse fato reverberam, ainda hoje, nos processos de aprendizagem do sistema escolar, uma vez que nossas raízes culturais, educacionais estão alicerçadas em um regime colonialista desumanizador, mistificante, racista e infamante. Por conseguinte os processos de aprendizagem, especialmente o escolar brasileiro, em grande parte, reproduzem ações que são desumanizadoras e de mistificação do alunado (CÉSAIRE, 2020; MEMMI, 2007).

O pensamento intelectualizado europeu, no período colonial, visava à manutenção do colonizado na condição animalesca, ou seja, um ser desprovido de razão e capacidade para se autopromover, se autoafirmar enquanto sujeito social e histórico. Isto se dava, porque entre colonizador e colonizado não existia “contato humano” entendido aqui para além da condição biológica, e sim metafísica, de modo que ambos pudessem ser entendidos como iguais.

Assim, na relação entre colonizador e colonizado o que ocorreu foram relações de poder, de “estupro” e “imposição cultural” (CÉSAIRE, 2020, p. 24).

A imposição cultural, por aquele que colonizava, drenou a cultura local e aviltou as massas. Este estupro cultural mascarou uma realidade de violência em todos os sentidos. Enquanto se apresentava a ação colonizadora como sinônimo de progresso, realizações, cura de doenças e elevação da qualidade de vida e dos próprios colonos, na realidade, segundo Césaire (2020, p. 25), fez com que sociedades fossem “esvaziadas de si mesmas, culturas pisoteadas, instituições solapadas, terras confiscadas, religiões assassinadas, magnificências artísticas destruídas, possibilidades extraordinárias suprimidas”, para o autor enquanto falavam de “civilização”, na verdade tratava-se de “proletarização e mistificação (idem, p. 25)”.

O esvaziamento das sociedades colonizadas se deu nas mais diversas fronteiras sociais, como ciências, religião e psicologia. Porém esse esvaziamento não foi do contato em si, mas do contato tardio, de um período no qual a Europa estava “nas garras” dos “financistas e capitães da indústria”, agentes do capitalismo e da desumanidade entre os povos, ao ponto de a Europa ser “responsável perante a comunidade humana pela maior pilha de cadáveres da história (CÉSAIRE 2020, p. 26)”, não se trata só da morte física, biológica, mas da morte cultural, de vivência em comunidade, de celebração religiosa, de educação, do modo de vida antes da colonização.

Nesse processo de desumanização, o “racismo odioso” foi acrescido ao “abuso moderno” da “antiga injustiça” da colonização europeia (CÉSAIRE 2020, p. 27). Esse racismo se manifestou nas ciências, na religião e na ação psicológica sobre o colonizado. Na ciência a região geográfica era o que determinava a “civilização mais elevada”; na religião, emancipar as raças seria “um crime de lesa-humanidade”; e na psicologia o que se teve foi a mistificação do homem colonizado como ser incapaz, por isso, passível de exploração.

Tudo isso, reflete no processo de aprendizagem, nos dias atuais. Pois, ainda se tenta inculir que “somente o Ocidente sabe pensar”, enquanto o não ocidental é um ser “dominado pela noção de participação e incapaz de lógica”. Porém, como próprio autor esclarece é “o próprio retrato do pensamento falso (CÉSAIRE, 2020, p. 67)”, uma vez que alguns pontos sobrevivem a esse preconceito racial da capacidade do pensar. É o caso da

invenção da aritmética e da geometria pelos egípcios. Ou da descoberta da astronomia pelos assírios. Ou o nascimento da química entre os árabes. Ou a aparição do nacionalismo no Islã numa época em que o pensamento ocidental tinha um jeito furiosamente pré-lógico (CÉSAIRE, 2020, p. 67).

Conforme citado acima, essas descobertas foram pilhadas pelo ocidente, anexando-as ao seu rol de conhecimentos, mas deslegitimadas por não se encaixarem a um conjunto, recorrendo-se, assim, à moral para contrapor uma sobreposição cultural e civilizatória (CÉSAIRE, 2020).

Atualmente, mesmo em pleno século XXI, todo esse processo historicossocial ainda reverbera no sistema escolar brasileiro. Por consequência, há processos de aprendizagem desumanizadores, mistificantes, racistas e infamantes, cujas relações entre professor e educando, educando e professor, se dão de maneira que prevaleça a figura do professor como aquele que sabe e por isso, impassível de ser questionado. A escola e o professorado não se atualizam e acompanham o desenvolvimento tecnológico da comunicação e informação, mesmo com tecnologia já consolidadas como o rádio, de modo a inserir o educando em um processo de aprendizagem em conformidade com sua contemporaneidade. Nessa condição, os processos de aprendizagem não se desenvolvem de maneira horizontalizada, edificadora para a construção de um ser de existência.

Albert Memmi (2007) também nos remete à relação de poder entre aquele que oprime e quem é oprimido. Essa condição é fundada na intencionalidade da desigualdade que se desenvolve em três etapas de acordo com o autor: nas diferenças, na valorização das diferenças, na definição das diferenças como absolutas e efetivas.

No tempo da colonização, a acusação contra os colonizados era de tal modo desumana e mistificante que desconsiderava suas “condições sociológicas e históricas”. Era acusado como se aquilo que o fazia desumano, mistificado, fosse a sua essência; quando, na verdade, era reflexo de um preconceito estrutural. Essas acusações e negações desumanizavam e despersonalizavam o ser humano. Uma das maneiras de como elas se manifestavam, era na pluralização dos feitos. Ao tomar todos por iguais, impunha-se uma depreciação coletiva. Nesse processo de mistificação, desumanização depreciativa e infamante, o colonizado era colocado como alguém sem existência (MEMMI, 2007, p.119).

A desumanização que destruía a essência e criava complexo ao mesmo tempo, fazia com que as relações se definissem de modo que o opressor (colonizador) se entendia como senhor legitimado e o oprimido (colonizado) se aceitava como tal. Desse modo, o colonizado deixava de ser sujeito de sua própria história, recuando “antes de retomar seu destino em suas próprias mãos (MEMMI, 2007, p. 136)”.

No entanto, nem tudo é só recuo. Conforme Memmi (2007, p. 138, 139), as “jovens gerações encontram no movimento coletivo a solução de suas dificuldades, e, ao escolherem o movimento, aceleram-na. Mas é preciso ainda que esse movimento seja possível”, ou seja, a

maioria dos jovens solucionavam suas dificuldades na coletividade e criavam oportunidades para que pudessem se sentir inseridos no contexto historicossocial. Nesse processo, família e religião se tornavam valores de refúgio.

No processo de colonização o sujeito se encontrava em uma possível condição de amputado. Ele era abstraído de seu passado e futuro, restando a ele a assimilação ou a petrificação do presente, e, nesta situação se incorria em uma amnésia cultural.

De acordo com Memmi:

“O colonizado parece condenado a perder progressivamente a memória. A lembrança não é um fenômeno de puro espírito. Assim, como a memória do indivíduo é fruto de sua história e de sua fisiologia, a de um povo repousa em suas instituições (MEMMI, 207, p. 143 grifo do autor)”.

Neste sentido, conforme citado acima, são as instituições que ajudam a manter viva a memória social de um povo. É por meio delas que também transmitimos “a herança de um povo”.

Memmi (2007) continua:

Por intermédio da educação que dá às suas crianças, e da língua, maravilhoso depósito incessantemente enriquecido de novas experiências. As tradições e aquisições, os hábitos e conquistas, os fatos e gestos das gerações precedentes são assim ligados e inscritos na história. (MEMMI, 2007, p. 145)

De acordo com o citado, podemos entender que o processo educativo, especialmente no sistema educacional escolar, tem papel fundamental no combate ou fortalecimento da amnésia cultural. Para o autor apesar do discurso de progresso e desenvolvimento social, financeiro e cultural, num sistema colonizado, a maior parte das crianças estão fora da escola, ficam pelas ruas e mesmo que alcancem o espaço escolar, o que lhes é repassado não retrata sua origem, sua família, seu povo (MEMMI, 2007).

O que lhes ensinam não é a sua verdadeira cultura, a de seus antepassados. Os livros não contam a sua história. Nessa realidade, não existe dialogicidade e a “transferência não se faz, nem da criança para o professor, nem (muito frequentemente, é preciso confessar) do professor para a criança; e isso a criança sente perfeitamente (MEMMI, 2007, p. 146)”. Neste sentido, em vez de integrar conhecimento científico e contexto familiar, a escola torna-se instrumento de dualidade (MEMMI, 2007).

No entanto, é possível ter outra perspectiva quanto aos processos de autoafirmação, para se tornar sujeito de existência. Segundo Memmi (2007, p. 176), é preciso agir, evitar hesitações, “lançar-se para frente”, pois o processo de autoafirmação começa nas palavras, “palavras de amor e ternura, da cólera e da indignação [...], Mais tarde o ensino, mais tarde as belas-letas e as ciências”, ou seja, é se refazer em unidade.

Estar em unidade não é o mesmo que estar em união, uma sala de aula, uma escola podem ter pessoas em união, uma ao lado do outra, mas unidade é o propósito comum, ação coletiva em prol de todos, para todos e com todos. Daí a necessidade de um currículo escolar de unidade pela, humanização, desmistificação, pela emancipação, transformação do cidadão comum em ser de existência.

Desse modo, uma vez “reconquistadas todas as suas dimensões, o ex-colonizado terá se tornado um homem como os outros. Ao sabor da fortuna dos homens, é claro; mas será enfim um homem livre. (MEMMI, 2007, p. 190)”.

Ser livre é ter consciência. Ter consciência é condição para se inserir socialmente, um ser inserido na sociedade consciente de si e de sua realidade evita fanatismos e possibilita a autoafirmação. Partindo de observações de situações concretas, Freire (1987) nos mostra que a sectarização (de direita) busca “domesticar”, ao passo que “o homem de esquerda, ao sectarizar-se, se equivoca totalmente na sua interpretação “dialética” da realidade, da história, deixando-se cair em posições fundamentalmente fatalistas (FREIRE, 1987, p. 24)”.

Segundo o autor enquanto “a sectarização é mítica, por isto alienante, a radicalização é crítica, por isto libertadora”. O homem radical de acordo com Freire está “comprometido com a libertação dos homens”, por isso ele enfrenta, ouve, quer o desvelamento do mundo, o encontro com o povo, o diálogo “que resulta o crescente saber de ambos” (FREIRE, 1987, p. 27).

Para Freire (1987), humanização e desumanização “são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão”. A desumanização, de acordo com o autor, não é apenas um condicionamento de quem tem sua humanidade roubada, mas é também um estado daquele que distorce a vocação do “ser mais”. A desumanização, mesmo sendo fato concreto historicossocial, não é um “destino dado”, resulta “de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos*” (FREIRE, 1987, p. 30 grifos do autor).

Desse modo, a luta contra a desumanização só terá sentido se ao buscar a recuperação da sua humanidade o oprimido não se tornar, nem se sentir idealisticamente opressor. Mas um restaurador da humanidade de ambos (FREIRE, 1987).

Neste sentido, evitar a reprodução de desumanização, de mistificação e de racismo infamantes no sistema escolar atual para se alcançar sujeitos de existência, requer colocar o sujeito educando como personagem principal e isto é possível, desde que haja novas atitudes, ações no sistema educacional escolar que se realizem de maneira horizontalizadas, dialógicas

e que levem à transformação do ser em estado de aprendizagem em sujeito protagonista de sua própria história.

Tornar-se sujeito de sua própria história é uma conquista árdua, especialmente, para as mulheres. Um caminho possível é a comunicação de gênero. O rádio tem sido uma plataforma de saber para o protagonismo feminino, dando às mulheres um lugar de fala, de liberdade à expressão do gênero. No entanto, em relação à presença masculina, a participação da mulher na mídia, inclusive no rádio, ainda é pouca. Dessa maneira, como está a participação da mulher na mídia brasileira? É possível despertar a questão de gênero por meio da comunicação? No programa escolar de rádio “Club Five”, houve um despertar para questão de gênero? Estes e outros questionamentos nos remetem à próxima seção.

1.7 Uma questão de gênero.

Iniciados nos anos de 1970, os estudos sobre a questão de gênero se intensificaram na década seguinte (1980) com o feminismo acadêmico. Começando por grupos de mulheres, seguidos por grupos feministas e de gênero, os estudos sobre esta categoria possibilitaram a elaboração de teorias, sendo estas, aplicadas nas mais diversas áreas, a exemplo, a de comunicação (TAVARES, et al, 2021).

Nos anos 70 o termo “mulher”, passou a ser criticado por não absorver a diversidade feminina colocando à margem as demais, fossem elas negra, pobre, lésbica, trans ou indígena. Desse modo a categoria “mulheres”, no plural, passou a ser utilizada. Já nos anos 1980, segundo as autoras, “o uso do termo ‘gênero’ se tornou consensual nas teorias e nos movimentos feministas (TAVARES, et al, 2021, p. 86)”.

Os debates perpassaram, primeiro, pela questão “mulher-humem”, depois “mulhres-mulheres e homens-homens”, até chegar a outras demandas como a questão dos LGBTs (TAVARES, et al, 2021 p. 86). Embasadas em (MATOS, 2008), as autoras afirmam que “a categoria gênero surgiu com o objetivo de distinguir e separar o sexo – no sentido biológico – do gênero – na dimensão histórica, social e política das relações (TAVARES, et al, 2021, p. 86)”.

Neste sentido, a que se diferenciar sexo de gênero, pois “o sexo diz respeito às diferenças biológicas entre homens e mulheres, nomeadamente ao nível dos órgãos reprodutores; o género(sic) é um termo de cunho cultural, que distingue socialmente o masculino e o feminino (LOUREIRO 2012, p. 10 tese)”. A mesma perspectiva de que o gênero é uma construção social, é apontado por Escosteguy e Messa (2008, p. 15, 19) ao afirmarem que “o gênero é uma construção social e cultural e está relacionado não só à

mulher, mas também ao homem (...)". Reis e Santos (2011), também sustentam que "é no ambiente social que o sujeito se faz homem e mulher".

A partir do trabalho de pesquisa bibliométrico em "633 artigos que assumem a junção entre Comunicação e Gênero" publicados em "70 revistas, classificadas com *Qualis* A1, A2, B1 e B2 na área da Comunicação e Informação, da Capes", Tavares, et al. (2021) mostram que ampliou-se os focos de estudos voltados à questão de gênero.

Considerado como a mais significativa pesquisa sobre igualdade de gênero, em notícias e jornalismo, o estudo do Global Media Monitoring Project (GMMP) 2020 fez um raio-x quanto a presença da mulher na mídia. Em sua 6ª edição, o relatório do GMMP/2020 revelou que a representação da mulher na mídia ainda é baixa e mesmo que tenha ocorrido um aumento, serão necessárias mais de seis décadas e meia (67 anos) para sanar a desigualdade de representação de gênero na mídia.

As mudanças observadas desde os últimos estudos mostram que as personagens femininas como fontes saltou de 1% para 25% nos últimos cinco anos. Ademais 40% das matérias foram protagonizadas por mulheres. A mulher enquanto fonte especializada subiu 7 pontos percentuais; no entanto, durante a pandemia o "protagonismo de personagens femininas sobre ciência e saúde caiu". Em sites e jornais as mulheres aparecem em porcentagem menor como especialistas (UOL: MEDIATALKS, 2021).

A participação da mulher atuando como repórteres em notícias veiculadas em rádio, internet e TV aumentou três pontos percentuais, depois de ficar estagnado por uma década. De 2005 até 2015 a presença feminina nas matérias da mídia tradicional era de 37%, o último resultado mostrou que de cada dez matérias veiculadas 4 foram relatadas por mulheres (UOL: MEDIATALKS, 2021).

Houve um aumento também de 7 pontos em 2020 em relação aos dados de 2015 quanto a participação da mulher como fonte especializada profissional consultada pela imprensa. Mas apesar deste aumento, quando o assunto era saúde e ciência, houve uma queda na representação da mulher como fonte especializada. Neste tópico o declínio da participação feminina como fonte especializada foi de 5 pontos, depois de uma ascendência constante entre 2000 e 2015 (UOL: MEDIATALKS, 2021).

Enquanto na média mundial, quanto à força de trabalho, as mulheres ocupam um percentual de 46%; segundo dados do relatório do GMMP 2020, elas representaram "27% dos especialistas em saúde que apareciam nas histórias de coronavírus". Outro ponto observado é quanto à participação das mulheres com idade entre 65 a 79, aqui também, as mulheres

tiveram menos participação, atingindo um índice de 3% em relação aos 15% dos homens (UOL: MEDIATALKS, 2021).

Na luta pela democratização da comunicação, as mulheres tem tido um papel fundamental na “comunicação de gênero”, um exemplo é a “Rede de Mulheres no Rádio, hoje Rede de Mulheres em Comunicação, que reúne comunicadoras de todo o país”. Outro marco na efetiva ação da mulher no exercício da comunicação de gênero é o “Programa de Gênero” restruturado na Rede de Mulheres, da Associação Mundial de Rádios Comunitárias – AMARC, cujo programa visa discutir pelas rádios comunitárias a perspectiva de gênero, de modo a apoiar as mulheres quanto a formação, trocando informações e experiências entre aquelas que participam da rede (AMARANTES, 2011, p. 4).

Lançado em 1993 pela Rádio Difusora AM 640 de Goiana, o programa “Palavra de Mulher” buscou dar “visibilidade às ações dos movimentos de mulheres e contribuir para esclarecer a população sobre os direitos humanos e femininos”, abordando temáticas de gênero, sendo um lugar de (re)afirmação de convicções e ideologia do gênero feminino. O programa levantava temas como “saúde, educação, comportamento, cidadania, direitos da mulher, violência, arte etc. e que são apresentados com um olhar crítico e esclarecedor”. Em 2002, a ação se multiplicou e um novo programa foi ao ar o “Voz da Mulher” pela Rádio Universitária de Goiânia (AMARANTE, 2011, p. 5)”

Em contra partida a mídia comercial na maioria das vezes explora o gênero feminino como produto para vender e consumir. As mulheres e suas lutas, na mídia privada, são pouco ou nada valorizadas, ao mesmo tempo em que se exploram suas belezas físicas apresentando-as como “objetos de consumo” (AMARANTE, 2011).

No que tange à participação de especialistas profissionais, a participação masculina é superior à presença feminina. Mas quando a relação é para produtos à venda e consumo, a coisa se inverte e a mulher aparece prioritariamente relacionada ao desejo e capaz de seduzir para o consumo. Seja por imagem ou na linguagem verbal, mesmo com toda diversidade étnica, o lugar da mulher na mídia é quase sempre para jovens, normalmente brancas insinuadas como brindes ao “feliz proprietário ou consumidor do produto anunciado, como nas propagandas de carro, de cerveja etc.” Fugindo à realidade da beleza natural feminina, normalmente se opta por expor jovens loiras, cabelos lisos, olhos claros numa espécie de ditadura da beleza da mulher que nada condiz com a realidade social do país, dada nossa mistura de raças e etnias. (MORENO, 2011, p. 11).

Introjetando na mente por meio do áudio, do vídeo, da imagem em movimento ou estática e pelo verbal, são implantados deste a mais tenra idade o ideal de consumo, padrões

de beleza e valores deturpados, o que impacta diretamente na subjetividade, de modo que o senso do parecer é maior que o ser. Por consequência tem-se problemas de autoestima baixa, anorexia, até suicídio. O país é vítima de sua própria produção imagética da mulher, muitas sofrem no exterior entendidas como receptivas sexuais. Essa “venda” do produto feminino também “estimula a imaginação e contribui para o turismo sexual” (MORENO, 2011, p. 12).

Para modificar esta hegemonia em relação à participação e apresentação da mulher na mídia, (mídia comercial, privada) os espaços escolares são campos de oportunidades para se trabalhar a questão de gênero por meio do rádio. Entretanto, muitas jovens participam de programas e/ou rádios escolares, mas sem perceber o que é “questão de gênero” (AMARANTE, 2011). Assim, há neste campo, um silenciamento simbólico, ao mesmo tempo que prevalece um apoio velado ao machismo.

1.8 Procedimento metodológico

A pesquisa, articulação sistemática de ideias e dados, advindos de observações, entrevistas, análises e avaliações; visa solucionar problemas das mais diversas áreas. Ela busca entender, descrever, explicar fenômenos e fatos. Cria e amplia teorias. Faz uso de diversos procedimentos e técnicas para a coleta, transcrição, análise, avaliação, armazenamento e publicação de dados e resultados. Para tanto, lança mão das tecnologias de informação e comunicação (ALMEIDA, 2011).

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa e método etnográfico com base na antropologia da ação; de finalidades exploratória e explicativa; tendo como procedimentos o aprofundamento bibliográfico, o estudo de campo por meio da observação e entrevistas.

A etnografia busca o relato verdadeiro e honesto, evitando generalizações e fundamenta as conclusões da pesquisa a partir de experiências concretas. Demonstra as “condições sob as quais foram feitas as observações e coletadas as informações”, de maneira que se possa distinguir de modo claro e objetivo “os resultados da observação direta e das declarações e interpretações” daqueles que participam da pesquisa, bem como as “inferências do autor”, de modo a deixar claro a familiaridade do “autor com os fatos que descreve” em que “condições obteve as informações” (MALINOWSKI, 2018).

Na etnografia, os pesquisados precisam estar em relação uns com os outros e “não escolhidos com base em critérios abstratos”. Caso isso ocorra, o que se terá será “entrevistas

ou observações ‘qualitativas’ e não uma *pesquisa etnográfica*” (BEAUD, 2014, p. 14 grifo do autor).

O etnógrafo é cronista de si mesmo, ao tempo que também é historiador. Devendo o pesquisador estar atento para o fato de que apesar de suas fontes estarem acessíveis podem ser enganosas e complexas por não estarem inseridas num contexto documental de materiais fixos, mas sim de “comportamento e à memória”. Assim, o etnógrafo percorre períodos laborais que vão desde o primeiro contato com as fontes de pesquisa, o local, até a fase final, quando escrever o trabalho, estabelecendo, narrando, esclarecendo e interpretando os resultados da pesquisa. (MALINOWSKI, 2018, p. 57, 58).

O termo: antropologia da ação (action anthropology), foi cunhado na “reunião anual da AAA (American Anthropological Association)” em 1951, e tenta “fazer a união de pesquisa com ação (TAX, 2019, p. 126)”. Tax (2019) faz a seguinte definição acerca da antropologia da ação:

uma atividade na qual o antropólogo tem dois objetivos equivalentes, nenhum dos quais é relegado para a posição inferior. Ele quer ajudar um grupo de pessoas para solucionar um problema, e quer aprender algo no processo. Ele se recusa a jamais pensar ou dizer que as pessoas envolvidas são, para eles (os antropólogos), meios para aprofundar seus conhecimentos; e se recusa a pensar ou dizer que está, simplesmente, aplicando a ciência para solucionar os problemas daquelas pessoas (TAX, 1952:103-6 apud, TAX, 2019, p. 117).

Segundo Tax (2019) no desenvolvimento do conhecimento científico teoria e prática crescem juntas. Neste sentido, conforme citado acima, o antropólogo da ação intervém no processo “quer ajudar”, e “aprender algo no processo”. Na antropologia da ação, as pessoas não são meios para um fim e a metodologia desta não é usada para simplesmente aplicar conhecimentos. Não se busca à aplicação de proposições gerais; na antropologia da ação o pesquisador está envolto “de conhecimentos novos, que precisam ser desenvolvidos [...] Ele é, e deve ser, um antropólogo teórico, não apenas na sua formação, mas também na prática (TAX, 2019, p. 118)”. Portanto, na antropologia da ação não existe um simples aplicar de conhecimentos a um problema social prático, o antropólogo/pesquisador ao fazer o seu trabalho cria conhecimentos. Para isso, ele se nega “à função simples de observador (TAX, 2019, p 119)”.

De acordo com Tax (2019), o primeiro valor a ser prezado na antropologia da ação é a verdade conforme a tradição da ciência e da pesquisa; o segundo, é a liberdade, em um programa de “sondagem, escuta, aprendizagem e cedências” evita-se a imposição de valores por parte do pesquisador, e, o terceiro valor é justamente “não resolver questões de valores (TAX, 2019, p. 121)”.

Para Tax (2019) a antropologia da ação é “para aprender coisas novas sobre as circunstâncias no contexto das mudanças atuais (TAX, 2019, p. 116)”. Neste sentido, as aprendizagens novas são circunstanciadas pelo contexto das mudanças e de resistências a elas. O observador não é um simples apreciador da paisagem, passivo das ações a sua volta, ele atua envolvido com os demais sujeitos.

O autor afirma que uma das características fundamentais de quem trabalha com a antropologia da ação é que se encontra em uma situação que poderia ser chamada de “método de estudo clínico ou experimental (TAX, 2019, p. 16)”, ou seja, não ser apenas um observador, mas também estar disposto “a fazer as coisas acontecerem, ou ajudar no andamento, ou, pelo menos, ser catalizadores”. De acordo com Tax, buscamos “aprender, e buscamos atuar com a maior precisão possível, e entender *porque* supomos que sabemos algo (TAX, 2019, p. 117 grifo do autor)”.

Essa mudança de comportamento na ação do pesquisador é uma tendência nas ciências sociais, em especial, na Antropologia cujo movimento de observar o familiar tem se consolidado cada vez mais. Existem três fases fundamentais nesse movimento: a primeira, é a “*teórico-intelectual*”, um divórcio entre pesquisador e o que será pesquisado; a segunda: o “*período prático*”, a “*antevéspera da pesquisa*”, o momento do planejamento, sobre o que levar para campo; e a terceira fase: “ou dimensão da pesquisa” que é a “*pessoal ou existencial*”, nela não se tem mais a divisão nítida entre as partes, há “uma certa visão do conjunto” que coroa todo os esforços anteriores do trabalho (DAMATTA, 2019, p. 24, 25).

Na terceira fase, o pesquisador está entre dois fogos: “a minha cultura e uma outra, o meu mundo e um outro (DAMATTA, 2019, p. 25)”. Segundo Da Matta (2019) a Antropologia Social, tem se preocupado em estabelecer rotinas de pesquisa, “o exercício do ofício na sua prática, mais imediata, do trabalho de campo (DAMATTA, 2019, p. 26)”. E explica que desse esforço nasceram alguns livros – na América e fora dela – ensinando a realizar melhor tais rotinas e, mesmo sendo antiga essa prática de mostrar o caminho, de acordo com DaMatta, elas deram frutos e continuarão dando, para o autor: “essas rotinas são como um mal necessário (DAMATTA, 2019, p. 26)”.

No entanto, DaMatta, busca “trazer à luz todo um “outro lado” desta mesma tradição”, para ele: “a Antropologia Social é uma disciplina da comutação e da mediação (DAMATTA, 2019, p. 27)”. E com isso afirma:

quero simplesmente dizer que talvez mais do que qualquer outra matéria devotada ao estudo do Homem, a Antropologia é aquela onde necessariamente se estabelece uma ponte entre dois universos (ou subuniversos) de significação, e tal ponte ou

mediação é realizada com um mínimo de aparato institucional ou de instrumentos de mediação (DAMATTA, 2019, p. 27).

A “ponte” entre os dois universos indicados acima por DaMatta, muitas vezes são transformadas em anedotas. De acordo com o autor: “um modo muito envergonhado de não assumir o lado humano e fenomenológico da disciplina, com um temor infantil de revelar o quanto vai de subjetivo nas pesquisas de campo (DAMATTA, 2019, p. 28)”. Para o autor há duas transformações da ação do pesquisador: “(a) *transformar o exótico no familiar* e/ou (b) *transformar o familiar em exótico*.” (DAMATTA, 2019, p. 28 grifo do autor). Para o autor, a “segunda transformação parece corresponder ao momento presente, quando a disciplina se volta para a nossa própria sociedade (DAMATTA, 2019, p. 29).” É no sentido da segunda transformação que caminha nosso trabalho, voltar-se para “nossa própria realidade [...] descobri-la em nós [...] na nossa prática” social, ou seja, estranhar o que é familiar (DAMATTA, 2019, p. 29). Afinal “a segunda transformação conduz igualmente a um encontro com o outro e ao estranhamento (DAMATTA, 2019, p. 30)”.

Para substanciar nossa argumentação acerca da observação do familiar recorreremos também a Velho, (2019). De acordo com este autor é tradição nas Ciências Sociais a premissa de uma distância mínima para que o investigador tenha “condições de objetividade em seu trabalho”, é preciso “ver” com olhar imparcial a realidade, “evitando envolvimento que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões”, no entanto, o próprio autor nos diz que uma das “decorrências deste raciocínio seria a valorização de métodos quantitativos que seriam “por natureza” mais neutros e científicos”. De acordo com o autor, a “Antropologia, embora sem exclusividade, tradicionalmente, identificou-se com os métodos de pesquisa ditos qualitativos.” Desse modo, são procedimentos da pesquisa nessa abordagem: a observação, a entrevista, “o contato direto, pessoal com o universo investigado”, marcas registradas da abordagem qualitativa (VELHO, 2019, p. 37,38).

É comum entre os praticantes da pesquisa em ciências sociais, especialmente na Antropologia, o fato de que “para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período razoavelmente longo, pois existem aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são explicitados (VELHO, 2019, p. 38)”. De acordo com o autor é difícil precisar e delimitar em termos de tempo, o necessário para se “captar vivências e experiências”; o importante é poder realizar “um mergulho em profundidade” de modo que se possa tentar “pôr-se no lugar do outro” e ao fazer isso, perceber que esse é um problema complexo e que envolve “questões de distância social e distância psicológica (VELHO, 2019, p. 38)”. O autor nos ajuda a entender que o “fato de

dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes” o que os aproximam são “preferência, gostos, idiossincrasias (VELHO, 2019, p. 39)”. Dessa maneira, mesmo sendo falantes de um mesmo idioma, e vivendo em um mesmo espaço geográfico, não exclui a existência de diferenças de interpretações a vocabulários, categorias ou expressões que num primeiro momento pareçam comuns. O autor em referência a DaMatta afirma:

O que sempre *vemos* e *encontramos* pode ser familiar, mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos* e *encontramos* pode ser exótico, mas, até certo ponto, *conhecido*. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente (VELHO, 2019, p. 41 grifo do autor).

Conforme, citado acima, podemos até estar familiarizado a partir do cotidiano, como com a fila da padaria, o encontro com as mesmas pessoas, seja vizinho da rua, companheiros de trabalho, da oficina de veículo, dos atendentes nas lojas, mas, “o meu conhecimento a respeito de suas vidas, hábitos, crenças, valores é altamente diferenciado (VELHO, 2019, p. 41)”. Numa sociedade complexa, o pesquisador pode ter “experiência de estranheza, não reconhecimento ou até choque cultural” que seriam comparáveis às viagens para sociedade “exóticas” (VELHO 2019).

Relembrando DaMatta, o autor comenta que não se alcança essa estranheza no cotidiano porque há uma hierarquização que provoca uma espécie de aceitação, familiaridade com a realidade. No entanto, é só familiaridade, “não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações, dando continuidade ao sistema.” (Velho, 2019, p. 42). Desse modo, o que antes era inviolável pela premissa preconceituosa de que o que é próximo pode contaminar a interpretação vem sendo quebrado. Afirma o autor:

A ciência social surge e se desenvolve nessa conjuntura, tendo toda uma dimensão iconoclasta voltada para o exame crítico e dessacralizador da sociedade. Os cientistas sociais, antropólogos, sociólogos, cientistas políticos etc. estão constantemente entrando em áreas antes invioláveis, levantando dúvidas, revendo premissas, questionando. (VELHO, 2019, p. 43)

A dimensão iconoclasta, ou seja, que evita o culto, a reverência, voltando-se sempre “para o exame crítico e dessacralizador da sociedade”, das ciências sociais, é que nos permite rever a premissa do inviolável e entender que aquilo que está presente e que nos é familiar, pode ser analisado, questionado, criticado.

Velho, (2019), nos aponta as dificuldades de se analisar o familiar:

Trata-se, afinal de contas, de uma tentativa de identificar mecanismos conscientes e inconscientes que sustentam e dão continuidade a determinadas relações e situações. Assim, volta-se a um ponto crítico. Não só o grau de familiaridade varia, não é igual a conhecimento, mas pode constituir-se em impedimento se não for relativizado e objeto de reflexão sistemática (VELHO, 2019, p. 43).

Portanto, Velho (2019) nos deixa claro, na citação acima, que a familiaridade tem graus diferentes e só não pode ser transformada em conhecimento “se não for relativizado e objeto de reflexão sistemática”, ou seja, pela lógica inversa, se sistematizada, a reflexão sobre aquilo que nos é familiar, poderá então, tornar-se conhecimento e ser utilizado para construção do mesmo.

Mesmo que as dificuldades sejam diferentes às daquelas que são estudadas em relação ao exótico, de acordo com Velho (2019, p. 47), “o antropólogo apresenta sua interpretação” sobre a sociedade, que pode ser não só complexa, mas também contemporânea.

Assim, ao estudar o que está próximo, a sua própria sociedade, o antropólogo expõe-se, com maior ou menor intensidade, a um confronto com outros especialistas, com leigos e até, em certos casos, com representantes dos universos que foram investigadores, que podem discordar das interpretações do investigador. [...] Parece-me que, nesse nível, o estudo do *familiar* oferece vantagens em termos de possibilidades de rever e enriquecer os resultados das pesquisas. [...] O processo de estranhar o *familiar* torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações (VELHO, 2019, p. 47 grifo do auto).

De acordo com a citação, estudar o próximo traz o benefício de poder confrontar com outros especialistas aquela realidade e até mesmo com os que foram investigados, que podem discordar da nossa interpretação sobre os fatos, dados e depoimentos, e isso é vantagem para o desenvolvimento da ciência uma vez que podemos rever nossos apontamentos e deixar os resultados mais ricos do ponto de vista de nossa interpretação. Velho (2019) nos diz ainda que o familiar:

é cada vez mais objeto relevante de investigação para uma Antropologia preocupada em perceber a mudança social não apenas ao nível das grandes transformações históricas, mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas (VELHO, 2019, p. 48).

Assim, de acordo com o estabelecido acima, podemos entender que o familiar é passível de análise crítica, sistematização, relativização para que dessa forma possamos gerar novos conhecimentos.

Travancas (2011), ao tratar sobre a ação do pesquisador no campo, traz uma série de exemplos de trabalhos de pesquisas acerca de observação do familiar, como trabalhos sobre “recepção de melodramas televisivos”, “casas de videogames” e “Jornal Nacional” (TRAVANCAS, 2011, p. 131), em todos esses trabalhos os pesquisadores buscaram entender

e interpretar aquilo que lhes era familiar. De acordo a autora, pertencer ao contexto do que está sendo estudado não significa ameaça ou problema. O que interessa é o que fazer a partir dessa consciência de que se pertence àquele contexto e quais vantagens se podem gerar dessa situação. Para Travancas (2011):

O antropólogo não determina verdades, não aponta equívocos, não pergunta porque as coisas não são diferentes. Ele ouve e procura entender quais são as verdades para aqueles “nativos”, quando e porque se enganam e muitas vezes se surpreende se perguntando porque as coisas na sua sociedade não são diferentes (TRAVANCAS, 2011, p. 131).

Neste sentido, em conformidade com a citação acima, segundo a autora, o que define a prática da ação em campo é o “processo de interpretação que pretende”, ou seja, a antropologia é uma “ciência interpretativa” que visa o significado dos fatos e atos no processo social. O que deve haver, é um compromisso profissional e ético, para se evitar que o pesquisador se torne uma espécie de “porta voz” tornando-se um “participante observante”. Para Travancas (2011), mesmo havendo espaço para subjetividade “é preciso cuidado para não tornar os dados coisas objetivas com vida própria independente dos atores sociais”, pois a “experiência pessoal e análise científica” são “amalgama que define bem a constituição do trabalho antropológico (TRANCAS, 2011. P. 129)”. Neste sentido, Travancas também concorda com o segundo movimento da antropologia “o deslocamento que o pesquisador tem de fazer dentro da sua própria sociedade procurando olhá-la com outros olhos, com olhos de um estrangeiro em busca de significados (TRANCAS, 2011. P. 130)”.

Desse modo, acredito que a experiência vivenciada enquanto era um “catalisador” no programa escolar de rádio “Club Five” como coordenador do programa, torna-se um potencial para a pesquisa. Isto se dá, uma vez que estamos em um período pandêmico cujo contato pessoal deve ser evitado. Dessa maneira em ato contínuo, a experiência vivenciada durante coordenação do programa tornou-se, catalisadora para pesquisa, haja vista o potencial para nos referenciar quanto àquilo que pôde ser observado, coletado e que foi analisado a partir dos dados coletados.

No entanto, conforme Chalmers (1993) a simples observação não gera ciência, ela deve estar fixada em teorias. De acordo com o autor, a observação “depende em parte de sua experiência passada, de seu conhecimento e de suas expectativas (CHALMERS 1993, p 47)”. Assim, acreditamos que a experiência passada como profissional da comunicação como repórter de rádio e televisão, a formação com graduação em Letras e pós-graduação em Ensino da Língua Portuguesa, a exercício da profissão de professor da educação básica, mais o conhecimento de teorias dominadas previamente, possibilitaram fazer um acompanhamento

mais objetivo à luz de teorias, em relação ao que foi vivenciado no acompanhamento da execução do programa “Club Five”. Isto não significou, portanto, que entendemos este vivenciar como etapa da pesquisa realizada antecipadamente, pelo contrário, ela se tornou fonte de inspiração para metodologia escolhida e para sistematização das proposições que se gerou a partir do exercício de estranhamento do familiar.

Indispensável a qualquer pesquisa para que as proposições fossem estruturadas em teorias, realizei o aprofundamento bibliográfico a partir da pesquisa em livros e artigos científicos. Os arquivos digitais foram alcançados com a busca em sites como “SciELO”, “Google Acadêmico”, “periódicos”, entre outros, por palavras chave como “rádio”, “educação”, “educomunicação”, “aprendizagem pelo rádio”, “radioescola”, “rádio escolar”, “comunicação de gênero”, o processo de seleção foi por leitura do resumo e/ou introdução.

Ampliando o estudo bibliográfico analisei: oito programas gravados à época por aplicativo de celular e/ou obtido junto as rádios; registros fotográficos; vídeos; jornal e revista locais com reportagem publicadas acerca do programa escolar de rádio “Club Five”. De acordo com Morin (2015), a busca pela verdade “deve levar em consideração todo conhecimento que se crê verdadeiro, toda pretensão ao conhecimento” uma vez que “o conhecimento do conhecimento depende de conhecimentos científicos múltiplos e dispersos” para que se possa alcançar a validade do “conhecimento do conhecimento (p. 32)”, ou seja, é pela dinamicidade de recursos e por meio de uma “rotação que se pode tentar realizar uma rearticulação/reorganização do saber, ele mesmo inseparável de um esforço fundamental de reflexão (idem)”.

O procedimento do estudo de campo com observação e entrevistas foi realizado em dois momentos: o primeiro, quando eu era o coordenador do programa escolar de rádio “Club Five” no período de 02/05/2015 a 19/11/2016, e atuei como um “catalisador” ao mesmo tempo que observava o grupo. Neste período, pude anotar, registrar em fotografia, vídeos: ações, comportamentos, interações intergrupais, com a escola, com os participantes do programa, etc..

O segundo, foi com as entrevistas em 2021/22. Devido ao momento pandêmico e a localização geográfica de duas entrevistadas, por estarem fora de Tefé e/ou do Estado do Amazonas, as entrevistas foram realizadas respectivamente com: Hanah Clara em 06/08/2021; Luiza Maria em 07/08/2021; Ingrid da Costa em 06/09/2021; Maria Luiza em 24/01/2022 e Bruna Citrini em 04/02/2022.

Esse espaço temporal entre as entrevistas deveu-se à necessidade de atender à disponibilidade das entrevistas e o período pandêmico. Três entrevistas acabaram por ser

realizadas em modalidade presencial, respeitando todos os protocolos de saúde conforme TCLE e duas via “Google Meet” em sala virtual, individual.

A pesquisa de campo, em especial a etnográfica, repousa sua cientificidade no examinar das “condições sociais, materiais e intelectuais nas quais é conduzida”, fazer pesquisa de campo é agarrar-se aos fatos, estar em discussão com os pesquisados, buscar compreender melhor indivíduos e processos sociais (BEAUD, 2014, p. 14, 15).

As entrevistas foram baseadas na perspectiva da história oral temática (MEIHY, 1998). Segundo Thompson (1992, p. 334) “a voz consegue, como nenhum outro meio, trazer o passado até o presente”; de acordo com o autor a “evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também *mais verdadeira* (THOMPSON, 1992, p. 137 grifo do autor)”.

Mas é preciso “desconfiar” dos roteiros de entrevistas. No primeiro momento ele traz a confiança e dá segurança para condução da entrevista, orienta o pesquisador, porém, manter-se preso nele, pode esterilizar a fecundidade da pesquisa (BEAUD, 2014).

Foram entrevistadas as cinco ex-integrantes do programa escolar de rádio “Club Five”. O critério de seleção foi ter participado como membro da equipe protagonista do programa. O critério de exclusão não se aplicou, já que todas eram participantes efetivas no programa. As entrevistas semiestruturadas e em profundidades tiveram duração de 1h30min à 3h00min de duração. Vale ressaltar que antes da criação do projeto de pesquisa, realizei entrevistas exploratórias com todas as ex-integrantes do programa “Club Five” para verificar a viabilidade do projeto. Estas entrevistas duram em média uma hora cada.

Para coleta de dados por meio das entrevistas, elaborei um roteiro com 14 questões. O roteiro foi dividido em três blocos de interesse, a fim de alcançar os objetivos da pesquisa. O primeiro bloco com três questões visou a conhecer aspectos socioeconômicos das entrevistadas. O segundo, com sete questões; referia-se diretamente a experiência das ex-integrantes no programa escolar de rádio “Club Five” e o último, com quatro questões, objetivou alcançar o entendimento quanto aos efeitos que os processos de aprendizagem desenvolvidos no “Club Five” têm no desenvolvimento intelectual, social e profissional das ex-integrantes do programa.

O verbo (ter) está no tempo presente por acreditar que se houve aprendizagens, estas reverberam e permanecerão com as sujeitas da pesquisa por toda a vida.

Bloco 1 – Objetivo: conhecer a realidade socioeconômica das entrevistadas.

1 – Você poderia se identificar com nome completo, idade, formação, profissão e ocupação atual?

2 – Quando você participou do programa escolar de rádio “Club Five”, qual era o seu contexto familiar em relação a quantos membros da família moravam com você, como era seu convívio com eles, a renda familiar e você recebia incentivo da família, para participar do programa?

3 – Como é a sua relação com a sua família agora que é adulta e como você participa dela, no contexto atual?

Bloco 2 – Objetivo: entender a experiência de participação no programa pela perspectiva das sujeitas da pesquisa, as ex-integrantes do programa.

4 – Por que criar o programa “Club Five”?

5 - Como você se definiria antes, durante e depois da participação no programa escolar de rádio “Club Five”?

6 - A que processos você atribui à maneira de como você era antes, durante e depois do programa?

7 - Como a participação no programa “Club Five”, contribuiu no seu desenvolvimento intelectual tanto para os estudos escolares à época, quanto à universidade, ou de modo geral?

8 – Como era a sua relação com o grupo do programa “Club Five”?

9 – Qual é a sua relação com as ex-integrantes nos dias atuais?

10 – O que você destacaria no programa “Club Five” que tenha contribuído para a escola e os demais estudantes?

3 – Bloco – Objetivo: alcançar o entendimento sobre quais efeitos os processos de aprendizagem desenvolvidos no programa escolar de rádio “Club Five” têm no desenvolvimento intelectual, social e profissional das ex-integrantes do programa.

11 – Quais aprendizagens você acredita ter adquirido a partir da participação no programa escolar de rádio “Club Five”?

12 – Quais relações existem da participação no programa escolar de rádio “Club Five” com a sua vivência social e atuação profissional?

13 – Como você avalia a participação do rádio no seu processo de aprendizagem escolar?

14 – Como você entende a participação dos meios de comunicação na sociedade?

(Elaborado pelo próprio autor)

Durante a qualificação em 24/09/2021, foi observado pela Dra. Inês Amarante, que a pesquisa chamava atenção para a questão de gênero na comunicação. Esta observação foi acompanhada pelos demais membros da banca: Dra. Ana Claudeíse e Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo (orientador). Concordando com a observação levantada pela banca. Realizei

uma nova rodada de perguntas via aplicativo de WhatSaap, com as cinco ex-integrantes do programa sobre a temática de gênero. Com as seguintes questões: Durante o “Club Five” vocês trabalharam a questão de gênero no programa? Quanto à participação de mulheres no programa, o convite era intencional para promover a representação da mulher no programa? Como você entende a participação da mulher nos meios de comunicação atualmente?

Com os resultados obtidos em cada entrevista buscamos demonstrar de que forma os resultados se assemelham ou diferenciam em relação aos efeitos que os processos de aprendizagem têm a partir da perspectiva de cada uma das ex-integrantes do programa “Club Five”. Esse procedimento possibilitou:

poder ir do dado bruto ou puro ao dado elaborado, via interpretação, análise e síntese, e, a partir disso, por uma constatação ou curiosidade, poder rapidamente aprofundar a investigação, eventualmente voltando à fonte e ao dado bruto como recurso mesmo de sustentação de argumento ou simplesmente de ilustração. (FREITAS, JANISSEK-MUNIZ, MOSCAROLA, 2005, p. 7)

Para se alcançar o aprofundamento investigativo citado acima, as entrevistas foram transcritas e analisadas de modo crítico e ético. Os instrumentos utilizados para coleta das entrevistas foram sala virtual individualizada pelo “Google Meet”, e por gravador de áudio em aplicativo de celular. Após a aprovação da pesquisa pelo CEP/UEA, sob o CAAE 44862621.7.0000.5016; o registro de consentimento livre e esclarecido foi obtido por áudio e/ou áudio e vídeo durante a coleta das entrevistas e pela assinatura do TCLE enviado por e-mail às sujeitas da pesquisa.

Com as narrativas obtidas nas entrevistas, procurei dar sentido social às experiências vividas sob as diferentes perspectivas das sujeitas da pesquisa, por meio da análise do discurso, pois em conformidade com os apontamentos de Tax (2019), o grupo de pessoas escolhidas, como colaboradoras neste trabalho, jamais será considerado meio para aprofundamento do conhecimento individual do pesquisador, pelo contrário são sujeitas no e do processo.

Segundo Orlandi (2020, p. 13) “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O Discurso é assim palavra em movimento”. De acordo com a autora, na análise de discurso, “procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (idem). Portanto, no entendimento da autora o trabalho de análise não se traduz em entender o sistema abstrato, mas este no mundo com suas significações no exercício da fala, levando-se em consideração “a produção de sentidos” seja para vida do falante como sujeito ou como membro na sociedade.

Na Análise do Discurso, língua e história se conjugam para produção de sentido, dessa maneira o sujeito é afetado pela sua história, portanto, sua manifestação linguística se realiza como um acontecimento histórico-linguístico (ORLANDI, 2020, p. 17). Para a autora, “a Análise do Discurso é herdeira das três regiões de conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo (p. 18)”, mas não de maneira subserviente, pois quanto à Linguística, esta é interrogada quanto a historicidade que por ela é deixada de lado; retruca o materialismo em favor do simbólico, e demarca-se da Psicanálise uma vez que ao considerar a historicidade tem na ideologia materialidade do inconsciente sem que se deixe absorver por ele (ORLANDI, 2020).

Segundo Ricoeur (2019):

O discurso tem uma estrutura própria, mas não é uma estrutura no sentido analítico do estruturalismo, isto é, como um poder combinatório baseado nas oposições prévias de unidades discretas. É, antes, uma estrutura no sentido sintético, isto é, como o entrelaçamento e o efeito recíproco das funções de identificação e predicação numa só e mesma frase (RICOEUR, 2020, p. 24).

Conforme citado, para Ricoeur (2019), a estrutura do discurso não deve ser analisada quanto a sua estrutura sistemática linguística, mas enquanto estrutura de sentido. Ainda de acordo com o autor, o discurso “é uma abstracção (sic) que depende do todo concreto que é a unidade dialéctica (sic) de evento e significação na frase (p. 24)”; neste sentido, “a noção de fala, enquanto acontecimento, fornece a chave para a transição de uma linguística do código para uma linguística da mensagem (idem)”. O que se quer compreender não é o ato de fala, mas a significação do evento, pois para o autor “toda apologia da fala como evento é significativa (idem, p. 25)”. Desse modo “*Se todo o discurso se actualiza (sic) como um evento, todo o discurso é compreendido como significação* (idem, grifo do autor)”.

Fairclough (2016) afirma que o “discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (p. 95)”. Para o autor, os eventos discursivos se realizam de maneira individual ou por quadros institucionais, variam de acordo com a estrutura e domínio social, ou seja, “o discurso é socialmente constitutivo”, desse modo, o discurso contribui nas dimensões sociais por meio de normas e convenções criando relações, identidades, instituições, objetos, sujeitos e conceitos (FAIRCLOUGH, 2016).

Para este autor a prática discursiva pode ser manifestada de maneira convencional reproduzindo assim a sociedade, emergida pelo manifesto do discurso revelando “(identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença)” e também contribui para sua transformação (FAIRCLOUGH, 2016, p. 96). “Uma vez que tenhamos em mente a

dependência que o sentido tem da interpretação, podemos usar ‘sentido’ tanto para os potenciais das formas como para os sentidos atribuídos na interpretação (FAIRCLOUGH, 2016, p. 107)”.

MAGALHÃES, MARTINS, RESENDE (2017) afirmam que:

Para entender os textos, escritos em papel, pedra, madeira ou na tela do computador, falados, gravados ou televisionados, é necessário relacioná-los ao contexto social específico em que as ações dos participantes e suas relações sociais têm significados que eles conhecem muito mais do que nós que os estudamos (MAGALHÃES, MARTINS, RESENDE, 2017, p. 33).

Isto nos revela, conforme citado, que o entendimento será possível por meio da relação do discurso com o contexto social. A análise é mais bem empregada se contextualizada, evitando à mera descrição de texto, pois de acordo com os autores, “os elementos textuais são entendidos como argumentos para uma interpretação da prática social” (MAGALHÃES, MARTINS, RESENDE 2017).

Neste processo de significação, a busca pelo contexto amplo considera os efeitos de sentido por meio do interdiscurso, ou seja, pela forma pré-construída, histórica que afeta o “como o sujeito significa uma situação discursiva dada”, ou seja, a “observação do interdiscurso nos permite (...) uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância” (ORLANDI, 2020, p. 30). Assim, o que se busca não é “a demonstração mas a mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos (idem, p. 61)”.

De acordo com Von Foerster, (1980, p. 17) apud Morin, (2015, p. 30) necessitamos “não somente de uma epistemologia dos sistemas observados, mas também de uma epistemologia dos sistemas observadores”, Morin nos esclarece que os “‘sistemas observadores’ são sistemas humanos que devem ser compreendidos e concebidos também como sujeitos”, dessa forma completa o autor, “o conhecimento do conhecimento deve enfrentar o paradoxo de um conhecimento que só é o seu próprio objeto porque emana de um sujeito (MORIN, 2015, p. 30)”.

Dessa maneira, a partir do contexto temático e do entrelaçamento conceitual por meio das teorias e fortuna crítica referenciadas neste primeiro capítulo, penso que é possível entender que há uma inter-relação direta entre rádio e educação. Ela se dá, uma vez que o rádio, em suas mais diversas modalidades, de maneira direta ou indireta, promove processos de aprendizagem e, isso, o torna uma plataforma de saber, de onde emergem conhecimentos e habilidades, capazes de causar efeitos no desenvolvimento intelectual, social e profissional de quem participa na práxis radiofônica, seja ela de

maneira profissional ou em contexto escolar. Desse modo, é possível afirmar que rádio e educação possuem uma simbiose quase perfeita.

Mas, afinal quais e como se desenvolveram os processos de aprendizagem no programa escolar de rádio “Club Five”? No próximo capítulo, apresento as respostas alcançadas, nesta pesquisa, para este questionamento.

2 UMA EXPERIÊNCIA EDUCOMUNICATIVA (Capítulo 2)

Figura 8 – Logo do programa escolar de rádio “Club Five”.



O vício do seu final de semana!

Fonte: Arquivo pessoal

2.1 O projeto “Comunicar para a Vida”

Após traçar o entendimento sobre a relação entre rádio e educação buscando apresentar as bases teóricas deste trabalho, justificar e esclarecer a metodologia de nossa pesquisa; agora, nossa jornada sobre a observação, segunda parte, começa com a descrição exploratória e explicativa da gênese do programa escolar de rádio “Club Five”: o projeto “Comunicar para a Vida”.

O projeto “Comunicar para a Vida” nasceu de um trabalho acadêmico no componente curricular: Sociologia da Comunicação, no Curso de Comunicação Social, realizado pelo jornalista, Valdivino Torres da Silva, no ano de 2009, na cidade de Manaus. À época, foi solicitado aos acadêmicos daquele componente curricular que elaborassem um projeto de comunicação. Para além de uma simples produção de trabalho acadêmico, o jornalista quis colocá-lo à prova. Ele apresentou o projeto para a gestão e o corpo docente de uma escola estadual, na capital amazonense e o projeto foi aceito. Passou a ser executado na escola, nas séries 7^a, 8^a e 9^a, três vezes por semana, nos dias de segundas, quartas e sextas-feiras com duas horas de duração para cada encontro com os estudantes (Valdivino Torres da Silva, entrevista, em 24/07/2020).

De acordo com o idealizador do projeto, o objetivo era atender aos alunos com dificuldade em se expressar: “o objetivo do projeto não era trabalhar com alunos que tivessem o dom para comunicação, mas sim aqueles que tinham dificuldade de comunicação (Valdivino Torres da Silva, entrevista, em 24/07/2020)”. Para participar os alunos passaram por um processo de seleção teórica e prática para identificar os alunos que tinham dificuldades de comunicação. Buscou-se verificar os alunos com dificuldades na escrita e na fala.

Foram trabalhadas as linguagens midiáticas do rádio, televisão e jornal impresso. Metodologicamente, trabalhou-se a escrita, gravação e registro audiovisual para despertar nos estudantes o interesse e a melhora da comunicação por meio destas linguagens, visando uma melhor participação na vida escolar, seja para apresentação de trabalhos ou ajudando nos eventos escolares com apresentação, registro e divulgação. O projeto, em Manaus, teve a duração de três meses.

Em 2013, quando o jornalista retornou à cidade de Tefé, procurou escolas onde pudesse desenvolver o projeto. Ao apresentar o projeto à Escola Estadual Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho, o projeto também foi aceito pela gestão que em contrapartida

ofereceu o espaço, caixa de som e microfones. O projeto, então, passou a ser executado no contraturno, no período da tarde.

Foto 1 – Apresentação do projeto “Comunicar para Vida” à escola.



Fonte: Arquivo pessoal em 15/02/2013

Acima, a foto 1, mostra o momento quanto o jornalista em 15/02/2013 apresentou o projeto aos alunos e professores no auditório da escola. Durante a apresentação, havia, no auditório, alunos das séries 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. O projeto realizado sem fins lucrativos, “não objetiva encontrar profissionais, mas melhorar a expressão dos alunos na escola e na sociedade, daí o nome “Comunicar para a Vida” (Valdivino Torres da Silva, entrevista, em 24/07/2020)”.

Foto 2 – 1ª formação do projeto Comunicar para Vida 2013



Fonte: Arquivo pessoal

No registro acima, foto 2, a primeira turma, em Tefé, formada pelo projeto “Comunicar para Vida” recebe o certificado de conclusão. Naquele ano, apenas uma turma com 16 alunos participou do projeto.

Em 2014 com o lançamento do programa Mais Cultura nas Escolas, do Governo Federal, o projeto foi inscrito e aprovado. Porém, por razões pessoais, o jornalista não pôde continuar coordenando o projeto e para que a escola não perdesse o recurso fui convidado para assumi-lo e aceitei.

Com a aprovação do projeto no programa do Governo Federal de Dilma Rousseff (PT), a escola passou a receber recursos para subsidiá-lo. Seguindo os parâmetros estabelecidos pelo idealizador no projeto, primeiro foi divulgada a reedição do projeto, em todas as salas e turmas da escola, nos dois turnos: matutino e vespertino, durante uma semana. Então fez-se uma seleção dos estudantes, mas, agora, o projeto iria atender a 70 (setenta) estudantes; divididos em duas turmas com 35 (trinta e cinco) estudantes cada, funcionando nos contraturnos manhã e tarde.

Foto 3 – Processo de seleção dos estudantes (texto)



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 4 – Processo de seleção dos estudantes (áudio)



Fonte: Arquivo pessoal

A foto 03 representa o teste no qual os estudantes escreveram um pequeno texto explicando por que gostariam de participar do projeto e por que deveriam ser selecionados. Era entregue a cada estudante um folha timbrada com nome do projeto, logo da escola e do projeto com a pergunta: Por que você gostaria de participar do projeto e por que deveria ser selecionado? Essas perguntas ajudavam a entender como o estudante se autorreconhecia e o que o levava a querer participar do projeto?

Houve várias respostas: “por curiosidade”, “medo de falar em público”, “quero melhorar a escrita”, “quero conhecer mais sobre os meios de comunicação”, “sonho de ser repórter”, “quero ser um comunicador(a)”, “para melhorar minha timidez” entre outros.

Ademais, o teste escrito ajudou a revelar habilidades ou não, na escrita. Como um dos objetivos era justamente atender estudantes com dificuldades, a técnica se mostrou eficaz.

Na foto 04, é demonstrado o teste de capacidade de expressão oral e o falar em público. Na foto, aparecem duas das ex-integrantes do futuro “Club Five” ainda na fase de seleção do projeto “Comunicar para a Vida”, naquele momento não se pensava na possibilidade de surgir um programa de rádio do projeto. Da esquerda para a direita, as alunas são Bruna Citrini, a segunda, e Luiza Maria, a terceira, ambas ocupam o centro da foto.

Nesse processo, primeiro os estudantes foram divididos em grupos, então eu fazia as mesmas perguntas do teste escrito e todos tinham que respondê-la: “Por que você gostaria de participar do projeto e por que deveria ser selecionado?” No entanto, no teste de áudio fiz um segundo exercício: eu pensava um tema, por exemplo, “evasão escolar”, “gravidez na adolescência”, “família” e lançava ao grupo que de improviso tinha que debater o tema na frente de todos os colegas do grupo e aos que estavam assistindo. Este teste revelou um grande número de alunos com nervosismo para falar em público, insegurança, timidez, dificuldades de articulação das ideias e da fala. Alguns travavam o raciocínio, não conseguiam falar, outros começavam, mas não desenvolviam as ideias, outros simplesmente fluíam com facilidade. Neste teste, ficou claro que, a maioria daqueles estudantes tinham dificuldade para falar em público. Encerrado o processo de seleção, 70 (setenta) estudantes iniciaram sua formação no projeto.

Os processos de aprendizagem, no projeto “Comunicar para a Vida”, se desenvolveram da seguinte forma: o projeto era realizado nos contraturnos, de manhã e à tarde, três vezes por semana com duas horas de duração para cada encontro. Foram desenvolvidos três módulos: Rádio, Jornal Impresso e Televisão. Por se tratar de uma pesquisa voltada ao uso da linguagem radiofônica optou-se para mencionar apenas o módulo, rádio, neste trabalho.

O primeiro módulo foi do rádio. Os estudantes receberam formação sobre introdução à comunicação com aulas sobre elementos da comunicação: emissor, receptor, código e mensagem; o porquê da comunicação; manipulação da imprensa; o discurso; ética; comunicação entre adolescente; processo de interatividades; história do rádio; emissoras de rádio locais; diferença entre AM e FM; o papel de uma rádio educativa; Rádio comunitária; Rádio Livre; Internet e Redes Sociais; Programa e público alvo; o roteiro de um programa de rádio; Jornalismo no rádio; linguagem radiofônica; vinhetas, spots, e trilhas. Bem como conhecimentos básicos sobre edição de áudio.

Foto 5 – aula prática de rádio



Fonte: Arquivo pessoal

Foto 6 – aula prática de rádio



Fonte: Arquivo pessoal

Nas fotos 5 e 6, observa-se os estudantes em uma aula prática de apresentação de programa de rádio, subsidiados com mídias impressas regionais, para apresentação de notícias e propagandas, bem como debates sobre os conteúdos extraídos destes meios para aprendizagem da leitura crítica dos mesmos. Os equipamentos como microfones, caixa de som, mesa de som, computador, eram da própria escola. Entretanto, com os recursos financeiros subsidiados pelo programa Mais Educação, foram comprados: cinco microfones, cabos, duas máquinas fotográficas profissionais, caixas de papel, camisetas; custeou-se o transporte para a parte prática de visita aos meios de comunicação e pesquisa de campo, entre outros.

Os processos de aprendizagem nesse módulo iniciavam com as aulas teóricas e então os estudantes passavam às aulas práticas. Os estudantes eram divididos em grupos e elaboravam um programa de rádio que deveria ter a duração de 10 (dez) a 15 (quinze) minutos. Eles escolhiam o nome, o tema e com uso de jornais locais faziam o layout de jornal e anúncio publicitário. Depois de elaborar o programa, os estudantes o apresentavam para os outros colegas do projeto. As apresentações eram feitas no auditório e pátio da escola. Os estudantes usavam uma mesa de som, microfones, caixa amplificadora, computador e/ou celular. Durante o programa, eles faziam debates, entrevistas, apresentações musicais, realizavam sorteios de prêmios, dicas de leitura, davam avisos sobre trabalhos e avaliações dos professores.

Quando das apresentações no pátio, a escola ficava agitada. Isso gerou alguns conflitos com outros professores, pois alguns estudantes “fugiam” da sala para assistir às apresentações. O projeto tinha total adesão da gestão, porém, mesmo com todo potencial para aprendizagem, alguns professores, por desconhecer o potencial da comunicação ou até mesmo por inércia de iniciativa construtivista, preferia ficar em sua “zona de conforto” e em vez de

participar e apoiar o projeto, chegavam a criticar a prática educativa, ou simplesmente não se importavam.

O que pude perceber, entretanto, enquanto fazia meus registros durante a observação do processo, sendo, portanto, um catalisador (TAX, 2019); foi que há interesse por parte da maioria dos estudantes quando se usa linguagem midiática como meio para o desenvolvimento da aprendizagem. Em contra partida, a maioria dos professores não está preparada para fazer uso desta linguagem e, isto, muitas vezes, provoca o não envolvimento por parte do corpo docente. Ora, qualquer componente curricular pode fazer uso da linguagem midiática no processo de aprendizagem, em especial da linguagem radiofônica. Daí que o interesse do professor também em aprender a aprender é fundamental e pode gerar processos de aprendizagem mais significativos para os estudantes, especialmente, quando os professores estão, todos, envolvidos nos projetos escolares.

Duas das deficiências nesse processo foram: a restrição das atividades atender apenas aos estudantes do projeto, haja vista que a escola não dispunha de uma radioescola e o projeto ser desenvolvido por tempo determinado com duração de seis meses. Com uma radioescola na escola, as atividades seriam desenvolvidas por tempo indeterminado e alcançaria mais alunos.

Foto 7 - Aula prática no pátio



Fonte: Arquivo pessoal em 07/10/2014

Foto 8 - Aula prática no pátio



Fonte: Arquivo pessoal em 09/10/2014

Foto 9 - aula prática no auditório



Fonte: Arquivo pessoal em 29/10/2014

As fotos 07, 08 e 09, mostram como os alunos estavam envolvidos e estimulados com a ação educativa, interagiam entre si, desenvolviam a linguagem verbal oral e a melhorava a cada apresentação, também pude perceber melhorias quanto ao respeito de um para com o outro e o senso de pertencimento. Cada estudante era responsável por uma parte do programa, podendo assumir mais de uma função. Todos eram convidados a falar. Eles eram quem definia o tema, os quadros, a funções. Podiam usar arquivos de jornais e revistas, livros e/ou criarem o seu próprio conteúdo. Um dos benefícios do uso da linguagem midiática do rádio observados foi quanto ao aprimoramento da escrita, autoestima e senso de responsabilidade.

De acordo com Freire (1996, p. 61) “Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber.” Para Soares, (2011, p. 55) “as práticas educomunicativas podem ser respostas efetivas para a necessidade de gerar espaços em que a juventude de fato se reconheça como agente transformador de sua realidade, a partir da escola.” Além das práticas na escola que buscou levar os alunos a si reconhecerem, sabendo que não há aprendizagem sem um contexto da realidade social do aluno, o projeto rompeu os muros da escola e os estudantes foram levados para conhecerem as emissoras de rádio e televisão locais.

Em excursões, os estudantes conheceram as três rádios locais e um estúdio de televisão. Na oportunidade, caminharam pelas dependências das emissoras e deram entrevistas, conheceram e conversaram com locutores. Na rádio Mel FM 101,7, conheceram o locutor Augusto Júnior e deram entrevista no programa “Pop Space Mix”.

Foto 10 - Visita ao estúdio da Rádio Mel Fm.



Fonte: Arquivo pessoal em 05/11/2014

Foto 11 - Entrevista na Rádio Mel FM.



Fonte: Arquivo pessoal em 05/11/2014

Quebrando o desencontro entre escola e linguagem midiática, colocando os estudantes em contato direto com seu contexto social midiático, a participação dando entrevista na

rádio, muitos pela primeira vez no interior de uma emissora, revelou-os como atores de sua própria história. Na foto de nº 10, os alunos conheceram o estúdio e alguns se preparam para dar entrevista. Na foto nº 11, os alunos concedem entrevista ao locutor Augusto Júnior, na oportunidade, falaram da participação no projeto “Comunicar para Vida” e de como as atividades influenciavam em suas atividades estudantis. A garota sentada é Luiza Maria uma das futuras integrantes do programa escolar de rádio “Club Five” em sua primeira entrevista em uma emissora de rádio.

Na Rádio Alternativa FM 91,7, conheceram o diretor e também participaram da programação ao vivo.

Foto 12 - Alunos em conversa com o diretor.



Fonte: Arquivo pessoal em 30/10/2014

Foto 13 - Alunos em frente à rádio Alternativa FM.



Fonte: Arquivo pessoal em 30/10/2014

Na foto nº 12, os alunos conversaram com o diretor da Rádio, aprenderam sobre a história da emissora e a programação da rádio. Durante a visita à rádio Alternativa FM, o locutor Alder Calmon que estava com o programa no ar, convidou os estudantes para participarem do programa e dar uma entrevista ao vivo. Os alunos Matheus e Ingrid (*futura integrante do “Club Five”*) aceitaram o convite e concederam entrevista enquanto os demais colegas os observavam. Durante a entrevista externaram sobre suas experiências no projeto “Comunicar para a Vida” e dos processos de aprendizagem a partir do contexto educacional:

Esse projeto ele tem nos motivado a cada dia. Ele nos incentiva a crescer a ler a estarmos cada dia aptos a fazer coisas diferentes, as apresentações os seminários e esse projeto é um projeto que tem nos ajudado a apresentar os trabalhos na sala de aula, nos laboratórios, auditório então é um motivo de alegria participar e estar nessa rádio aqui hoje. (Aluno Matheus em entrevista na rádio Alternativa FM ao locutor Alder Calmon no dia 30/10/2014)

Esse curso foi o melhor que me aconteceu esse ano, eu acho assim, pela questão de que eu quero muito trabalhar futuramente nessa área de comunicação como jornalista, repórter ou até locutora um dia e eu sentia muita falta, eu pensava assim que eu ia ter que sair da cidade para fazer um curso, estudar. Então, isso veio assim, era tudo que eu queria mesmo e esse curso me ajuda muito, porque ele não só ajuda em questão de comunicação, assim, só de falar, ele ajuda no nosso dia-a-dia, no nosso estudo, então ele é para vida inteira. (Aluna Ingrid da Costa em entrevista na rádio Alternativa FM ao locutor Alder Calmon no dia 30/10/2014)

Para Mateus, participar do projeto trouxe motivação, incentivo e despertou interesse pela leitura, a querer “fazer coisas diferentes”, ajudou no desenvolvimento intelectual, pois melhorou a apresentação de trabalhos e estar concedendo a entrevista fez se sentir, ser, ou seja, sujeito de existência. Para Ingrid, o projeto foi uma novidade bem vinda, pois já havia o interesse em atuar na área: “quero muito trabalhar futuramente nessa área de comunicação como jornalista, repórter ou até locutora”, mas a estudante não tinha perspectiva de contato com o meio midiático, isso mostra quanto a escola está distante da relação com a linguagem midiática (AMARANTE, 2012). Ingrid demonstra que não se tratava apenas de conhecer o meio ou ter letramento tecnológico, mas de atingir o contexto social: “ele (projeto) nos ajuda no nosso dia-a-dia”, de alcançar o desenvolvimento intelectual: “no nosso estudo” e na projeção para a vida “ele é para a vida inteira”, todas essas afirmações demonstram o potencial que o emprego da linguagem midiática tem nos processos de aprendizagem em um sistema educacional escolar.

Assumpção (2008) afirma que:

A interação do aluno com as linguagens das mídias impressa, eletrônica e multimídia pode integrar a cultura tecnológica no espaço educativo e desenvolver nos alunos habilidades para utilizar os instrumentos dessa cultura. Assim, é preciso deixar de lado o conteudista e trabalhar outras linguagens já que a escola de hoje não pode estar fechada para o mundo, para a realidade social e alheia ao contexto das mídias e multimídias (internet), as quais influenciam enormemente a realidade dos educandos. (ASSUMPÇÃO, 2008, p. 28)

Conforme o citado acima, o conteúdo é importante, a informação é importante, mas a linguagem que será utilizada para dialogar o conteúdo, enviar a informação não pode estar alheia ao contexto social midiático do estudante, pois com ou sem essa contextualização o processo de aprendizagem tem influência direta na realidade do educando. As consequências irão depender do modo como esse conteúdo será ministrado.

A terceira e última rádio a ser visitada foi a Rádio Educação Rural de Tefé. Na oportunidade, os alunos acompanharam a transmissão, ao vivo, do Jornal: Notícias da Manhã com a apresentação de Ronildo Carvalho (foto 14 à esquerda, abaixo). Puderam observar

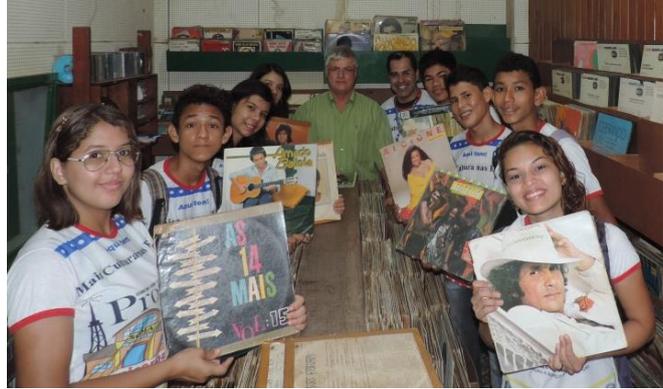
como se faz a abertura do jornal, as “chamadas” para cada reportagem, o modo de narrar, apresentar à notícia, os equipamentos, a operação, a veiculação da notícia entre outras coisas.

Foto 14 (esquerda) - Alunos acompanham a apresentação do jornal: Notícias da Manhã

Foto 15 (direita) - Alunos visitam o arquivo da discoteca da rádio.



Fonte: Arquivo pessoal em 06/11/2014



Fonte: Arquivo pessoal em 06/11/2014

Um dos momentos de destaque, desta visita, também foi quando os estudantes conheceram o arquivo da discoteca da rádio. Para muitos, foi a primeira vez que tocavam em um LP (foto nº 15 à direita, acima). O diretor da rádio explicou como era feita a programação da rádio na época, como se selecionava e veiculava as músicas. Mostrou os discos que eram utilizados pelo Movimento de Educação de Base para ministrar aulas na época do MEB, explicou como eram as aulas sobre higiene e corpo humano entre outros conteúdos. Foi uma visita de aproximadamente uma hora, percorrendo e conhecendo as dependências, arquivos e programação da rádio.

O projeto “Comunicar para a Vida”, em seguida, desenvolveu o módulo II – Jornal Impresso. Deste módulo foi criado o Jornal Comunicar para a Vida, com quatro tiragens de 400 (quatrocentas) unidades cada, totalizando 1200 unidades distribuídas nas escolas do município e entre alunos do projeto. No módulo III – desenvolveu-se a linguagem da Televisão. Os estudantes depois de receber a formação teórica, passaram à prática realizando pequenas filmagens, criando jornais sobre os eventos da escola. E como encerramento do módulo e do projeto fora criado um documentário sobre o Projeto Comunicar para Vida.

2.2 O rádio como plataforma de saberes.

Durante as atividades do projeto “Comunicar para a Vida” sobre linguagem midiática do rádio, cinco alunas: Bruna Citrini, Hannah Clara, Ingrid da Costa, Luiza Maria e Maria

Luiza, estudantes do ensino médio, no 2º ano, todas da mesma turma, com idades entre 15 e 16 anos cada, se uniram e criaram o programa escolar de rádio chamado “Club Five”.

A ideia de criar o programa nasceu logo após a visita às rádios. O diretor da Rádio Educação Rural de Tefé, durante a visita dos estudantes, ofereceu um espaço para os alunos que por ventura quisessem apresentar um programa. As estudantes acataram a oportunidade, tomaram a iniciativa e trouxeram a sugestão a mim que apoiei de imediato a iniciativa.

O programa foi idealizado em novembro de 2014. Depois de aceita a proposta das estudantes, foram realizadas algumas reuniões para definição do nome, funções, quadros etc. O nome escolhido foi proposto pela estudante Maria Luiza:

Então, nesse dia, a gente fez uma reunião na escola, a gente pegou, eu e as meninas nos juntamos, a gente ficou sentada um tempão pensando em vários e vários nomes, aí eu pensei, nós somos cinco pessoas... estamos aqui no clube... é o clube das cinco, até lembrei do filme também: “olha, gente, parece e tal...”, aí a gente pensou: “não vamos mudar o nome...”, aí pegou e ficou “Club Five” por conta disso, que a gente era um grupo de cinco pessoas, só que a gente só pegou e passou pro inglês... é prático... (MARIA LUIZA em 24/01/2022).

Questionada do por que não “Clube das cinco”, a sujeita da pesquisa disse ser apenas uma questão de sonoridade: “Porque ficou uma coisa mais diferente, mais “tchan!”, dava um impacto maior “Club Five”...” (risos). Ainda insisti sobre a influência da mídia: “Você acha que isso foi só sonoridade ou acredita que teve alguma influência, por exemplo da mídia?”, Maria Luiza afirmou que sim: “Da mídia, das músicas que a gente escutava e tudo...”.

Dois conceitos podem auxiliar a entender por que “Club Five” e não “Clube das cinco”. São: escritura e leitura: “escritura é o arquétipo do controle imposto pela Modernidade ocidental o lugar da produção e da ordem; a leitura é o espaço modelo do consumo e da criatividade solapada (MARKMAN, 2007, p. 44)”.

A leitura de consumo midiático de Maria Luiza a impede de ter consciência sobre o “controle” que é imposto diante daquilo que consumimos midiaticamente todos os dias. Assim, para ela, o nome em inglês, “dava um impacto maior”, na verdade, uma consequência de um contexto sociocultural que desprestigia a manifestações populares, mantendo na invisibilidade a cultura popular ante a indústria cultural e ao que se entende por cultura oficial. Desse modo o popular é entendido apenas como manifestação folclórica, de caráter tradicional, “nunca como práticas artísticas que devem ser consumidas habitualmente como parte importante da estrutura cultural de uma nação (MARKMAN, 2007, p. 44)”.

Depois de escolhido o nome o passo seguinte foi definir as funções que cada estudante iria assumir no programa. Debateram entre si, se observaram, identificaram suas características, habilidades, dificuldades, desejos e curiosidades. Partindo deste

autorreconhecimento e partilha, foram definidas as funções conforme o interesse de cada uma, sem interferência do professor. Eu atuei como mediador, sempre buscando ser um catalisador no processo. Ali já se trabalhou o processo de aprendizagem do despertar para autonomia, por meio da ação voluntária, solidária, participativa e de atitude. Segundo Freire (1996) ao possibilitar voltar sobre si, numa ação de reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua cede lugar à crítica.

Para o autor:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito por capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade de meu *eu* (FREIRE, 1996, p. 41 grifos do autor).

Depois de um tempo de deliberação ficou decidido que Bruna Citrini, Ingrid da Costa e Luíza Maria seriam as locutoras, Hannah Clara a operadora de áudio (DJ) e Maria Luíza a produtora do programa. Sem qualquer interferência do professor, as estudantes foram “capazes e responsáveis” (BALTAR, 2009) em se autoafirmarem para suas funções no programa.

Foto 16 - “Club Five” em ensaio



Fonte: Arquivo pessoal em 28/04/2015

Foto 17 - “Club Five” em ensaio



Fonte: Arquivo pessoal em 28/04/2015

Conforme se pode perceber nas fotos nº 16 e 17, as alunas produziam seu próprio material. Os papéis em cima da mesa, revelam uma autoria na produção do material, mesmo que ainda se tratasse de ensaio, já se construía uma autonomia por meio da ação do que, e para que fazer. Desenvolvia-se a escrita, o pensar, aprendia a aprender (CRUZ, 2020). O processo de construção do próprio programa requeria que o intelecto fosse trabalhado de

maneira coletiva e individual, proporcionando uma aprendizagem solidária e humanista (FREIRE, 1987).

Para Baltar (et al 2009), ao se construir uma mídia escolar, esta será mais bem apreendida se adequada a cada realidade da comunidade escolar e quando configurar “decorrência de atividades significativas de linguagem”. Neste sentido aqueles que se envolverem sejam eles os educandos, o professorado, pais ou demais funcionários, terão uma melhor desenvoltura no processo, desde que

possam agir como atores capazes e responsáveis, decidindo *como* e, sobretudo, *o que* querem comunicar: a pauta, os tipos de programas, o formato dos quadros, as trilhas sonoras, os gêneros de texto, as estratégias de locução, etc. (BALTAR et al 2009, p. 27)"

Conforme citado, quando se possibilita uma autonomia ao estudante no processo, este pode se sentir capaz e responsável e isso faz toda diferença em um processo de aprendizagem que vise o desenvolvimento intelectual, social e profissional do mesmo.

Definida a estrutura e funções, um esboço foi apresentado ao diretor da Rádio Educação Rural de Tefé que aceitou a ideia de imediato e deixou à disposição das estudantes um horário aos sábados, para que, quando quisessem, pudessem estrear.

A partir de então iniciou a fase dos ensaios. Os ensaios eram feitos no auditório da escola, na biblioteca, no laboratório de matemática, onde estivesse desocupado, o grupo usava o espaço para ensaiar. Os ensaios eram realizados todos os dias da semana, após o turno vespertino com cerca de uma hora e meia de duração cada. Foi feito um pedido de autorização aos pais para que as alunas pudessem ensaiar nesse horário uma vez que eram menores.

O construto do ensaio era um processo de aprendizagem. Bruna Citrini, Ingrid da Costa, Luiza Maria fazia a apresentação do programa, cada uma falava uma parte, o trabalho era coletivo. Hanah operava a mesa, escolhia as músicas, vinhetas, sons de cobertura e Maria Luiza cuidava da produção.

Interação era o processo. Nela, se estabelecia as tomadas de decisão sobre o que dizer; na escolha do conteúdo musical; assim como o, como dizer: entonação, velocidade, articulação frasal; qual conteúdo temático seria abordado. Todos esses eram processos de aprendizagem que transformavam o rádio em uma plataforma de saberes. Um espaço de descoberta sobre o mundo e sobre si, aprendizados.

Durante as entrevistas descobri que nesse período surgiu um dos processos de aprendizagem mais significativos de autoconfiança, autonomia e identidade que foi da sujeita da pesquisa Ingrid da Costa:

quando eu fui pro Gilberto, que eu vi essa questão... nossa, eu via o quanto que tinha um rombo imenso na minha realidade com as outras pessoas, eu lembro que eu chegava... que eu chegava pra fazer trabalho de aula de tarde, mas meninas marcavam o trabalho, e às vezes elas... eu lembro que antes de eu ir pra aula, eu tinha que acordar, já tinha que lavar louça, fazer um monte de coisa, ia pra aula... eu não tomava café porque eu não queria, nunca gostei muito de tomar café, sempre deixei pra comer na escola... e aí eu chegava na escola, chegava e tal e aí eu lembrava, quando dava uma e meia assim eu ficava: “caraca! Eu vou pra casa nesse sol imenso!”, aí eu ficava: “caraca! Eu vou ter que chegar em casa, eu vou ter que fazer meu almoço...”, eu com 14 anos, 15 anos: “tenho que fazer meu almoço! Caraca, eu ainda tenho que limpar a casa! Eu tenho que cuidar disso, tenho que cuidar daquilo, e tal... Caraca! E ainda tenho que voltar pra cá de novo nesse sol imenso!”, e tipo assim, era a minha rotina, entendeu? Aí eu chegava lá e meus amigas: “ai! Tu acredita que hoje (inaudível), hoje a minha empregada fez isso, isso e isso, aquelas comidas super caras, assim, as comida crua, é baratinho, besta!”, “aí eu cheguei, dormi, liguei o ar condicionado, que eu não aguentava, mana tava muito quente, não sei o que”, e eu ouvia assim: “oh! Oh, mana e é?” e aí: “ah, a minha internet não tá prestando...”, “ah! Tu viu mana a TV a cabo, isso, isso e aquilo...”, e eu ficava: “gente do céu, eita, porra...”, tipo assim, deu pra ver que tinha uma imensa... sei lá, uma diferença muito grande e na minha realidade com a deles, (Ingrid da Costa em 06/09/2021)

Ingrid da Costa descobriu sua realidade social, si reconheceu frente ao outro. Aos 14 anos já precisava ser responsável, tinha que cuidar de casa. Precisou decidir se participaria ou não do programa, na decisão pelo sim, tinha que enfrentar um sol imenso, para participar dos ensaios, ou seja, fez escolha, aprendeu a si ver ante a uma realidade e agiu.

Ao voltar-se sobre si mesma, pouco a pouco Ingrid da Costa começava a ganhar consciência sobre si. Resultado da inserção em seu mundo, captando as tarefas de seu tempo e começando a fazer-se crítica de si. Tornando-se criticamente consciente de sua realidade, começou a superar sua “alienação”. À medida que se integrava ao seu tempo e seu espaço criticamente, descobria-se inacabada (FREIRE,2020 p. 73, 74):

às vezes eu ficava um pouco na minha, sabe, exatamente pelo fato de eu me sentir um pouco, sei lá, na margem, isso e aquilo e toda aquela repreensão de quando eu era criança, então assim, eu olhava pra aquelas pessoas e eu via: “caraca, eu vou ser médico, advogado...”, “eu no máximo eu não sei, sou muito dada... “vou trabalhar em algum lugar, por aí, não sei o que...”, e é esse o meu pensamento, professor... sei lá, a vida me levou a pensar isso, sabe... e eu acho que a minha mãe ela era a única pessoa que era aquela que pegava no meu braço: “minha filha tá estudando, que vocês vão se formar!” (risos), “Estuda! Estuda!”, é porque é tudo assim, o estudo e estudo era tudo pra mim... e aí, mas eu super reprimindo e tal, mas meninas lá e eu lembro que quando era elas observar todas as meninas iam lanchar na frente, eu corria pro refeitório... eu era a única, e todo mundo falava: “por que que tu não anda junto com as meninas no intervalo?”, “claro, gente, eu tô no refeitório, eu tenho que comer!”, e as meninas lá comendo comida mais cara que tinha, e lá chegou um tempo que tipo... eu deixei isso meio, ficou de forma irrelevante, sabe, porque... nossa... [pausa]. (Ingrid da Costa em 06/09/2021)

Segundo Orlandi (2007) o silêncio é dotado de significado, “quanto mais falta, mais silêncio se instala, mais possibilidades de sentido se apresentam (p. 47)”, naquele momento, Ingrid da Costa fez um longo momento de reflexão. Essa ação de “pausar”, refletir, nos

pareceu um momento de autodescoberta, aprendizagem de si, consigo e para si em sociedade. Em seguida a sujeita da pesquisa trouxe uma reflexão sobre resistência:

aí eu fui criando laços, ainda fui resistindo muito, que eu era muito fechada, eu me abnegava, tá junto com as meninas, sei lá... porque, por causa dessas questões... (Ingrid da Costa em 06/09/2021).

Não ficou claro a qual resistência Ingrid se referiu, se sobre si, ou em relação às meninas. Mas fato é que precisou ter autoconfiança, autonomia sobre si para encarar sua realidade, um processo de aprendizagem que começou a revelar sua identidade:

as meninas sempre falavam: “por que que tu é assim, Ingrid?”, elas marcavam coisas: “ah, vamos comer... não sei aonde, vamos pra... não sei pra onde, fazer isso, isso e aquilo.. vamos comer pizza? Vamos pra casa...”, e eu ficava: “meu Deus, não tenho dinheiro nem pra pagar motoqueiro, eu não tenho dinheiro pra isso, eu vou ficar por aí dizendo que eu tenho...”, então, muita coisa eu me excluí, dizia que eu não queria, não sei o que, mas era por... nem roupa às vezes... “ah, vamo pra tal canto”, eu fiquei: “gente, eu não tenho roupa pra usar isso e tal, dizer que eu não vou e pronto!”, então, eu acabei ficando muito excluída, talvez elas nem saibam disso, vão saber talvez se o senhor colocar no trabalho e... (risos), (...) Eu percebo assim que pra eu conseguir as coisas, eu tenho que lutar um pouquinho mais, sabe, com relação a muita gente que eu conheço, porque... sei lá... minha realidade é diferente, minha história é diferente, minha base é diferente, então, sei lá, tentar estudar o dobro porque eu não tenho condições de estudar numa escola particular, eu tenho que trabalhar o dobro pra conseguir minha vaga, porque eu sei que se um dia, se eu perder meu trabalho... eu sinto a imensa falta que ia fazer na minha casa, não posso: falar “ai! Tô puta! Me demito!” (riso) (Ingrid da Costa em 06/09/2021).

Neste último trecho, podemos perceber dois momentos narrativos: o primeiro em terceira pessoa quando Ingrid ainda se exclui e projeta no pronome “Elas” um destaque de atuação das colegas; no entanto, na última parte, há uma mudança no discurso, da terceira para a primeira, em três ações de autoafirmação: “Eu percebo... eu conseguir... eu tenho que lutar...” essas mudança no emprego pronominal, me parece revelar um aprendizado significativo a construção de identidade que se auto revela, que desperta para uma realidade historicossocial.

Desse modo, acredito que durante os ensaios, o rádio se revelou como plataforma de saberes uma vez que os processos de aprendizagem imersos em ações concretas fazia emergir saberes de autonomia coletiva e individual, solidários, humanistas e de autoafirmação. Estes se caracterizam nos processos de discussões para escolha do tema, conteúdo, produção, participações etc.

Durante as discussões sobre a produção do programa era preciso ter autonomia, assumir-se (FREIRE, 1996), ao expor suas opiniões, as participantes se assumiam ante às colegas e ao se assumirem, geravam autonomia em si e para com as demais. A aprendizagem coletiva, horizontalizada gerava atitudes de autoafirmação, assim uma apoiando a outra em suas potencialidades e dificuldades tornavam-se humanas e humanizavam (FREIRE, 1987).

De modo concreto ao produzirem os textos para o programa, reportagens, mensagens, resumo de livros, receitas, dicas de beleza etc., ao mesmo tempo que desenvolviam a escrita, este exercício exigia leitura diversificada, era preciso pesquisar, adquirir vocabulário, respeitar umas às outras na hora da fala e ao ouvinte.

Percebi que agindo desse maneira o rádio não se encontrava mais no processo apenas como uma “ferramenta”, pois não se visava a desenvolver uma habilidade específica, pelo contrário, as habilidades emergiam como saberes imerso no meio. As alunas, pesquisavam, escreviam, testavam, corrigiam, produziam e objetivavam na prática aquilo que era subjetivado por elas antes da ação de apresentação do programa. Esse, processo de aprendizagem, se repetiu de novembro de 2014 a maio de 2015 e continuou depois da estreia até o término do programa, sempre evoluindo e melhorando as competências e habilidades das estudantes em um processos contínuo de emancipação.

Para se trabalhar o processo de aprendizagem da apresentação do programa, durante os ensaios, as estudantes usavam o computador, “notebook”, do professor coordenador, uma mesa de som, três microfones e o sistema de som do auditório da escola. Quando não dava para ensaiar no auditório, usavam uma caixa amplificadora e os demais equipamentos, computador e mesa de som.

Durante o processo de aprendizagem o professor não intervinha, era um catalisador, não aplicava conhecimentos, antes atuava como facilitador, ao mesmo tempo em que ensinava, aprendia com as estudantes (TAX, 2019). Ao me colocar como ouvinte e auxiliar nas proposições das protagonistas do programa, garantia-lhes o lugar de fala, ou seja, eram ouvidas (SPIVAK, 2010). A interação entre todos garantia aos envolvidos uma comunicação horizontalizada e humanizadora (FREIRE, 1987; MEMMI, 2007).

O “letramento tecnológico” não mecanizava as estudantes, pois não se aprendia apenas o que é, e/ou como se faz rádio; antes, ao mesmo tempo em que se buscava o aprendizado do como fazer, objetivava-se também o porquê, para quem e com quem ser feito. Um processo de aprendizagem com imersão no conhecimento já existente para emergir novos saberes e sabedoras, ou seja, seres de existência, cidadãs com consciência da realidade na qual viviam, com consciência crítica de si, sobre o mundo e, do que é, como é feito e o porquê de se trabalhar com o rádio.

Antes da estreia, as alunas divulgaram, nas escolas e outras instituições, o novo programa que entraria no ar na rádio local. O objetivo era divulgar o programa e colocar o espaço à disposição para que pudessem utilizá-lo. Assim, conseguiram uma série de “fontes” de conteúdos para serem divulgados/apresentados no programa.

Essa ação exigiu das estudantes, atitude; assumir-se, acreditar. Atitude porque era preciso “sair da caixinha”, enfrentar a timidez, falar com pessoas estranhas, se apresentar como grupo com possibilidades e credibilidade, capaz de ajudar. Assumir-se pois, precisavam contribuir com as colegas, fazer parte, pertencer. Acreditar, uma vez que precisavam convencer de que tinham algo de bom para apresentar e tinham competência para noticiar fatos e feitos daquela instituição.

Dois dias antes da estreia, as estudantes realizaram a pré-estreia do programa com uma apresentação para o colégio no auditório da escola.

Fotos: 18, 19, 20 (esquerda para direita) Pré-estreia do programa escolar de rádio “Club Five”.



Fonte: Arquivo pessoal em 29/04/2015

A montagem das fotos, acima, mostra da esquerda para a direita, na primeira foto (18) as cinco estudantes e eu (coordenador), a segunda (19) em primeiro plano a “DJ” Hanah Clara operando a mesa de som e o programa de rádio durante a apresentação e a terceira foto (20), em plano geral, revela o auditório lotado para acompanhar a apresentação das estudantes.

Neste dia, as estudantes apresentaram um programa completo, revelaram à comunidade escolar o nome do programa, das participantes, funções, vinhetas, quadros. Nessa apresentação, contaram com a participação de alunos apresentando livro, poesia, fizeram entrevista com a diretora e realizaram sorteios de brindes.

Bruna Citrini comentou como foi participar desse momento:

Na noite anterior daquele programa que a gente iria apresentar, eu tive uma crise de choro, eu chorava horrores, (voz enfática) eu não queria apresentar na frente de todo mundo, porque era um auditório lotado, devia ter umas 150 (cento e cinquenta) pessoas, não... eu admito que eu não me lembro a capacidade do auditório. Mas, aí é muita gente, e... e eu estava muito nervosa, porque eram meus amigos, eram pessoas da escola que eu via todo dia e... e...(risos) agora eu ia falar na frente de todo mundo no microfone assim... (voz embargada, olhar reflexivo, olho lacrimejado, expressão de saudade) eu sempre fui comunicativa, eu nunca tive problema com isso. Mas com grandes multidões te olhando e te avaliando.... Eu fiquei com muito medo (voz trêmula, choro), eu fiquei com muito medo mesmo. Mas se não fosse por aquilo, eu não teria o empurrão que... que eu acho que me ajuda tanto hoje em dia (Bruna Citrini em 24/04/2019).

Descobrir este estado de emoção, citado acima, por Bruna Citrini, foi significativo para mim, pois nunca imaginei que algo desse tipo tivesse acontecido com as estudantes. Ao

descobrir seu estado de emoção, à véspera da apresentação e as consequências da ação realizada com as alunas, mostra-nos porque a escola pode e deve trabalhar com a mídia na escola, pois trabalhando com recursos midiáticos, conforme expressa o relato da estudante, haverá resultados no seu processo de aprendizagem, cujos efeitos podem refletir no viver em sociedade. Desse modo, ao se trabalhar com recursos midiáticos, em especial o rádio, na escola, apesar do nervosismo antes da ação, deu a ela o impulso que precisava para avançar: “se não fosse por aquilo eu não teria o empurrão que... que eu acho que me ajuda tanto hoje em dia”, ou seja, apesar do medo inicial de se expressar diante de seus pares, de se colocar a prova; através daquela ação, o aprendizado pelo rádio, a acompanha e contribui na sua vivência até os dias atuais.

2.3 “Club Five”: O vício do seu final de semana!

O programa “Club Five” estreou no dia 02 de maio de 2015, na Rádio Educação Rural de Tefé, à época, ainda em modulação de Amplitude Modulada ou AM. O programa foi ao ar das 18h00min às 19h00min e a partir dessa data, todos os sábados até o encerramento em 19/11/2016. O período específico de duração se deu devido às integrantes do programa serem estudantes concluintes do Ensino Médio, terminado o terceiro ano, não continuaram mais na escola, ademais, Bruna Citrini, Luiza Maria e Maria Luiza deixaram de morar em Tefé indo para outras cidades e estados.

Foto 21 – Apresentação do programa “Club Five”, na Rádio Educação Rural de Tefé.



Fonte: Arquivo pessoal

No programa, as estudantes ocupavam as seguintes funções: Maria Luiza era a produtora, Hanah Clara a operadora de áudio (DJ), e Luiza Maria, Bruna Citrini e Ingrid da Costa, as locutoras. O programa começava com a seguinte abertura:

Atenção rede pop, dentro de três segundos, você estará conectado com a maior sequência de música das pistas do planeta, Club Five, Club Five (com efeitos). O maior mix da atualidade. Com a ousadia da Luíza Maria, o humor da Ingrid da Costa e o carisma da Bruna Citrini, com a super produção de Hannah Clara e Maria Luiza pela Rádio Educação Rural de Tefé, curta, vicie, comente e compartilhe a melhor sensação e o maior show de música e entretenimento, ao vivo, pela Rádio Educação Rural de Tefé “Club Five” está no ar. (Abertura do programa “Club Five”)

Conforme se pode observar na citação, o programa era apresentado ao vivo. Não havia gravação nem edição. A apresentação ao vivo levou as protagonistas a se apropriarem da linguagem midiática, haja vista que não havia possibilidade de um refazer, era preciso dominar a linguagem do rádio, para poder conseguir desenvolver as atividades. Isso aumentou a responsabilidade, aprendizagem adquirida a partir do processo de decidir sobre o que, como e por que falar, para quem e com quem se comunicar.

A abertura como as vinhetas de transição e de cobertura foram produzidas por uma produtora profissional. Como se tratava de um programa escolar em uma rádio profissional, optou-se por uma produção profissional uma vez que a escola não possuía uma rádio escolar nem equipamentos adequados para que as próprias estudantes realizassem a gravação e edição desse material para o programa. Apesar de não ser uma exigência da direção da rádio de que as vinhetas fossem profissionais, isso também não descaracterizou a modalidade estudantil do programa, pelo contrário, chamou mais atenção, pois já na abertura prendia a atenção do ouvinte e apresentava o programa com certa igualdade de qualidade em relação aos outros programas da rádio, mesmo que fosse apresentado por jovens estudantes não profissionais.

Neste ponto, observei que a pesquisa apresentou uma incompletude, pois não pude trabalhar a recepção dos ouvintes quanto ao programa, apesar da grande audiência alcançada, por questão de tempo e momento pandêmico vivenciado durante a pesquisa. No entanto, essa incompletude abre novas possibilidades para se ampliar a pesquisa.

O programa era estruturado em quatro quadros principais: no primeiro, com de 15 minutos, as estudantes apresentavam o tema do dia, atendia os pedidos musicais feitos pelos colegas na escola ou por mensagem de telefone antes e/ou durante o programa. O segundo quadro apresentava os aniversariantes da semana, mandava-se alô e atendia pedidos musicais. O terceiro quadro, era o “A escola na rádio”, neste período do programa, as estudantes entrevistavam professores, alunos, divulgavam os projetos que eram desenvolvidos na escola em que estudavam e das demais escolas, tanto das redes estadual, municipal ou particulares; recebiam cantores, bandas escolares entre outros. O quarto quadro era o da “agenda cultural” neste as estudantes divulgavam os eventos escolares e a programação da cidade em geral. Mais uma vez, o rádio se revelou como uma plataforma de saber, porque nas

várias possibilidades de ação ao entrevistar, divulgar, explicar, expor opiniões; as estudantes imergiam em saberes e emergiam sabedoras cujo conhecimento plasmado na linguagem radiofônica, elevou o intelecto das estudantes, inseriu-as socialmente e contribuiu no despertar profissional.

A programação era decidida e definida pelas próprias estudantes. Não havia intervenção externa, da gestão escolar ou do professor coordenador. Estes atuavam apenas como facilitadores e se necessário para questão de legislação, mas quanto a esta última nunca houve necessidade de intervenção.

A Rádio Educação Rural de Tefé, na época em que o programa “Club Five” foi ao ar, tinha um alcance, na modulação AM, de 22 (vinte e dois) municípios. Apesar da área de cobertura, havia pouca participação dos ouvintes ao vivo, especialmente nos primeiros programas. Isso com o tempo trouxe certo desânimo ao grupo. No entanto, o alcance da rádio era fator motivacional.

Um dos pontos de comprovação da apropriação da linguagem midiática foi quando no 5º (quinto) programa, no dia 30/05/2015, quando o computador da emissora deu pane minutos antes de o programa entrar no ar. O operador oficial da rádio perguntou se queriam cancelar o programa e as estudantes não aceitaram. Perguntaram se dava para apresentar o programa mesmo que não pudesse veicular músicas, o operador respondeu que sim, que os microfones estavam funcionando, mas não seria possível veicular músicas, vinhetas nenhum tipo de áudio gravado.

Neste dia, as estudantes se mostraram responsáveis e capazes (BALTAR, 2009), o programa tinha bastante conteúdo com indicação literária, entrevista com professor e música ao vivo. Elas conversaram com o jovem que iria se apresentar cantando, explicaram que ele teria mais tempo e se poderia cantar ao vivo durante toda a programação. O cantor aceitou. As estudantes, demonstraram atitude, autonomia, senso de pertencimento e resolveram o problema.

Mesmo sem a vinheta de abertura e sem a possibilidade de veicular músicas, as estudantes entraram no ar. Fizeram a abertura e apresentaram o conteúdo, mantiveram todos os quadros preenchidos como se não tivesse problema algum. Neste dia a impressão que tive foi de que, mesmo com tão pouco tempo de programa no ar e atuação no rádio, as estudantes já haviam dominado a linguagem midiática do rádio, alcançaram senso de responsabilidade, tornaram-se capazes e responsáveis, aprenderam e apreenderam e, em uma ação concreta, aplicaram o que haviam aprendido, sendo capazes de transformar a realidade e resolver problemas (FREIRE, 1987).

Assim, o “Club Five” evoluía a cada apresentação. Seis meses e meio depois, o programa conquistou espaço em outra rádio, agora, na Rádio Alternativa FM 91,7 e, no dia 15 de novembro de 2015 o programa “Club Five” estreou na programação de uma rádio profissional FM, a Rádio Alternativa FM – 91,7.

Foto 22 - Estreia do programa “Club Five” na Rádio Alternativa FM.



Fonte: Arquivo pessoal em 15 /11/2015 - Da esquerda para a direita, vemos Marcelo Nascimento aluno da escola CEGM, o qual foi ao programa para apresentar poesias autorais, em seguida temos Maria Luiza (produtora), Ingrid da Costa (locutora), Luiza Maria (locutora), Bruna Citrini (locutora) e Hanah Clara (DJ).

Nessa rádio, os programas eram todos apresentados exclusivamente por homens. Uma conquista, portanto, das estudantes, haja vista que quebraram parte da hegemonia masculina nas rádios locais à época. Romperam com um silenciamento velado existente.

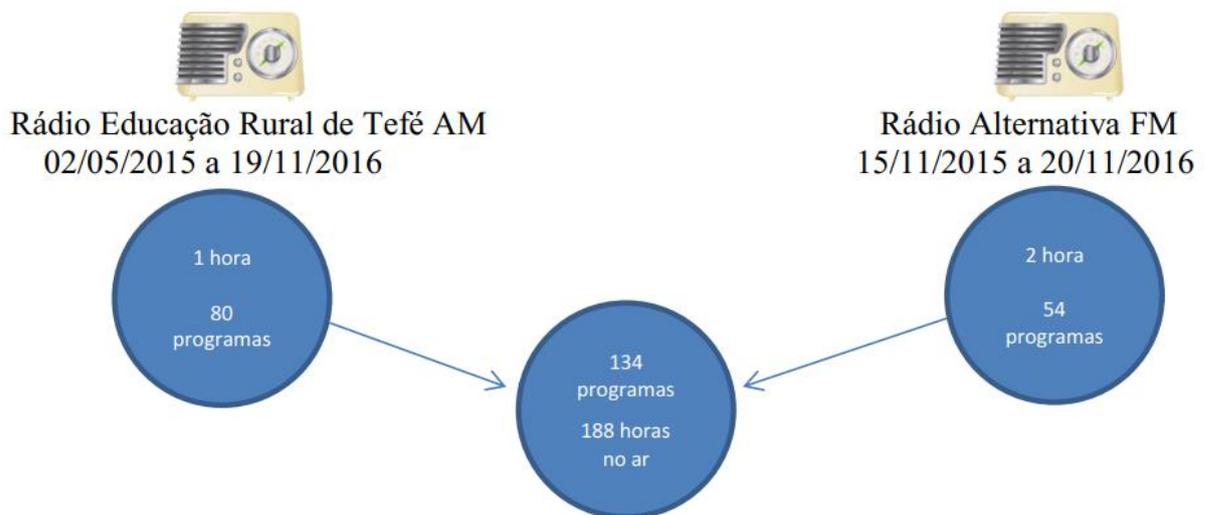
Na Rádio Alternativa FM, o programa ia ao ar, aos domingos, das 12h00min às 14h00min; portanto, com duas horas de duração, uma hora a mais que na Rádio Rural. Isto significou que a partir daquela data 15/11/2015, o programa “Club Five” passou a ficar três horas no ar, nos finais de semana. Um programa escolar de rádio que rompeu os muros da escola, ocupou espaço em duas rádios profissionais sem qualquer ônus para a escola, estudantes ou professores em relação a valor financeiro.

O espaço na rádio FM, foi alcançado depois que o professor coordenador do programa, retornou a rádio e apresentou trecho do programa que já estava sendo veiculado na rádio AM, como não havia voz feminina na rádio e o diretor gostou do desempenho das estudantes, prometeu conseguir um horário que estava disponível.

Depois de ouvir novamente parte da apresentação das estudantes tomou a decisão e resolveu garantir uma hora a mais para o programa. Em entrevista ao programa o diretor chegou a afirmar que presença das estudantes teria sido uma das melhores coisas que aconteceu na rádio naquele ano: “Foi uma das melhores coisas que aconteceram na rádio este ano, a chegada das meninas do “Club Five”; trouxe vida para rádio e acrescentou o que faltava: a voz feminina” (Marcos Nascimento, em entrevista ao programa Club Five em 27/12/2015, caderno de anotações).

O programa seguiu o mesmo modelo do que já havia sido estruturado na emissora anterior somente ampliando o tempo dos quadros. Se antes o tempo era de 15 minutos para cada quadro, agora, passaria a ser de meia hora. O programa “Club Five” na Rádio Alternativa FM ficou no ar de 15/11/2015 a 20/11/2016.

Figura 9 – Horas no ar e programas veiculados.



Fonte: elaborado pelo próprio autor

Os cento e trinta e quatro programas com total de cento e oitenta e oito horas no ar, apresentados acima, confirmam a apropriação da linguagem midiática e a realização de uma comunicação de gênero por parte das estudantes. Bem como o potencial desse construto

comunicacional, tanto para o município servindo de exemplo, assim como pode corresponder a vários outros do mesmo modelo no país a fora.

O encerramento das atividades do programa só aconteceu porque as estudantes encerraram o Ensino Médio e como a perspectiva era de que parte da equipe iria fazer faculdade fora da cidade de Tefé, decidiu-se com o coordenador pelo encerramento das atividades com aquele grupo inclusive com o uso do nome “Club Five”.

Ainda durante a realização do programa “Club Five”, Luiza Maria (locutora) foi convidada para ser estagiária e passou, depois, à função de repórter da “TV Em Tempo” (SBT Amazonas) em Tefé, atuou na empresa de 16/07/2015 a 21/02/2017. A estudante Bruna Citrini, conseguiu um horário na Rádio Mel FM e estreou o programa “Primeira Parada” permanecendo alguns meses no ar. Terminadas as atividades do “Club Five”, Hanah Clara e Ingrid da Costa foram convidadas e assumiram funções de estagiárias na Rádio Educação Rural de Tefé. Estas últimas são funcionárias da rádio com carteira assinada atualmente. Todas as estudantes avançaram nos estudos e ingressaram na universidade.

Depois do “Club Five”, o trabalho com a rádio teve continuidade na escola. Uma nova equipe foi formada, agora, com o nome “Megateen”. O neologismo era uma referência ao número de participantes que saltou de 5 para 8 meninas e ao ter em inglês para adolescentes: “teen”.

Foto 23 – Cartaz de divulgação do programa “Megateen”.



Esse novo grupo ficou no ar por todo ano de 2017. Um terrível golpe recaiu sobre toda escola quando a estudante Karynne Viana faleceu de câncer, a quem rendemos nossa homenagem e dedicamos este trabalho em memória.

Em 2018 eu mudei de escola. Saí da escola Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho e fui trabalhar na Escola Estadual Deputado Armando de Souza Mendes, assim, as atividades na escola em que atuava foram encerradas, nenhum outro professor deu sequência no trabalho.

Na nova escola formei um novo grupo com 5 estudantes novamente, agora denominado “Harmony”, mais um nome em inglês. Este trabalho de pesquisa de mestrado mostrou a mim o quanto realmente somos influenciados pela mídia, só agora, percebo o quanto deveríamos ter trabalhado por adoção de um nome em português. A aceitação passiva dessa “imposição cultural” deve ser pensada por quem trabalha na formação estudantil. Ao fazer uma autorreflexão, também me descubro e aprendo com a pesquisa.

O novo grupo, durou apenas cerca de 6 meses. Este limite de tempo, com encerramento das atividades em relação a esse grupo, se deu, porque eu fui aprovado no processo de seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGHICH, da Universidade do Estado do Amazonas - UEA em 2019, com acesso em 2020. Devido ao curso de mestrado, não foi possível conciliar os trabalhos escolares do projeto de comunicação: “Harmony”, o que nos obrigou a suspender os trabalhos com o projeto de comunicação. Ademais surgiu a pandemia do Covid-19 e, por isso, os trabalhos foram suspensos momentaneamente, os quais vou retomar uma vez que conclui o mestrado.

A criação e realização do programa escolar de rádio “Club Five” tem relação direta com a comunicação e a questão de gênero na comunicação em Tefé (AM). No ano de 2015 e 2016, recorte temporal desta pesquisa, excetuando os programas “Club Five” e um outro programa religioso evangélico, nas rádios locais, o quadro de profissionais locutores era composto 100% (cem por cento) por vozes masculinas. No cargo de chefia, a direção também não era diferente, em todas as emissoras a direção era ocupada 100% (cem por cento) por homens. Às mulheres eram dispostas as funções de secretária e auxiliar de limpeza (Pesquisa de campo, em 20/01/2022).

A disparidade da participação da mulher nas rádios locais, não teve grandes mudanças, até os dias atuais. Hoje em dia, há apenas 03 (três) vozes femininas fazendo locução no município. Ingrid da Costa e Hanah Clara, frutos do programa “Club Five”, um “ponto de mutação” na comunicação de gênero em Tefé (AM) e mais uma outra jovem na cidade.

Nos dias atuais, Ingrid da Costa apresenta o programa “Mix 93” na Rádio Educação Rural de Tefé, 93,7, FM. É um programa diário, das 13:00h às 14:00h horas, de segunda a sexta-feira, onde aborda notícias, entretenimento, tecnologia, cultura, feminismo, questão de gênero etc. Por meio da comunicação de gênero, a sujeita da pesquisa se faz presente na sociedade tefeense, representa as mulheres, se consolida como comunicadora neste mundo tão dispare e se impõe enquanto mulher, ela também é produtora e apresenta um jornal local. Hanah Clara é produtora e apresentadora de outro jornal matutino o “Notícias da Manhã” pela Rádio Educação Rural de Tefé onde compartilha a apresentação com outro locutor. As rádios locais ainda contribuem para a permanência da disparidade entre homem e mulher no campo da comunicação. Falta mais comunicadoras no município.

O porquê desta disparidade da participação da mulher nas rádios locais, não pôde ser respondida, neste trabalho, devido ao tempo e ao momento pandêmico que impediu muitas outras realizações. Isso nos permitirá ampliar a pesquisa em um outro momento ou por um outro pesquisador que se interessar pelo tema.

Uma das alternativas para mudar essa realidade é a atuação da mulher em rádios livres e/ou comunitárias (AMARANTE, 2011). Em Tefé, exemplos positivos, são as rádios livres: “Xibé” e “Voz da ilha”, as quais “reprimidas quando funcionavam em uma universidade e em uma escola pública, atualmente elas estão itinerantes, sendo montadas em aldeias, comunidades, bairros, escolas e universidades públicas (FIGUEIREDO e CAVALCANTE, 2020, p. 178 in nota)”.

Segundo Sunega (2008) apud Figueiredo, (2015):

As rádios livres são aquelas que têm sua forma de organização centrada em coletivos de pessoas, sem o estabelecimento de estrutura hierárquica composta por diretorias ou presidências. Nestas rádios há a predominância de conteúdos alternativos na programação, com a presença de artistas e produções locais, não ocorrendo a veiculação de propagandas comerciais. Na maioria das rádios desse tipo, podem existir apenas apoios culturais para a sustentação da emissora, sendo que não há obrigatoriedade na divulgação dos apoiadores durante a programação." (Sunega, 2008, p. 60 apud Figueiredo, 2015, p. 191)

Nascida da paixão pela comunicação livre, a rádio livre Xibé, teve seu embrião a partir do amor pela eletrônica de um morador de Tefé que montou uma rádio clandestina na cidade e “se divertia nas horas vagas” (FIGUEIREDO, 2015). Este pioneiro da comunicação livre em Tefé, foi o locador que recebeu o pesquisador Guilherme Gitahy de Figueiredo como locatário, que veio à cidade para “atuar na área de ‘gestão comunitária’ como bolsista do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – IDSM e se tornou professor da Universidade do Estado do Amazonas em 2005.

Guilherme Gitahy de Figueiredo em sua tese, afirma que se apaixonou pela iniciativa do morador tefeense, cuja rádio clandestina, não tinha nome. O pesquisador que já atuava com a comunicação popular na rádio Muda, juntou-se com outras pessoas para articular a formação de um coletivo. De acordo com o pesquisador, essas pessoas se reuniram pela primeira vez em 03/10/2004. O coletivo reuniu pessoas das mais diversas áreas sociais: rockeiros, skatistas e pessoas ligadas a Universidade do Estado do Amazonas os quais por meio de cursos de comunicação popular disseminaram por meio de vídeos, debates e relatos discussões sobre “a criação de um movimento de rádios livres em Tefé”. O projeto de comunicadores populares cuja “primeira iniciativa foi o Curso de Comunicadores Populares, que reuniu jovens ribeirinhos entre os dias 8 e 12 de novembro de 2004 em um flutuante 51 do IDSM no lago Tefé” ganhou impulso e se transformou na Rede Ribeirinha de Comunicação do IDSM a qual começou com a instalação de rádios postes, em três comunidades ribeirinhas cujos equipamentos eram sustentados com energia elétrica solar. (FIGUEIREDO, 2015, p. 201, 202).

O Coletivo Curupira como foi chamado contava com a participação feminina. De acordo com Figueiredo (2015) o documento mais antigo que registra a gênese do Coletivo Curupira que inspirou à criação da rádio livre Xibé, data de 03 de outubro de 2004. Neste documento, consta a participação feminina já nas primeiras reuniões do coletivo. Das 7 (sete) pessoas presentes, 2 (duas) eram mulheres. Isso revela que a mulher tem interesse e quer ser protagonista na comunicação. Apesar de, no primeiro momento, a participação feminina se fazer menor em relação aos homens, o espaço democrático da rádio livre Xibé, a partir de seu viés dialógico de comunicação horizontalizada, possibilitou uma participação equilibrada na relação entre homens e mulheres.

Em 2006, um novo coletivo foi formado, mas de acordo com Figueiredo (2015): “não é claro se era um coletivo novo ou a continuação do primeiro, já que vários dos seus participantes não só eram os mesmos como relatam as duas experiências como sendo uma só”, contudo, de acordo com o pesquisador as “duas alternativas são parte da multiplicidade de experiências da rádio Xibé” (FIGUEIREDO, 2015, p. 224).

Sem recursos o coletivo conseguiu alguns equipamentos a partir de projetos de extensão submetidos pelo pesquisador a editais da Universidade. Uma das fontes de formação no coletivo foi por meio de cursos e oficinas alcançados com profissionais voluntários que atuavam junto ao IDSM.

Em 27/10/2006 a rádio Xibé fez sua primeira transmissão:

Foto 24 – 1ª transmissão da rádio Xibé.



Guilherme Figueiredo e Sérgio Fonseca na primeira transmissão da rádio Xibé em 27/10/2006.

Fonte: reprodução - Figueiredo (2015, p. 240).

A rádio cujo nome nasce de uma reunião do Centro de Mídia Independente CMI-Tefé em 26 de outubro de 2006, mesmo contando com a participação horizontalizada também registra uma diferença entre a participação de homens e mulheres no coletivo da rádio: “Estavam presentes treze participantes, entre os quais apenas duas eram mulheres (FIGUEIREDO, 2015, p. 242)”.

Uma das primeiras ações de participação feminina na rádio livre Xibé, foi por uma estudante de Geografia, a qual trabalhava na área de saúde e “marcou um ato e uma oficina para o 1/12, Dia Mundial da AIDS (FIGUEIREDO, 2015, p. 42)”. A rádio que atuava de modo itinerante fazia cobertura de eventos escolares, culturais e universitários.

Nos estudos de Figueiredo (2015), o pesquisador também levanta a questão de gênero no coletivo da rádio Xibé. Apesar de a ata da primeira reunião registrar a presença de duas mulheres no coletivo, uma onda feminista tomou conta da rádio e várias mulheres assumiram o posto de protagonistas na comunicação da rádio Xibé. “A rádio livre não é um simples instrumento de libertação: promove o equilíbrio entre os diferentes sujeitos, aos mesmo tempo em que estabelece uma nova forma de sociedade mais justa e igualitária (FIGUEIREDO e SANTOS, 2018)”.

No entanto, a presença feminina no coletivo de comunicação popular livre Rádio Xibé, “desaparece” nos depoimentos de outros membros do coletivo quando se tratou da narrativa masculina, ou seja, em alguns depoimentos, de acordo com Figueiredo (2015) restaram apenas a lembrança sobre homens no coletivo. De acordo ainda com o pesquisador mesmo quando alguma participação feminina era lembrada, na narrativa de algum participante masculino, as mulheres não eram nomeadas: “quando um desses homens menciona a participação de alguma mulher em programas da rádio, por exemplo, geralmente ela não é nomeada (FIGUEIREDO, 2015, p. 244)”.

Mesmo com a grande oportunidade para se desenvolver naquele segmento de rádio, rádio livre, a comunicação de gênero como aponta Amarante (2011), e apesar da ativa participação em oficinas, a participação das mulheres nas apresentações de programas de rádio era menor. Apenas uma participante que havia participado das oficinas em 2009 “teve um programa regular na Xibé em 2010 (FIGUEIREDO, 2015, p244)”, mas o pesquisador revela que esta, “não se envolveu de maneira mais militante nas articulações do coletivo (FIGUEIREDO, 2015, p244)”. Essa perspectiva muda nos anos seguintes quando as mulheres tornam-se mais protagonistas, inclusive assumindo o papel da apresentadoras no programa “Juventude em Ação” em 2013, fruto do coletivo que alcança espaço na Rádio AM (FIGUEIREDO e SANTOS, 2018).

Segundo Marisa Meliani Nunes (1995, p. 131) apud Figueiredo (2015, p. 192):

As rádios livres são a resistência e a atividade do receptor. Elas percorrem a história do rádio, nas mais diferentes sociedades, e sempre se colocam como uma voz não-oficial, como uma subversão da relação ordinária emissor-receptor, revertendo a ordem do discurso e exercitando a liberdade de expressão. Podem integrar projetos comunicativos às reais necessidades de informação dos bairros e das comunidades. Projetos pequenos de comunicação podem atuar também como instrumentos de organização social e de educação.

Conforme citado acima, sendo um espaço para liberdade de expressão, capaz de reverter a ordem do discurso, a rádios livres possibilitam a integração de projetos comunicativos relacionando-os às necessidades sociais e eu acrescento, capaz de discutir e reverter a diferença de gênero na comunicação se revelando como instrumento para organização social e espaço educativo.

Apesar de, no primeiro momento, a participação feminina se fazer menor em relação aos homens, o espaço democrático da rádio livre Xibé, a partir de seu viés dialógico de comunicação horizontalizada, possibilitou uma participação equilibrada na relação entre homens e mulheres (FIGUEIREDO e SANTOS, 2018).

Outra experiência positiva quanto à participação da mulher na comunicação do município de Tefé ocorreu no ano de 2010. Trata-se do coletivo: “Voz da Ilha”. O nome é alusivo ao bairro Abial, bairro tefeense que fica em uma ilha próximo ao centro da cidade. O acesso ao bairro só é possível por embarcações, durante a cheia, pois não existe ponte interligando os bairros ou por terra durante à seca. Um fenômeno natural que leva aos dois extremos (SOUSA, 2019).

No ano de 2010, numa escola estadual do bairro a partir de um projeto de comunicação escolar teve início o coletivo. O grupo começou com um jornal impresso com notícias sobre o bairro. Inicialmente o projeto escolar tinha o nome “Pescadores de notícias” e era coordenado por um professor. Encerrado o projeto escolar, os próprios estudantes continuaram as atividades de produzir comunicação no bairro. Sem a tutela do professor, o coletivo de estudantes mudou o nome para “Voz da Ilha”. Próximo do término do projeto escolar o coletivo Voz da Ilha conheceu e se uniu ao coletivo da rádio Xibé (SOUSA, 2019).

Na rádio Xibé, o coletivo Voz da Ilha, contribuiu com a criação e apresentação de um programa chamado “Nas Batidas da Samaúma” (SOUSA, 2019). Samaúma é uma árvore “encontrada em florestas pluviais da América Central, da África ocidental, do sudeste asiático e da América do Sul (PINHEIRO, 2021”, alcançando alturas de 60 a 70 metros, esta espécie da flora amazônica tem valores comercial, medicinal e mitológico:

Das sementes também pode se extrair o óleo que, além do uso alimentar, é usado também na produção de sabões, lubrificantes e em iluminação, além de ser eficiente no combate à ferrugem. Rica em proteínas, óleo e carboidratos, a torta das sementes serve de ração para animais e como adubo. A fibra natural que envolve os seus frutos, é utilizada como alternativa do algodão, usada para encher almofadas, isolamentos e até colchões. A samaúma também possui propriedades medicinais. Da seiva da sumaúma é produzido medicamento para o tratamento da conjuntivite. A casca tem propriedades diuréticas e é ingerido na forma de chá, indicado para o tratamento de hidropisia do abdômen e malária. Certas substâncias químicas extraídas da casca das raízes combatem algumas bactérias e fungos. Em margens de riachos secos, as raízes descobertas da sumaúma fornecem água potável no verão. Quanto à sua veneração, de acordo com a sabedoria da floresta, na base da sumaúma há um portal, invisível aos olhos humanos que conecta esta realidade com o universo espiritual. Os seres mitológicos das matas entram e saem por esse portal (PINHEIRO, 2021).

Na comunicação, para além do fator mitológico, servindo como um “portal” na prática da comunicação amazônica, a Sumaúma funciona como uma espécie de GPS, servindo de pontos de referência para navegação de pilotos de embarcações. Suas raízes, as sapopemas, que em tupi significa raiz chata, além de abrigo, também servem como ponto de localização na floresta. Os indígenas, pescadores, moradores locais, ou até para quem se perde na floresta, ao bater na raiz, na sapopema, o som produzido serve de referencial para indicar a localização (SOUSA, 2019).

No dia 26/07/2010 a Rádio Livre “Voz da Ilha” entrou no ar, na frequência 100,5 FM, as primeiras transmissões foram de dentro da escola, onde o coletivo Voz da Ilha atuava, não está claro o motivo, mas o coletivo saiu da escola e então instalaram o transmissor na residência de um dos membros. Com o passar do tempo o coletivo foi se desarticulando e o que era rotina, foi se transformando em eventos esporádicos até a desarticulação total do grupo, ainda em 2010. Segundo Sousa (2019), o transmissor ficou com um dos membros que saiu de Tefé e levou o transmissor com ele. De acordo com o pesquisador este membro montou uma nova rádio com o transmissor, formando um novo grupo. No coletivo “Voz da Ilha” de acordo com Sousa (2019), eram 8 (oito) membros: 4 (quatro) homens e 4 (quatro) mulheres (SOUSA, 2019).

Portanto, a experiência do coletivo com uma ação em igualdade de gênero pelos membros participantes, estabeleceu, naquele coletivo, uma condição de igualdade entre homens e mulheres. Porém, o coletivo durou poucos meses, encerrando suas atividades ainda em 2010. Apesar da brevidade, o coletivo “A Voz da Ilha” também confirma a força da rádio livre para a participação da mulher na comunicação.

No período da realização desta pesquisa, os coletivos das rádios livres em Tefé, estavam com suas atividades suspensas devido ao momento pandêmico da Covid-19. Estando em atividade apenas as rádios profissionais/comerciais. Destas, 02 (duas) estão sob o comando de denominações religiosas, sendo uma católica e outra evangélica; 01 (uma) profissional/comercial e um estúdio auxiliar cujo escritório administrativo fica no município de Tefé, mas a rádio é inscrita com estúdio principal e transmissores em outro município (Pesquisa de campo em 20/01/2022).

O programa “Club Five” por ter ocupado um espaço nas rádios profissionais e permanecido no ar por mais de um ano e meio, demonstra a força da comunicação da mulher, que apesar de serem apenas adolescentes, as protagonistas do programa escolar de rádio “Club Five”, marcaram seu lugar no cenário midiático de Tefé e transformaram a realidade local. Hoje, atuam como profissionais inclusive com programa próprio.

A experiência educacional do programa escolar de rádio “Club Five” nos mostra que, seja enquanto campo de saber (SOARES, 2011), ou uma ação interventiva nos processos de aprendizagem (ALMEIDA, 2016), os processos de aprendizagem educacionais por meio do rádio podem causar efeitos no intelecto, na vivência em sociedade e na atuação profissional de quem participa desses processos. No entanto, estas, são perspectivas a partir de bases teóricas e da observação de alguém de fora, estudando o familiar. Mas como os efeitos desses processos de aprendizagem se caracterizam, a partir da perspectiva de quem os vivenciou, e quais são os resultados em sua vivência intelectual, social e profissional?

3 IDENTIDADE, FORMAÇÃO E GÊNERO:
os efeitos dos processos de aprendizagem do programa escolar de rádio “Club Five”.

(Capítulo 3)

3.1 Reconhecendo identidades.

Somos seres historicossociais e como tais não podemos ser entendidos apenas pela condição biológica e/ou espiritual, mas como um resultado dos processos contínuos de vivência social. É pelo experienciar, em sociedade, que nos tornamos capazes do tornar-se (BRANDÃO, 2012).

Aprender, esta é uma ação cujo conceito é complexo de se traduzir, possível de compreensão, mas difícil de se definir e explicar, de modo que o significante em si não consegue traduzir em definitivo os vários e possíveis significados. Contudo, partindo do entendimento da “significação do discurso”, em que a compreensão do que é dito, só é possível pela contextualização (ORLANDI, 2020), recorremos a Brandão (2012) que esclarece: “Aprender significa tornar-se, sobre o organismo, uma pessoa, ou seja, realizar em cada experiência humana individual a passagem da natureza à cultura”. Neste sentido, para Brandão há dois estados humanos: um natural e outro cultural. Este último é quando deixamos de ser apenas “organismo” para tornarmo-nos pessoa, ou seja, um agente com status de ser cultural, quer dizer, alguém que a partir das experiências vivenciadas, chega a condição de se tornar-se em ser humanizado, uma pessoa, para além da condição natural.

Se aprendemos por experienciar, qual o papel da aprendizagem nesse processo? De acordo com Figueiredo (2015, tese, p. 250): “Aprendizagem implica em construção autônoma do conhecimento e da prática, sobretudo se entendemos que a prática também é enunciação”, é, neste sentido, que passo a trabalhar este último capítulo.

Busquei avaliar a construção autônoma do conhecimento a partir da prática experienciada no programa escolar de rádio “Club Five”, a avaliação perpassa pelos enunciados feitos pelas sujeitadas pesquisas cujos dados foram coletados por meio de entrevistas. O processo de análise foi feito com base na análise do discurso.

Esta parte do trabalho visa a responder ao terceiro objetivo específico da pesquisa, para tanto, me questioneei: quais efeitos têm o processos de aprendizagem desenvolvidos no programa “Club Five” no intelecto, na vivência social e atuação profissional das ex-integrantes do programa, a partir da perspectiva delas?

Aprendemos com Freire (1977), no capítulo 1, que o aprendizado verdadeiro é aquele que é apropriado e transformado em apreendido, podendo, por isso, ser reinventado, de maneira que aquele que aprende torna-se capaz de aplicar o que aprendeu e apreendeu em ações sociais concretas e, segundo Orlandi (2020, p. 37) “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. Neste sentido, a qual lugar si põem as sujeitadas da pesquisa?

Como elas se apresentam na sociedade atualmente? Como aplicam o aprendizado apreendido nas ações concretas em seu dia-a-dia? A partir destes questionamentos provocativos, vamos a um diálogo interativo mesmo que tomado em partes separadas durante as entrevistas.

Convido o leitor a imaginar uma mesa redonda onde estão dispostos seis participantes: o pesquisador e as cinco sujeitas da pesquisa. Neste encontro, estão pautados os efeitos que os processos de aprendizagem têm no desenvolvimento intelectual, social e profissional de cada uma das ex-integrantes do programa.

Para um melhor entendimento e garantir o lugar de fala de cada participante, os discursos foram dispostos em nove tabelas. As tabelas estão estruturadas em duas colunas. Do lado esquerdo, está a identificação de cada participante com nome e data da entrevista e do lado direito, o discurso proferido.

Com o objetivo de se evitar uma reprodução técnica e mecânica, com perguntas e respostas; as perguntas foram suprimidas, assim como as intervenções do pesquisador. Nessa perspectiva, construo, pela disposição dos discursos, um “diálogo” entre as sujeitas das pesquisas, mesmo que os discursos tenham sido registrados individualmente e em momentos diferentes.

O título da tabela guia a temática do “diálogo”. Em seguida, logo após ao “diálogo”, ou “roda de conversa”, como preferir o leitor, eu faço minha avaliação dos efeitos que os processos de aprendizagem desenvolvidos no programa escolar de rádio “Club Five”, têm no desenvolvimento intelectual, social e profissional de cada uma das ex-integrantes do programa.

Avalio os efeitos dos processos de aprendizagem, conforme os efeitos de sentidos atribuídos pelas sujeitas da pesquisa em seus discursos. Faço minha avaliação com base nas técnicas da análise do discurso. Para tanto, recorro sempre ao referencial teórico apresentado no capítulo 1, para subsidiar minha análise.

Tabela 1 – O lugar de fala das sujeitas da pesquisa na atualidade.

<p>Bruna Citrini em 04/02/2022.</p>	<p>Meu nome é Bruna Citrini Schmitt, eu sou formada em Comércio Exterior pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALE. Tenho mestrado acadêmico em desenvolvimento, tenho 22 anos e atualmente eu sou executiva de contas em uma multinacional, trabalho com o mercado interno, né, mas é de uma multinacional. Moro em Joinville no litoral catarinense, no... parte norte de Santa Catarina.</p>
<p>Hanah Clara em 06/08/2021</p>	<p>Eu me chamo Hanah Clara Farias Ribeiro, tenho 22 anos, eu sou acadêmica do sétimo período do CEST/UEA. No momento, eu trabalho na locução e também na parte de auxiliar administrativa aqui na Rádio Educação Rural de Tefé. Eu participei do programa “Club Five”; eu fui a “DJ” e, na parte de operação de sons e também na questão da administração do nosso programa “Club Five”.</p>

<p>Ingrid da Costa em 06/09/2021</p>	<p>Bom, meu nome é Ingrid da Costa Rodrigues, eu tenho 22 anos, sou universitária, tô no 8º período de 8, quase formando no curso de Letras, licenciatura em Letras, da Universidade do Estado do Amazonas... atualmente eu sou bolsista no Cartório Eleitoral aqui no município de Tefé pela UEA, consegui essa bolsa por indicação dos professores da Universidade, e por conta de alguns trabalhos comunitários que eu fiz e aí acabei sendo um pouco descoberta lá... e aí eu também trabalho na Rádio Educação Rural de Tefé, como locutora e produtora... e eu já tô aqui há mais de 4 anos, comecei aqui quando eu tava no ensino médio ainda com o projeto do Club Five e aí logo depois eu trabalhei um bom tempo como bolsista, né, foi uma maneira de eu continuar na rádio e agora eu já sou contratada da rádio já, como locutora e produtora mesmo...</p>
<p>Luiza Maria em 07/08/2021</p>	<p>Meu nome é Luiza Maria Reis Queiroz, eu tenho 22 anos completos, eu sou estudante de jornalismo, curso o sétimo período do curso, atualmente eu trabalho como produtora de conteúdo em um jornal de comunicação, Editora Ana Cássia, Grupo Diário de Comunicação, e... trabalho... na verdade eu dei uma... tranquei a faculdade e atualmente só tô trabalhando... (...) eu dirijo um jornal matutino, apresentado pelo jornalista Patrick Mota, de sete da manhã às nove.</p>
<p>Maria Luiza em 24/01/2022</p>	<p>Meu nome é Maria Luiza Medeiros Rocha, tenho 22 anos, tô formada em Estética e Cosmética, e atualmente eu atuo na profissão de esteticista.</p>

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Neste primeiro “diálogo”, conhecemos o contexto atual das sujeitas da pesquisa. Seus lugares de fala são de independência. São mulheres adultas, acadêmicas, profissionais. Sem subordinação, sem subalternização, por isso, com liberdade e independência, para escolher o que dizer, como, e porquê. Autoras de suas próprias histórias.

Podemos identificar que são mulheres ascendidas ao curso superior, inclusive na pós-graduação, todas ainda jovens com apenas 22 anos e atuantes no mercado de trabalho. Mas, quais relações existem dos seus contextos sociais atuais com suas participações no programa escolar de rádio “Club Five”?

Partindo deste lugar social de fala, de independência, ascensão acadêmica, profissionalismo feminino, mergulharmos por digressão com elas, em seus discursos historicossociais, recorrendo ao referencial teórico para avaliar os efeitos que os processos de aprendizagem desenvolvidos no programa “Club Five” têm em seus intelecto, vivência social e atuação profissional.

No decorrer dos diálogos ficou claro para mim que emergiram como principais categorias: identidade, formação e gênero.

Os discursos foram dispostos por ordem alfabética de acordo com os nomes de cada sujeita da pesquisa e as datas referem-se aos dias nos quais foram realizadas as entrevistas.

Tabela 2 – As sujeitas da pesquisa à época do programa “Club Five”: contexto familiar.

<p>Bruna Citrini em 04/02/2022.</p>	<p>Meu contexto familiar, na época, era só com a minha mãe, a gente morava em Tefé, que era onde aconteceu o programa, morávamos só nós duas, e a renda provia só da minha mãe... então, toda renda vinha só dela e ela sempre me incentivou também a participar do programa. A relação com a minha mãe sempre foi muito boa, minha mãe é uma mãe solteira. Desde muito jovem ela foi mãe solteira, então sempre fomos nós duas e também em Tefé a gente se mudou, nós somos do Sul, nos mudamos pro Norte do país só nós duas, então... sempre muito ligadas.</p>
<p>Hanah Clara em 06/08/2021</p>	<p>Bom... com relação ao meu contexto familiar, eu morava com os meus pais, meu pai Erivonei, minha mãe Marisa, e eu sempre recebi o apoio deles, eles gostavam bastante que eu participasse. Eles me apoiavam bastante na escola, é... em relação ao contexto socioeconômico os meus pais eram trabalhadores e a gente tinha na base de um salário mínimo, né, e... também é... juntando as duas rendas dava um salário mínimo, dava para a gente sobreviver, vamos falar assim. No momento em que eu estava participando do “Club Five”, eu ainda estava morando com a minha avó também e, logo em seguida, eu tive que me mudar para morarmos na nossa atual residência. Tinha o apoio de toda minha família: vó, tia, que gostavam, e também todo apoio dos meus pais que gostavam e que me apoiavam na questão dos estudos, na questão de eu participar do “Club Five”.</p>
<p>Ingrid da Costa em 06/09/2021</p>	<p>Bom... na época, era a minha mãe e mais três filhos, né, que eu sou filha do meio, tenho dois irmãos, eu sou a única filha mulher, tenho dois irmãos e a minha mãe. Ela foi mãe solteira. Ela criou a gente sempre como mãe solteira e a gente nunca recebeu pensão de nenhum dos pais, porque tem pais diferentes (risos), e a gente nunca recebeu nada, nada, nada externo, financeiro, sempre foi minha mãe, minha mãe mesmo que dava conta de tudo, e aí, deixa eu ver, a gente foi crescendo, sempre ela tomou conta de tudo, ela foi empregada doméstica durante... acho que mais de doze anos, doze, quinze anos ela foi empregada doméstica... e foi com o que ela me sustentou; sustentou os meus irmãos, ela pagava aluguel... dava tudo o que a gente precisava, né. Não o que a gente queria, mas o que a gente precisava, que nunca deixou faltar nada de alimento, nem nada, nem material, e aí ela sempre investiu muito nos nossos estudos, ela só queria dar meio pra que a gente tivesse acesso aos estudos.</p>
<p>Luiza Maria em 07/08/2021</p>	<p>Na época do Clube Five em 2015... eu morava em Tefé, eu morava com a minha mãe, eu e minha mãe na casa que era da minha avó, então quem sustentava era a minha mãe com o emprego de... funcionária pública, ela é professora de ensino infantil, professora contratada da Prefeitura de Tefé, então naquele período quem sustentava financeiramente, emocionalmente sempre foi a minha mãe. (...) inclusive foi a minha mãe que me deu força pra continuar, me deu inspiração, minha mãe sempre me apoiou muito em todo o projeto que eu lançava, então, com certeza todo apoio financeiro, profissional... emocional, ela deu. Não só pra mim, mas eu acho que também pras outras meninas que fizeram parte do projeto, porque a maioria das reuniões que a gente fazia, quando não era na escola, as reuniões mais informais, a gente fazia na minha casa... Então, era muito comum a minha mãe participar, minha mãe fazia alguma coisa ali pra gente comer, contribuía com algumas coisas, então, sempre esse apoio ao projeto ela deu, inclusive ela teve um artigo publicado em um livro do Paulo Freire, referente a este projeto que é o “Club Five”, eu não lembro qual foi o ano que foi esse lançamento dela, mas ela fez um artigo e ele foi publicado em um catálogo de artigos do Paulo Freire...</p>
<p>Maria Luiza em 24/01/2022</p>	<p>Então, na minha família, na época moravam seis pessoas comigo e em questão no meu convívio com ela era bem tranquilo, porém, eu era assim, muito protegida em relação a fazer qualquer tipo de coisa... sendo intenções de trabalhos, tanto em escola ou fora a parte, (...) No início não, no início não (recebia apoio), porque eles eram muito, que</p>

	nem eu falei no início, muito protetores sobre qualquer coisa que eu fazia, e como a minha família é muito grande, inventava às vezes muita coisa sobre o que não existia, então, no início foi bem difícil, no início eu pensava em desistir... Com a ajuda do professor, não desisti, das meninas também, sendo que o senhor teve uma conversa, né, até com a minha família, com as famílias de todo mundo, por conta disso e a partir... depois dessa conversa que eles começaram a ver que era um projeto que tava me fazendo bem, que tava me... assim, me moldando pro mundo, que eu antes era uma pessoa assim muito fechada, e a partir desse programa que eu comecei a me soltar mais, a falar mais, a me conhecer mais, a me abrir mais pra todo mundo...
--	---

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Podemos perceber o quanto as famílias são diversificadas em suas identidades sociais, ou seja, cada uma das participantes, portanto, trouxe consigo para o programa o seu contexto historicossocial, o que tanto agregou como criou momentos de conflito intergrupais.

Um ponto em comum entre elas corresponde ao fato de que das cinco ex-integrantes do programa “Club Five”, quatro não contavam com a presença paterna no lar. Três moravam apenas com a mãe, uma com mãe e pai, e outra convivia com a mãe e o padrasto o qual não foi mencionado na entrevista, mas compunha a família de uma das sujeitas da pesquisa.

Essa ausência paterna, em muitas ocasiões, me colocava na condição de ser reconhecido por elas como “pai”. Acredito que a aceitação se deveu pelo fato, primeiro, de eu ser o professor; segundo, por estar ali, todos os dias e ajudar na orientação, chamar à atenção quanto se desencorajavam ou geravam conflitos entre si. Também por ter me colocado com respeito entre os gêneros e as idades; pelo cuidado com os anseios delas enquanto estudantes; por acreditar em seus sonhos, quando me apresentaram a ideia de criar e realizar um programa de rádio e ter apoiado suas vontades de se tornarem seres de existência. Mesmo que isso tenha sido alcançado de modo inconsciente. Tudo isso, acredito, permitiu para que o grupo aceitasse o meu acompanhamento enquanto professor “coordenador” do grupo e uma espécie de “pai” para todas.

Algumas vezes o grupo se reunia na residência onde eu morava, faziam as reuniões de pautas e “lavavam a roupa suja”, lá, principalmente para resolução de conflitos, pois não queríamos ficar sob olhares alheios da escola quando estavam resolvendo seus conflitos internos, no entanto, a maior parte dos conflitos foram sanados na biblioteca da escola depois do horário escolar onde tínhamos a permissão da gestão para ensaiar.

Sempre que havia um desentendimento, fazíamos reunião, cada uma expunha o que estava acontecendo, como e por que estava se sentindo incomodada; era o momento de “lavar a roupa suja”. Após cada uma expor sua percepção sobre o fato, eram convidadas a refletir sobre o mesmo. Enquanto catalisador, eu buscava um diálogo, um modo para que cada uma

pudesse se colocar no lugar da outra e, assim, solucionar o conflito. Sempre ocorria de se perceberem, perceberem a outra, se humanizarem a si, e à outra (FREIRE, 1987), e encerravam o conflito com pedidos de desculpas, abraços e compromisso com o programa, a escola e o grupo.

Acredito que por terem a presença efetiva de suas mães em casa e todas perceberem a força da mulher no seio familiar para sustentar toda família, essa foi uma variável que as transformou em meninas determinadas e querem levar sempre o programa a diante. Queriam dar exemplo, dentro e fora de casa, na escola e para toda sociedade e, por isso, mesmo que no início, não ocorresse de receber total apoio, como foi o caso de Maria Luiza, elas não desistiram. A reunião com os pais a qual Maria Luiza mencionou, foi realizada na biblioteca da escola, naquele dia, chamamos todos os responsáveis e, as próprias integrantes do programa apresentaram aos pais, o que estavam realizando e tudo que já haviam feito. A partir de então, o apoio ao projeto foi incondicional por parte de todos os pais e responsáveis.

Como se pode perceber eram alunas de baixa renda, cujo sacrifício para participar dos ensaios era enorme. Como mostrado no capítulo 2, Ingrid da Costa se quer tinha dinheiro para passagem para participar dos ensaios: “eu com 14 anos, 15 anos: tenho que fazer meu almoço! Caraca, eu ainda tenho que limpar a casa! Eu tenho que cuidar disso, tenho que cuidar daquilo, e tal... Caraca! E ainda tenho que voltar pra cá de novo nesse sol imenso! (INGRID DA COSTA, em 06/09/2021)”. Assim como muitos estudantes de cidade e do próprio país a realidade social econômica e familiar das sujeitas da pesquisa reflete que não eram estudantes providas de um acesso cultural midiático que possibilitasse um acesso a bens culturais para uma formação cultural de mais qualidade. Conforme afirma Amarante (2012), para os estudantes de baixa renda o que resta são acessos parcos aos bens culturais. Em uma sociedade capitalista pautada pelo consumo, cuja falta de bens culturais impedem uma formação adequada para o ser mais, uma sociedade onde o sistema escolar reverbera ações colonizadoras de subalternizantes, as ex-integrantes do programa “Club Five” apresentavam até antes do programa, uma perspectiva identidade de meninas subalternizadas.

Tabela 3 – A perspectiva de identidade antes do programa “Club Five.

<p>Bruna Citrini em 04/02/2022.</p>	<p>Antes... eu... eu nunca me encaixei assim dentro de um padrãozinho, né, sempre sou... eu tenho descendência alemã, então eu sempre sou maior, eu tenho uma estrutura maior, mesmo que eu emagreça muito, eu sou maior... então eu fui pra Tefé que... ai, as meninas são menorzinhas, são mais baixinhas, são mais magrinhas... e aí mesmo que eu estivesse mais magrinha, eu olho... eu olho pras minhas fotos hoje em dia, eu tava super magrinha e eu me achava muito gorda... então, eu ficava super insegura, eu ficava má, eu ficava triste, e eu tinha um círculo de amigas maravilhosas assim, mas mesmo assim e ficava muito triste, eu ficava, eu me achava muito mal.</p>
--	---

<p>Hanah Clara em 06/08/2021</p>	<p>Acho que eu me definiria antes como uma pessoa totalmente tímida, né, eu não tinha assim, questão é... eu não tinha um foco, eu não tinha uma visão grande do quão eu poderia ser grande, né. Eu sempre falei, gente... essa questão de locução, tanto que eu queria as vezes, eu queria é desistir do no nosso projeto. E durante o projeto foi: “vamos lá, né, eu estou com as meninas...” As meninas me deram bastante força. No começo, eu achava que não ia dar certo, eu era uma pessoa muito negativa. Eu falava: “ai gente, não vai dar certo isso, meninas fazendo programa de rádio que nunca nem chegaram em um estúdio de rádio...” Então, assim, foi desafiador, mas que deram bons frutos né (...) Eu não sabia me comunicar. Eu era muito fechada, eu era muito reservada, morria de vergonha. E... nas... nas questões de apresentação de trabalho, na escola é... aquele medo de estar na frente de pessoas apresentando um trabalho, tudo isso foi quebrado.</p>
<p>Ingrid da Costa em 06/09/2021</p>	<p>Naquela fase eu me sentia muito diminuída, porque... eu... eu me sentia excluída, professor, porque eu chegava no lugar, as pessoas falavam as coisas que eu não tinha conhecimento... as pessoas tinham coisas que eu não tinha e não era a questão de bem material, era a questão de eu tá no ambiente e me sentindo um ser estranho e não fazer parte, era como se eu fosse... vivesse na margem, sabe, eles tivessem numa realidade totalmente diferente e a verdade era essa, e o fato de eu tá ali, ser um pouco mais humilde e não ter tanto, não é nem questão de material, mas, é muito ruim, tu se sente impotente, se sente assim... (...) eu era mega insegura, não botava muita fé em mim... (risos), ué, dá pra empurrar, né... uma menina que faz uma apresentaçãozinha legal, fala bem, isso aí até que... mas tipo assim, eu não tinha muita perspectiva, porque eu já chego a um ponto de que mesmo a gente tendo talento, potencial, se a gente não tiver segurança não adianta muita coisa, e aí eu não tinha essa segurança...</p>
<p>Luiza Maria em 07/08/2021</p>	<p>Então... antes do “Club Five”, eu era adolescente, estudante... ali pronta pra encarar essas oportunidades, que apareciam, e que a gente conseguia acessar e o “Club Five” surgiu por conta do projeto Comunicar Para a Vida, que foi uma grande oportunidade, se não fosse esse projeto, o “Club Five” com certeza não existiria, porque, a gente não ia saber como fazer, como colocar em prática, então, o projeto abriu todo esse caminho, então, eu... tive acesso à ele na adolescência. O “Club Five” começou como uma diversão entre amigas, depois, durante, ele se tornou uma oportunidade...</p>
<p>Maria Luiza em 24/01/2022</p>	<p>Então... antes do programa, eu era uma pessoa muito retraída, muito tímida, eu falava só com as meninas mesmo, aquele grupo da sala tal, em questão de apresentações eu era péssima, porque eu não tinha uma desenvoltura muito boa, porque eu era muito tímida... e vamos ver... e não sabia me expressar direito, não sabia falar com as pessoas direito, como me portar, como me apresentar...</p>

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Bruna Citrini devido as suas características físicas de origem genealógica europeia se percebia diferente, um tipo de pessoa que não se encaixava no padrão da estatura comum entre as colegas de seu círculo de amizade, além disso teve que enfrentar a mudança cultural entre Sul e Norte. Advinda do Sul, a sujeita da pesquisa afirma que era uma pessoa triste e que se sentia mal consigo mesma. Hanah Clara era uma negacionista. Afirmou que não dominava a arte de se comunicar era uma pessoa que se fechava, se reservava, nela se sobressaia a vergonha. Tinha medo de falar em público. Ingrid da Costa se considerava

diminuída, excluída, por não dominar o conteúdo cultural que suas colegas, a seu ver, apresentavam e, por isso, ela se sentia à margem; se percebia numa perspectiva identitária com tão baixa autoestima que se sentia “um ser estranho”, ou seja, não era uma “pessoa”, não era ser de existência. Ela não se reconhecia como igual, mesmo que seu grupo escolar, seu círculo de colegas, tivessem a mesma idade, fosse do mesmo gênero e estudasse na mesma escola, inclusive na mesma turma em relação às colegas do “Club Five”. Se encontrava numa perspectiva de insegurança. A própria sujeita afirma: “eu não tinha muita perspectiva”. Já Maria Luiza se coloca numa condição de proatividade, era uma adolescente “pronta pra encarar essas oportunidades”, para Luiza Maria, o projeto de comunicação possibilitou a criação do programa “Club Five”, o qual, no início, era ação de diversão, mas que se transformou na grande oportunidade a que ela esperava. Maria Luiza, não destoa das colegas anteriores, pois também se identificou como alguém retraída, com forte timidez, que não se saía bem na escola durante as apresentações escolares, não possuía desenvoltura, não sabia se expressar e isso a atrapalhava no falar, a se portar, a se apresentar para as pessoas.

Entendo que estas perspectivas identitárias são consequências de um sistema educacional que reverbera uma educação hierarquizada, dominante, infamante e opressora desde os tempos coloniais (CÉSAIRE, 2020, MEMMI, 2007, FREIRE, 1987). Mesmo nos dias atuais em tempos de multimídia, a escola, em muitas atuações e perspectivas educacionais, não conduz o estudante para a transformação dele(a) em um ser de existência.

Mesmo que hoje, seja uma árvore frondosa com caule majestoso, copa gigantesca de vários galhos, folhas verdes e frutos doces, o sistema educacional brasileiro, ainda, em suma, possui suas práticas presas numa atuação, em grande parte, com características do colonialismo, e afirmo, ainda não descolonizado, mas em processo para alcançá-lo.

Desse modo, os processos de aprendizagem escolar no Brasil, pelo que acabamos de observar no discurso de cada uma das ex-integrantes do programa “Club Five”, até o momento em que elas chegaram ao programa, o sistema educativo ainda não havia sido para elas, um ambiente humanizante, pelo contrário, as mistificou, tornando-as meninas subalternizadas.

Cesáire (2020), nos mostra que o pensamento intelectualizado europeu buscava manter o colonizado incapacitado de razão e sem condições para se autopromover. Podemos perceber pelos discursos das sujeitas da pesquisa, que educação atual ainda reverbera o pensamento intelectualizado europeu; uma vez que não foi capaz de romper com o entendimento subalternização das estudante; haja vista que mesmo estando no segundo ano do Ensino Médio, ainda se encontravam em uma condição de entendimento sobre si, de que eram

pessoas à margem da sociedade, ademais se viam desprovidas de autoconfiança e autodeterminação.

Ora, se no período da colonização o sujeito colonizado era levado à condição de se sentir um amputado socialmente (MEMMI, 2007), não foi diferente no período educacional escolar das sujeitas da pesquisa, uma vez que, até a chegada ao Ensino Médio, quando passaram a participar no programa “Club Five”, elas se sentiam “amputadas” da sociedade.

Segundo Memmi (2007), a desumanização destrói a essência e cria complexos, e o oprimido passa a se reconhecer como tal. Portanto, se o processo de aprendizagem é desumanizante, o estudante se sente excluído, cria complexos e se coloca em uma condição de percepção de inferioridade e passa a se entender como tal.

Para Freire (1987), somos seres inconclusos e está é a condição para nos humanizarmos desde que tenhamos consciência desta condição. Segundo o autor, desumanizar não é “destino dado”, mas o resultado de um ordenamento social injusto gerador de violência, gerando opressores que por suas ações e pela incompletude criam o ser menos.

Neste sentido, o que percebo é um o sistema educacional, que até então, tratou as estudantes como seres menores e, por isso, as levou a uma identidade de “ser menos”, quer dizer, pessoas desprovidas de autoconfiança, que não se reconhecem, apenas percebem o outro. Assumem uma determinação irreal, imposta por uma violência simbólica e estrutural presentes, especialmente, nas sociedades capitalistas, como a brasileira, inclusive na educação, mesmo que pública.

Para que se possa pensar diferente, é necessário que haja intervenção, mas não o ato de interromper e sim de mediar, com alternativas inovadoras oferecendo subsídios para o “pensar diferente”, uma das filosofias para isso é a filosofia educacional (ALMEIDA, 2016).

De acordo com a autora:

A educacional pretende habilitar os cidadãos a exercerem seus direitos, principalmente aqueles que envolvem a liberdade de expressão e o acesso à informação, o que implica em, por meio de ações educativas, conscientizar as comunidades sobre o poder da articulação comunitária na sociedade e o papel da comunicação e do diálogo na construção de conhecimentos e na conquista de melhores condições de vida (ALMEIDA, 2016, p. 6).

Conforme citado, garantir o exercício de direito aos estudantes, é criar meios para que possam se expressar. Mas como garantir aos estudantes a liberdade de expressão? Um dos meios é pelo rádio, mas não como ferramenta e sim como processo de aprendizagem através de ações educativas que levem à conscientização sobre poder e articulação comunitária na sociedade, a importância dos meios de comunicação e da dialogicidade para construção do conhecimento que levem à melhora da qualidade de vida.

3.2 Os processos de aprendizagem por meio do rádio na perspectiva de quem os vivenciou.

A próxima “rodada de conversa”, traz um “diálogo” sobre os processos de aprendizagem desenvolvidos no “Club Five”, descortinemos essa experiência de intervenção educacional a partir da perspectiva das sujeitas da pesquisa:

Tabela 4 – Processos de aprendizagem desenvolvidos no programa escolar de rádio “Club Five”: uma perspectiva dialógica do fazer rádio a partir das ações práticas no programa.

<p>Bruna Citrini em 04/02/2022.</p>	<p>(...) e aí eu entrei pro “Club Five” e foi uma transição muito boa assim, porque me deu uma confiança e uma segurança, (...) uma confiança de, tipo... eu posso me sentir bem, eu não preciso ficar me sentindo mal o tempo inteiro, eu posso me sentir uma pessoa boa, porque, claro, a autoestima reflete em tudo, né, então eu posso me sentir uma pessoa boa, eu posso ter momentos bons no Ensino Médio. Então... meu primeiro ano foi OK; assim... eu tenho memórias boas do meu primeiro ano... e o segundo ano, que foi quando a gente começou o “Club Five”... pro terceiro, são memórias que eu nunca vou esquecer, assim, são momentos na minha vida incríveis. Eu tenho álbum ali que eu tenho muitas, e muitas, e muitas, e muitas, e muitas, e muitas coisas... a gente tem grupos, hoje, no Whatsapp, com milhares de memórias, então... a Bruna durante o “Club Five” foi uma pessoa que evoluiu, e também foi uma pessoa que começou a ser muito responsável, ali eu comecei a ter... eu aprendi muitos valores sobre responsabilidade, organização... porque... organizar grades de programas, coisas assim... acabava ficando muito comigo, e aí eu também criei uma veia um pouco mandona, assim, então... “ai, as meninas são meio desorganizadas, não sei o que...”, ai, já me subia um calor, eu falava: “pronto! Acabou!”, já dava ordem pra cada uma, acabou; o programa tá organizado; as coisas começavam a andar... e isso, eu levei um pouco pra vida, assim também, já me ajudou... então, eu comecei a criar também vários valores ali.</p>
<p>Hanah Clara em 06/08/2021</p>	<p>Eu acredito que a partir do momento do “Club Five” a gente começou a ter mais foco, né, nas coisas assim. Nas questões das outras disciplinas, é... a gente saber é... sabia interpretar as coisas, né, então apesar de a gente ter uma carga horária, assim que a gente treinava bastante e tudo mais, que a gente tinha aquela coisa assim de sempre se aperfeiçoar nos nossos programas... A gente tinha um tempo reservado para os nossos estudos, que não atrapalhou em nada, muito pelo contrário, ajudou bastante à gente compreender, à gente saber se organizar nas questões de nossos estudos e nas questões que envolviam o “Club Five”. Então, assim, a questão de saber administrar o nosso tempo, de saber administrar as nossas coisas, o “Club Five” foi bastante eficaz nessa questão. (...) E aí durante o projeto (programa) eu fui aprendendo, eu fui vendo que eu tinha oportunidades, o... a questão né, de escolher uma faculdade que eu não tinha escolhido. Eu falei: “Meu Deus o que que eu vou fazer?” Eu não tinha essa visão. Durante o processo eu também fui é... crescendo, né.</p>
<p>Ingrid da Costa em 06/09/2021</p>	<p>(...) na fase que eu entrei pro “Club Five”, às vezes eu me sentia uma excluída porque eu não sabia mexer em computador, quer dizer, eu sabia o grosso, porque eu me metia ali, mas, aí, quando eu não sabia um assunto, um site, umas coisas assim diferentes, eu não tinha celular bom, nem celular eu tinha na época, e eu... a gente percebe o quanto as pessoas são excluídas às vezes quando não... sei lá, eu me sentia muito excluída (...) eu vejo que o “Club Five”, ele me ajudou muito, muito, muito, principalmente nessa área de humanas, né... muito porque, melhorou leitura, eu acho que no “Club Five”, eu descobri que eu era uma pessoa alfabetizada e não letrada.</p>

	<p>Talvez, porque tinha muita coisa que eu lia e não entendia nada, e quando eu entrei pro “Club Five”, pra eu apresentar, pra falar de algo, eu teria que entender todo um contexto. Eu vi que a leitura não era só chegar com o texto pronto e ler, eu tinha que entender, o que tem antes, o que tem depois, o que... todo contexto, tudo. Então, essa parte de ler, pra mim, é o que me ajudou demais, demais, demais, fora a parte de gramática, de tudo. A leitura, os tipos de leitura, que tem narrativa, informativa, tem vários tipos, né, e me ajudou muito com a literatura, porque a gente estudava literatura, né, pra apresentar. E a gente se informava muito pra ficar inteiradas, pra falar sobre os programas; me ajudou muito a conhecer algumas... só sonho em fatos sociais, o pessoal que iam lá dar entrevista dar... de música, ver a realidade, quer dizer assim, muitos projetos que deviam ser amparados pelo governo, pelo município e não é, e a gente dava essa oportunidade, a gente vê o quanto era encantador, mas eu não tinha essa oportunidade. Então, assim, essa questão intelectual me despertou muito.</p>
<p>Luiza Maria em 07/08/2021</p>	<p>Aprendizagem... primeiro, a responsabilidade é uma aprendizagem fundamental; responsabilidade de tá lá, estar lá todos os dias, de preparar uma programação, de mobilizar, foi assim uma das... um dos principais aprendizados pra mim, que foi a responsabilidade... Outro aprendizado foi o hábito da leitura, que com o “Club Five” a gente... precisou saber o que falar no ar, e então a gente começou a estudar mais sobre isso, então o hábito da leitura foi uma aprendizagem muito grande... e também... a questão do relacionamento com o outro... você tem que sempre se colocar no lugar do outro e com o programa a gente sempre se colocava no lugar do ouvinte, o que que o ouvinte tá querendo saber? O que que ele tá querendo ouvir? Será que tá tudo bem? Será que não tá? Então, é um processo assim de conhecer o seu público, de saber com quem você tá falando, você não tá falando só com adolescentes, não... você tem que conhecer quem tá te ouvindo, você tem que criar aquela ligação, aquela interação, então foi uma aprendizagem pra gente, foi uma aprendizagem pra mim (...) Cada dia era algo diferente, cada dia era um aprendizado diferente, tanto pra vida, quanto pra uma profissão. Então, foi nessa época que eu decidi que era isso que eu queria pra minha vida. Era essa a profissão que eu queria. Algo muito importante quando você tá no Ensino Médio, porque a maioria dos estudantes, ali, não têm um norte, não conseguem, assim... já visualizar uma profissão. Têm gostos, assim, mas não consegue visualizar uma profissão... Eu tive a grande oportunidade de visualizar a minha profissão (...). O processo durante e pós “Club Five”, foi como eu falei, foi experiência... foi eu aplicar todas aquelas ideias na prática, com o apoio de grandes amigas que se tornaram, na época, colegas de profissão, porque a gente encarava aquilo como uma profissão, poucas vezes assim, a gente... na verdade eu acho que o programa nunca deixou de ir pro ar, não por vontade de nossa, e sim, talvez tenha acontecido por conta de programação, eu não lembro, mas foi ali algo profissional, entendeu? Passou assim de uma diversão e a gente encarou como uma profissão... então, pra mim, que queria seguir, que queria seguir essa área, que queria me especializar ainda mais nessa área de comunicação, foi algo... foi um processo muito importante, porque eu estava, ali, tendo a oportunidade de encarar de fato o que eu queria pra minha vida, e se era isso mesmo; e, olha como é que funciona, olha como é que a gente vai conseguir fazer... para o pós, que é a consolidação desse caminho que eu queria seguir, que é o jornalismo, poderia ter seguido publicidade, relações públicas, relações internacionais, e eu preferi seguir no jornalismo que é onde eu mais me identifiquei na comunicação social. (...) Pro meu desenvolvimento intelectual, eu tinha que ter eu como exemplo, para dar aos meus colegas, porque eu chegava no sábado na rádio e falava; seria um exemplo pra eles, mas também dentro da sala de aula, eu tinha que mostrar isso. Então pro meu desenvolvimento na sala de aula, eu me cobrei mais, a estudar mais, a me esforçar mais, pra alcançar o meu objetivo que seria formar; obter uma nota boa pra entrar numa faculdade e também ser um exemplo dentro da sala de aula, pros meus amigos, pros meus colegas de aula. Então, com certeza, o desenvolvimento intelectual por conta do projeto cresceu muito... além disso, nós tínhamos que estudar mais sobre a área, não de forma direta, né, porque naquela época a gente não se especializou muito na área, mas assim, em questão da leitura, de saber o que falar, de saber como se expressar, principalmente nessa parte do se expressar o... programa ajudou muito (...) Ter um lugar de fala, de identificação,</p>

	<p>de liberdade, de poder escutar o que a gente não escutava na rádio, de poder falar de uma forma que a gente não conseguia se identificar com outros locutores... Tefé tem muitos locutores bons; nossa, maravilhosos, mas eu acho que falta abertura e falta... uma... você mira num público e não cativa outras pessoas, não cativa outras idades. Então, era isso, era essa a ideia do projeto, a identificação, levar aquela adolescência, aquela jovialidade pra rádio...</p>
<p>Maria Luiza em 24/01/2022</p>	<p>Sim, sempre por leitura... demais, demais, demais, demais, demais, porque toda hora a gente tinha que tá lendo coisas novas, né. Então, vamos dizer assim, por leitura foi o que eu me encontrei. Eu lia muito no ensino médio, lia, lia, lia demais, e a rádio foi uma das coisas que me abriu mais pra leitura. (...) Eu era uma pessoa muito fechada, muito tímida, o senhor sabe, nossa, eu vivia vigiando, eu não falava nada, nada, eu era muda! E a partir da rádio, como eu fui trabalhando com outras pessoas diferentes, de idades diferentes, de tudo diferente, eu acabei sabendo me portar em várias situações com várias pessoas em vários momentos, então isso me ajudou muito, no trabalho, na faculdade, sendo que todo mundo da faculdade sabe que eu trabalhava na rádio, todo mundo do meu trabalho sabia que eu trabalhava na rádio, porque é uma parte minha que eu conto sempre pra todo mundo quando a pessoa me conhece, porque eu fiquei muito falante, porque a rádio me fez virar uma pessoa comunicativa, que antes eu não era. Eu tinha um receio de tudo o que eu falava, o que eu sentia, hoje não tenho mais por conta da rádio. (...) Antes do programa, eu era uma pessoa muito retraída, muito tímida, eu falava só com as meninas mesmo, aquele grupo da sala tal. Em questão de apresentações, eu era péssima, porque eu não tinha uma desenvoltura muito boa, porque eu era muito tímida... e vamos ver... e não sabia me expressar direito, não sabia falar com as pessoas direito, como me portar, como me apresentar, e depois do programa, a gente vai aprendendo na marra, né, porque a gente tinha que falar com todo mundo então... (risos), eu aprendi assim, querendo; eu ia... eu queria, mas ao mesmo tempo, eu não queria por conta dessa timidez. Mas... no decorrer do programa, eu consegui. Eu me soltei mais. Eu melhorei tudo. Eu digo que é tudo, assim, em questão de família, em questão da escola também... e pra faculdade, eu falo que o “Club Five” ele... ele me moldou pra faculdade, pro mundo de trabalho, pra tudo depois dele. Porque... que nem eu já falei antes, na faculdade, todo mundo sabia que eu já tinha trabalhado numa rádio, e todo mundo perguntava como é que eu aprendi a me apresentar daquele jeito, como eu falava daquele jeito, como eu era tão espontânea na hora das apresentações, que andava pra um lado, eu andava pro outro, não ficava mais parada... E, eu expliquei que foi um processo, que antes eu não era daquele jeito, que foi por conta da rádio, por conta do “Clube Five”, que eu me tornei desse jeito, que eu fiquei desse jeito, que eu falei que só precisava soltar aquele negócio que tava preso dentro de mim; e a rádio fez isso. Eu fiquei mais falante e, agora, eu não paro de falar, professor, eu sou uma matraca... todo mundo conhece...</p>

Fonte: Elaborada pelo próprio autor

Bruna Citrini afirma que os processos de aprendizagem no programa “Club Five”, a levaram a ter uma outra concepção de si e da escola: “eu posso ter momentos bons no Ensino Médio”, ora, se como nos informa Orlandi (2020) de que no dito há um não dito, podemos concluir que para Brunna Citrini tanto a escola quanto em relação a si mesma, ela considerava instituições ruins. No entanto, os dois últimos anos do ensino médio, período em que participou do programa “Club Five”, deixaram memórias inesquecíveis. A ex-integrante enfatiza que traz guardado consigo muitos materiais, não explicou quais são, mas deixa claro que são muitos e de que há um valor afetivo sobre esses objetos que lembram o período da participação no programa. A sujeita da pesquisa destaca a evolução dela quanto a se tornar

uma pessoa mais responsável. Descobriu valores como responsabilidade, organização, e que isso a levou também a ter um comportamento de “mandona”, entendida por ela que na verdade se tratava de uma postura de liderança, aprendizados que se multiplicaram na vivência pós-ensino médio.

Hanah Clara afirmou que a participação no programa, possibilitou uma aprendizado organizacional, traduzido pelo enunciado “ter mais foco”, uma pessoa focada é uma pessoa determinada a alcançar um objetivo e esse objetivo era o de se aperfeiçoar, tanto para o programa quanto na escola. Logo, o organizar torna-se um aprendizado chave para poder conciliar estudos e programa escolar de rádio. Sua participação no programa a ajudou inclusive na decisão sobre qual profissão seguir depois do Ensino Médio.

Ingrid da Costa destaca a falta de letramento digital antes do programa, isso para ela, era condição de se sentir excluída socialmente. Contudo, entendo que com a participação no programa, graças aos processos de aprendizagem, Ingrid adquiriu um aprendizado por descobertas. A sujeita da pesquisa se percebeu alfabetizada, mas não letrada, na verdade é o contrário ela havia dominado as letras, mas não se alfabetizado, uma vez que, percebeu que não havia adquirido ainda a competência para compreensão textual por exemplo: “eu lia e não entendia nada”. Conforme Freire (1987) sobre alfabetizar-se:

é aprender a ler essa palavra escrita em que a cultura se diz e, dizendo-se criticamente, deixa de ser repetição intemporal do que passou, para temporalizar-se, para conscientizar sua temporalidade constituinte, que é anúncio e promessa do que há de vir. O destino, criticamente, recupera-se como projeto (FREIRE, 1987, p. 18).

Ingrid da Costa percebeu que comunicar não era apenas decodificar palavras escritas em um papel e transmitir ao público, era preciso saber do que se tratava, entender sobre o que estava lendo, apresentando, comunicando. Destaca que a aprendizagem da leitura teve grande importância em sua formação, que esse aprendizado acabou por vir complementado do conhecimento sobre gramática, bem como das diversas tipologias e gêneros textuais, o qual corrobora com a aprendizagem sobre Literatura. Ingrid da Costa revela também que aprendeu com o processo das entrevistas, das apresentações musicais, as quais fizeram-na entender mais sobre fatos sociais, inclusive suscitar de que muitos projetos poderiam e deveriam ser amparados pelos governos. Quando a sujeita da pesquisa diz que não tinha essa oportunidade é porque durante a entrevista, nos revelou o quanto teria feito a diferença em sua vida se tivesse conhecido uma projeto como o programa “Club Five” nas séries iniciais.

Luiza Maria, foi quem mais explanou sobre seu processo de aprendizagem no programa. Ela também considera que o senso de responsabilidade tem valor de destaque nesse processo, destaca o hábito da leitura, a empatia para com outro. Conforme Freire (1987, p.

38): “Somente na sua solidariedade, em que o subjetivo constitui com o objetivo uma unidade dialética, é possível a práxis autêntica”. Sendo a práxis dialética de Freire a “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo (idem)”, Luiza Maria busca por meio daquilo que aprendeu, em ação no rádio, a ter respeito para com quem está se comunicando, procura saber como cada assunto dialoga com seu público “conhecer quem tá te ouvindo”, possibilitando assim uma linguagem do amor, solidária e libertadora. Segundo à ex-integrante do programa, a diversificação dos programas possibilitaram um aprender novo a cada edição, o que a levou a escolher a profissão que queria seguir: “eu tive a grande oportunidade de visualizar a minha profissão”.

Outro processo de aprendizagem destacado por Luiza Maria é o de experienciar, de colocar na prática as ideias discutidas na produção dos programas. Assim, o que era uma diversão tomou características profissionais e isso a fez perceber o que queria para a vida profissional dela. A competência intelectual também foi adquirida a partir do senso de responsabilidade adquirida pela consciência de se tornar uma referência para os colegas, a escola e o desejo de se formar. Desse modo, a participação no programa desenvolveu as duas coisas: a aprendizagem dos conteúdos escolares e a expressividade. Os conteúdos porque eram a matriz do programa e a expressão, uma vez que, era preciso ler mais, saber falar, saber como se expressar.

Para Luiza Maria o programa também foi mais que um simples espaço de aprendizagem e divulgação de conteúdos escolares, foi: “um lugar de fala, de identificação, de liberdade, de poder escutar o que a gente não escutava na rádio, de poder falar de uma forma que a gente não conseguia se identificar com outros locutores (LUIZA MARIA, em 24/01/2022)”. Na época do programa, a locução nas rádios profissionais, em Tefé, era 100% (cem por cento) de vozes masculinas, por isso, a sujeita da pesquisa destaca a questão da identificação com o rádio e com sua geração.

Acredito que Luiza Maria faz referência às meninas, ao gênero feminino, na locução de rádio em Tefé. A sujeita da pesquisa também menciona sobre a condição de liberdade. Ao nosso entender, ela se posiciona com relação à escola, ou seja, faltava espaços de fala. Ao se referir à liberdade de “escutar”, se projeta como ouvinte por que com o programa, puderam veicular músicas que dialogavam com a linguagem dos jovens de sua geração, o que ela não percebia nos demais programas das rádios. Essa liberdade para falar, ouvir, divulgar, ou seja, de se expressar, foi um processo de aprendizagem que trouxe valores e habilidades para suas ações pós - “Club Five”.

Maria Luiza, também se refere aos processos de aprendizagem desenvolvidos no programa “Club Five”, com destaque para o hábito da leitura, leitura crítica, habilidosa. Foi pela competência da leitura que Maria Luiza passou a se comunicar, já que em suas palavras, antes: “era muda”. Os processos de aprendizagem desenvolvidos no programa, trouxeram-lhe o aprendizado de se portar, tanto com pessoas quanto em momentos e ambientes diferentes, o que se reflete até em seu trabalho atual. O programa a levou a aprender a se comunicar. Não possuía desenvoltura, tinha péssima apresentação.

Segundo a sujeita da pesquisa, ela teve que “aprender na marra”, entendo que por este enunciado, o rádio se apresenta, mais uma vez, como plataforma de saber e não como ferramenta, pois ao dizer que aprendia “na marra”, o que a participante quer nos dizer é que não houve o aprendizado da habilidade primeiro, tendo o rádio como ferramenta, pelo contrário, essa habilidade é uma necessidade plasmada na linguagem do rádio e, por isso, quem participa de processos de aprendizagem no rádio, necessariamente, vão desenvolver esse saber que é inerente a este meio midiático.

O discurso de Maria Luiza colabora com a nosso entendimento, pois a participante afirma que foi no decorrer do programa que essa habilidade foi se desenvolvendo: “no decorrer do programa eu consegui. Eu me soltei mais. Eu melhorei tudo”. Segundo a sujeita da pesquisa, desde o relacionamento dentro de casa, na escola ou na faculdade, ela passou a ser mais espontânea, e atribui à rádio todos esses aprendizados.

Podemos, portanto, perceber que, o experienciar sem que se pratique para acabar na censura corretiva do professor (KAPLÚN, 2014), traz resultados positivos quanto aos processos de aprendizagem por meio do rádio. O estudante que realiza para ser lido, ouvido, assistido, se coloca em condição de comunicante, por isso liberta-se e busca fazer, desperta-se para necessidade do “agir, procurar e criar”; quando se encontra com sua produção, deseja mais, quer ser e fazer e tem curiosidade para buscar mais conhecimento. Assim, discute, reflete e dessa forma os resultados são superiores.

No processo de aprendizagem do programa “Club Five”, o fazer vem da liberdade para agir; do alcance midiático do rádio, ao se descobrirem dentro de uma rádio profissional, as estudantes se colocaram em condição do querer saber. Se encontraram, se perceberam, se identificaram e a partir daí agiram sobre si e coletivamente sobre o grupo.

De acordo com Freire (1987) a escola não pode estar parada no tempo sem se adequar à realidade midiática social do estudante. É hora de mudar. Se entendermos a escola como espaço de experimentação, podemos criar espaços de fala para que a comunidade escolar consiga se expressar. Ao acatar a ação proativa das estudantes, a escola passou a ser palco de

experimentação. Isto só foi possível porque, conforme Amarantes (2008), as tecnologias midiáticas atraem os estudantes; por meio delas, como podemos perceber, alcançou-se uma série de aprendizados, desde a leitura crítica de texto, a percepção sobre si, até à descoberta da profissão.

A descoberta do discurso do rádio pelas sujeitas da pesquisa, foi condição *sine qua non* para que as ex-integrantes do “Club Five” atuassem autonomamente no programa. A circularidade de participação também as levou ter consciências sobre fatos sociais e realidades de exclusão já que perceberam que muitos estudantes, só precisam de oportunidade para se desenvolver, deixar aflorar seus talentos, o que poderia ser alcançado, se houve mais apoio governamental a projetos escolares.

Percebemos também que quando se trabalha com os estudantes a partir de um que fazer, em vez de colocá-los como receptores apenas, alcança-se a tríade “conteúdos-habilidades-attitudes (CONSANI, 2019)”. Assim, entendo que os processos de aprendizagem desenvolvidos no programa “Club Five”, levaram as ex-integrantes do programa a “aprender a pensar” (CRUS, 2020, ALMEIDA, 2016), e em vez de ser tornar um ambiente de transmissão em que as estudantes estariam só recebendo conteúdo, o programa nos revela o rádio como uma plataforma de saberes, um ambiente de comunicação, criação e ação autoinstrutiva, pessoal e coletiva.

Aprendizagem é transferência (CAREY, 2015). Neste sentido, quais transferências as ex-integrantes do programa escolar de rádio “Club Five” têm aplicado na vivência em sociedade, a partir daquilo que aprenderam no programa?

Tabela 5 – Efeitos dos processos de aprendizagem na vivência em sociedade.

<p>Bruna Citrini em 04/02/2022.</p>	<p>(...) eu tenho grupos de amigos que eu sou realmente muito próxima... e com essas pessoas que eu sou muito próxima, eu sou extremamente comunicativa... extremamente assim, ao extremo. Então... a gente sai juntos e aí a noite inteira juntos, eu falo muito... a gente conversa a noite inteira... (...) uma coisa que eu levei pra vida social também, e eu me lembro que foi uma das partes mais difíceis do programa foi falar um pouquinho mais devagar... e hoje é muito do que... as pessoas me entendem mais... isso... antes do programa, as pessoas não me entendiam tão bem, e hoje, de vez em quando, quando eu tô nervosa, eu falo muito rápido, assim... e eu tenho que respirar, falar um pouquinho mais devagar, porque antes do programa, eu falava muito rápido, muito rápido, e eu tive que falar muito devagar, botar uma caneta na boca, e começar a falar com a caneta na boca, pra falar devagar, então... isso, acho que é a principal coisa que eu trouxe pra vida social, é falar devagar pras pessoas me entenderem bem... então, acho que é a principal... (risos), eu falar devagar.</p>
<p>Hanah Clara em 06/08/2021</p>	<p>Eu creio que o “Club Five” não só ajudou a mim, mas como às meninas, na questão de se comunicar. Ah... eu principalmente tinha uma questão, ah... questão de me comunicar, eu não sabia me comunicar, eu era muito fechada, eu era muito reservada,</p>

	<p>morria de vergonha. E... nas questão de apresentações de trabalho na escola, é... aquele medo de estar na frente de pessoas apresentando um trabalho, tudo isso foi quebrado, após o “Club Five”, porque a gente soube se comunicar, soube se expressar. Então, assim, foi um grande avanço, uma grande ajuda pra gente, nessa questão de saber se comunicar, saber dialogar, saber escutar. E... isso teve uma grande influência e está tendo uma grande influência nos dias atuais, por conta, né, da faculdade. Na faculdade, temos seminários, temos apresentações, é... no meu técnico também, no meu técnico de administração que eu finalizei em 2019, teve uma grande influência. Por quê? Eu nunca fui cerimonialista. Nunca passou pela minha cabeça. E aí, a questão do “Club Five”, a questão de eu estar trabalhando numa rádio, tudo isso fez com que eu me desenvolvesse e aceitasse a oportunidade de ser cerimonialista num evento muito grande com pessoas importantes, e... eu acho que tudo isso foi, aí, o programa “Club Five” que nos ajudou, nessa questão de se comunicar de se expressar na frente dessas pessoas, né.</p>
<p>Ingrid da Costa em 06/09/2021</p>	<p>(...) às vezes quanto mais a gente conhece, mas às vezes causa revolta na gente em muita coisa, né. Conhecimento, ele traz um certo estresse, né, eu lembro que o Leandro Carnaúba uma vez falando que quando o pessoal chega no bar falando: “nossa, que calor, não sei o que...ah! tá quente pra caramba, não sei o que...”, e aí a pessoa tem conhecimento e fala: “nossa, a temperatura tá alta, deve ser não sei o que, da camada de ozônio, poluição...”, eu logo penso da mesma maneira, já pesa, ela não consegue jogar uma conversa fora... de bobeira e, hoje em dia, eu percebo que essa comunicação, até hoje, ela é... traz isso; às vezes eu tô num lugar assim... o pessoal: “nossa! O pessoal tão tudo no bar bebendo aí, mas não pode faltar aula, não sei o que e isso e aquilo... isso é injusto! Deviam voltar a aula, todo mundo e não sei o que...”, aí eu na minha cabeça: “gente, vocês tem que entender que são pessoas irresponsáveis, são pessoas irresponsáveis, uma aula vai ser obrigatória, o aluno... tá, nem todo aluno tem condições, nem todo mundo...”, aí eu ficava pensando aquilo e às vezes eu vejo isso (...)</p>
<p>Luiza Maria em 07/08/2021</p>	<p>(...) eu trabalho hoje como pessoa jurídica, eu sou PJ, então, eu meio que presto meus serviços. Então, a pessoa jurídica, ela tem uma flexibilidade de horário maior, e eu trabalho de seis da manhã, porque o jornal que eu sou diretora vai ao ar às sete (horas); então a gente precisa deixar tudo bem alinhado pra ele poder ir ao ar da forma certinha, redondinha, da forma correta... e o último programa que eu acompanho todo o processo de produção, vai ao ar das seis (horas) da noite, das dezoito (horas) até às vinte (horas)... eu não necessariamente preciso ficar até às vinte horas, acompanho tudo, alinho tudo pro dia seguinte. Então é direto... Por conta disso, o meu convívio social é zero (risos), a minha vida é trabalho! (..) A minha vida em sociedade... lá atrás... foi isso, entendeu, de... saber como me comunicar com o outro, saber o que o outro... quer de mim como comunicadora, sabe? Porque quando você vai no ar, você não tá se comunicando com... você não tá falando com equipamentos, nem nada disso, você tá falando com pessoas, você tá levando alegria, você tá levando informação pra pessoas, então, isso refletiu muito na minha comunicação com a sociedade (...). No meu dia a dia... eu vejo mais pelo lado da desenvoltura, (...) então com certeza eu me senti mais segura depois de todos os aprendizados (risos)... com o programa...</p>
<p>Maria Luiza em 24/01/2022</p>	<p>Sim, sim... em questão assim, social, com os amigos ou pessoas ainda que eu conheço assim só na hora... o “Club Five” me ajudou por que... eu não sou mais retraída, que nem eu sempre falei, eu era muita retraída, eu sempre bato, eu falei: “gente, eu não sou mais assim...”, e todo mundo acha que eu já nasci assim, eu falei: “não sou, não nasci desse jeito...”, eu falei: “eu tinha uma coisa assim escondida”, mas a partir do programa, ele me abriu, ele me criou pro mundo, ele me soltou uma borboleta, voou... Então, com os meus amigos, eu sou muita solta; eu consigo conversar com eles sobre qualquer tipo de assuntos; alguns eu não quero, outros eu quero, mas eu consigo com</p>

	pessoas também que... que eu na hora assim, a gente tá conversando, eu já sou mais aberta pra elas, porque eu já não sou de excluir, já coloco, começo com... começo a colocar na roda...
--	---

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Bruna Citrini nos contou que sempre se comunicou bem, e essa habilidade foi ampliada com a participação no programa “Club Five”, no entanto, e isso eu pude acompanhar in loco, Bruna antes de participar do programa falava extremamente rápido quase incompreensível. Pode parecer ao leitor desavisado uma simples questão, mas quer uma situação pior do que a de não ser compreendido em uma ato social com amigos mesmo que você tenha capacidade de falar? Conforme Freire (1977) o que “caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo assim como o diálogo é comunicativo”, ora, se não há compreensão da mensagem, não há diálogo, não há comunicação, se a pessoa em interação social não consegue se fazer entendida por seus pares, não estará inserida em sua própria realidade social.

Portanto, essa aprendizagem destacada por Bruna, nos remete a uma questão muito importante para o jovem nos dias atuais, pois mesmo que a comunicação na geração deles seja de velocidade, como WhatSapp, Twitter, Instagram, Tik Tok, Kway, Spotify, Podcast ela precisa ser compreensível, e Bruna apreendeu que precisava alcançar a compreensão da mensagem que comunicava, do seu falar, e, isso a “obrigou” se conhecer e trabalhar para tornar-se compreensível e por uma simples ação: falar mais devagar. Isso só foi possível com a participação no programa, mais uma vez, o rádio aparece como plataforma de saber, capaz de fazer a pessoa se perceber para torna-se compreensível. Atualmente, Bruna se relaciona melhor com os amigos uma vez que consegue ser compreendida em seus atos sociais de fala em interação com os amigos e colegas de trabalho.

De acordo com Hanah Clara, a participação no programa “Club Five” desenvolveu processos de aprendizagem que a capacitou para a vivência em sociedade. Hanah tornou-se mais participativa especialmente na escola, superando o medo de falar em público, avançando na competência comunicativa e na maneira de se expressar, possibilitando uma condição para o diálogo e a escuta. Essas habilidades avançaram com a sujeita da pesquisa até a universidade e o curso técnico, pois ambos exigiam apresentações de seminário. De acordo com Hanah a arte do bem apresentar foi adquirida quando ainda atuava no programa “Club Five” e esse aprendizado à capacitou para ser convidada a ser a cerimonialista de um “evento grande com pessoas importantes”. Tendo atuado como DJ e não locutora especificamente, percebo mais uma vez que, o rádio tornou-se uma plataforma de saber, capaz de desenvolver

competências e habilidades, para além do uso apenas como ferramenta, para o desenvolvimento de habilidades específicas.

Ingrid da Casta, teve um ganho intelectual o qual, na vivência social, traz-lhe um certo grau de estresse, pois aprendeu a não “jogar conversa fora”, sua criticidade aumentou. Agora, consegue ir além de uma simples opinião. Sua leitura crítica da situação na vivência social a faz pensar que tudo tem um porquê, que sempre há dois lados. A sujeita da pesquisa afirma que o convívio social, o conhecimento, apesar libertador, tem sua carga de estresse, uma vez que não permite mais um agir sem perceber o todo. Isso, às vezes a incomoda. Não para que se feche em uma redoma de intelectualidade e evite o convívio social; afinal, a sujeita menciona estar na “balada” com os amigos, logo, em vivência social, mas para não agir por impulso carregando consigo apenas opinião sem racionalidade. Aquilo que fala e aquilo que ouve, vai além da simples opinião alheia, Ingrid procura compreender o todo em suas conversas sociais.

Atualmente, Luiza Maria presta serviço como Pessoa Jurídica. A carga horária de trabalho não permite uma convivência social mais acentuada fora do ambiente do trabalho. Sua convivência social é quase nula. Portanto, o que ela vivencia na maioria das vezes é uma relação profissional. A máxima secular do capitalismo: viver “para trabalhar”. No entanto, pode-se perceber que houve uma transferência na aplicação social daquilo que foi aprendido no “Club Five”, as competências adquiridas durante a participação no programa a possibilitou atuar profissionalmente no ramo da comunicação social.

Maria Luiza afirma que perdeu o medo de conviver em sociedade. Agora, sua fluência comunicativa gera interesse nos colegas, todos querem saber sobre como ela se tornou uma pessoa tão comunicativa. A sujeita da pesquisa atribuiu ao programa “Club Five” o status de casulo ao afirmar: “soltou uma borboleta”; essa metamorfose a permitiu “voar”. Hoje, a sujeita da pesquisa se diz “solta”, desenvolta para qualquer assunto, sente-se capaz de escolher o que discutir com os amigos e consegue desenvolver qualquer tema de assunto. Atualmente em vez de excluir, agrega a pessoa mais tímida à conversa.

Percebo, portanto, que houve transferência do aprendido e apreendido no programa para a vivência em sociedade por cada uma das ex-integrantes do programa.

Os desafios de formação contemporâneos requerem possibilidades de se criar intervenções, entre elas, as educacionais (ALMEIDA, 2016), a partir de uma educação comunicante (KAPLÚN, 2014), capaz de potencializar a autoaprendizagem e a coaprendizagem. Assim será possível estimular à “gestão autônoma dos educandos em seu *aprender a aprender*, em seu próprio caminho para o conhecimento”, do modo que haja

raciocínio crítico e elaboração criativa (KAPLÚN, 2014, p. 67 grifo do autor). Neste sentido, quais são os efeitos dos processos de aprendizagem desenvolvidos no programa “Club Five”, na gestão autônoma da atuação profissional de cada uma das ex-integrantes do programa?

Tabela 6 – Efeitos de aprendizagem na vida profissional.

<p>Bruna Citrini em 04/02/2022.</p>	<p>E aí hoje assim... acho que tem até um plus... depois do programa, quando eu fui pra faculdade... Eu tive várias oportunidades por causa do “Club Five”. Eu fui oradora pela universidade, então, eu subi no púlpito da universidade... no teatro da universidade pra fazer palestra, né, pra ser a oradora das palestras, porque eu tinha participado de programa de rádio. Então... é... só por isso... porque eu tinha feito um programa de rádio e eles me chamaram pra ser oradora. Eu fui oradora várias vezes... Ministrei aula e isso pra mim... tinha uma oratória... Eu conseguia explicar bem as coisas, e aí foi onde eu migrei, eu comecei Comércio Exterior, que é realmente o que eu gosto de fazer... Mas aí foi onde eu comecei a migrar pro comercial que é a minha grande paixão, onde eu trabalho hoje, onde eu me desenvolvi super bem... e... é onde eu tô até hoje (...). Hoje eu falo com algumas pessoas e tenho essa resposta direta... mas aí continua esse relacionamento, principalmente com a fala... e só que aí, o que acontece? Acho que tem um pós também... sempre continuei muito comunicativa... até antes do “Club Five”, talvez eu não fosse tão comunicativa, talvez eu fosse um pouco mais fechada, principalmente por uma questão de autoestima... e aí entrou a pandemia... como eu fiquei um pouco mais em casa, essa minha questão de ser muito comunicativa diminuiu um pouco, então não sei até se a pandemia não influenciou um pouco disso assim... Então hoje em dia não sei se... se eu volto pra fazer um evento como uma oradora, não sei como é que será essa experiência, talvez eu voltaria, realmente não sei... porque hoje eu sou bem seleta com pessoas que eu vou sair pra encontrar, “ah, vamos fazer um... vamos encontrar amigos, assim...”, eu sou bem seleta, porque... ah, eu tenho que drenar as energias, assim... ah... vou me comunicar! Então... então não sei até que ponto... claro, acho que a pandemia também mudou um pouquinho essa minha questão de... de ser muito comunicativa, porque, fiquei muito tempo em casa, me acostumei muito com ficar em casa... e acho que isso também acabou mudando um pouco, acho que eu... não sei, parece que eu retrocedi, assim, mas... (...) eu não perdi nenhum pouquinho do meu amor pelo rádio. Eu mudei um pouquinho de estilo, assim... hoje eu consumo muito... rádios um pouco diferentes, eu consumo muito conteúdo de podcast, principalmente, muito, muito, muito... e todo mundo que me conhece, todo mundo que me conhece um pouquinho mais a fundo, fala que eu... pra eu fazer um podcast e... você tem que fazer um podcast. Meu sonho é fazer podcast, já tá na minha lista infinita de pendências assim, que é pra eu fazer um podcast e eu quero muito... Então, eu sempre quis fazer... tem muita coisa pra falar, pra compartilhar (...) É... eu trabalho em vendas, né? E em vendas a gente tem um termo, que é o encantamento de clientes... e o “encantamento de clientes” (<i>fazendo gestos de, entre aspas, com as mãos</i>) é, nada mais, nada menos que você fazer um programa de rádio e ser legal com o ouvinte. Você passar uma energia legal pro ouvinte, só que em vendas, o encantamento... tu vai ter alguém ali que tá falando com você, e essa pessoa é um pouco mais resistente... e eu sou ótima em encantamento de clientes, pode vim o cliente mais brabo do mundo, mais resistente do mundo e eu vou desmanchar esse cliente, eu vou conseguir fazer... o que eu quiser, então, nisso eu sou muito boa... é... E aí, isso eu já fui elogiada diversas vezes... e eu posso tá no pior humor do mundo, posso tá sem vontade nenhuma de trabalhar... eu vou mudar instantaneamente de humor pra atender um telefone, então... aí, tô sem saco nenhum, eu falo: “Bruna, Consul - Brastemp, boa tarde!”, e aí, essa viradinha de chave é... é cem por cento da rádio, porque a gente fazia isso nas viradas de blocos também, a gente numa “galinhagem” entre um bloco e outro... “ah! Oi, gente! Boa noite!”, a gente mudava assim de humor, e de tom de voz entre os blocos, então, isso é cem por cento, porque é fazer... até o tom de voz muda, né... entre esses humores assim, então em casa, ah, eu vou entrar numa reunião, e aí... aí pronto, mudei o humor, entrei na reunião, tô ótima, tô feliz, tô contente; e aí encantamento de chefe, né, aí já muda pra chefe, e tô pra encantar o chefe... Então, essa questão, que</p>
--	---

	<p>é... que eles chamam de encantamento é muito reflexo da rádio, porque... é envolver o ouvinte, que era o que a gente muito... é... cativar, acho que é essa a palavra, era pra cativar o ouvinte, a gente fazia com animação, a gente tentava passar toda a energia que a gente tinha dentro daquele... daquela... daquela... o negócio de vidro, assim, né, aquela salinha, a gente tentar passar toda aquela energia, e aí é tudo o que eu tenho que passar pelo telefone, que eu trabalho muito com telefone, hoje por reunião, e aí... isso é principalmente o que eu uso no trabalho hoje... então, refletiu bastante... nesse processo, hoje, refletiu muito...</p>
<p>Hanah Clara em 06/08/2021</p>	<p>(...) depois do “Club Five”, é... a gente teve oportunidade de trabalhar aqui na rádio, por conta de a gente ter feito um bom trabalho, no nosso programa. O nosso programa foi um fenômeno, vamos dizer assim, que abriu portas para o nosso primeiro emprego, né, aqui na Rádio Rural que graças ao senhor Thomas (diretor) eu estou até hoje, né, trabalhando, vai fazer... acho que uns cinco anos que eu estou participando aqui da rádio. E... foi essencial nessa questão porque quando eu estava no “Club Five”, eu era apenas na operação de som e na produção do programa. Nunca passou pela minha cabeça a locução. Tinha algumas participações e tudo mais, mas foi a partir do momento que eu aceitei a trabalhar aqui na rádio, depois que terminamos o Ensino Médio, né, e aí nós tivemos a oportunidade de trabalhar e a minha primeira obrigação era a locução jornalística. Sendo que eu: “Meu Deus, como assim? Calma!” (risos). Então o senhor Thomas disse, não, calma eu vou lhe ensinar, tudo mais, e eu já, tinha também as questões dos ensinamentos que eu via o professor ensinando as meninas na questão da locução porque a gente participava tudo junto, né. E a minha primeira locução foi a locução jornalística. E eu falei: “Meu Deus e agora?” E aí, a gente começou a se aperfeiçoar o senhor Thomas foi uma pessoa que teve paciência em nos ensinar, principalmente, a gente é... bastante grata a esses dois homens que são professor Welner e o senhor Thomas, por nos ensinar. Foi muito bom, né, essa questão, porque até hoje, eu estou nessa questão do jornal é... tive, tive... é... informações, é... questões aqui que entraram para a história. O professor Welner até uma vez ele, mandou uma mensagem perguntando: como é que você se sente dando a primeira notícia, era uma notícia ruim, mas foi destaque local que era questão da Covid chegando aqui (Tefé), os primeiros casos de Covid. Então assim, o “Club Five” foi essencial nessa minha questão de desenvolver, né, a minha comunicação que chegou agora, na locução que estou fazendo a locução jornalística e até gravando comercial, gente (<i>voz empolgada, risos</i>). E depois lógico, me formar, estou me formando graças a Deus. Ainda não é na área de comunicação, mas futuramente a gente vai tentar de novo, né? Mas eu já tenho toda essa base e agora eu estou nessa fase de expor tudo que eu aprendi durante o programa do “Club Five”. (...) acho que se não fosse o “Club Five” eu não estaria empregada numa rádio hoje em dia, porque tudo começou com o “Club Five” o nosso programa na rádio (...). Até hoje assim, muita gente, por incrível que pareça lembra do “Club Five”, lembra das participantes, né, e é uma coisa bastante boa, porque a gente deixou registrado, né, na cidade de Tefé, a questão do “Club Five”, as participantes, né, (...) Acho que apesar de ser um programa de rádio de adolescentes, mas foi bastante eficaz nesse nosso crescimento profissional. A gente soube se organizar, a gente soube administrar, a gente pensava grande, né, a gente pensava bastante grande e foi eficaz nessa questão de a gente se administrar, administrar o nosso tempo, os nossos afazeres, para que a gente pudesse aplicar no nosso dia-a-dia. Nas nossas questões do dia-a-dia, nas nossas questões do trabalho.</p>
<p>Ingrid da Costa em 06/09/2021</p>	<p>(...) é muito engraçado, que onde eu chego: “caraca! Olha a Ingrid, não sei o que...”, tem gente que olha pra mim como se eu fosse a pessoa mais f*... do mundo, assim, aí eu fico: “nossa, que nada, gente! Imagina!”, “cara, mana, tu é muito f*..., não sei o que... ai, ah... diz que é da rádio, já ouvi tu falando, o jeito que tu fala, o jeito que tu apresenta, o jeito que tu faz isso, que tu faz aquilo, nossa, não sei o que...”. É engraçado que já teve até gente que quis se aproximar de mim por conveniência, assim, aí quando descobriu que eu não era essa rica toda, aí se afastou, mas por quê? Porque, tipo, eu passava uma imagem e eu passo, eu sou uma pessoa segura, eu me garanto com que eu faço, hoje em dia eu falando isso, meu Deus do céu, já pensou</p>

aquela Ingrid de trás olhando pra mim agora? Gente do céu, como eu cheguei nisso? Confesso que... mudou assim, mas foi toda uma construção, e eu levo muito aquilo, a gente não tem que ficar lutando pelo que... “ah, eu quero isso”, aí, é tipo, o que eu luto, é o que eu não quero... eu não quero ser aquela pessoa que diziam que eu ia ser: uma fracassada. Então eu luto pra ser melhor a cada dia a mais... eu não quero ser... eu não quero mais morar numa casa que eu tenho que tá passando aperto, então eu luto todos os dias pra ajudar minha mãe a fazer uma casa melhor, entendeu? Então, eu luto pelo o que eu não quero pra minha vida, entendeu? Porque eu acho que é muito mais motivador (risos)... porque eu falo: “ah, eu não quero isso pra mim, não, vou sair dessa na hora...”, então é isso... (risos) (...)

Eu amo tanto o que eu faço que eu não tenho noção do que eu faço, eu não tenho noção do que eu faço e eu não tenho noção pra quantas pessoas eu falo... quantas pessoas podem me escutar... mas eu faço com tanto amor, que às vezes eu penso que tem uma pessoa me escutando e eu penso que eu tô... “oi, Seu João, tá fazendo o quê? Tá pescando agora? E aí? Tá bom?”, isso eu no ar... (risos), “como é que tá o almoço aí, Dona Maria? É frango? O peixe tá caro, né?” (risos), eu converso como se eu tivesse fazendo qualquer outra pessoa, e me deu uma aproximação, porque eu sou um tipo de pessoa que eu chego onde eu chego, eu posso ir na fila no banco, eu saio amiga de umas dez senhorinhas... (risos), eu acho que é necessidade, eu não consigo tá num lugar calada... (...)

Eu acho que é essa sede de conhecimento mesmo, professor, que eu tive de aprendizado, eu sempre tenho que está por dentro de tudo, eu sempre tenho que saber tudo pra que eu possa ajudar ao máximo outras pessoas... porque a ignorância, ela tem um preço muito... muito caro na vida das pessoas, muito. Elas acabam perdendo muita coisa por conta da ignorância. Então eu acho assim, que eu não quero isso, sabe?... Não quero... Eu quero que as pessoas façam as coisas cientes do que acontece dos dois lados, que elas não sejam tratadas como marionetes, porque ninguém merece ser tratado assim... e eu acho que é esse o meu amor pela comunicação, sabe? Acho não, eu tenho certeza. Eu não quero chegar lá e falar bonito, falar: “aí, a notícia é isso, isso e aquilo...”, eu quero ser, fala com... falar aqui no rádio, falar com o empresário e o pessoal lá no interior, não tendo os estudos e os dois consigam me entender e entender todo o recado que eu dou numa notícia... é dar acessibilidade, dar acesso porque esse acesso muda muito, em muitos contextos a vida das pessoas... não é assim direto, né? É uma personalidade que a gente tem... de crescer muito durante o programa... eu acho que é isso, professor... (...)

Depois desse projeto (*programa “Club Five”*) eu aprendi a construir uma personalidade minha e o que que eu fiz? Eu vi que as minhas inseguranças eram coisas... baseado em coisas que eu não me garantia, então se eu não me garantia, eu arranjei uma maneira de me garantir, foi quando... eu comecei a estudar mais, eu comecei a levar mais a sério o meu trabalho, foi quando eu comecei... a... sei lá, fazer o que eu gostava, fazer com mais carinho, fazer com mais amor e tentar ser melhor (...) eu chegar num ambiente e saber um certo conteúdo e eu ver pessoas totalmente ignorantes, não ignorantes no modo de eu falar: “nossa, bando de ignorantes”, mas ignorantes pelo fato delas não terem acesso ao conhecimento, nem nada, e me doía ver aquelas pessoas e ver e qualquer um que chegasse ali conseguia “passar a perna”, político..., um cara fazendo promessa..., porque elas eram muito... eu acho que uma mente muito fechada... ou então muito crua ao ponto de qualquer pessoa chegar e plantar uma semente de... do mal, ou deixar elas ainda muito escravas do sistema que a gente vive, ou elas continuarem achando que elas não são nada, quando na verdade elas tem um potencial imenso. Então... foi um aprendizado que eu sempre quis ser uma pessoa que conseguisse aprender, sugar o máximo pra que eu pudesse chegar nessas pessoas e poder ajudar elas. (...) inclusive lá no cartório até minha chefe me elogiou por causa disso, que ela falou que eu tinha muita paciência. Às vezes, quando... ela é muito técnica, ela falava assim: “ah, porque o processo disso, que não faz... não sei o que... no documento”, começa a falar aquela linguagem jurídica que a pessoa fica lá sem entender nada, e aí eu fui encarregada por conta da comunicação... porque eu consigo falar com essas pessoas, elas super entendem. Tem gente que... (risos), às vezes é um conteudozinho assim, uma coisinha de título e elas vem, faltam me abraçar: “muito obrigada! (inaudível)”, eu fico: “não, isso é um órgão público, é seu direito, é nosso dever lhe explicar, só faça isso, vai dar tudo certo...”, “nossa,

	<p>muito obrigada! Eu vim do interior, não sei o que...”, aí a pessoa chega e a pessoa não sabe nem comunicar, não sabe nem falar. Até nisso, a gente às vezes acha que... nossa... falando isso e isso e aquilo, usando o máximo de inteligência a gente consegue ter acesso a todo mundo... Então eu levei isso muito de aprendizado, eu tento aprender ao máximo que eu possa... passar pra outras pessoas, e pra tirar um pouquinho, pelo menos um pouquinho da ignorância pra que elas tenham um pouquinho mais, pensem um pouquinho mais... (...) Buscar entender a minha realidade, conhecer outras realidades, realidades de outras pessoas, saber como que acontece, que as vezes a gente mora no município e tem gente que nem conhece a nossa realidade e eu mesmo fico em outro bairro, Colônia Ventura, porque gente do céu, aquela menina... oh... aquela outra cidade...(risos), e é bairro de Tefé, eu fiquei imaginando as crianças correndo pra aula num barranco imenso, só lama quando chove, como que não deve ser difícil pra aquelas crianças... chegarem numa escola e eu nem sei, nem se tem material, se tem nada... A minha preocupação aumentou muito com isso e eu fico muito inquieta, porque... eu conhecendo o “Club Five”, a gente passa a estudar mais sobre muitas coisas e essa questão social pra... a gente tem que ter acesso, porque é uma coisa que eu também não quero, não quero ser uma jornalista isolada, viver num mundinho ali... um elitismo, um pessoal que faz parte... eu quero ajudar quem realmente precisa, sabe, através do meu trabalho (...).</p> <p>Eu entrei no PIBID, e no PIBID meu pré projeto foi sobre a educomunicação... a gente fez uma rádio na escola com os alunos tudinho... A gente fez um projeto, apresentou pros alunos, a gente tentou conversar com eles, perguntar o que eles gostavam... e eles falavam do que gostavam e tudo, e a gente viu o material que a gente tinha na escola, e a gente achou meios, demandas que eles estariam precisando, conversamos com os professores do que que eles estavam precisando mais, se era gramática, se era isso, se era aquilo... A galera toda se reuniu e a gente montou um esquema de fazer um programa animado, alegre, com que eles se sentissem atraídos sem achar chato, mas que a gente conseguisse colocar a educação lá dentro, numa literatura, na gramática... uma matemática, e a gente conseguiu fazer isso... a gente criou vários quadros, tinha o quadro de signos de respeito, as de... até previsão do tempo, até histórico da escola, que eles foram buscar, saber a história da escola, sobre um monte de coisa, do bairro...</p>
<p>Luiza Maria em 07/08/2021</p>	<p>(...) na faculdade em si, falando sobre faculdade... a teoria é muito linda, e ela é muito diferente da prática... então, eu já entrei na faculdade com uma base prática... eu já entrei na faculdade sabendo como é que funcionava as coisas na prática no rádio, pelo menos, então, eu não entrei tão crua, tanto é que no meu primeiro semestre da faculdade, primeiro semestre em 2017, eu consegui um estágio. É muito difícil você conseguir um estágio no primeiro semestre, eu me orgulho muito disso, foi uma conquista muito grande pra mim, e a experiência no rádio, no meu currículo, foi muito grande e pesou muito na época, na minha contratação na Polícia Civil como assessoria de comunicação, estagiária de assessoria de comunicação... Quando você entra na faculdade, o seu currículo, ele tem que tá pra você pleitear um estágio, e muitas vezes, os jovens, eles só tem cursos de qualificação que são muito bons, mas quando ele tem uma experiência, ele tem algo comprovado ali, de que ele já... já esteve na área, já começou a descobrir como é que as coisas funcionam, eu acho que pesa muito mais... Então, depois do “Clube Five”, a gente viu, eu encarei como uma grande experiência, que eu soube aproveitar, colocar no currículo e mostrar: “olha, eu já fiz isso, e fiz muito bem!” (risos), modéstia à parte! (...) O crescimento intelectual... por conta do projeto contribuiu muito porque eu já tinha minha experiência, já tinha uma base na rádio, já sabia o que eu queria, e até na época da faculdade, quando eu comecei, eu me encantei muito com a televisão, então eu queria, na faculdade, eu queria muito fazer televisão, adorava televisão, mas, depois, eu acabei que voltei pra rádio. Então quando eu participei, até um fato bem interessante que aconteceu... quando o “Club Five” estreou, nós estreamos na Rádio Rural... e no ano passado, quando eu comecei a fazer participações ao vivo na rádio, foi na época da pandemia, eu comecei a participar ao vivo na rádio, a minha primeira participação, quando entrei, ligaram o microfone pra eu falar, eu falei: “olá, ouvintes da Rádio Rural!” (risos) Eu vi que ia morrer! Eu: “meu Deus! O que aconteceu comigo?” Então, tipo...</p>

	<p>tudo interligado, sabe, meio que veio um “déjà-vu” assim na minha cabeça e... “tô na Rádio Rural, não, gente, eu tô na Rádio Diário!”, ai acontece, né. (...) foi a minha base de aprendizagem, se eu não tivesse tido essa oportunidade, eu não sei em que área que eu estaria agora... então, pra minha vida profissional foi tudo (...) Eu consegui me desenvolver melhor como profissional, consegui me desenvolver melhor no ar, conseguir visualizar os meus objetivos e saber aonde eu quero chegar, e tudo isso a gente construiu lá atrás, lá no projeto (<i>programa “Club Five”</i>) (...) Hoje, eu apresento às sextas-feiras à noite, às 10:00 horas, um podcast, que é o “Deixa eu Te Falar”, é um podcast que é transmitido na rádio e nas redes sociais. Então, eu vejo muito daquilo que eu fazia, lá trás, no “Club Five”, agora, na rádio. A minha atuação, hoje, no Grupo Diário de Comunicação, é na rádio, porque eu me identifico muito com isso e, aquela oportunidade, lá atrás, fez com que tudo isso fosse possível.</p>
<p>Maria Luiza em 24/01/2022</p>	<p>Do “Club Five”, o que eu aprendi nele, eu levei, foi que nele, a gente... como eu era a produtora, né, a gente criava muita pergunta... e a partir dessas perguntas que a gente fazia as entrevistas... então eu acho que na faculdade, e conseguiria... eu criava apresentações, eu criava... vamos ver... a gente tinha que criar algum... alguma peça ou a gente sempre tinha feira das... das profissões, e eu sempre ficava a frente delas porque o “Club Five” me ensinou. Eu sempre consegui ficar à frente em questão de criar... ah... sempre ensinou pra gente aquelas perguntinhas (O quê?, Quem?, Onde?, Quando?, Como? e Por quê?) pra iniciar uma entrevista e eu sempre levei isso pra mim, na faculdade e no trabalho. Então, a partir disso daí, sempre nas feiras da faculdade, nessa parte, eu sempre ficava um pouco a frente, porque eu sabia a nossa feira, que era durante três dias. A partir dessas perguntas, (eu sabia) montar o projeto da nossa feira, e a chamar os estudantes de lá, ou então, a gente recebia muita visita das escolas pra conhecer a nossa. O nosso curso, a partir também dessas perguntas da rádio... então... eu criava apresentações, eu ajudava a participar das feiras também, criei... ajudei a... nos estágios assim... eu me soltava muito porque eu sabia desenrolar muita coisa... a gente assim... a pessoa: “ah... mas o que a gente vai falar?”, falei: “ó, gente... isso aqui é o quê? Isso aqui... esse produto fala sobre isso? Tá, a gente vai apresentar ele pra esses tipos de pessoa? Pode ser tanto pra jovens quanto pra pele madura, como que vai ser?”, então, a partir daí, eu comecei a... eu me soltei... eu me soltei assim... eu fiquei... eu digo que eu fiquei mais esperta pra tudo... em questão... eu consigo... é que nem eu falo, hoje eu consigo criar qualquer coisa que eu quiser de qualquer assunto, eu só tenho que pegar, estudar, ler sobre ele, daí eu já consigo me desenrolar... e criar qualquer coisa...</p>

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

Capacidade comunicativa, adaptação, relacionar-se melhor com as pessoas, ter senso de responsabilidade, aprendizagem metaforizadas no ato de “virar a chave”, foram aprendizados adquiridos no “Club Five” que se tornaram habilidades comunicativas para sujeita da pesquisa Bruna Citrini, as quais passou a utilizar na sua vivência profissional. Essas habilidades e competências, geraram atitudes de comportamento na universidade, com o chefe de trabalho, no atendimento ao cliente, no exercício profissional.

No entanto, o contexto atual de pandemia pode ter afetado a capacidade comunicativa de Bruna, devido ao isolamento imposto pelas restrições sanitárias em relação à Covid-19. Mesmo assim a paixão dela pelo rádio continua, ao ponto de gerar o interesse para quem sabe, um dia, publicar podcasts, a nova linguagem radiofônica que passou a ser o conteúdo

mediático de maior consumo da ex-integrante do programa “Club Five”. Em sua atuação profissional, Bruna, usa um termo que segundo a mesma, é uma habilidade aprendida no rádio: o “encantamento de cliente”, numa adaptação lógico-discursiva da sujeita da pesquisa, para seu trabalho, era o que elas faziam na rádio: o “encantamento do ouvinte”. Essa aprendizagem tornou-se uma competência profissional de modo que o processo de aprendizagem de “virar a chave”, de mudar de postura, fez com que, nos dias atuais, isso fosse crucial em seu trabalho, capaz de reverter situações de desânimo e falta de vontade, em ação proativa no trabalho. Não significa mentir, mas ser profissional, estar pronta para enfrentar a realidade do mercado competitivo que exige uma atuação diferenciada do profissional e Bruna soube aproveitar o aprendizado desenvolvido no programa “Club Five” e adaptá-lo para vida profissional. Tornou-se capaz e responsável conforme explicita Baltar (et al 2009).

Para Hanah Clara o aprendizado adquirido no programa “Club Five”, “abriu portas”, possibilitou a ascensão ao primeiro emprego, onde ela trabalha até os dias atuais. Hanah demonstra que havia um sentimento de “ser menos”, pois afirma: “eu era apenas na operação de som e na produção do programa”. Na época, todos diziam que ela tinha uma boa voz e que se expressava bem, mas Hanah mantinha-se resistente quanto à locução. Participava na abertura e na despedida, mas preferia ficar apenas como operadora e auxiliava na produção. No entanto, sua primeira atividade profissional depois do ensino médio exigiu a habilidade da locução. A sujeita da pesquisa afirma que observava as colegas de grupo e, de maneira indireta, adquiriu parte desse aprendizado, só não o colocou em prática quando ainda atuava no programa escolar de rádio. Atualmente, se encontrou com a locução. Diz estar satisfeita com o trabalho.

Hanah, noticiou os primeiros casos de Covid-19 em Tefé, fatos históricos que marcaram seu nome na comunicação local, apesar da notícia ruim. Nos dias atuais também já grava comerciais. Segundo a participante da pesquisa, se não fosse pela participação no programa escolar de rádio “Club Five”, não estaria trabalhando em um meio de comunicação. Afirmou ainda que até os dias atuais, ainda são lembradas pela participação no programa. Para Hanah, os processos de aprendizagem desenvolvidos no “Club Five” tiveram contribuição eficaz no seu crescimento profissional, gerando assim autonomia e autoconfiança.

Ingrid da Costa em sua performance social atual, atrai o interesse das pessoas. Algumas a admira verdadeiramente, mas outras se aproximam só por conveniência. Este é um senso crítico adquirido, a partir da participação no programa escolar de rádio “Club Five”.

Essa aprendizagem foi possível, porque a sujeita da pesquisa experienciou o rádio na prática, por meio da ação de entrevistas e interatividade com as colegas, ouvintes e participantes do programa. Essa ação a levou a conhecer e reconhecer as personalidades das pessoas em seu contexto social. Para Ingrid a competência atual: “foi toda uma construção”. Antes de participar do programa, a ex-integrante do programa sofreu preconceito social, foi instigada a se sentir uma fracassada, mas reverteu essa perspectiva, colocando para si o que ela não queria ser, de acordo com a participante: “é muito mais motivador”.

A sujeita da pesquisa afirmou ainda que ama o que faz e não se importa com a quantidade de pessoas que a ouve, se for uma ou milhares, ela busca “dialogar” com o ouvinte. Ingrid afirma, ter se tornado uma pessoa de interação, faz amizade até com as senhorinhas da fila do banco. Para a sujeita da pesquisa, esse foi mais um aprendizado adquirido pela participação no programa escolar de rádio. Outro que contribui em sua atuação profissional é a sede por conhecimento.

Kaplún (2014) nos explicita que quando se entende a utilidade daquilo que se faz, se busca “agir, procurar e criar”. Neste sentido, percebo o quanto Ingrid da Costa evolui em seu senso crítico, pois afirma que o preço para quem se encontra em um estado de ignorância é muito caro e não quer isso para si. Dessa forma, busca através do seu trabalho, contribuir na “libertação” daqueles que a contatam, seja pelo rádio ou pessoalmente; do empresário ao lavrador ribeirinho, ela quer se fazer entendida, quer estabelecer comunicação com seus interlocutores, ou seja, ela age, procura e cria exercícios de comunicação e libertação. Atuação profissional de quem tem compromisso consigo e com a sociedade na qual está inserida. Conforme Freire (1987), Ingrid exerce sua práxis social: ação e reflexão sobre o mundo para transformá-lo.

A participação no programa “Club Five”, segundo a entrevistada, a ajudou a construir sua personalidade, pois a levou a se autoperceber de modo que ela pudesse se reconhecer como alguém que não “se garantia” e, isso, a colocou em posição de atitude, de ação: “eu comecei a estudar mais”. Essa ação desenvolveu em si a habilidade para reconhecer em outras pessoas a ignorância e, de como essa condição, ou seja, estar desprovido de conhecimentos, pode “escravizar” um cidadão; de como estar neste estado, pode levar outros a os considerar como um “ser menor”. Também entendeu que estar desprovido de senso crítico, contribui para que se desenvolva um autossenso de desvalorização, ao ponto de “elas continuarem achando que elas não são nada”.

Ingrid, reconhece seu passado nessas pessoas e, por isso, busca aprender cada vez mais para conseguir ajudá-las. Um exemplo prático foi a experiência dela como estagiária no

Cartório Eleitoral quando se colocou como uma “porta-voz” e “traduzia” a linguagem técnica da chefe para que as pessoas compreendessem o que estava sendo passado a elas. Em suas palavras: “eu consigo falar com essas pessoas”. Ora, se ela consegue falar com eles foi porque, antes, não houve comunicação. E, se agora ela é capaz de se comunicar, foi porque alcançou um aprendizado que contribui na sua trajetória de vida: “eu levei isso muito de aprendizado”. Seu objetivo atual é contribuir para tirar as pessoas da ignorância.

A vivência profissional revela processos de aprendizagem que a levaram a querer entender sua realidade, possibilitaram um entendimento de querer se colocar no lugar do outro, perceber suas realidades sociais, as quais prejudicam o desenvolvimento pessoal. Exemplo dessa aprendizagem está no perceber que um simples barranco de terra, que para o olhar despercebido possa parecer apenas um espaço de lazer para crianças da periferia, na verdade pode revelar um cenário onde a realidade social das crianças é de quem enfrenta dificuldades de acesso à escola. E, foi a partir da participação no programa “Club Five” que a sujeita da pesquisa passou a entender mais sobre essas questões sociais.

A participação no programa escolar de rádio fez com que a protagonista quisesse estudar mais. Não quer apenas chegar ao rádio e falar sem conteúdo ou simplesmente transmitir uma notícia seca, só lendo o texto; Ingrid quer ser uma jornalista fora da redoma, sem isolamento no seu próprio mundo. Quer ser diferente, quer: “ajudar quem realmente precisa”, por meio do seu trabalho.

A sujeita da pesquisa ganhou maturidade e habilidade para além da experiência que teve na escola e nas rádios. Enquanto acadêmica do curso de Letras tornou-se bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, onde teve a oportunidade de criar uma radioescola. A radioescola funcionou com atividades internas, sem transmissores, apenas com caixas de som, microfones, celulares e notebook. As atividades desenvolvidas eram semelhante às ações do projeto de comunicação “Comunicar para a Vida” que ela participou na escola Gilberto Mestrinho quanto estudou o Ensino Médio. Essa rádio foi a primeira rádio da escola, onde ela e seus colegas desenvolveram o projeto do PIBID.

Segundo a entrevistada, a escola agora tem uma rádio a partir do projeto PIBID. O nome da rádio foi escolhido pelos alunos, por meio de sorteio em que vários alunos participaram e nome escolhido foi: “Coração da Amazônia”, devido à localização geográfica de Tefé que é praticamente no meio do estado do Amazonas. Os quadros dos programas foram divididos de acordo com a identificação dos estudantes, entre eles há esporte, dicas de beleza, receita etc. São trabalhados a produção textual, oratória, seminário entre outros elementos que envolvem a comunicação. Isso demonstra como a participante da pesquisa se

apropriou da linguagem midiática fortaleceu sua autoestima e a autoconfiança tornando-as motivação para novas iniciativas, refletindo maturidade e habilidade para além da experiência que teve na escola e na rádio, trazendo contribuições em sua trajetória de vida depois que se formou no Ensino Médio.

Luiza Maria afirma que entrou na faculdade: “sabendo como é que funcionava as coisas na prática no rádio”. Aqui, a ex-integrante do “Club Five”, nos comprova que houve letramento tecnológico e linguagem radiofônica. Afirma ainda que a experiência “pesou” para sua contratação como estagiária na Assessoria de Comunicação da Polícia Civil. Este fato também comprova que houve uma contribuição direta da participação no programa para a trajetória profissional dela após formar-se no Ensino Médio.

O saber adquirido no programa “Club Five” trouxe possibilidades as quais Luiza Maria soube aproveitar para aplicar no seu dia-a-dia. Durante a vivência na faculdade se encantou pela televisão, mas foi no rádio que se encontrou na profissão de comunicadora. A experiência no programa escolar de rádio “Club Five” foi tão significativa ao ponto de ocorrer um “déjà-vu” e quando foi estrear na capital, durante a abertura do programa, em vez de falar nome da rádio na qual estava estreando como profissional, citou o nome da Rádio Rural de Tefé, onde teve seu primeiro contato com a rádio. A atuação profissional atual, demonstra que o aprendido foi apreendido e transferido para atuação profissional (CAREY, 2014).

Luiza Maria enfatizou a contribuição dos processos de aprendizagem desenvolvidos no programa “Club Five” para sua trajetória profissional: “pra minha vida profissional foi tudo”. Atualmente a sujeita da pesquisa apresenta um Podcast intitulado: “Deixa eu Te Falar” no Grupo Diário de Comunicação na capital Manaus e atribui à vivência no “Club Five” aos resultados que estão sendo alcançados agora. Conforme Baltar (et al 2009), ao se trabalhar com o rádio, este nos desenvolve habilidades como letramento, fala, escrita, organização, administração e engajamento na sociedade.

O rádio possibilitou motivação significativa e reconhecimento pela ex-integrante do programa. Desse modo acredito que, mais uma vez, o rádio se apresenta, agora, no discurso de Luiza Maria, como uma plataforma de saberes, uma vez que a fez emergir como profissional da comunicação. O rádio funcionou para ela como campo de saberes de onde emergiram aprendizagens a partir de práticas variadas e significativas, tirando-a da condição de isolamento, possibilitando saber resolver problemas, colocando-a em estado de cooperação, transformando-a em sujeita autônoma, capaz e responsável na e para a sociedade.

Maria Luiza afirmou que os processos de aprendizagem a partir do exercício de produção e elaboração de perguntas para entrevistas no programa “Club Five”, com base nas

clássicas perguntas: O quê? Quem? Onde? Quando? Como? e Por quê? - possibilitaram adaptação na faculdade. A sujeita da pesquisa tornou-se líder dos colegas acadêmicos. Com o aprendizado adquirido no programa “Club Five”, conseguiu se reconhecer e saber atuar na realização de grandes eventos como as feiras universitárias para divulgar produtos e cursos. Em suas palavras: “eu sabia a nossa feira”. Este senso de realidade gerou autoconfiança, melhorando também a sua capacidade de comunicação. Propiciou liberdade comunicativa trazendo contribuições na trajetória dela depois que se formou no Ensino Médio. Desenvolveu sua autoconfiança ao ponto de afirmar que é capaz de criar qualquer coisa que queira sobre qualquer assunto. Sabe o que precisa fazer para desenrolar criar novos produtos.

Um dos processos de aprendizagem libertadores é o processo por cooperação, solidário e coletivo (FREIRE, 1987). As atividades interventivas educacionais serão tão bem quanto melhor desenvolvidas se realizadas de modo coletivo (ALMEIDA, 2016).

Segundo Memmi (2007) é pela coletividade que os jovens encontram as soluções de suas dificuldades. Neste sentido, como se deram as relações intergrupais e externa ao grupo, em relação às integrantes do programa “Club Five”?

Tabela 7 – A relação intergrupais.

<p>Bruna Citrini em 04/02/2022.</p>	<p>(...) geralmente acontecia assim, só que como eu sou um pouquinho mais... não é controladora, a palavra que eu quero dizer, mas eu sou um pouquinho mais pra frente... eu geralmente dávamos... ai, a Malu tava muito lenta, eu já... “tá, tá, tá, tá, tá... assim que ia acontecer!”, então eu já pegava a folha de papel, tá, tá, tá, escrevia e é isso que vai acontecer, pegava um... fazia 4 blocos, falava o que ia acontecer e pronto! Então... geralmente a gente já fazia assim e ia mais rápido... ou não... ou a gente... ou pelo menos definia quem que ia, tal, pelo menos pra estruturar bloco, né, porque sempre eram 4 blocos... e aí a gente só precisava entender o que ia acontecer... aí começava a definir quem que ia ser o convidado, então ia entender quem que seria o convidado da semana... Malu ia atrás de convidar o convidado... e as músicas eram separadas, ou somente pela Hanah, geralmente era o que acontecia, e a gente ia dando algumas dicas de... de... música, então essa era mais ou menos a estrutura... Podia acontecer de eu já dar uma “pra frente” e... e dar essa separação de blocos assim, e ai, e dando assim tarefas, né, então, Malu acha o convidado, Hanah separa as músicas, cada uma dá uma música e pronto, acabou, tá feito! Então, era mais ou menos isso que podia acontecer... no começo, eu me lembro que a gente... escrevia ponto, vírgula... respiração... tudo. A gente tinha roteiros de doze páginas, eu tenho guardado isso até hoje em algum lugar... eu acho que são memórias que a gente não pode esquecer, eu acho que tá na casa da minha mãe, até... então, doze páginas grifadas, Ingrid, Malu, Hanah, acho que tá escrito até uma hora a Malu falando: “mãe, eu te amo, muito obrigada...”, é muito legal... Então... a gente tinha isso, e, depois de um tempo não precisou mais. Hoje, a gente só tinha uma página, falando bloco 1, bloco 2, bloco 3, bloco 4... então, a gente foi evoluindo com o tempo... e aí era isso, essa era a relação que a gente tinha pra montar o programa... e... e era isso, profi, essa é a relação...</p>
--	--

Hanah Clara

em 06/08/2021

Ah, minha relação com o grupo era muito boa, apesar de rolar aquele processo de “tapas e beijos” vamos dizer assim, porque éramos cinco adolescentes, né. Éramos cinco adolescentes de perfis totalmente diferentes. Obvio que iriam ter algumas tretas ali, né, algumas discussões, uma discordando da outra, mas assim, era uma fase, assim, eu até me emociono porque (voz emocionada, lágrimas nos olhos), éramos cinco amigas, cinco irmãs, que todas as nossas famílias nos apoiavam, né. É... sinto saudade porque era uma fase muito boa, éramos cinco melhores amigas, que estudávamos juntas, que convivíamos juntas em tudo. As nossas famílias super nos apoiavam. As nossas famílias eram é... a gente, às vezes saia da escola era oito horas da noite, nove horas da noite e a nossa família estava ali. Tivemos alguns conflitos, óbvio, porque éramos adolescentes e muitas das vezes nossas mães ficavam: ah, vocês estão dando muita atenção para o “Club Five” esquecendo dos estudos, às vezes, mas não era bem assim, a gente focava em tudo. E a minha relação com as meninas era impecável, a gente se reunia todos os sábados, que o nosso programa era aos sábados, (...)

E a gente se reunia na casa da Luiza, a casa da Luiza foi a nossa segunda casa, né. Que a gente se reunia na casa dela e vamos montar a nossa programação: o que que vai ter hoje? Era uma coisa muito gostosa. Muito gostosa de se conviver, assim, as meninas, nossa, eram demais! E, às vezes, eu olho assim, tem os nossos vídeos que a Luiza Maria, adorava fazer os nossos vídeos assim... e a gente assim reunida. Então uma coisa assim que bate saudade porque era uma coisa muito boa. Óbvio, a gente teve nossas brigas, às vezes o professor era nosso pai, era psicólogo, era tudo (risos). E as nossas “lavagens de roupa”, a gente crescia tanto com essas nossas “lavagens de roupa”. Que a gente sentava, quando o professor via que uma estava brigada com a outra, ele sentava: oh, o que é que está acontecendo? Vamos manter o foco. E eram muito legais essas nossas conversas assim. Essas nossas reconciliações. Que a gente aprendia, a gente pôde crescer com tudo isso que a gente viveu. Então finalizando, a minha relação com as meninas era incrível, era uma convivência de amigas e de irmãs, onde nossas famílias sempre nos apoiavam em tudo. A nossa família era bom porque eles viam que ali tinha futuro, sabe, e era incrível. Eu sinto saudades (risos, com voz de choro). Então é... como a gente... é aquela amizade em que a gente passa meses sem se falar, mas quando a gente se fala é colocando os assuntos tudo em dia. Às vezes falta tempo para tanta pauta. É... quem se encontra aqui em Tefé sou eu e a Ingrid né, e a gente trabalha juntas, então a gente tem esse convívio ainda. Agora, com as outras meninas que cada uma foi para um estado, a gente se comunica bastante pelas redes sociais. E é uma assim olhando os storys da outra, os status da outra, e vendo o que... o quanto elas cresceram. Às vezes a gente nem se fala todo dia. Mas quando a gente senta para conversar, assim, amiga como você tá, aí tudo mais? Não é aquele convívio de todo dia se falar, mas assim, quando a gente senta para conversar uma querendo saber da vida da outra: Como é que tá? Como é que anda a questão amorosa? Como é que está a questão profissional? E é um convívio bastante bom, bastante bom mesmo, apesar de muitas das vezes a gente não ter nem tempo, assim, para se falar muito; mas quando a gente senta para conversar volta a ser como era antes. A gente até tinha um grupo no WhatSapp que era nós cinco então a gente se comunicava muito ali, aí acabou, aí a gente fez outro, aí acabou de novo. Que a gente vê que a gente tá crescendo né, que tem outras prioridades, mas é como eu falei né. Apesar de a gente não se falar todo dia, mas quando a gente senta para conversar é... bota todos os assuntos em dia. Então é uma conversa muito boa. Apesar de a gente querer se encontrar de novo, né, agora, ver é... formadas, todo mundo é... crescidas, a gente queria se encontrar de novo pelo menos aqui em Tefé, e para ver como seria essa nossa nova fase de se sentar junto e conversar sobre faculdade conversar sobre família. Porque todos nós estamos nessa fase de namoro, na questão de construir família, construir nosso lado profissional, não é mais aquelas questões de antes e a gente conversava sobre festas essas outras coisas é um assunto totalmente diferente, mas que ainda é um convívio ainda muito gostoso.

Ingrid da Costa

em 06/09/2021

Minha relação? Eu acho assim que... lá dentro do grupo a gente, até então na ver... desde do... (risos) Ah, professor, para de tá falando essas coisa! É porque, tipo agora já passou muito tempo, né, então... eu falo sem amor, sem sentimento, sem nada, mas eu acho assim que lá dentro eu fui muito tímida, fui muito fechada, as meninas, elas eram... elas tentavam se aproximar de mim sempre, mas por um bom tempo eu me fechei, durante muito tempo, por questões pessoais, que eu acho que já deu pra entender no áudio... e... mas só que com o tempo eu fui... eu fui ficando mais próxima das meninas, eu fui me apegando muito com elas, a gente virou amigas de verdade, tinha umas duas, três que eu já era muito amiga, sabe, mas é que eu me fechava e isso era meu mesmo... E aí, com relação a dentro do grupo, é complicado, porque, cinco meninas... (risos), adolescentes com o nervo à flor da pele... Então assim, em personalidade, totalmente diferente, eu... Era muito complicada conviver com uma pessoa que não aceitava a opinião de ninguém, queria ser a certa em tudo, e até então, pra mim foi de boa, porque eu era aquela pessoa que só baixava a cabeça, e falava sim... e aí a gente não podia se destacar mais, tinha sempre que tá na margem, porque se se destacasse, aí a pessoa ficaria marcando alguém, parece, cometendo um crime, e... e tinha sempre que tudo girar... ah! É complicado! (risos)

Eu acho, eu acredito que das meninas, todas fizeram a parte delas, a Malu, ela era ótima produtora, ela tava sempre pesquisando ali... mas, eu acredito, eu hoje... que eu vejo do “Club Five” a nossa líder do início ao fim, que foi a Bruna... a Bruna, ela sempre foi nossa líder pra tudo.., na hora da pauta ela guiava tudo, ela era totalmente imparcial porque ela aceitava nossas opiniões, ela fazia fala... (...) ela levava em conta, sempre ela perguntava: “Ingrid, tá bom isso? Tá bom? Tá bom aquilo? Isso e aquilo?”, então ela... mas as... e ela era muito de boa, eu... nossa! Foi uma pessoa assim que até hoje eu levo pra vida inteira, porque... ela era muito inteligente, mas ela não precisava ficar gritando pro alto que ela é inteligente, ela era uma pessoa... ela era intelectual, mas ela não precisava ficar diminuindo ninguém pra se sentir talentosa, ela... (...) e ela foi uma pessoa assim que hoje e olho e fico: “caraca! Ela fez tudo, tudo super certo, e eu tenho certeza que ela tem uma paz de espírito imensa, porque...”, nossa! Eu aprendi a admirar muito a Bruna, demais, eu via ela, quando eu via ela apresentando, quando ela falava assim com a gente, falava: “meninas, vamos fazer pauta”, aí todo: “ah, ta bem, gente, a gente tem que fazer a pauta, o que que vai entrar hoje?” “não, eu acho que não, vamo conversar sobre tal coisa”, tantos minutos; do nada, ela calculava a música, entrevista, não sei o que, eu ficava: “gente do céu!”, e eu ficava ali. Porque eu acho que de todas as meninas, eu era que menos dava opinião lá no grupo, pra falar a verdade... sei lá, minha timidez, tudo, eu achava que minha opinião não ia agregar em muita coisa, porque as meninas conheciam muito mais coisas que eu, e aí... e eu via que elas eram muito, muito amigas, mas assim porque eu também virei amiga delas também, foi muito de boa, mas a gente acabou tendo muito... muito atrito... eu não sei se por conta do grupo ou por conta de fatores externos na amizade delas, assim, eu via que era engraçado, porque elas eram muito amigas, aí elas acabavam tendo... criando uma hierarquia de amizade, tipo assim a... poxa, a Bruna e Malu entraram no grupo como melhores amigas, e aí tinha gente que tentava sabotar as duas pra roubar uma amiga da outra, e eu que eu era de fora, eu ficava: “ai, gente, que que é isso? Por isso que eu não gosto dessas frescuras...”, que eu dizia que tudo era frescura... e eu fui muito a pessoa que assisti muita coisa, não participei de muita treta, mas meu Deus, que teve treta, meu Deus do céu, tudo era muito diferente... misericórdia!!! (risos) e tinha gente ali que tinha muita dificuldade (risos) em aceitar a opinião dos outros, tem que ser igual, se não fosse... e que não tava bom, sempre era melhor, sempre era a opinião dela que valia... e às vezes o fato de ela ser muito segura, era engraçado, porque... e eu admiro muito, admirava muito isso nela, mas só que eu percebi que no final... eu admirava só a coragem, não a pessoa em si, porque ela era uma pessoa tão segura de tudo o que ela fazia, mas ao mesmo tempo fazia tanta coisa que desagradava o grupo, mas a gente não falava nada... porque o fato dessa segurança, ela ir chegar lá e fazer, a gente acha que não, até isso... só que chega um tempo que a gente vê que é muito além disso, né, porque tinha coisas, atitudes que afetavam o grupo inteiro e era muito chato, muito, muito chato, porque quando a gente tinha que ficar aguentando, ficar escutando que a gente tinha causado, quando na verdade não era a gente... eu lembro que eu fiquei muito

	<p>amiga de uma das integrantes lá no final, a Hannah, porque ela ficou muito excluída no grupo, muito excluída... “ah, pera, amiga, vem cá!” (risos), então acho que foi por causa disso, mas... sei lá, professor, eu olhando hoje assim, meu Deus, era muita leseira, sabe, que eu fico, meu Deus do céu! (risos) E foi isso... (risos), foi isso.</p>
<p>Luiza Maria em 07/08/2021</p>	<p>Nossa... esse é um ponto bem importante porque, há uns dias atrás eu achei umas fotos, uns vídeos que a gente fazia na época, e... eu acho assim que eu, Luiza, acho que a adolescência é um dos piores momentos da nossa vida porque... ah, é horrível. Eu vejo essas adolescentes, elas acham que o mundo vai acabar... amiga!?... o mundo não vai acabar, o mundo vai acabar quando você tiver conta pra pagar e não tiver nem dinheiro! (risos) Então... na adolescência tudo é muito intenso, sabe... tudo é muito intenso, qualquer briga é intensa, felicidade é intensa, qualquer sentimento é intenso na adolescência, parece que isso se multiplica, se... se distribui assim de uma forma na nossa cabeça que é só aquilo e pronto... o “Club Five” aconteceu na nossa adolescência... então, além de colegas de trabalho, amigas de trabalho... nós éramos amigas, então existiam brigas, existiam momentos bons, mas tudo isso era muito amplificado, entendeu? Às vezes, a gente apresentava o programa brigadas, não sei se o ouvinte percebia, mas se percebeu, desculpa... (risos), mas foi um pouco difícil, foi difícil... a gente ter encarado isso tudo tão nova, mas eu acho que ao longo dos meses, a gente conseguiu encarar isso de uma forma bem mais madura e conseguimos amadurecer dentro do programa, o nosso amadurecimento foi no ar... A gente saiu de adolescentes para futuras profissionais na rádio, se não fosse a rádio, se não fosse esse amadurecimento não tinha acontecido de uma forma completa e de uma forma tão rápida pra nossa vida... Então, hoje eu vejo as minhas amigas, acompanho de longe. Eu não tenho mais muito contato com elas, mas eu fico super orgulhosa, sabe? Porque, tudo o que a gente viveu, lá atrás, contribuiu muito pro que a gente é hoje. Hoje, eu não falo muito assim com elas, por conta do tempo, né, eu não falei sobre minha carga horária de trabalho, mas acredite se quiser, eu trabalho de seis da manhã às oito da noite! Esse foi um dos motivos pra eu trancar minha faculdade, porque... agora eu vou voltar, no próximo... na verdade eu tô tentando voltar nesse semestre, assim, tô tentando assim, me dá um choque de animação pra ver se eu volto, porque quando você larga o semestre parece que tudo desanda, assim... (risos), e aí eu... em nome de Jesus eu vou voltar esse semestre! Mas eu trabalho, a minha carga horária de trabalho é essa, não é legal, né, desculpa se alguém ouvindo além da gente, for ouvir depois essa entrevista, não me denunciem pro Ministério do Trabalho! (risos) (...) e com relação às meninas, é aquela amizade que você não fala todo dia, você não fala toda semana, talvez você não fale até todo mês, mas quando você se fala é como se fosse... como se sempre tivesse ali, eu sinto muito isso com a Bruna, na época do “Club Five”, a Bruna Citrini... a gente era bem próxima, e depois... quando eu vim pra Manaus, essa relação se tornou ainda mais forte, mas com o passar dos anos a gente deixou um pouco de se falar. Mas se hoje ela me mandar mensagem, querer conversar comigo, nossa, vai ser como se a gente tivesse falando todos os dias, porque, acho que depois de um tempo a amizade se torna assim... (risos) a Maria Luiza... a Malu, eu também falo muito pouco com ela, a gente... ano passado, no final do ano a gente viajou juntas pra Tefé, então, a gente continua se falando, não com muita frequência, mas continua se falando sim... a Ingrid, a gente não tem mais tanto contato, a Hannah da mesma forma... mas a amizade continua... sempre!</p>
<p>Maria Luiza em 24/01/2022</p>	<p>Minha relação com as meninas era muito tranquila, porque naquela época de todas as meninas eu era a mais calma... porque querendo ou não eram cinco mulheres, as cinco mulheres todas ficavam tudo na TPM tudo junto... então, assim, era um... Entre as meninas, eu digo assim, por experiência que eu vivi, era muito conturbada, então, meio que eu era um meio ali, eu ficava... eu não queria brigar, que nem eu falei, naquela época eu era muito tranquila, então, eu via aquelas brigas, eu achava tão desnecessário, porque era por tanta coisa besta... Mas a gente se uniu demais, que nem... no início do programa, a gente não era tão amiga como... como a gente ficou no final. Foi a gente brigando, por todas essas brigas, por essas brigas que a gente foi se fortalecendo... então, a partir daí a gente criou uma união tão forte, tão forte, mas</p>

tão forte, que até hoje a gente ainda tem isso, essas meninas..., que nem eu falo, e tenho contato com tudo, com todas até hoje, algumas são mais, outras são menos, mas na época nossa relação era muito boa, da minha parte, eu achava muito boa com as meninas. Porque eu sempre fui muito... muito... que nem eu falei, falei assim... eu não gostava de brigar na época, hoje eu sou mais... Eu acho que se fosse hoje, eu já seria mais encrenqueira, mas na época não; na época eu era muito de boa com as meninas. Nossa relação era muito, muito, muito boa, comigo, em relação comigo, as meninas eram muito boas, eu não tinha, assim, encrenca com nenhuma, inveja de nenhuma, eu tinha uma amizade muito forte por elas, sendo que eu sempre falava: o que me fazia chorar era as meninas, toda vez o que me fazia chorar, quando tava tendo alguma coisa, quando a gente fazia nossas reuniões, eu chorava, era quando a gente tocava nesse assunto, porque pra mim elas eram muito importantes, porque elas tavam... elas faziam parte daquele meu processo de construção, né, pra minha fase adulta, então é uma parte assim na minha vida que elas são muito importante, foram importante e ainda são muito importantes... (...) É... é modo de falar... eu deixava às vezes muita coisa passar, assim, como as meninas, elas eram mais... mais pra frente assim, e eu era mais tranquila, então, às vezes certas coisas, eu deixava muita, muita coisa passar pra ficar mais tranquila, pra evitar certas confusões, só que às vezes elas precisam acontecer, né... então eu deixava passar por isso, porque eu não queria, hoje em dia eu não deixaria... não deixaria, eu bateria de frente, se eu não quisesse, eu falaria que não quisesse... às vezes eu me retraía de alguma forma pra evitar uma confusão sendo que hoje eu não faria, eu bateria de frente, falaria não, não, até... até entrar em um acordo. (...) Sim, a gente mantém vínculos, sempre eu venho pra cá (Tefé/AM), né... pra onde a Ingrid e a Hanah moram, a gente sempre conversa, porém eu tenho uma amizade... assim que eu falo... maior é com a Ingrid e com a Bruna, sempre... na época eu era muito amiga da Bruna e da Luiza, mas sempre fui mais próxima da Bruna, hoje em dia eu tenho assim... é com a Ingrid e com a Bruna... mas eu falo, a gente conversa com todas, a gente ainda tem o grupo do “Club Five”, ainda continua lá pra nossas fofocas, pra tudo, tudo o que acontece a gente joga lá naquele grupo... a gente tem uma relação muito boa... sempre quando a gente tá passando por alguma coisa, a gente corre pra aquela área, eu sempre corro ou pra Bruna ou pra Ingrid, pra Luiza, pra Hannah e pra qualquer uma... porque são coisas que a gente falava, ou que não ia acontecer ou o que ia demorar pra acontecer, e quando acontece a gente lembra, elas... a gente socorre pra contatos, sendo coisa boa ou coisa ruim...

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

A relação intergrupal do grupo “Club Five” era de união e conflito. Havia aproximações maiores de uma para com outra, mas sempre buscavam ao coletivo. Bruna Citrini desenvolveu um lado mais maternal devido a relação com mãe. Explicou na entrevista que devido à mãe não ter uma boa relação com a avó, muitas vezes Bruna a amparava emocionalmente e isso fez com que se aproximasse mais da Maria Luiza, quem sofreu mais com a falta de apoio do país no início do grupo. Esse sentimento maternal, de proteção e resolução de problemas criou nela uma atitude proativa e, por isso, por vezes, a levou a atitude de liderança do grupo. Tomava a iniciativa fazia as coisas acontecerem. Apesar de se autonegar como controladora, a sujeita da pesquisa em algumas ocasiões se fazia “mandona” para que as atividades do programa ficassem prontas. Isso repercutia no grupo de maneira positiva, mas também criou conflitos.

A intertextualidade empregada por Hanah Clara: “entre tapas e beijos”, adaptando o verso musical ao seu discurso sobre a relação intergrupala, também confirma que apesar de toda amizade na relação intergrupala ocorria conflitos. Hanah em vários momentos durante a entrevista se emocionou o que demonstra um sentimento de gratidão pelo que vivenciou com as colegas no programa escolar de rádio “Club Five”. Afirmou que durante os conflitos, o professor foi um porto seguro para resolução dos problemas. De acordo com a sujeita da pesquisa com os processos dialógicos de “lavagem de roupa”, ou seja, as discussões sobre os problemas que afetavam o grupo, aprendeu e cresceu enquanto pessoa.

O fenômeno de “lavar a roupa suja”, ou seja, resolver os conflitos, também se configurou em um processo de aprendizagem com efeitos significativos. Quando ocorria alguma contenda entre elas, o grupo se reunia voluntariamente e/ou com o apoio do professor coordenador. Naquele momento, cada sujeita expressava o que a incomodava e estava gerando o conflito. Então, elas apresentavam suas versões e percepções. Se era um conflito bilateral, as demais interagiam expondo também suas percepções sobre o fato. Quando se tratava de problema em grupo havia a orientação do professor. Fosse sozinhas ou com a supervisão do professor coordenador, as protagonistas do programa “Club Five” sempre se reconciliavam. Havia momentos de choro e declarações de afeto e amizade. Num processo de autonomia, elas solucionavam os conflitos e cresciam enquanto pessoas. Se humanizavam. Atualmente, Hanah Clara mantém relação de amizade com as demais colegas, mas as atividades laborais e a vivência social as impendem de ter um contato mais próximo, no entanto a amizade continua.

Ao refletir sobre a relação intergrupala Ingrid da Costa, nos mostrou que na relação intergrupala houve conflitos, admirações e decepções. A sujeita da pesquisa hesitou um pouco, no início, mas afirmou expor seu entendimento sem sentimentos, ou seja, racionalizou sobre o que ocorreu para poder explicar como entendia sua relação com o grupo. No início por fatores pessoais e externos ao grupo, Ingrid da Costa se excluía na relação intergrupala. Depois, criou laços de amizades que perduram até os dias atuais, mas não nega que havia conflitos. A sujeita da pesquisa reconhece Bruna Citrini como a líder natural do grupo. Porém, afirma que algumas das atitudes da colega geravam sentimentos de baixa autoestima. De acordo com a entrevistada, em um grupo só de adolescentes mulheres, havia um sentimento de ciúme entre elas o que acabava por gerar uma pseudo “hierarquia de amizade” o que também gerou conflitos intergrupala. Outro ponto apontado de conflito foi quanto à aceitação de opinião umas das outras e quando em um grupo uma pessoa quer ter razão em detrimento às outras, isso gera desgastes. Porém, conseguiram superar suas diferenças e todas são amigas até hoje.

A adolescência é um período de vivência em que tudo é amplificado de acordo com Luiza Maria, conforme ela afirmou: “tudo é muito intenso”. O que significa que aquilo que o jovem se coloca a fazer, na maioria das vezes é sempre ampliado ao ponto de ser significativamente importante ou irritante. Em se tratando da relação intergrupar, a sujeita da pesquisa também confirma que havia um ambiente harmônico, mas também de conflitos. Segundo Luiza Maria: “Às vezes a gente apresentava o programa brigadas, não sei se o ouvinte percebia, mas se percebeu, desculpa... (risos), mas foi um pouco difícil, foi difícil.” No entanto, esse foi mais um processo de aprendizagem possibilitado e que é existente no rádio como plataforma de saber. A vivência e resolução de conflitos faz parte de quem pratica a comunicação radiofônica. A prática diária de comunicação acabou por se revelar um processo de aprendizagem de amadurecimento: “a gente conseguiu encarar isso de uma forma bem mais madura e conseguimos amadurecer dentro do programa, o nosso amadurecimento foi no ar”. Esse aprendizado trouxe contribuições na formação pessoal e na vivência em sociedade e atuação profissional de Luiza Maria. Atualmente, mantém relação de amizade com as colegas, mas a fase adulta, as atividades do trabalho, a afastou um pouco das demais, mas sem impedir o vínculo de amizade. O vivência do conflito trouxe aprendizagens significativas para formação pessoal e para atuação em sociedade.

Para Maria Luiza foi no conflito que a amizade e sua personalidade foram forjadas: “foi a gente brigando, por todas essas brigas que a gente foi se fortalecendo”. Essa convivência dialógica se transformou em união. Jhon Dewey apud Cotrim (1982) nos faz entender que é pela reconstrução contínua do experienciar que nos educamos. Foi pela continuidade do trabalho em grupo que as estudantes se fortaleceram enquanto grupo e pessoas. De acordo com a sujeita da pesquisa: “a partir daí a gente criou uma união tão forte, tão forte, mas tão forte que até hoje a gente ainda tem isso”, ou seja, mantêm seus vínculos de amizade. Essa relação dialógica, de amor e conflito transformou-se em um processo de aprendizagem para Maria Luiza. De acordo com a ex-integrante do programa “Club Five”, se fosse hoje, teria outra postura: “se fosse hoje eu já seria mais encrenqueira”. Maria Luiza demonstrou estar mais consciente de si, sabe que pode dialogar mais, dar sua opinião, fazer-se presente, ter existência diante de um grupo. Essa aprendizagem emergiu da relação intergrupar que teve quando participou do programa escolar de rádio “Club Five”. Durante os conflitos, Maria Luiza, algumas vezes se recolhia, mas declara que os conflitos eram por vezes necessários: “às vezes elas (confusões) precisam acontecer”.

Desse modo acredito que como efeito desse processo de aprendizagem, a relação interpessoal, todas as ex-integrantes criaram processos de autoafirmação, desenvolveram empatia e capacidade de resolução de problemas.

Dentre as contribuições do programa “Club Five” está a relação do programa com a escola. Conforme mencionado, no capítulo 1, o “Club Five” não foi uma rádio, mas sim um programa escolar de rádio. Este programa escolar de rádio que rompeu os muros escolares e ocupou espaço nas rádios profissionais locais em Tefé (AM) ficando no ar por mais de um ano e sete meses. Daí surge o questionamento: quais foram as contribuições deste programa para escola? Como a escola se envolveu no projeto? E para as ex-integrantes do programa, quais perspectivas elas têm da relação do programa “Club Five com escola? É o que vamos saber na próxima “roda de conversa” com as sujeitas da pesquisa.

Tabela 8 – O programa escolar de rádio “Club Five” e seu vínculo com a escola.

<p>Bruna Citrini em 04/02/2022.</p>	<p>Nossa, eu acho que contribuiu assim... A escola ganhou uma visibilidade incrível pra muita coisa... a escola sempre teve projetos muito legais... o “Club Five” foi um deles... só que o “Club Five” foi além, né... o “Club Five” saiu das fronteiras ali, saiu dos portões da escola... então, o “Club Five”... o Gilberto tinha projetos ali dentro super legais, só que é aquela coisa, quem passava na rua via, e o “Club Five” foi... foi... saiu! Então... um ponto que eu achava super legal, a gente recebia mensagem de comunidade ribeirinha, então assim, a gente chegou lá, entendeu? O Gilberto Mestrinho chegou lá, não foi só o “Club Five”, o Gilberto Mestrinho chegou lá, então acho que é isso. Foi uma visibilidade incrível, pra todos os projetos do Gilberto. Eu lembro, teve uma festa no último ano, que foi uma festa gigantesca, assim... e o “Club Five” teve uma super participação também, porque além de... da rádio, a gente também cobria os eventos, a gente fazia juntos o jornal da escola, a gente participava dessa parte de comunicação da escola... não era exatamente “Club Five”, mas a gente ajudava nessa parte, né das mídias da escola. Então... eu acho que... o Gilberto ganhou uma visibilidade incrível com isso... Foi um projeto que saiu dos portões e avançou... então acho que é isso, pro Gilberto foi isso. Pros alunos... muitos, muitos, muitos, muitos alunos foram pra rádio com a gente... eu não consigo contar, não tenho ideia de quantos foram, assim... quantos alunos foram lá... pra cantar, pra ler poesia, pra participar, pra ver, até pra ver assim, já foram... e é uma experiência única... Se não fosse pelo “Club Five” eu não teria pisado numa rádio, não saberia como é que é uma rádio... então... foram muitos alunos, e é uma experiência muito legal, então... eu acho que é isso, então... assim... claro... antes era uma rádio AM, né, “ah, uma rádio AM é um pouquinho mais limitada, é diferente...”, mas foi pra uma rádio FM, e a nosso horário era... era meio... Meio dia às duas, meu, horário bombado, do meio dia às duas, tu liga, tá na hora do almoço, tal... completamente diferente, assim... imagina! Liga, o meu filho tá tocando violão, cantando na hora do almoço... Me lembro que foi... tinha um menino que era muito assim... tocava muito bem e cantava muito bem, e ele foi lá com a gente e tal... então, eu acho que é isso assim... pros alunos, agora a rádio AM também é FM, né, mas na época não tinha essa facilidade de você ligar o celular e ouvir... mas principalmente FM, a facilidade que é o aluno chegar numa FM e... e cantar e falar e, enfim...</p>
--	---

<p>Hanah Clara em 06/08/2021</p>	<p>Quando a gente teve o programa, a gente tinha a participação de todas as escolas de todos os alunos que queriam participar com a gente, né, que queriam participar do nosso programa de ter esse momento, de expor e quanta gente o nosso programa ele revelou, artistas locais, meninos que morriam de medo é que vinham aqui (Rádio), cantavam arrasavam, de pessoas que tinham o dom, né, de lê... A gente influenciava até pessoas a lerem, né, professor. A gente teve vários relatos de pessoas: “ah, o meu filho ouviu o programa de vocês e começou a querer ler.” Então a gente ficou bastante feliz com essas questões de a gente está levando coisas boas para os nossos estudantes né. Eu acho assim, em questão de unir, uniu sim, porque ainda mais depois que a nosso programa foi para uma rádio FM que todos poderiam escutar no celular, né. Então uniu bastante, porque deu nome à nossa escola, nossa escola ficou mais visível, os estudantes eu acho assim que com certeza eles é... a gente ajudava bastante, principalmente nas questões é... dos anos finais os terceiros anos, né, porque a gente tinha um quadro que eram questões sobre o ENEM, né. A gente citava alguns livros que caiam, questões que caiam, literatura, sobre matemática. A gente levava professores e isso foi eficaz para que os estudantes, eles... acho que contribuiu bastante na formação deles, assim, na questão dos estudos deles (...) O rádio deveria estar mais presente dentro das escolas, né, na formação desses alunos ajudando, tanto nas questões, que eu falo assim, nas questões de tirar a timidez do aluno, né, para ele se comunicar mais e ajuda nas nossas apresentações de seminários. Então é essencial e deveria estar mais presente né.</p>
<p>Ingrid da Costa em 06/09/2021</p>	<p>Eu acredito que a gente foi inspiração pra muita gente em... naquela época ninguém não tinha nem noção muito de quando a gente era inspiração, eu percebo porque... eu agora, depois da faculdade, depois da... praticamente, né, final da faculdade, esses dias eu conheci uma pessoa e... “cara! Tu é daquele projeto do Welner, cara, eu lembro que a minha mãe, eu implorei pra minha mãe me tirar da minha escola, pra me colocar lá, porque eu conheci o projeto de vocês e eu queria muito ir pra lá, era o máximo, e não sei o que...”, e era um cara que tinha um vozeirão, eu falei: “caraca! A voz desse cara... potencial tem!”, e aí eu falei: “aí, poxa! Ai, eu sonhava em participar...”, e muita gente que falou coisa parecida, que queria muito, porque assim, eles viam, cara, por exemplo assim, hoje eles me veem, eu sou fruto, eu sou produto do “Club Five!” E eu, meu Deus! se eu tivesse ido por outros caminhos, eu poderia até ser uma pessoa assim muito... estudiosa, inteligente, mas talvez eu não tivesse, eu não fosse desenrolada, não tivesse a segurança que eu tenho hoje, e eles me veem assim... eu graças a Deus, eu sou uma pessoa que onde eu chego eu me dou com todo mundo. Eu cativo muitas pessoas onde eu fico, graças a Deus. Eu gosto disso em mim. Eu odeio confusão, briga, tudo... Eu acho que eu passo uma vibe tão boa pra galera, que quem olha, que talvez é tímido, fala: “caraca! Eu quero ser assim...”, e muita gente já falou isso, fala: “mana, eu queria muito falar na frente, assim, eu morro de vergonha... mana eu queria muito não sei o que...”, e eu falo: “meu bem, mas...”, aí é complicado porque eu tenho que facilitar as coisas e eu tento não ser egoísta, porque só de lembrar o processo que eu passei pra chegar, aí nesse esforço agora, eu com 22 anos, eu fico imaginando eu daqui a um tempo, eu fico: “gente do céu! Ninguém vai me segurar! Ninguém vai me segurar!”. Ai... o senhor vai colocar: “Ingrid, a convencida” (risos) aí na entrevista, mas não, gente, meu Deus! Eu tenho muito orgulho que eu me tornei hoje, professor, o senhor não tem noção, porque tipo, eu sei o quanto que eu sofri, o quanto que eu chorei, o quanto eu me sentia rebaixada, quando eu deixava muita gente me rebaixar, e aí eu... “caraca!”. Eu vejo assim, as pessoas tendo a gente como inspiração é muito bom, sabe, muito bom, as pessoas chegarem e falar: “ah, eu queria muito”, e dentro da escola muita gente no programa continua porque muita gente queria, né... fazer parte, queria aprender, queria... inclusive quando parou o programa lá todo mundo, muita gente chegou: “poxa, poxa vida, infelizmente acabou”, essa nova geração aí, ainda mais agora essa galera que já é toda do Tik Tok, é tudo cheio de selfie, de celular, imagine, como eles... quando desenrolar... como eles não se saíam com isso, né? Então, podiam pensar em retornar... mas é inspiração mesmo pra pessoa, a gente foi pro pessoal... e a gente ajudou em muita coisa, né, ajudou, essa questão da comunicação, direção em aluno,</p>

	<p>que talvez não tivesse, a gente tava sempre buscando saber a opinião dos alunos na caixinha... sempre levar a direção da escola pra falar... que eu lembro de quadros muito legais, eu lembro que a gente levava os professores pra dar dicas pros alunos passarem no vestibular, então era uma coisa assim, até mais, mais informal, né, aquela coisa que o professor e aluno, era de amigo falando: “ei! Faz isso, isso, isso, vai conseguir...”. Então a gente acabou quebrando algumas barreirinhas que talvez tivessem, sabe? A comunicação ela faz isso, né, a comunicação é relacionamento, então, o Clube Five deu meios de que várias pessoas dentro da própria escola viesse ter um relacionamento que não tinha antes, direção e aluno, professor e aluno, aquela facilidade toda, acredito que foi mais ou menos isso...</p>
<p>Luiza Maria em 07/08/2021</p>	<p>Nossa, o programa era cinco menina mas, era muita gente envolvida assim por trás... era eu... eu falo que talvez o “Club Five” não seja cinco meninas, mas seja uma turma, que é o 3º ano C... e que era a nossa turma na época, 3º ano C e 2º ano C, que eram as mesmas pessoas... aquele grupo, aquela turma, ajudou muito a gente, nós passamos de colegas de aula pras meninas do “Club Five”, então, eles davam sugestões, eles contribuía com até sugestões de música, sabe?!, de quadros. A gente criou uma afinidade com a nossa turma muito grande, além de outras turmas da escola que a gente criou uma afinidade, criou uma amizade, conhecemos pessoas dentro da escola por conta do “Club Five”, pessoas que eu converso até hoje, então, o “Club Five”, ele foi uma grande ferramenta de aproximação e de afinidade entre nós, as meninas e as pessoas que a gente convivia todos os dias na escola, mas não tinha muito contato. Então, o “Club Five”, ele possibilitou tudo isso... Um episódio que eu nunca vou esquecer, foi quando a gente fez o lançamento do programa, e a nossa turma toda se reuniu, se mobilizou, a gente fez uns cartazes, e eles tavam lá com a gente no auditório, de alguma forma eles transmitiam esse apoio... então o “Club Five” não era só cinco, “Club Five” era uma turma, era uma escola, quando a gente tava no ar, a gente não tava levando o nosso nome, a gente tava levando o nome de uma escola, que é o Gilberto Mestrinho... uma escola que tem um histórico muito, muito grande, com alunos formados, renomados no mercado, com professores qualificados... era uma escola, não sei como tá hoje, mas era uma escola excelente, era uma escola modelo, e a gente conseguiu unir, a gente conseguiu mobilizar um centro educacional em prol de um projeto. Existiam muitas pessoas que não gostavam, existiam, mas a gente tem que lidar com isso na vida, né? Mas todas as pessoas que gostavam, que apoiavam era massa sim, contribuía demais pra nossa aproximação, pra nossa interação com os colegas... eu tiro o exemplo... eu não falo muito sobre vergonha, porque eu nunca tive vergonha na minha vida, sempre fui uma pessoa muito sem-vergonha... mas eu tiro o exemplo da Maria Luiza... a Malu, sempre foi uma menina muito fechada, ela tinha ali a zona de amizade dela, ela era super divertida assim entre a gente, mas quando se tratava de outras pessoas, a Malu era um pouco vergonhosa, tanto é que ela preferiu ficar na produção ali, nos bastidores do negócio... e a Malu com o programa, nossa!, ela deu um bum assim na vida que foi... de lá pra cima, hoje Maria Luiza tá super desenvolvida, tem uma desenvoltura profissional, pessoal, eu acho que isso tem muito a ver com o que a gente passou na época... então, tudo isso tem ligação, eu acho...</p>
<p>Maria Luiza em 24/01/2022</p>	<p>Deixa eu ver... a gente entrevistou bastante gente, né, da escola. A gente divulgou bastante, né, também... então, em questão da escola, a gente... querendo ou não, a gente aumentou a divulgação da escola, porque muita gente ficou sabendo do “Club Five”, das nossas entrevistas, das festas que a gente fazia também em prol da escola, pra melhoria, e quando a gente entrevistava alunos ou professores, a gente tudo visava na melhoria da escola e dos estudantes... É... a gente também entrevistou a gestora da época, né, pra falar sobre o que acontecia na hora, as melhorias que ela pensava pro futuro e... e os estudantes, sempre que a gente entrevistava, a gente perguntava sobre o futuro, o que eles queriam... (...) Ah, com certeza! Principalmente em questão de leitura, porque a gente levava... tinha até uma amiga nossa, a Duda, Eduarda, ela lia, lia muito, e um dia a gente levou ela lá, pra ela falar sobre as leituras delas, né., e também tinha muita gente lá na escola que tinha o amor pela música... então, muita gente se encontrou, cantando, tocando nessa parte do “Club Five”...</p>

A escola sempre desenvolveu projetos internos. Um que funcionava no pátio da escola citado por Bruna Citrini sobre quem passava em frente à escola o via, era um projeto também desenvolvido por mim, chamado “Sexta Cultural”. No pátio, à frente da escola, colocávamos um painel, microfone, violão e os alunos faziam suas apresentações da leitura de livros, poesia, teatro, música, dança, mas ficava no interior da escola; quem passava em frente ao prédio escolar, devido ao muro ser com grades, conseguia ver o que se passava lá dentro. Já o programa “Club Five”, rompeu com os muros escolares e alcançou à cidade inteira, municípios circunvizinhos e podemos dizer o mundo, pois a rádio passou a transmitir sua programação via internet. Se antes apresentadoras não tinham identificação com as rádios locais, agora, recebiam contato da juventude ribeirinha e demais comunitários e cidades circunvizinhas; conseguiram promover integração com as zonas urbana e rural do município. Nas palavras de Bruna Citrini: “a gente chegou lá”, ou seja, elas conseguiram realizar “um ponto de mutação (CAPRA, 2006)”, na programação local das rádios.

O programa teve grande participação na projeção escolar, divulgando e participando dos eventos da escola. Mesmo não sendo uma radioescola, o programa promoveu a participação dos alunos, envolveu a comunidade escolar. Conforme Amarante (2012) foi pela circularidade da participação no programa que ele se tornou um espaço de si dar voz, para os estudantes em geral e não só para as apresentadoras. No programa, os estudantes e toda escola puderam expor seus anseios, expectativas e sentimentos relacionando-os as suas vidas políticas e sociais. Nessa dialogicidade se reorganizavam coletivamente e construíram diálogos novos reinventando a si mesmos. O programa foi um espaço de oportunidades, um lugar de fala, uma espaço de descoberta. Nas palavras da sujeita da pesquisa Bruna Citrini: “uma experiência única, se não fosse pelo ‘Club Five’ eu não teria pisado numa rádio, não saberia como é que é uma rádio”. O programa contribuiu inclusive com integração entre a família e a escola, pois quando um estudante participava do programa seus familiares ficavam ligados no programa para ouvir a participação dos filhos. Essa foi mais uma das contribuições do programa em relação à escola, a integração família e escola.

Para Hanah Clara foi esse espaço, um palco de identidade jovem, no qual comunicavam-se entre si e com a sociedade por meio do programa. O “Club Five” ajudou a despertar o gosto por leitura, configurou-se como cenário de aprendizagem, ou seja, por meio do programa, o rádio nesse contexto, deixou de ser uma ferramenta, haja vista que, o que se aprendiam não era por meio do emprego da linguagem radiofônica, mas a partir dela. Nesse contexto, o rádio também pode ser entendido como plataforma de saber, uma vez que por metalinguagem, de estudante para estudante, havia uma retroalimentação de conteúdos e

ações performáticas de formação e competência tornando-os capazes e responsáveis, ou seja, o programa foi eficaz na relação com a escola.

O programa foi um espaço de inspiração e descoberta de talentos. Alunos de outras escolas queriam participar. O programa transformou as estudantes outrora tímidas, desencorajadas, em “celebridades” locais e atualmente, em profissionais reconhecidas pelo público que ainda as reconhecem pela participação no programa: “hoje eles me veem, eu sou fruto, eu sou produto do ‘Club Five’”. Ingrid da Costa falou com orgulho de si mesma, do grupo e do programa. Portanto, percebo que o programa transformou a estudante tímida, insegura em ser de existência, pessoa autoconfiante e proativa. O programa aproximou os corpos docentes, discentes e a direção da escola. Isso foi possível pela interação estabelecida no programa com a participação de todos, por meio de uma interação mais informal. Houve domínio da linguagem midiática: “comunicação é relacionamento”. O programa “Club Five” contribuiu para o relacionamento harmônico, interativo e participativo dentro da escola envolvendo os agentes educacionais: professores, alunos e gestão.

O programa era um espaço democrático de participação de todas as escolas de Tefé, era uma “vitrine”, um espaço para apresentar talentos estudantis locais e da sociedade em geral, especialmente os escolares que apesar da timidez tinham oportunidade no programa para se apresentarem.

O programa “Club Five”, foi elo de integração. Luiza Maria, nos mostra que antes do programa, a escola estava separada em suas atividades disciplinares. De acordo com a sujeita da pesquisa, por meio do programa, foi possível desenvolver afinidades entre o grupo e a participação escolar. O programa mobilizou todo o Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho e mesmo havendo pessoas que não apoiassem a iniciativa das estudantes, elas não se limitaram e conseguiram aceitação e participação da maioria dos agentes escolares. Um dos marcos de união escolar foi no lançamento do programa quando a maioria da escola se fez presente no auditório da escola e lotou o espaço⁵. Depois da pré-estreia, o programa, nas rádios, revelou talentos, oportunizou atividades artísticas-educacionais que colocaram os estudantes como protagonistas de suas próprias histórias.

O programa “Club Five” foi um espaço de divulgação, interação e projeção escolar. Maria Luiza enfatiza como o programa contribuiu para divulgação da escola, projetando-a para sociedade. Em suas palavras: “A gente divulgou bastante”, ou seja, o programa foi uma vitrine para a escola e as atividades que ela desenvolvia. Todas as ações de acordo com a

⁵ ver capítulo 2 - fotos 18, 19, 20

sujeita da pesquisa eram em prol da escola. Aí podemos perceber que era um programa vinculado à escola. Um programa escolar de rádio, e não um programa de rádio apresentado por estudantes apenas. O “Club Five” foi um espaço democrático de união entre os estudantes e o corpo docente e administrativo da escola. Maria Luiza destaca o espaço dado aos estudantes para apresentarem suas atividades, seus talentos, assim o programa tornou-se uma extensão da escola chegando aos quatro cantos das cidades, comunidades ribeirinhas e cidades circunvizinhas. Comprovando dessa maneira o benefício de se vincular o rádio às atividades escolares.

Depois de procurar explicar como o programa “Club Five” contribuiu com a escola, passo à última parte da minha pesquisa: a análise e avaliação sobre os efeitos dos processos de aprendizagem desenvolvidos no programa “Club Five” quanto à questão de gênero.

Agradeço à professora Dra. Maria Inês Amarante que durante à banca de qualificação⁶ levantou essa questão na pesquisa e gentilmente chamou-me à atenção para que eu pudesse abordar sobre essa temática. A observação foi corroborada pela Dra. Ana Claudeíse Silva do Nascimento e o professor orientador Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo. A contribuição da banca naquele momento possibilitou um avanço significativo na pesquisa a qual eu agradeço.

Spivak (2010, p. 163) afirmou: o “subalterno como um sujeito feminino não pode ser ouvido ou lido”, mas esta é uma condição de estado social, de quando o sujeito feminino se encontra em situação de subalternização, não é e nem pode ser entendido como “destinado”. De acordo com Freire (1987) somos seres em completude e enquanto seres incompletos temos a possibilidade de tornar-se.

Através dos discursos proferidos até aqui, podemos perceber que até antes do programa “Club Five” as sujeitas da pesquisa se encontravam em um estado de mulheres subalternizadas. Esta era uma consequência de todo um processo historicossocial de violência simbólica por meio de um sistema educacional e da mídia que nos bombardeia sempre introjetando em nossas mentes uma relação de poder, de modo que somos sempre levados a nos entender como seres menores. No entanto, ao receberem um intervenção educacional por meio do projeto “Comunicar para a Vida” e o programa escolar de rádio “Club Five”, passaram a se reconhecer, deixaram de “ser menos” e se dispuseram a mudar, buscaram “ser mais” para se tornarem seres de existência.

⁶ Banca de Qualificação realizada em 24/09/2021 via Google Meet.

3.3 “Club Five” como comunicação de gênero.

Na última tabela, descrevo os discursos das sujeitas da pesquisa, em relação às perspectivas delas quanto à comunicação de gênero e a participação da mulher na comunicação. Em seguida analiso e avalio a questão de gênero no “Club Five” e na comunicação a partir da perspectiva das sujeitas da pesquisa. Para tanto, valho-me de alguns questionamentos: Como a temática de gênero foi abordada no programa “Club Five”? Ela ocorreu ou não? Quais são as perspectivas das ex-integrantes em relação à comunicação de gênero e a participação da mulher na comunicação e da participação da mulher no programa “Club Five”?

Tabela 9 – Uma questão de gênero.

<p>Bruna Citrini em 04/02/2022.</p>	<p>(..) acho que a gente não tinha essa noção, que a gente era muito nova, então, muitas coisas da época eu só me... só percebi hoje em dia, ou só percebi estudando coisas depois, então... eu estudo muito sobre feminismo, eu estudo muito sobre romper os padrões, eu estudo muito sobre... não sei, sobre... assim, essas coisas da gente tentar... Acho que romper os padrões, é legal, e eu me lembro muito sobre essa questão da presença feminina e quebrar essa presença masculina dentro das rádios, quando a gente ia... divulgar o programa do “Club Five”. A gente foi em vários programas divulgar a nossa... a nossa... quando a gente ia em outra rádio, a gente ia estrear em novas rádios, e a gente ia fazer: “ah, sábado que vem a gente entrar aqui na rádio tal, nã, nã, nã...”, e aí o chamariz era que éramos mulheres fazendo programa de rádio. Éramos muito jovens, era um programa completamente diferente, mas era mulher, eram meninas, não era nem mulher, eram meninas, então, muitas vezes a gente ouvia: “nossa, mas são vozes femininas, que diferente...”, digamos assim, sabe? Então, tem uma questão até do machismo entrando, assim: “são vozes femininas? São vozes mais finas? A gente tá acostumada com uma voz super grossa aqui na rádio, assim...”, então, tem essa coisa que entra e a gente também quebra, assim: “não! São mulheres sim! E são... e a gente vai sustentar isso aqui!”, e uma coisa que era super legal, e até me arrepio, e me emociono em lembrar... que era nossa DJ, super emocionou... (olhos lacrimejados, voz embargada) que era a Hanah, e... muita gente subestimava a Hanah... super me emociono, que horror... muita gente subestimava a Hanah, muita, então muita gente tipo... a Hanah chegava: “não, vou assumir isso aqui...”, e: “não! Não! Pode deixar que eu toco aqui!”, “não! Eu vou assumir!”, e aí ninguém achava que ela ia assumir a mesa de som, “não, eu sei mexer...”, “não, não! Eu mexo, mexo...”, e aí ela assumia super no som. Ela sabia mexer, ela sabia, e ela tinha 15, sei lá, 16 anos... 14, quando a gente começou... então... então, eu acho que é isso, assim... a gente quebrou algumas barreiras, na época, que a gente não tinha nem ideia. Hoje em dia eu me emociono... (<i>emoção</i>) e eu (inaudível) na época... choro porque é realmente muito emocionante, e na época a gente nem sabia que tava... quebrando essa coisa que é muito forte, é muito... (<i>choro</i>) na época, a gente tava... pô, fazendo uma coisa super legal, super... era divertido, era emocionante pra gente... e hoje eu vejo como era forte e representativo, então... fiquei super emocionada de lembrar agora dessa experiência da Hanah assim... (<i>choro</i>) claro, as vozes eram super... a gente fazia ali no ar, a gente conversava no ar, mas isso da Hanah era muito claro, assim, várias vezes acontecia, e ela super representava, chegava e... “não, eu assumo a mesa...”, então... eu acho que tinha essa coisa de subestimar, mas a gente assumia ali os postos e... e botava um poder mesmo. (...) Eu acho que a mulher ainda... ainda tá lutando muito por seu lugar no mercado de trabalho. O mercado de trabalho ainda é um local machista, não tem como a gente falar que não, ele ainda tá... como é que pode dizer... assim, inserido em pequenos... nichinhos da sociedade que a gente não vê... é indireto, então a gente vai conquistando esse local... não sei como explicar... como é que a gente vai fazer isso? Eu não sei, professor! (risos) eu realmente não sei</p>
--	--

assim... como é que a gente pode fazer isso... não... é uma discussão muito complicada... eu tô pensando aqui mas... é uma discussão muito complicada, porque... é que eu... assim, eu acho que, hoje, a gente subestima muito o papel da mulher... então, eu entro super nessa discussão, eu muito... muito... então... não sei... é que, ah, eu hoje, tipo, já penso de um jeito super diferente, eu quero me profissionalizar, eu quero ir mais, eu quero respirar fundo... eu trabalho, estudo, sabe, eu quero, eu quero, eu quero... (...) e a gente chegar e assumir esse posto é o que muitas vezes, acho que coragem também é uma palavra boa, que a gente teve que ter muita coragem na época pra fazer muita coisa... então... dá coragem pra muita coisa... A empresa que eu trabalho hoje...eu vim pra um estágio numa cidade que eu não conhecia, e eu precisei de muita coragem assim, pra... sabe?... enfrentar no peito, sabe? Bater no peito e vim... então... eu acredito que eu puxei e levei pra vida muito do “Club Five” foi isso... foi enfrentar super... e assumir o desafio, que o “Club Five”... no começo foi muito desafio que... que eu nunca me esqueço, foi principalmente o auditório que a gente apresentou, porque na rádio a gente apresentava virada pra um vidro, né?, eram duas ou três pessoas olhando pra gente, o primeiro programa foi pra um auditório cheio, então... aquilo lá, acho que nunca vai superar, aquele dia a gente nunca vai superar aquela emoção, não tem como... (...) Assim... dentro de rádio, mesmo... eu não acompanho tanto... mas eu acompanho principalmente dentro do cenário jornalístico, e eu vejo que a mulher, ela vem ganhando uma participação... ainda um cenário que tem uma participação muito, muito... muito maior masculina? Sim. Mas como os outros cenários, a gente vai ganhando de pouco a pouco, é uma luta diária... não é uma luta fácil, a mulher, ela tem que lutar... diversas batalhas, então... é uma batalha pessoal, é uma batalha profissional... é uma batalha contra tabus... e... e é com o tempo, assim... a gente vai... é um jargão, a gente vai quebrando esses tabus e quebrando, e vencendo essas batalhas e... e hoje, eu fico muito feliz, assim, nas rádios, eu realmente não acompanho, mas eu vejo, principalmente nos meios de comunicação, na televisão, muitas mulheres assumindo a... a liderança em jornais, então, em... como âncoras, como mulheres negras também que, cinco anos atrás, a gente não fala de um passado tão distante, há cinco anos atrás a gente não tinha absolutamente nada disso, a gente tinha uma mulher como âncora... duas... então, hoje, a gente já vê um cenário um pouco diferente, e aí eu espero... que como há cinco anos atrás a gente não via nada disso... espero que daqui a cinco anos a gente veja um cenário melhor também... e o mundo tá em transformação, então... eu espero dias melhores, e... e aí eu faço a minha parte, tento com que os outros façam também... (...) A Bruna como mulher ela é feminista, eu sou oficialmente feminista... eu compartilho... eu busco sair muito da minha bolha... porque eu entendo que eu estou numa posição muito privilegiada e eu tento entender quais são os meus privilégios e quem não tem esses privilégios, tipo, como é que acontece essa vida fora dos meus privilégios? E por que que eu tento entender isso, né? Não é porque é a moda, não é porque tá legal... Porque eu já vi o que que foi... o que que é a vida sem os privilégios. Eu já vi o que que é uma população ribeirinha... Eu já sei o que que é morar num lugar muito distante. Eu sei o que que é viver sem internet, né? E, hoje em dia... hoje em dia assim... o pessoal não tem ideia do que que é isso. Então, eu tento sempre furar minha bolha pra entender o que que é ser fora do padrão... e aí eu tento buscar iniciativas que... que... que comportam isso. A empresa onde eu trabalho abraça muito isso, ela abraça o feminismo, ela abraça causas LGBTQI+, ela abraça causas relacionadas ao racismo, então, ela não tolera nada relacionado ao racismo... e aí eu sempre tento... re... buscar coisas relacionadas a isso e aí dentro do meu círculo social eu tento... como é que eu posso dizer? Compartilhar e passar toda e qualquer conhecimento que eu tenho. Então, quando eu falo que eu faço a minha parte, né? É isso... Todo e qualquer conhecimento que eu tenho, eu tento passar... E aí eu tenho... o meu namorado, a gente tem muitas discussões sobre ideologias... E aí ele vem de uma bolha completamente diferente da minha, ele é carioca, ele é de uma classe social diferente... ele tem uma família diferente. Então, assim, a gente tem... a gente tem... veio de realidades muito diferentes e a gente sempre conversa muito e tenta entender. Então isso é muito legal, a gente faz essas calibrações assim, de ideias e... isso é importante, então... sempre passar conhecimentos pro máximos de pessoas possíveis, acho que isso é fazer a sua parte, então essa é a Bruna... essa é a Bruna de hoje...

<p>Hanah Clara em 06/08/2021</p>	<p>Eu acho que o “Club Five”, como eu te falei, ele foi um grande fenômeno. Às vezes eu sento e falo: “gente era só um programa de rádio, com cinco adolescente.” Mas aí eu vejo o quanto ele foi grande, o quanto ele serviu para encorajar outras meninas, né. Eu tenho bastante como exemplo a Ingrid. A Ingrid, nossa! Quem diria?!... Aquela menina toda reservada, no cantinho, se tornaria esse fenômeno, agora, que tem uma comunicação impecável. Acho a comunicação dela, assim, no rádio, na frente... eu ainda tenho meus medos, assim, de comunicar. Ela não, ela tem é... uma voz forte, uma voz é... que sabe se comunicar com as pessoas. Que sabe divertir as outras pessoas. Luiza Maria também, a Luiza Maria cresceu bastante, mas esse era sempre o foco da Luiza Maria, era questão de saber é... de ter essa comunicação e hoje em dia a gente vê ela fazendo as lives no portal onde ela trabalha, de trabalhar em redação do jeito que ela queria. E sim, é.. foi... influenciou bastante, nas nossas questões escolares, porque era como eu falei, não tínhamos vozes femininas né, então o “Club Five” ele foi pioneiro, ele foi raiz para que outros projetos (programas) fossem criados, tanto que o senhor criou várias turmas né depois da gente. E como mulher acho que foi essencial também, por conta de... dessa questão de como eu falei que a rádio não tinha locução feminina, no momento que a gente tava vivendo ali, então. E muita gente nem botava fé nas cinco adolescentes, que tinha essa voz, esse poder de se comunicar com as outras pessoas. Então, foi bastante eficaz para que a gente despertasse, né? Outras mulheres; outras adolescentes a se comunicarem, a verem que locução não é só coisa de voz masculina, mas também de voz feminina.</p>
<p>Ingrid da Costa em 23/01/2022</p>	<p>Trabalhar com comunicação em Tefé é desafiador. Ha vários fatores que tornam isso desafiador. Já começando que ao olhar de fora percebemos que o domínio é masculino, sem sombras de dúvidas. Sinto sempre a necessidade de crescer e me tornar melhor para ter uma aprovação maior de mim mesma, modéstia à parte, estudo sobre política, cultura entre outros assuntos. Ha locutores homens que não ligam muito pra isso, tem uns que chegam com zero conteúdo para o público... Mas eu como mulher, pra me destacar em meio a esse terreno sinto sempre a necessidade de me tornar melhor a cada dia, porque não basta ser mulher, negra, ter uma boa oralidade, eu ainda preciso provar que mereço estar ali o tempo todo. Aprovação de quem? Do público? Do chefe? Não, do próprio meio, pois percebo que os comunicadores, por eu ser uma mulher de apenas 22 anos e negra, olham com “desdém” ao meu trabalho. Me sinto solitária às vezes, com relação a esse meio. Conversa de homens é diferente, uma mulher em meio a dez (<i>homens</i>) é constrangedor... Às vezes queria sentar em uma mesa com várias jornalistas ou locutoras e conversar abertamente sobre nossa rotina, os assuntos relevantes, sobre nossa profissão... mas não tenho isso. Há mais de 5 anos, convivo e trabalho só com homens, preciso todos os dias me blindar de conversas não tão legais pra mulheres, policial meu comportamento... A cobrança é muito maior acredito. Além disso, sou uma profissional em construção, e todo o meu histórico de aprendizado nesse meio foi através do olhar masculino. Fui ensinada por homens. Tempo atrás fui gravar um comercial e o dono da agência disse que eu perdi a feminilidade da minha voz, que eu precisava ser mais suave... (risos). Eu só disse: “desculpa, eu aprendi assim... mas vou tentar resgatar...” Isso tudo porque o meio também influencia nossas características internas. Com esse tempo de trabalho, já sofri por empresários olharem pra mim, e por ser uma mulher, pagarem menos pelo meu trabalho, que mesmo sendo mais bem estruturado não era de um locutor tradicional. Passei anos recebendo menos que meus colegas, apesar de fazer o mesmo trabalho. Um desafio grande pra mim como mulher, é todos os dias lutar pra me tornar uma profissional melhor. Luta que muitos locutores não ligam mais. Mas eu preciso, pra poder ser notada e valorizada. A sexualização da mulher em um meio dominado por homens é algo terrível de conviver todos os dias. Todos os dias vivo em uma linha tênue entre a seriedade, respeito e bons modos. Para não me soltar tanto ao ponto de dar margem para ouvir comentários machistas e até imorais. Mesmo assim, isso é corriqueiro. Mas hoje, depois de muito trabalho, noto que tenho o respeito da maioria, que valorizam meu trabalho. Hoje, muitos estão percebendo que eu não sou essa garota frágil que eles pensavam que eu era. Inclusive, já fui quase sabotada por colegas com anos de</p>

	<p>experiências a mais... no início fiquei triste porque não esperava... depois percebi que reconhecem meu trabalho, sabem do meu potencial, e talvez isso afete a autoestima como profissionais que estão perdendo espaço pra uma “menina”. Ser protagonista em um ambiente dominado por homens é meu desafio todos os dias. Através do meu trabalho instigo meninas a se permitirem a sonhar com a comunicação, a serem locutoras, jornalistas... O espaço também é delas, pena que terão que trabalhar bem mais pra conquistarem. O processo é contínuo. Sempre estudamos nossas pautas, sempre abordando assuntos relevantes para nossos ouvintes. Meninas com personalidades diferentes, bases diferentes e conhecimentos empíricos distintos. Todas autênticas no seu modo de militar sobre o feminismo. Incentivávamos que outras mulheres estudassem mais, lessem mais, cantassem, escrevessem poesias... que usassem de sua liberdade para serem mulheres independentes e livres. Além de dar oportunidade e valorizar o talentos de mulheres locais.</p>
<p>Luiza Maria em 07/08/2021</p>	<p>O programa “Club Five” na época, ele era algo assim que a gente não imaginava que poderia dar certo, principalmente no cenário que a gente tinha na época, você ligava a rádio em Tefé e você só ouvia vozes masculinas, e assim com uma certa idade, então, pessoas mais velhas, homens falando na rádio, zero identificação, eu nos meus 15 anos, 16 anos não me identificava com nada que ouvia na rádio, quando não era músicas assim antigas, eram informações lentas, eram... não tinha aquele... que a gente chama de FM, né, apesar de as rádios serem FM em Tefé, a programação era muito AM, era muito assim, antiga, era muito devagar. Então creio que eu como adolescente não me identificava assim como outros amigos que nem ligavam a rádio, preferiam ouvir música, informações pelo celular, apesar da internet de Tefé, mas mesmo assim a gente não tinha esse contato com a rádio. Então criar um programa seria uma forma de identificação não só pra mim como adolescente, mas com tais preparos, as pessoas também conviviam com a gente no Gilberto Mestrinho, na escola, então era uma forma de representatividade, tanto feminina quanto, como adolescente na época. Ter um lugar de fala, de identificação, de liberdade, de poder escutar o que a gente não escutava na rádio, de poder falar de uma forma que a gente não conseguia se identificar com outros locutores... Tefé tem muitos locutores bons, nossa, maravilhosos, mas eu acho que falta abertura e falta... uma... você mira num público e não... cativa outras pessoas, cativa outras idades, então, era isso, era essa a ideia do projeto, a identificação, levar aquela adolescência, aquela jovialidade pra rádio...</p>
<p>Maria Luiza em 24/01/2022</p>	<p>Na época... na época assim, da gente via... no meu ponto de vista, era mais uma consequência, do que a gente: “ah! Vamos chamar essa tal pessoa porque ela fez isso e isso...”, era... no meu ponto de vista, pra mim era mais uma consequência do que aquela pessoa estava fazendo ou o que ela fez, sendo homem ou mulher (...) a Duda, quando a gente chamou ela, a gente chamou ela e ponto... pelo tanto de livro que ela já tinha lido, entendeu? E por ela ser mulher, também, né?... mas a gente ficou, a gente ficava encantado com isso, porque ela lia, lia, lia demais, ela também sabia falar outro idioma, né? Ela sabia falar inglês fluente... então, por conta disso, a gente acabou chamando ela, se ela fosse homem ou fosse mulher, a gente ia chamar do mesmo jeito... naquela época pra mim era uma consequência disso, do que ela fez ou do que ela fazia (...) mas assim, é um meio machista querendo ou não é um meio machista que deve mudar, deve abrir portas pras mulheres, sim, porque nós conseguimos fazer tudo o que os homens conseguem, né? Digamos assim, até melhor um pouco... então... porque a gente consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo, e às vezes a mulher, ela tá ligada muito àquela imagem delicada, e querendo ou não muita gente ainda acha que mulher é só pra ficarem casa e também o pessoal, na época que a gente trabalhava, tinha até também esse pensamento assim, que por a gente também ser mulher e tá na rádio no meio deles, de tantos homens, a gente querendo ou não sofria um pouco de preconceito só pela gente ser mulher, só pelo fato da gente ser mulher, eles não ligavam se a gente tava fazendo um programa bom ou não, era o fato da gente ser mulher, somente... então, já tinha, querendo ou não um preconceito dessa parte.</p>

A desigualdade da participação da mulher na comunicação salta aos olhos. Ter atenção à questão de gênero é fundamental, mas conforme Amarante (2011) mesmo as escolas sendo ambientes propícios para se discutir e trabalhar a questão de gênero na comunicação, muitas vezes as estudantes participam de radioescola ou rádios escolares ou de programas escolares de rádio como foi o caso do “Club Five”, mas não têm noção do que é “questão de gênero”. Isso foi comprovado em nossa pesquisa também, nas palavras de Bruna Citrini: “só percebi hoje em dia”.

Como ex-coordenador do programa essa foi uma descoberta que muito me entristeceu, pois só consegui ter noção da importância da temática através da pesquisa. Fiquei muito entristecido por não ter trabalhado melhor essa questão quando era o professor das estudantes. Acredito que também fui vítima desse machismo velado, da violência estrutural existente que nos sega para a questão de gênero a achamos que tudo é normal. Neste ponto, o aprendizado também foi para mim, pois pude perceber que poderia e deveria ter trabalhado melhor com as estudantes sobre questão de gênero, o que vou corrigir certamente nos próximos trabalhos de comunicação com meus alunos(as).

No entanto, como podemos perceber, Bruna Citrini é uma estudiosa das causas feministas hoje em dia. Lembra que as ações do grupo no programa “Club Five”, quebrou um padrão de presença masculina nas rádios de Tefé e porque não dizer rompeu com a subalternização da mulher na comunicação local, uma vez que se tornaram protagonistas do seu próprio programa, ocuparam duas rádios profissionais a Rádio Educação Rural de Tefé e a Rádio Alternativa FM, além dessas, Bruna Citrini ainda protagonizou um outro programa numa terceira rádio, na rádio Mel FM com o programa “Primeira Parada”.

De acordo com a ex-integrante do “Club Five”, o que chamava atenção no programa era o fato de serem mulheres, de serem meninas e, que por isso, houve preconceitos de voz, timbre; um machismo estruturado, uma violência velada que imperava nas rádios locais. Segundo Moreno (2011) o país é vítima da própria produção imagética que realiza sobre a mulher. Isso ficou comprovado quando Bruna Citrini nos contou emocionada sobre o preconceito sofrido por sua colega Hanah. Em muitas ocasiões de acordo com a sujeita da pesquisa, Hanah foi subestimada simplesmente pelo fato de ser mulher, quando tentava tocar nas festas, nas rádios, não acreditavam no potencial dela e habilidades adquiridas, simplesmente porque era mulher. Mas ela insistia e demonstrava suas competências e habilidades. Bruna estava muito emocionada ao comentar essa passagem em sua entrevista. Afirmou: “a gente quebrou algumas barreiras que a gente não tinha nem ideia (...) na época a gente nem sabia que tava... quebrando essa coisa que é muito forte”. Apesar de não ter

consciência no momento da grandeza de seus feitos, acredito que podemos notar que houve um processo de aprendizagem gerado pelo rádio e que transformou a sujeita da pesquisa da condição de subalternizada para alguém que se tornou consciente de si, da sua incompletude, portanto, transformando-se em ser que “existe”, em alguém que se considera que é.

Bruna Citrini usa o termo “representação”, para a participante da pesquisa, quando assumiam o programa, a mesa de som, estavam representando o gênero: “várias vezes acontecia, e ela (Hanah) super representava, chegava e... ‘não, eu assumo a mesa’, então... eu acho que tinha essa coisa de subestimar, mas a gente assumia ali os postos e... e botava um poder mesmo”. O emprego do termo “poder” demonstra o quanto Bruna Citrini, entende, hoje, o que estavam fazendo. Assumir a mesa de som, era uma simbologia de empoderamento feminino. Aquelas conquistas reverberam nos dias atuais em sua ação no mercado de trabalho. No entanto, para Bruna, a mulher ainda precisa lutar muito para ocupar seu espaço de fato e de direito. Em suas palavras: “O mercado de trabalho ainda é um local machista”. Complemento o posicionamento de Bruna afirmando que os meios de comunicação também são espaço espaços sociais machistas. Vale ressaltar o que vimos no decorrer da pesquisa de que a mulher levará mais seis décadas e meia para se equiparar ao homem quanto ao número de participação nos meios de comunicação.

Mesmo que tenha passado pelo programa sem ter sido trabalhada a questão de gênero de forma direta, o programa “Club Five”, manifestou a questão de gênero em suas atividades. Esse processo de aprendizagem possibilitou uma formação que levou à sujeita da pesquisa Bruna Citrini a pensar diferente: “eu hoje, tipo, já penso de um jeito super diferente, eu quero me profissionalizar, eu quero ir mais, eu quero respirar fundo... eu trabalho, estudo, sabe, eu quero, eu quero, eu quero...” Essa postura só se tornou possível porque para realização do programa as ex-integrantes precisaram desenvolver coragem. Ao se assumirem protagonistas de suas próprias histórias, isso trouxe reflexos para os dias atuais. Enfrentaram um auditório lotado na pré-estreia, superaram o preconceito machista quanto ao gênero, voz, habilidades e competências. Tudo isso criou um senso de coragem que possibilitou à Bruna Citrini a se tornar uma mulher assumidamente feminista: “A Bruna como mulher ela é feminista, eu sou oficialmente feminista...”, ou seja, uma mulher que, hoje, está, que é, e quer ser em prol de si e para outras mulheres. Uma mulher que ainda menina, mesmo sem saber desenvolveu, em Tefé, Amazonas nos anos 2015/2016, juntos com suas amigas, outras mulheres, uma comunicação de gênero.

Hannah Clara é vítima da violência estrutural que desvaloriza a mulher, os jovens, pois ela também, num primeiro momento, entendeu o programa de rádio “Club Five” como

algo pequeno e possivelmente indevido já que era comandado por jovens mulheres: “era só um programa de rádio, com cinco adolescentes”, afirmou. No entanto, ocorre uma mudança radical no seu entendimento sobre a importância do programa e a força feminina na apresentação do mesmo, ou seja, na representação da mulher na comunicação por meio do programa. O “Club Five” de acordo com a ex-integrante se tornou uma realização “grande” e por meio dele, elas enquanto mulheres, deixaram de estar na condição de subalternizadas e passaram a ser entendidas como protagonistas do gênero feminino. A atuação no programa passou a ser fonte de encorajamento para outras jovens. Hannah reconheceu na amiga Ingrid da Costa essa transformação. Mesmo que também, à época, desconhecesse a questão de gênero, Hanah, afirmou que na locução de Ingrid, havia “uma voz forte”, essa afirmação nos remete não apenas para uma relação de timbre vocal, mas de atitude da mulher, porque, agora, ela “sabe se comunicar com as pessoas”, “sabe se divertir”. Outra representante da força da mulher na relação intergrupala para Hanah Clara foi Luiza Maria. É possível perceber que para Hanah, Luiza tornou-se outro referencial da força feminina no grupo. Ao afirmar que ela atualmente trabalha: “do jeito que ela queria”, percebemos que Luiza, foi para Hanah capaz de transformar sonhos profissionais em realidade, e isso, teve um resultado significativo para Hanah quanto à força da mulher.

Essas ações se realizaram num tempo em que a mulher não tinha vez, nem voz na comunicação tefeense: “não tínhamos vozes femininas” notificou Hanah. O programa “Club Five” foi um programa que quebrou paradigmas locais. Metaforizando com a árvore que brota de suas raízes para dar frutos, Hannah Clara lembrou que o “Club Five” foi raiz para outras experiências da comunicação feminina escolar em Tefé. Depois do “Club Five”, ainda desenvolveu-se mais duas versões do programa, mas com nomes e integrantes diferentes: “Megateen” e “Harmony”. De acordo com Hanah Clara, todas essas ações midiáticas proporcionou nela e em outras jovens um despertar para encontrar seu lugar na comunicação local, uma vez que as possibilitou: “a verem que locução não é só coisa de voz masculina, mas também de voz feminina”.

Em Tefé a comunicação de gênero é praticamente nula, em relação à participação e protagonismo feminino. Isso torna-se um desafio para as mulheres que queiram enveredar sua carreira na comunicação. Para a sujeita da pesquisa, Ingrid da Costa, enquanto mulher e comunicadora, ela tem necessidade se tornar melhor a cada dia. Essa busca por aprovação advém do próprio meio: “pois percebo que os comunicadores, por eu ser uma mulher de apenas 22 anos e negra olham com “desdém” ao meu trabalho”.

Isso é resultado de uma violência simbólica da mídia a qual normalmente coloca a mulher capaz de seduzir ou apenas como objeto de e para o consumo (MORENO, 2011). Ingrid da Costa afirmou se sentir solitária às vezes em seu trabalho. Cita uma diferença na proporção de uma mulher para dez homens em seu trabalho. Essa falta de equidade, enquanto mulher, a obriga a se blindar nas conversas com os colegas, a policiar seu comportamento. E mesmo tomando todos os cuidados na relação social, segundo a sujeita da pesquisa, em um ambiente de trabalho cuja predominância é masculina, tem de conviver com a sexualização da mulher, o que para ela é algo terrível: “vivo em uma linha tênue entre a seriedade, respeito e bons modos. Para não me soltar tanto ao ponto de dar margem para ouvir comentários machistas e até imorais. Mesmo assim, isso é corriqueiro.” Seu percurso de formação foi conduzido por homens, na escola e na rádio: “Fui ensinada por homens”, afirmou a participante da pesquisa. Aqui há uma denúncia velada e uma constatação: a de que a comunicação em Tefé e o ensino desta nas escolas, em sua maioria são desprovidos da participação feminina. Mesmo que haja muitas professoras na rede estadual e municipal de ensino, seja por falta de interesse ou formação, a mulher se faz ausente na formação feminina para a comunicação no município.

Ingrid chegou a ser “acusada” em uma agência de publicidade local de que haveria perdido sua feminilidade, devido a sua formação ter sido orientada por homens. Um absurdo. Outra situação de desigualdade apontada por Ingrid faz referência à equiparação salarial. Durante anos, recebeu pagamento menor em relação aos seus colegas homens, mesmo fazendo o mesmo trabalho na rádio. No entanto, atualmente, tem sua carteira profissional assinada e equiparação salarial. Depois de muito trabalho, conquistou o espaço dela e o respeito dos colegas.

Ingrid da Costa procura instigar outras meninas a sonharem com a possibilidade profissional na comunicação, afirmou: “o espaço também é delas”, mas reconhece também que terão de lutar mais para ocuparem seus espaços. Em relação ao programa “Club Five”, de acordo com a ex-integrante, cada uma ao seu modo militava o feminismo. Mesmo que sem consciência de estarem trabalhando a questão de gênero, sempre incentivaram as mulheres a estudarem mais, ler, cantar, escrever: “que usassem de sua liberdade para serem mulheres independentes e livres”. Liberdade que, hoje, a transformou em um ser de existência.

Nos dias atuais Ingrid da Costa através do programa “Mix 93” na Rádio Educação Rural de Tefé, 93,7, FM, realiza a comunicação de gênero e procura trabalhar a representação da mulher na comunicação, buscando consolidar a participação da mulher na rádio local e também é correspondente da Rede de Notícias da Amazônia – RNA.

Luiza Maria retrata a violência simbólica provocada pelo rádio, em Tefé, com relação a comunicação feminina no município. Para a sujeita da pesquisa, a primeira perspectiva era de que o programa “Club Five” não poderia dar certo. Isso ocorreu, mesmo que momentaneamente, porque há anos, há um processo de subalternização da comunicação feminina. A mulher, em Tefé, quase não tinha vez e nem voz na comunicação. Luiza Maria é categórica: “a gente não imaginava que poderia dar certo”. Esse desacreditar reflete a valorização da voz masculina em detrimento da feminina. Luiza Maria afirmou: “você ligava o rádio em Tefé e você só ouvia vozes masculinas”. Na época do “Club Five”, 100% (cem por cento) das locuções no município, eram feitas por homens. Não havia qualquer identificação da sujeita da pesquisa com as rádios. Luiza Maria nos mostra como o rádio em Tefé estava atrasado para toda uma geração, tanto no gênero musical quanto na representação de gênero. As rádios mesmo as FM apresentavam, segundo a participante da pesquisa, uma programação no formato AM, que para a sujeita da pesquisa: “era muito devagar”.

Assim como Freire (2013), nos mostra que a escola se obriga a uma mudança “ante ao contexto social e histórico do avanço tecnológico”, as rádios de Tefé, não acompanharam essa mudança, na perspectiva de Luiza Maria. Para os jovens atuais, mergulhados em um mundo multimídia com mensagens de texto instantâneas, vídeos curtos, redes sociais diversas, a rádio para Luiza Maria se apresentava com práticas retrogradadas à sua realidade social. Mesmo que a internet em Tefé seja, ainda hoje, muito lenta a jovem recorria ao celular em lugar das rádios locais.

Mas estes fatores se mostraram para a sujeita da pesquisa como uma oportunidade para realizar uma quebra nos paradigmas da comunicação local. Junto com suas amigas transformaram o programa escolar de rádio “Club Five” em um lugar de fala, de identificação de gênero e de identidade nas rádios locais. Portanto, Luiza Maria e suas amigas realizaram uma comunicação de gênero, ainda que inconsciente à época.

Maria Luiza nos revelou que no programa “Club Five” não havia aceção de gênero. Mesmo sendo isso o ideal, faltou formação quanto à questão de gênero para uma atuação mais efetiva das estudantes. Conforme observei antes, com base em Amarantes (2011), as ex-integrantes passaram pelos processos de aprendizagem do rádio, mas sem o conhecimento quanto à questão de gênero. Considero essa descoberta um ponto importante na pesquisa, pois vai ajudar-me em trabalhos futuros, também passo a entender que se trata de uma questão que pode e deve ser melhor trabalhada nas escolas, principalmente quando se trabalha com linguagem midiática.

Como ex-coordenador do programa descobri e assumo que houve falhas quanto ao trabalho com as adolescentes sobre a questão de gênero no programa escolar de rádio “Club Five” e isso fica evidente no discurso de Maria Luiza uma vez que o convite para participação feminina no programa era mais uma consequência do que aquela menina-moça-mulher estava fazendo do que uma ação consciente por representatividade. Não houve um trabalho direto e específico para o despertar da consciência crítica sobre a participação da mulher na comunicação. No entanto, o rádio se mostra mais uma vez como plataforma de saber, pois imersas no rádio, essa consciência emergiu em cada uma delas, isso se comprava por Maria Luiza reconhecer que o rádio ainda é um meio de comunicação machista e que precisa de mudanças no modo de oportunizar a participação das mulheres.

A sujeita da pesquisa se posicionou como uma representante do gênero e se autoafirma ao dizer: “nós conseguimos fazer tudo o que os homens conseguem”. Neste momento Maria Luiza rompe com a máxima do “sexo frágil”, e consolida sua autoafirmação utilizando o pronome resumidor “tudo”. Outro ponto a se destacar é o referencial para esta afirmação: os homens. Maria Luiza não os exclui, não os diminui, não si diminui, não os rebaixa nem enaltece a mulher, ela simplesmente si coloca em condição de igualdade de gênero em relação aos homens.

Em seu discurso Maria Luiza rompe novamente com a violência simbólica de que “mulher é só pra ficar em casa”, ela desconsidera isso uma realidade. Denúncia de que sofriam preconceito: “só pelo fato da gente ser mulher, eles não ligavam se a gente tava fazendo um programa bom ou não, era o fato da gente ser mulher, somente”. Essa é uma realidade que precisa ser combatida nos meios de comunicação e a escola tem papel fundamental na luta contra o preconceito de gênero. O rádio pode ajudar a despertar essa consciência crítica.

Portanto, houve o despertar para a questão de gênero, mesmo que essa consciência tenha sido alcançada por consequência das ações práticas realizadas no programa. As sujeitas da pesquisa se perceberam mulheres comunicadoras e sabem que desenvolveram comunicação de gênero com o programa escolar de rádio “Club Five”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, entendo que o rádio é uma plataforma de saberes. O rádio torna-se uma plataforma de saberes por estar plasmado na tríade consaniana “conteúdos-habilidades-attitudes” (CONSANI, 2019). Uma vez imerso no nesse rizoma midiático, o praticante da comunicação radiofônica, inevitavelmente adquire saberes como letramento tecnológico, operacional, o falar, o ouvir, a leitura crítica, a escrita, a compreensão e desenvolve a capacidade de expressão. Estes conhecimentos, o capacita para atuar em sociedade enquanto sujeito historicossocial e o transforma em um ser de existência, ou seja, um cidadão, protagonista de sua própria história.

Entendo que há uma relação direta entre rádio e educação, e no programa escolar de rádio “Club Five” foram desenvolvidos processos de aprendizagens como: ação coletiva para resolução de problemas; a busca por conhecimento por meio da leitura; exercício da fala; da escrita, da pesquisa de maneira individual e coletiva. Esses processos de aprendizagem levaram as ex-integrantes do programa a uma aprendizagem que as capacitou quanto ao letramento midiático sobre o rádio tanto na parte teórica quanto prática; capacitou as protagonistas do programa enquanto comunicadoras de gênero, tornando-as capazes e responsáveis.

Quanto aos efeitos dos processos de aprendizagem no desenvolvimento intelectual, social e profissional de cada uma das estudantes, penso que houve desenvolvimento do senso crítico sobre os meios de comunicação; as ex-integrantes do programa se apropriaram da linguagem midiática do rádio; melhoraram suas capacidades expressivas e fortaleceram a autoestima e autoconfiança de cada uma delas; isto se tornou fonte de motivação para novas iniciativas as quais elas aplicam atualmente, no dia-a-dia profissional. Acredito que adquiriram maturidade e habilidades que vão além das experiências que tiveram na escola e nas rádios.

As sujeitas da pesquisa deixaram de ser mulheres subalternizadas para se transformarem em “EMIRECS” (KAPLÚN, 1985), neste sentido, se tornaram seres comunicantes, seres de existência, as quais por meio das práxis dialógica do rádio refletem e agem sobre o mundo para transformá-lo. Agem e refletem sobre si, dessa maneira se humanizam e, por isso, humanizam outros, enquanto se entendem como seres em completude. Ao discursarem sobre suas participações no programa escolar de rádio “Club Five”, realizaram um exercício de memória e reflexão de onde emergiram identidades do antes, durante e depois do programa.

De mulheres tímidas, inseguras, sem competência comunicativa, tornaram-se mulheres de coragem, ativas, que buscaram e buscam o aprender, se capacitar, tornar-se. Adquiriram habilidades e as colocam em prática. Experienciaram o fazer radiofônico e, nessa ação voluntária, o rádio deixou de ser uma ferramenta e se constituiu como um espaço de aprendizagem de renovo do entendimento sobre si. Assim, o rádio transcende à condição de ferramenta, dentro do contexto educacional do sistema escolar, podendo ser entendido, portanto, como uma plataforma de saberes.

Há ainda um longo caminho para que haja equidade da participação da mulher na comunicação. Mas é possível e necessário criar espaços de aprendizagem sobre a comunicação e, em especial, a comunicação de gênero e colocá-los em prática, ocupando espaços midiáticos nas rádios profissionais, comunitárias e/ou livres.

São mais de 50 (cinquenta) anos de estudos sobre a questão de gênero, alcançando atualmente, às mais diversas áreas, inclusive a de comunicação. Distinto da objetivação biológica, este que é um construto historicossocial, o gênero, cunhado culturalmente e que revela a identidade social do indivíduo (ESCOSTEGUY E MESSA, 2008), (REIS E SANTOS, 2011), (LOUREIRO, 2012), (TAVARES, et al, 2021), pode e deve ser trabalho nas e pelas escolas. Mesmo que não tenha sido trabalhada diretamente a questão de gênero tanto projeto de comunicação “Comunicar para a Vida” bem como no programa escolar de rádio “Club Five”; a questão de gênero emergiu nos processos de aprendizagens do programa. Assim, ao praticar a comunicação radiofônica e se perceberem mulheres as ex-integrantes do programa “Club Five”, desenvolveram comunicação de gênero. Todas se despertaram mulheres e comunicadoras:

“eu me lembro muito sobre essa questão da presença feminina e quebrar essa presença masculina dentro das rádios (...) a gente subestima muito o papel da mulher... então, eu entro super nessa discussão (...) A Bruna como mulher ela é feminista, eu sou oficialmente feminista (Bruna Citrini em 04/02/2022).”

“Meninas com personalidades diferentes, bases diferentes e conhecimentos empíricos distintos. Todas autênticas no seu modo de militar sobre o feminismo. Incentivávamos que outras mulheres estudassem mais, lessem mais, cantassem, escrevessem poesias... que usassem de sua liberdade para serem mulheres independentes e livres (Ingrid da Costa em 23/04/2022).”

“como mulher acho que foi essencial (...) a rádio não tinha locução feminina (...) Então foi bastante eficaz para que a gente despertasse, né, outras mulheres outras adolescentes a se comunicarem, a verem que locução não é só coisa de voz masculina, mas também de voz feminina (Hanah Clara em 06/08/2021).”

“então criar um programa seria uma forma de identificação (...) uma forma de representatividade, tanto feminina quanto, como adolescente na época. Ter um lugar de fala, de identificação, de liberdade, de poder escutar o que a gente não escutava

na rádio, de poder falar de uma forma que a gente não conseguia se identificar com outros locutores (Luiza Maria em 07/08/2021).”

“é um meio machista, querendo ou não, é um meio machista que deve mudar, deve abrir portas pras mulheres, sim, porque nós conseguimos fazer tudo o que os homens conseguem, né, digamos assim, até melhor um pouco (...) a gente querendo ou não, sofria um pouco de preconceito só pela gente ser mulher, só pelo fato da gente ser mulher, eles não ligavam se a gente tava fazendo um programa bom ou não, era o fato da gente ser mulher, somente... (Maria Luiza em 24/01/2022).”

Conforme as citações acima, tratou-se de uma comunicação que, ao mesmo tempo em que se tornou representativa, também estabeleceu uma identidade social, enquanto ser social e de prática de comunicação, ou seja, uma comunicação de gênero, neste caso, do gênero feminino, uma comunicação feita por mulheres.

No entanto, em quanto programa, em suas participações, não era um programa exclusivo para mulheres, de maneira a excluir outras formas identitárias, pelo contrário, no programa, havia a participação das mais diversas perspectivas identidades sociais, se comunicando para e com todos.

Neste sentido, elas lutaram por espaço, construíram um lugar de fala, quebraram paradigmas, romperam com a hegemonia local, onde predominavam locuções, produções e apresentações masculinas. Nessa perspectiva, as sujeitas da pesquisa (re)existiram, criaram um “ponto de mutação (CAPRA, 2006)” na comunicação da Amazônia. Se fizeram seres de existências: MULHERES COMUNICADORAS, promovendo COMUNICAÇÃO DE GÊNERO, uma vez que, pela práxis radiofônica despertaram em si as suas identidades socioculturais enquanto comunicadoras mulheres.

O programa escolar de rádio “Club Five” foi uma experiência de intervenção educ comunicativa em que tanto como campo de saber, bem como ação interventiva a educomunicação se apresenta como uma das alternativas mais viáveis para o trabalho da comunicação de massa no sistema educacional escolar.

Os estudos sobre a inter-relação entre rádio e educação não se encerram neste trabalho. Espero ter alcançado uma contribuição com a ciência e que este trabalho possa motivar novos estudos sobre a temática do rádio.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, B. Hamilton. Padre Landell de Moura: um herói sem glória. – Rio de Janeiro: Record, 2006.

ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho de. *Projetos de intervenção em educomunicação*. Disponível em: http://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/as_reas_de_intervencao_da_educacao /1. Acesso em: 10/10/2021

AMARANTE, Maria Inês. Vidas, Vozes e Palavras de Mulheres no Rádio: sim, elas podem... ALTERJOR (ECA-USP) Ano 02– Volume 01 Edição 03 – Janeiro-Junho, 2011.

_____. Rádio Comunitária na escola: adolescentes, dramaturgia e participação cidadã. – São Paulo: Intermeios, 2012.

ASSUMPCÃO, Zeneida Alves de. A rádio no espaço escolar: para falar e escrever melhor. – São Paulo: Annablume, 2008.

BALTAR, Marcos. [et al] Rádio Escolar: letramentos e gêneros textuais. Caxias do Sul: Educ, 2009.

BARROS, Gecilene Magalhães Marinho. Rádio na escola: um olhar educacional para o ensino médio. – 1. ed. – Curitiba: Appris, 2020. – (Ciência da Comunicação)

BEAUD, Stéphane. Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos. 2ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação popular. – São Paulo: Brasiliense, 2012. – (Coleção Primeiros Passos; 20)

_____. O que é educação. – São Paulo: Brasiliense, 2013. – (Coleção Primeiros Passos; 20)

BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio in Teoria do rádio, Eduardo Meditsch (org.) – Florianópolis: Insular 2005.

CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. – São Paulo: Cultrix, 2006.

CASTELLS, Manuel, 1942- O poder da comunicação; tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne; revisão de tradução de Isabela Machado de Oliveira Fraga. – 4ª ed. – São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

CAREY, Benedict. Como aprendemos: a surpreendente verdade sobre quando, como e por que o aprendizado acontece. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

CÉSAIRE, Aimé (1913-2008) Discurso sobre o colonialismo. Tradução de Claudio Willer. Ilustração de Marcelo D'Saete. Cronologia de Rogério de Campos. – São Paulo: Veneta, 2020.

CHALMERS, Alan F., 1939 – O que é ciência afinal? tradução Raul Fiker: 1. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1993

COTRIM, Gilberto Vieira. Fundamentos da educação: história e filosofia da educação. Mário Parisi. – 5. ed. – São Paulo: Saraiva, 1982.

CONSANI, Marciel. Como usar o rádio na sala de aula. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2019.

CONCEITO DE. Conceito de efeito. Disponível em: <https://conceito.de/efeito>. Acessado em 15/02/2022.

CRUZ, Maria Helena Ferreira Pastor. Educação Cidadã por meio da TV e Rádio na Escola. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2020.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In – A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social/organização Edson de Oliveira Nunes. – [2. ed.]. – Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

Distâncias entre cidades: Distância de Tefé a Manaus, disponível em <http://www.distanciasentrecidades.com/distancia-tefe-a-manaus>, acessado em 01/04/2021.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D., MESSA, Márcia Rejane. Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação no Brasil. In Comunicação e gênero [recurso eletrônico]: a aventura da pesquisa / Ana Carolina D. Escosteguy (Org.) – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Comunica%C3%A7%C3%A3o_e_G%C3%AAnero_a_aventura_da_pe/DsXYusTj2J8C?hl=ptBR&gbpv=1&dq=comunica%C3%A7%C3%A3o+feminina&printsec=frontcover. Acessado em: 15/04/2022

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. – 2. ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FAULHABER, Priscila. O Lago dos Espelhos: Etnografia do saber sobre a fronteira em Tefé/Amazonas. __ Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. Inventando autonomias no Médio Solimões: uma etnografia dialógica da rádio Xibé e suas redes. Tese. Rio de Janeiro, 2015.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. SANTOS, Rosa Maria Ferreira dos. Encontro no ar: a dialogicidade no programa Juventude em Ação. In Fazendo Antropologia no Alto Solimões 13 - Antonio Carlos Batista de Souza, Michel Justamand, Tharcísio Santiago Cruz, Alexa Cultural: São Paulo, 2018.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. CAVALCANTE, Darlene dos Santos. Desentocando: Uma práxis feminina de decolonização. In Pedagogias de(s)coloniais [livro eletrônico] saberes e fazeres / Elson Santos Silva Carvalho, Dernival Venâncio Ramos Júnior, Inés Fernandez Mouján (organizadores). – Goiânia: Elson Santos Silva Carvalho, 2020. PDF

FILHO, José Peixoto. O Rádio e a Educação: a experiência do MEB e as contribuições para a Educação popular. In Do MEB à WEB: o rádio na Educação / Nelson de Luca Pretto, Sandra Pereira Tosta (organizadores). – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. – (Cultura, Mídia e Escola)

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? tradução de Rosisca Darcy de Oliveira/prefácio de Jacques Chonchol. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. Pedagogia do oprimido, 19ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

_____. Educar com a mídia [recurso eletrônico] : novos diálogos sobre educação / Paulo Freire, Sérgio Guimarães. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

_____. Educação como prática da liberdade. – 48ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREITAS, H.; JANISSEK-MUNIZ, R.; MOSCAROLA, J. Modelo de formulário interativo para análise de dados qualitativos. Revista de Economia e Administração, São Paulo-SP, v. 4, nº 1, p. 27-48, Janeiro/Março 2005. Disponível em: http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/2005/2005_177_REA.pdf Acessado em 04/03/ 2021

GONÇALVES, Ana Cláudia Torres. CUNHA, João. BATISTA Jonas da Silva. O gigante amazônico: manejo sustentável de pirarucu. - Tefé, AM: IDSM, 2018.

IBGE - TEFÉ, disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/tefe/panorama>, acessado em 01/04/2021

KANTAR IBOPE MEDIA. Book de Rádio – 2016. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/book-de-radio-2/>. Acesso em: 08 jan. 2021

KAPLÚN, Mario. El Comunicador Popular. CIESPAL – CESAP – RADIO NEDERLAND, 1985.

_____. Uma pedagogia da comunicação. In APARICI, Roberto (Org.) Educomunicação: para além do 2.0 – São Paulo: Paulinas, 2014. – (Coleção educomunicação).

LOUREIRO, Marlene da Conceição Vasques. O Género e a Comunicação Social: A Opinião Escrita e Radiofónica. (tese) UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR Artes e Letras. Covilhã, 2012. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2816/1/Tese_Marlene%20Loureiro.pdf. Acessado em: 12/04/2022

MAGALHÃES, Izabel. MARTINS, André Ricardo. RESENDE, Viviane de Melo. Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MALINOWSKI, Bronislaw [1884-1942]. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélogos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. A comunicação na educação; tradutoras Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. – São Paulo: Contexto, 2014.

MARKMAN, Rejane. Música e simbolização: manguebeat : contracultra em versão cabocla. Brasil, Annablume, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. 2ª. ed. Edições Loyola, São Paulo, Brasil 1998.

MENEGUEL, Yvonete Pedra. OLIVEIRA Oseias de. O Rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava. 2008. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf Acesso em: 01 maio 2019.

MEMMI, Albert. 1920 - Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador; [prefácio de Jean-Paul Sartre; tradução de Marcelo Jacques de Moraes]. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MOREIRA, Marco Antonio. Aprendizagem significativa: a teoria e textos complementares. São Paulo: Editora Livraria de Física, 2011.

MORENO, Rachel. A imagem da mulher na mídia: controle social comparado. Observatório da Mulher, 2011.

MORIN, Edgar. O método 3: conhecimento do conhecimento. Tradução Juremir Machado da Silva. 5ª ed. – Porto Alegre: Sulina, 2015.

MELO NETO, João Cabral de. Tecendo a manhã. in: Melo Neto, João Cabral de. Obra completa: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. p.345. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/11508/tecendo-a-manha> acessado em 14/02/2022.

O Rádio em números (Brasil), disponível em: <https://tudoradio.com/conteudo/ver/27-O-Radio>, acessado em 18/02/2022

O Rádio Hoje | Rádio é ouvido por 78% da população nas 13 regiões metropolitanas pesquisas pela Kantar Ibope Media, diz Inside Radio 2020 – disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/24185-o-radio-hoje-radio-e-ouvido-por-78-da-populacao-nas-13-regioes-metropolitanas-pesquisas-pela-kantar-ibope-media-diz-inside-radio-2020>. Acesso em 11 - 02 – 2021

ORLANDI, Eni Puccinelli, 1942 – As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. – 6ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. Análise do Discurso: princípios e procedimentos 13ª Edição, Pontes Editores, Campinas, SP. 2020.

PESSOA, Protásio Lopes. História da Missão de Santa Teresa D'Ávila do Tupebas, Tepé, Tephe, Tefé. 1ª ed. Editora Novo Tempo Ltda. Manaus. 2005.

PINHEIRO, Rose Mara. Educomunicação nos centros de pesquisa do país: um mapeamento da produção acadêmica com ênfase à contribuição da ECA/USP na construção do campo. – Tese de Doutorado – São Paulo: ECA/USP, 2013.

PINHEIRO, KARINA. Conheça a árvore rainha da Amazônia, a gigantesca sagrada, Sumaúma, 2021. Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia/conheca-a-arvore-rainha-da-amazonia-a-gigantesca-sagrada-sumauma> acesso em 24/01/2022.

PRADO, Magaly. História do rádio no Brasil – São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

REIS, Cássia Barbosa. SANTOS, Nayana Rosa dos. Relações desiguais de gênero no discurso de adolescentes. Debate • Ciênc. saúde coletiva 16 (10) • Out 2011 • <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011001100002>

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/G6L88pM6XV3sQtNLkDkc4VG/?lang=pt>. Acessado: 15/04/2022

RICOEUR, Paul. 1913-2005 Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação. Reimp. 70 (Biblioteca de filosofia contemporânea), 2019.

SIBÍLIA, Paula, 1967 – Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão. Tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SCHWAMBORN, Thomas. Rádio educação rural de Tefé evangelizando e comunicando. – Tefé: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty, 1942 – Pode o subalterno falar? Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOARES, I. Educomunicação: um campo de mediações. Comunicação & Educação, n. 19, p. 12-24, 30 dez. 2000.

_____. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. – São Paulo: Paulinas, 2011. _ (Coleção educomunicação)

_____. Caminhos da educomunicação: utopias, confrontações, reconhecimentos. In Educomunicação: para além do 2.0 / Roberto Aparici (org.); [tradução Luciano Menezes Reis]. – São Paulo: Paulinas, 2014. – (Coleção Educomunicação)

SOUSA, Raimundo Medeiros de. Emancipação Intelectual e comunicação: as aventuras de três jovens amazonenses. Dissertação. Centro de Estudos Superiores de Tefé, 2019.

SOUSA, Augusto Cabrolié Gonçalves de. Síntese da História de Tefé, 1983.

_____, Augusto Cabrolié Gonçalves de. Tefé e a cultura amazônica. Instituto Paulo Freire. Carimbochave Ltda – São Paulo, 1996.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty, 1942- Pode o subalterno falar? – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TAX, Sol. Antropologia da Ação. Guarimã – Revista de Antologia & Política, Vol. 1. N1, Agosto – Dezembro de 2019.

THOMPSON, Paul, 1935 – A voz do passado: história oral; tradução Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRAVANCAS, Isabel. A Etnografia no campo da comunicação de massa. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 26, n. 1, p. 125-142, jan./jun. 2011

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In – A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social/organização Edson de Oliveira Nunes. – [2. ed.]. – Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

ZABALA, Antoni. Como aprender e ensinar competências. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

Anexo A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa intitulado: “**O VÍCIO DO SEU FINAL DE SEMANA: uma etnografia do programa escolar de rádio Club Five em Tefé (AM)**”, cujo pesquisador responsável é Welner Fernandes Campelo, endereço institucional: Estrada do Bexiga, 1085 – Juruá - CEP: 69.552-315, Telefone fixo: (97) 3343-3461/3343-3396, celular: (97) 98407-2989 e-mails: wfc.mic20@uea.edu.br, welnercampelo@gmail.com; orientador Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo, endereço institucional: Estrada do Bexiga, 1085 – Juruá - CEP: 69.552-315, (97) 3343-3461/3343-3396 e-mail: gfigueiredo@uea.edu.br.

Os objetivos do projeto são analisar os processos de aprendizagem na criação e desenvolvimento da mídia própria, o programa escolar de rádio “Club Five” e os efeitos que esses processos têm no desenvolvimento intelectual, social e profissional das ex-integrantes do programa; Entender a relação entre rádio e educação; Identificar processos de aprendizagem desenvolvidos na criação e execução da mídia própria, o programa escolar de rádio “Club Five”; Compreender os efeitos que os processos de aprendizagem desenvolvidos na mídia própria, o programa escolar de rádio “Club Five” têm no desenvolvimento intelectual, social e profissional de cada uma das ex-integrantes programa. Você está sendo convidada por que foi uma das protagonistas do programa escolar de rádio Club Five.

Você tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Caso aceite participar, sua participação consistirá em conceder entrevista(s), previamente agendada(s) a sua conveniência.

O meio para coleta da entrevista será por tecnologia de comunicação remota por gravação em áudio e/ou áudio e vídeo, em sala virtual individualizada preferencialmente pelo Google Meet. No impedimento desta, tentar-se-á chamada de vídeo individual por Skype ou equivalente.

O registro de consentimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será por assinatura deste documento (TCLE) o qual será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término por você e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um. Devido ao momento pandêmico este termo será enviado por e-mail para coleta das rubricas e assinatura, o qual depois de assinado terá uma via devolvida ao pesquisador. No impedimento do registro por

assinatura, o registro de consentimento deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será feito por gravação em áudio ou áudio e vídeo por tecnologia de comunicação remota em sala virtual individualizada preferencialmente pelo Google Meet, no impedimento desta, tentar-se-á por chamada de vídeo individual por Skype ou equivalente de modo a se alcançar o registro de consentimento.

Você terá acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

Esse procedimento se faz necessário devido ao momento de pandemia do Covid-19, visa à segurança contra o risco de contaminação, tanto sua enquanto participante da pesquisa quanto do pesquisador responsável.

Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam em: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza.

É garantido a você à manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

No entanto, é de interesse do pesquisador responsável que seu nome, sua imagem e os dados obtidos por áudio e/ou vídeo e/ou fotografia, sejam divulgados no corpo do trabalho, e outras publicações dele decorrentes, quais sejam em: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza, por entendê-la como sujeita da pesquisa.

Você tem o direito de decidir se sua identidade será divulgada e quais serão, dentre as informações que fornecerá as que poderão ser tratadas de forma pública.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para você são: a possibilidade de constrangimento; desconforto; estresse e cansaço ao responder às perguntas; quebra de sigilo; quebra de anonimato, vazamento de dados por meio eletrônico, danos atuais ou tardios; contágio por Covid-19.

Para minimizar os riscos de constrangimento, desconforto e estresse, será feito o esclarecimento prévio acerca da pesquisa por meio da leitura e/ou apresentação em tela do TCLE antes do registro de consentimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para minimizar o risco de cansaço ao responder as perguntas, procurar-se-á manter um clima de conversa e descontração, criando um ambiente amistoso e de confiança, se necessário, será pedido à participante para se remarcar e continuar a entrevista em outro dia.

Para minimizar o risco de quebra de sigilo, quebra de anonimato ou vazamento de dados por meio eletrônico, o contato será sempre individualizado, não serão feitos convites por listas. A(s) entrevista(s) será(ão) coletada(s) em sala virtual individualizada preferencialmente pelo Google Meet, no impedimento desta, tentar-se-á por chamada de vídeo

individual por Skype, ou equivalente. A coleta da(s) entrevista(s) bem como o registro de consentimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido não serão feitos em terminais de uso rotativo como computadores de “Lan House” e/ou telefone ou tablete de terceiros. O(s) instrumento(s) para coleta(s) da(s) entrevista(s), quanto para registro de consentimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido se restringirá a equipamento eletrônico pessoal de uso exclusivo do pesquisador responsável. Será mantido atualizado o antivírus dos aparelhos que poderão ser utilizados para a realização da entrevista seja, celular, tablete, notebook ou computador de mesa. O mesmo é pedido a você para que mantenha o antivírus de seus aparelhos atualizado, que não conceda a entrevista por meio de aparelhos em terminais de uso rotativo como computadores de “Lan House” ou notebook, tablete e/ou celular de terceiros e que evite conceder a entrevista por rede de Wi-Fi desprotegida.

O acesso à sala para coleta da entrevista será por senha e apenas para o pesquisador e a sujeita entrevistada da pesquisa, o assunto tratado será exclusivo de interesse da pesquisa, sem exibição de fotos ou dados pessoais. Pedimos a você que antes de conceder a entrevista verifique se não há informações pessoais que possam estar visíveis em seu plano de fundo, o mesmo será feito pelo pesquisador.

Evitar-se-á chamadas de vídeo por rede de Wi-Fi desprotegida.

Após a(s) entrevista(s), o pesquisador realizará o download do conteúdo para uma pasta digital, pessoal, com senha de acesso exclusiva do pesquisador em dispositivo eletrônico pessoal, como notebook e fará backup da pasta digital para um hd externo de uso exclusivo para pesquisa. Também é solicitado a você que realize o download do conteúdo para dispositivo eletrônico pessoal.

Após o download, serão apagados todos e quaisquer dados registrados em plataformas digitais, ambiente de compartilhamento ou “nuvem”. Após esse procedimento, as entrevistas serão transcritas e arquivadas na íntegra, junto do conteúdo em áudio e/ou áudio e vídeo. Os dados coletados ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente.

Assegurar total confidencialidade e potencial risco de violação dos dados é limitado ao pesquisador, uma vez que, a coleta das entrevistas e do registro de consentimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será por via remota, em aparelho eletrônico como notebook, computador de mesa, tablete e/ou celular cuja segurança se limita ao “firewall”, sistema de proteção, disponível nestes aparelhos.

Para minimizar o risco de contaminação por Covid-19, a(s) entrevista(s) será(ão) colhida(s) por tecnologia de comunicação remota. É solicitado a você que conceda a entrevista de um lugar reservado, ventilado e confortável a sua escolha. Caso você tenha necessidade de se deslocar para conceder a entrevista e necessite de percorrer espaço com presença de pessoas, até chegar ao local de onde concederá a entrevista, em modalidade virtual; solicitamos que se respeite o distanciamento e que faça uso de máscara, bem como a higienização das mãos com álcool em gel 70%. Todos os custos, se necessários, com transporte, máscara, álcool em gel 70% serão arcados e custeados pelo pesquisador responsável sem qualquer ônus a você.

Dado o contexto da vacinação contra o Covid-19 e o período para ação da realização das entrevistas para o final do primeiro semestre e início do segundo/2021, em caso de possibilidade da entrevista poder ser obtida em modalidade presencial, todos os procedimentos como distanciamento, lavar as mãos, uso de EPIs fornecidos e custeados pelo pesquisador, sem ônus a entrevistada, descontaminação com álcool em gel 70% das mãos e equipamentos de gravação bem como uso de máscaras serão respeitados conforme termo de compromisso composto neste protocolo de pesquisa.

É garantido, se necessário, o ressarcimento das despesas devido à participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente, o qual poderá ser feito por transferência bancária, ou à melhor maneira estabelecida pela sujeita da pesquisa arcado pelo pesquisador responsável.

Também é assegurado à sujeita da pesquisa o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a danos causados pela pesquisa arcadas pelo pesquisador responsável.

É assegurado o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos ou indiretos e imediatos ou tardios decorrentes da participação neste estudo, pelo tempo que for necessário, arcados pelo pesquisador responsável.

Sua participação nesta pesquisa será voluntária. Você não receberá qualquer vantagem financeira para participar da pesquisa.

Os benefícios são indiretos, entendendo como benefício: o direito de participar como sujeita historicossocial na pesquisa e no desenvolvimento da ciência. Ademais, a pesquisa poderá ser utilizada por você no futuro em pesquisa própria acerca do mesmo tema.

Se julgar necessário, você dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-la na tomada de decisão livre e esclarecida para participar da pesquisa.

Para qualquer esclarecimento, durante e/ou após a pesquisa você pode entrar em contato com o pesquisador responsável Welner Fernandes Campelo, a qualquer tempo para informação adicional no endereço: Estrada do Bexiga, 1085 – Juruá - CEP: 69.552-315; Telefone fixo: (97) 3343-3461/3343-3396; celular: (97) 98407-2989 e-mails: wfc.mic20@uea.edu.br; welnercampelo@gmail.com.

Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade do Estado do Amazonas (CEP/UEA) endereço: Av. Carvalho Leal, 1777, bairro Chapada, Manaus/Am, CEP: **69.050-30**; telefone: (92) 3878-4368; e-mail: cep.uea@gmail.com. O CEP/UEA é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que concordo em participar da pesquisa.

Concordo em ter a minha identidade divulgada, sim não .

Tefé, _____ de _____ de 2021.

Assinatura da entrevistada

Welner Fernandes Campelo
Responsável pela pesquisa
Universidade do Estado do Amazonas
Cel: (97) 984072989
e-mail: welnercampelo@gmail.com